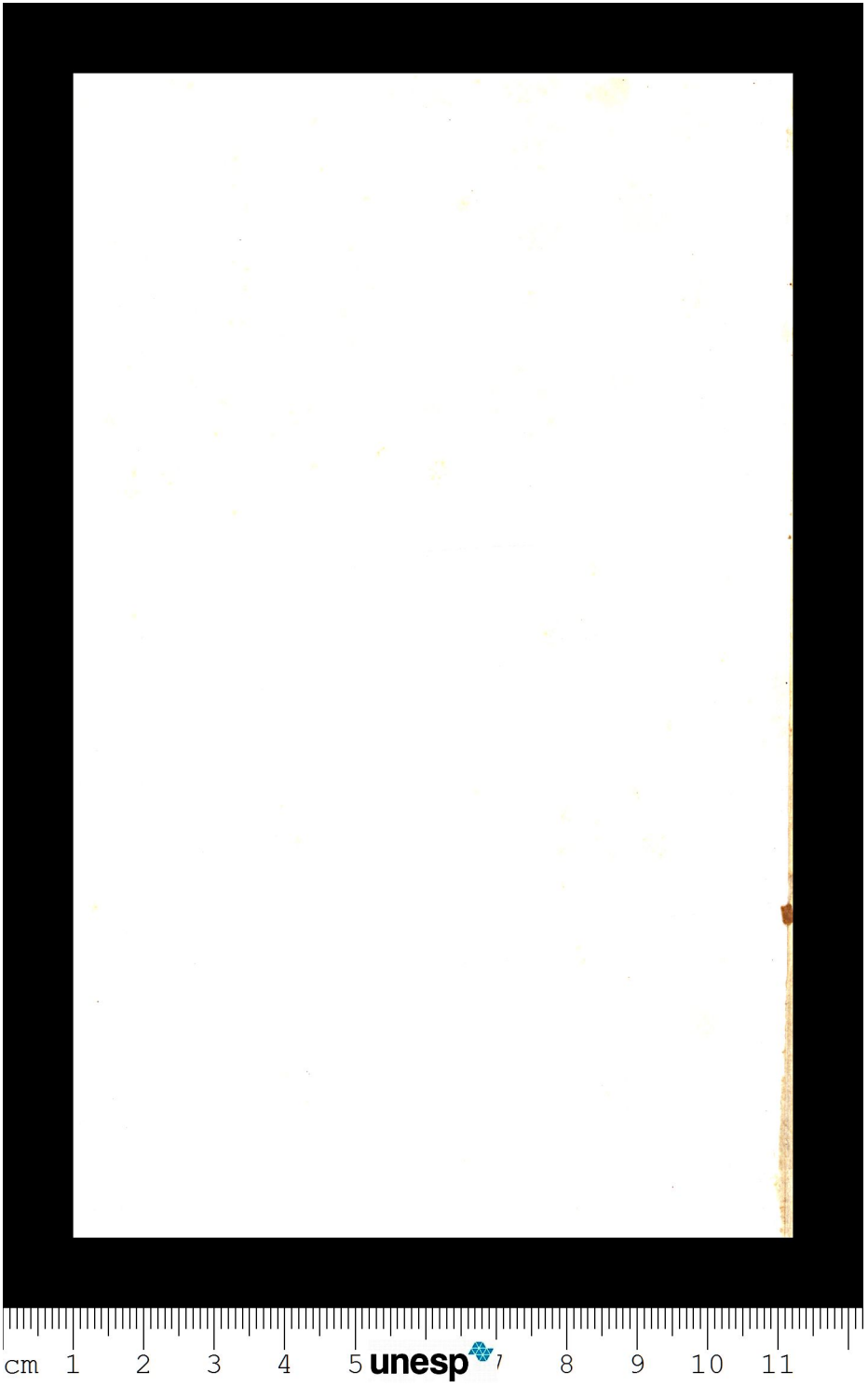





cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11


cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11

CURSO ELEMENTAR

DE

LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

JOSÉ SIMÕES DIAS

Professor do Lyceu Central de Lisboa

Setima edição

José Martins Pinheiro Junior

LISBOA

IMPRENSA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

93 — Rua do Diario de Noticias — 93

1892

4080

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data 21/7/70
Tombo 4080
869.09
D541c
869.09
D541c
v.1.P.
627

Gymnasio de S. Paulo, Setembro de 1902
5º anno.

PREFACIO DA SETIMA EDIÇÃO

Publicou-se este livro pela primeira vez em 1875 e reimprimiu-se em 1876, 1880, 1882, 1885 e 1887. A reimpressão successiva denota a benevolencia do publico e a tal ou qual utilidade da obra. Esta nova edição não altera o plano da anterior, mas expurga-a de alguns erros e descuidos que a maculavam.

Assim continuamos a repartir a materia d'este compendio em duas partes maiores ou capitulos:

Na primeira percorrem-se os monumentos litterarios do Oriente, da Grecia, de Roma e da Edade média, em busca das origens historicas da lingua e da litteratura portugueza, procurando relacionar a civilisação moderna com as antigas. Na segunda determina-se o caracter litterario de cada uma das epocas; apresentam-se em quadros synchronicos as relações do nosso progresso litterario com as litteraturas eu-

ropêas, que na respectiva epoca se reflectiram em Portugal; estudam-se as formas litterarias mais perfeitas, como são as poeticas, as oratorias e as historicas ; collocam-se em evidencia as individualidades litterarias mais accentuadas, e enumeram-se e apreciam-se os escriptores que por qualquer forma actuaram no movimento litterario, como são os romancistas, os escriptores de viagens, os philosophos, os philologos e os jornalistas. Antes d'isso analysa-se o estado da lingua em face dos documentos de cada edade e em harmonia com os principios de philologia compendiados nos preliminares d'este livro.

Como este resumo é destinado aos alumnos que frequentam os ultimos annos do curso dos lyceus, alumnos que já não devem contentar-se com só decorar palavras, não hesitámos em desenvolver e destacar alguns factos mais importantes, e nomeadamente a biographia dos escriptores que por suas obras e talentos se elevaram acima dos contemporaneos.

Tal é o plano d'esta obra que mais uma vez entregamos á benevolencia de todas as pessoas que se interessam pelos progressos do ensino publico.

Lisboa, 1 de agosto de 1892.

J. Simões Dias.

A LITTERATURA E A LINGUA

(PRELIMINARES)

I

A LITTERATURA PORTUGUEZA

Definição de litteratura

1. A palavra *Litteratura* tem varias accepções, conforme a sua maior ou menor comprehensão e os differentes pontos de vista sob que póde encarar-se. Esses differentes aspectos podem, porém, reduzir-se a tres: — ou a litteratura se confunde com a linguagem, ou d'ella se separa tomando feição especial, ou se considera como exposição doutrinaria e disciplinar. D'aqui as tres definições: — no sentido *lato*, no sentido *restricto* e no sentido *pedagogico*.

a) *Litteratura*, no sentido lato ou etymologico, é o *conjuncto de todas as manifestações verbaes do espirito humano*. E' o mesmo que linguagem.

Servindo-se da palavra, ordinariamente escripta, a litteratura neste sentido comprehende toda a vida do espirito humano e por isso todos os generos de com-

posições em prosa ou em verso, tanto scientificas como simplesmente litterarias, e tem por objecto as creações intellectuaes, sentimentaes e utilitarias da humanidade, fixadas pela escripta ou reveladas pela palavra.

b) *Litteratura*, no sentido proprio ou restricto, é o *conjuncto de todas as manifestações verbaes do espirito humano destinadas a despertar o sentimento do bello pela perfeição da forma ou pela excellencia das ideas.*

N'este sentido a litteratura separa-se das sciencias e da linguagem commum, e apenas comprehende as manifestações do espirito, de caracter sentimental, proprias para despertar a imaginação e o sentimento artistico, e taes que, aliando a importancia da materia com a perfeição da forma, impressionem as faculdades affectivas, produzindo o encanto, o enthusiasmo, a admiração, pela sublimidade e belleza dos conceitos ou pelas qualidades da forma. Constituem o seu objecto as obras poeticas tanto em prosa como em verso, os discursos oratorios, as narrações historicas e algumas especies do genero epistolar e didactico consideradas pelo seu cunho artistico.

c) *Litteratura*, no sentido pedagogico ou official, é o *estudo das regras da composição litteraria e das phases historicas do movimento intellectual portuguez, sob o ponto de vista da lingua e da cultura artistico-verbal.*

E' a theoria das creações sentimentaes do espirito portuguez, consideradas nos seus processos de formação e desenvolvimento historico. Neste sentido elementar e doutrinario, a litteratura é uma disciplina ou corpo de doutrina, como a logica e a grammatica; expõe e analysa todas as manifestações verbaes do espirito portuguez, accentuadamente notaveis pela perfeição da forma ou pela belleza das ideas, e além disso estuda as regras e processos praticos de compor as obras litterarias. Tem portanto duas partes — *theoria da composição litteraria* e *historia da litteratura.*

Nota. — A theoria das composições litterarias está exposta no *Compendio de Poetica portugueza*, 4.ª ed., 1890.

Historia da litteratura

2. *Historia da litteratura portugueza* póde definir-se — *o quadro que nos expõe a marcha do espirito nacional revelado nas artes da palavra.*

Mostra até que ponto a raça, a tradição e a lingua se expandiram livremente ou foram absorvidas pelas correntes de imitação; as relações de superioridade ou de inferioridade em que esteve o povo portuguez comparado com outros povos; como o grau da cultura litteraria acompanhou as oscillações politicas; o papel, emfim, que representámos na civilisação geral.

D'onde se vê que a historia da litteratura portugueza comprehende a analyse dos elementos *externos* que concorreram directa ou indirectamente para o desenvolvimento litterario, taes são as litteraturas antigas, medievaes e modernas;— as creações populares, aproveitadas e reduzidas a forma litteraria pela acção dos escriptores cultos;— o estudo dos elementos *internos*, taes como a organisação social (politica, civil e religiosa), os costumes e tradições, a raça e o clima; a analyse das causas do progresso e decadencia do espirito litterario;—a biographia dos escriptores e a influencia que exerceram na sua epoca;— a critica dos monumentos litterarios;— e finalmente o estudo da lingua nos differentes periodos da litteratura.

Nota. — O sr. Th. Braga lançando as bases da critica litteraria divide os elementos da litteratura portugueza em *staticos* e *dynamicos*. Nos primeiros comprehende a *raça*, a *tradição*, a *lingua* e a *nacionalidade*; nos segundos *as grandes individualidades*, a *influencia do regimen da edade media* no espirito das litteraturas romanicas, e a *influencia das litteraturas modernas*.

O estudo da raça na historia da litteratura tem a importancia immensa de pôr em relevo a base tradicional sobre que se desenvolveu a arte, dando-nos assim o unico criterio para julgarmos da sua originalidade e feição nacional. E' no estudo dos elementos romanos, godos e arabes, que se fnzionaram na

Peninsula, que encontraremos o fundo popular da nossa cultura litteraria e essa presistencia de ideas que dá unidade e cohesão á litteratura portugueza.

A' mesma raça corresponde sempre uma *tradição*, que é formada pelo conjuncto das suas crenças, dos seus costumes, das suas lendas e superstições, ora locaes, ora derivadas de civilisações anteriores. E' n'essas tradições que se inspiram as obras litterarias mais originaes e caracteristicas.

A *lingua*, alem de ser o instrumento mais perfeito da manifestação litteraria, é tambem, como diz o escriptor citado, uma barreira moral e um estimulo de independencia nacional. Se um povo presiste na immobilidade, a sua lingua resente-se d'esse estacionamento, sem uma justa harmonia entre as formas archaicas que produzem os dialectos populares e a adopção dos neologismos provocada a cada instante por novas necessidades. No exame da lingua começa propriamente a comprehensão das transformações litterarias, como por meio d'estas se discriminam as phases do progresso ou decadencia da linguagem.

A *nacionalidade* é tambem um elemento statico. A vitalidade litteraria principia e termina com ella. A Galliza não poude continuar o seu antigo explendor litterario desde que perdeu a independencia politica; Portugal não teria uma litteratura organica se o sentimento da independencia, proprio de uma nação livre, não tivesse determinado a manifestação desse sentimento pelas differentes formas artisticas.

Quanto aos elementos dynamicos, comprehende-se bem como as *grandes individualidades* podem representar a vontade nacional n'uma obra d'arte e determinar uma corrente litteraria, pela auctoridade do nome ou pela facilidade como souberam interpretar a tendencia geral. Sirvam de exemplo Gil Vicente e Camões, Garrett e Herculano.

Outro factor dynamico é o *espirito medieval* penetrando as litteraturas modernas e communicando-lhes conjuntamente com as crenças populares, errantes em toda a Europa, as ideas greco-latinas que se expandem livremente no seculo XVI e predominam até á revolução romantica. Filha da meia edade a litteratura portugueza não podia deixar de ser um prolongamento da cultura medieval.

Depois, o contacto com as *litteraturas modernas* estabelece entre Portugal e as demais nações cultas os vinculos de solidariedade e unificação intellectual, que constituem o caracteristico das litteraturas neo-latinas.

Subsidios litterarios

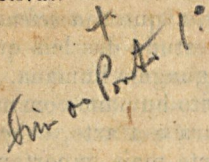
3. As litteraturas produzem-se espontanea e conscientemente no *meio* sob cuja influencia apparecem e se desenvolvem, mas nem porisso deixam de ser a continuação ou a transformação de litteraturas anteriores. D'aqui vem a necessidade do estudo das origens historicas da litteratura portugueza como introducção indispensavel á critica dos monumentos, dos auctores e das phases da civilisação portugueza. O estudo d'essas origens, mais ou menos remotas, abrange tres grupos:

Litteraturas antigas, comprehendendo a oriental, e a grega e latina — nossas affins pela homogeneidade de typo linguistico, de ideas e sentimentos poeticos;

Litteraturas da edade media, em cujo seio se desenvolveram os germens das litteraturas romanicas;

Litteraturas modernas, comprehendendo a hespanhola, italiana, franceza, ingleza e allemã, por serem estas as que tem relações mais intimas com a portugueza e nella tem influido directamente.

Nota. — Dos dois primeiros grupos trataremos na primeira parte d'este livro, reservando o terceiro para ser estudado parallelamente com a historia litteraria do paiz na sequencia das epocas respectivas.



II

A LINGUA PORTUGUEZA

Algumas noções de glottologia

4. Como a palavra é a materia prima das formas litterarias e o vocabulario é fornecido pela lingua, d'aqui a relação intima da lingua com a litteratura e a necessidade do estudo previo da sciencia da linguagem para a comprehensão das fórmas litterarias.

Pela sua extensão e caracter critico-historico, segundo Laboulay, a Philologia é a historia do espirito humano e póde difinir-se: *o estudo de todas as manifestações do espirito humano no tempo e no espaço.* Distingue-se da Psycologia propriamente dicta, porque esta estuda o espirito por meio da consciencia, independentemente do espaço e do tempo. São sciencias philologicas, entre outras, a Historia, a Litteratura, a Epigraphia, a Numismatica e a Glottologia.

A *Glottologia*, que é *a sciencia da linguagem*, tem por objecto o estudo das leis que regem o desenvolvimento da linguagem humana. E porque a linguagem reflecte o espirito humano com mais nitidez e fidelidade que a litteratura e a arte, é bem de ver que a Glottologia é a parte mais importante da Philologia.

São objectos principaes da Glottologia: a grammatica comparada, a mesologia glottica e a classificação das linguas.

Grammatica comparada

5. A *grammatica pratica* d'uma lingua considerada

isoladamente não passa de uma collecção puramente empirica de regras apparentemente arbitrarias seguidas de excepções ainda mais arbitrarias e póde definir-se: *a collecção de regras que se observam quando se fala ou escreve uma lingua;* ao passo que a *grammatica comparada* ou historica tem por fim conhecer a razão das regras e o porque das excepções, que bem comprehendidas devem entrar na regra geral. A grammatica abrange: a *phonologia*, que trata dos sons articulados, a *morphologia*, que se occupa das fórmas das palavras, a *syntaxe* que designa as funcções das palavras na oração e a funcção das orações no periodo, e a *semantica*, que procura conhecer a successiva significação e sentido das palavras no tempo. O archaismo, o neologismo e a theoria dos tropos são do dominio da semantica.

a) Phonetica

6. A parte mais importante e a base de toda a grammatica comparada é a *Phonetica*, ou o estudo dos phonemas, sua persistencia e permutações.

Os phonemas dividem-se em *sonoras* e *ruidos articulados;* as sonoras comprehendem as vogaes propriamente dictas e as consoantes-vogaes. Dá-se o nome de ruidos articulados aos sons da voz humana commummente chamados consoantes. As consoantes-vogaes são os phonemas nasaes *m* e *n* e os phonemas vibrantes ou liquidos *r* e *l*. As nasaes e as liquidas consideram-se como consoantes quando se apoiam 'numa consoante e mais especialmente se encontram entre duas consoantes.

Nota.— O termo phonema é mais preciso que a palavra *som*, e mais geral que a palavra *vogal:* engloba com vantagem uma e outra categoria e é o unico termo que póde designar as emissões vocaes que são ao mesmo tempo vogaes e consoantes.

QUADRO PHYSIOLOGICO DAS CONSOANTES

	Explosivas ou instantaneas		Continuas			Nasaes
			Fricativas ou spirantes		Liquidas	
	Surdas ou fortes	Sonantes	Surdas	Sonantes		
Gutturaes....	k	g				
Palataes.....				ch, j i (maio)		
Dentaes.....	t	d	s	z	r l	n
Labiaes.....	p	b	f	v		m

b) Alterações Phoneticas

7. Os sons que formam uma lingua não são constantes; diversas influencias os alteram dando origem a variantes de fórmas.

A alteração phonetica em todas as suas manifestações obedece, quando natural e instinctiva, a uma lei geral em virtude da qual os sons fortes vogaes e consoantes podem passar a sons brandos sem que nunca se dê o phenomeno inverso. Essa lei geral do abrandamento phonetico denomina-se *principio de menor acção* e d'elle dependem todas as leis phoneticas particulares, leis resultantes de causas que não dependem da vontade humana, e são conseguintemente fataes para o individuo em que manifestam a sua acção de um modo espontaneo.

Qualquer permutação phonetica suppõe uma serie de innumeras mudanças inconscientes e tão imperceptiveis que ninguem as suspeitou no momento em que

se produziram; mas para se affirmar a equivalencia de dois phonemas ou de um vocabulo é condição fundamental a possibilidade physiologica da permutação, e essa só a póde auctorisar uma successão indefinida de exemplos analogos.

A lei que rege uma successão de permutações phoneticas denomina-se *lei de transição* e póde formular-se assim: Nenhum phonema muda no mesmo momento de ordem e familia.

Nem sempre se descobrem as fórmas intermedias entre uma palavra da lingua fonte e a sua ultima representação. N'este caso conjecturam-se em harmonia com a possibilidade physiologica da transformação dos sons e segundo exemplos analogos. As fórmas conjecturadas designam-se em philologia fazendo-as preceder de um asterisco *. Assim a palavra latina *triticum* —* *tritigo* — * *tridgo* — *triigo* =*trigo*. As duas primeiras fórmas são conjecturadas; da ultima, porém, ha monumentos que attestam a sua existencia.

Mesologia glottica

8. As forças que sollicitam as linguas podem reduzir-se a duas: uma *conservadora* e outra *revolucionaria*. Estas duas forças conservam a lingua num estado de equilibrio mais ou menos duradouro. A civilisação mais ou menos adeantada, a tradição, o ensino cuidadoso da pronunciação das creanças, o bom gosto natural, a influencia das obras litterarias, são os principaes agentes conservadores da lingua. As alterações phoneticas, as mudanças analogicas na grammatica e o neologismo no vocabulario constituem a força revolucionaria que constantemente perturba as linguas.

Assim por uma serie de alterações phoneticas a palavra latina *ipsum* deu *isso*, por analogia morphologica *jouve* converteu-se em *jazi*, e por uma alteração syntactica a phrase antiga *em sendo grande* foi substituida por *quando for grande*.

Classificação das linguas

9. As linguas tem sido classificadas em relação ao dominio geographico, ás condições de raça, ao maior ou menor grau de cultura litteraria, á structura dos vocabulos e ás origens de um typo commum: *classificação geographica, ethnologica, litteraria e popular, morphologica e genealogica.*

A primeira não tem valor scientifico, porque da coexistencia de distinctas linguas 'num mesmo povo, ou da existencia de uma só lingua 'num povo, nenhuma consequencia glottologica se póde deduzir. A segunda não tem mais valor, porque o mesmo idioma póde ser fallado por diversas raças. A terceira é uma subdivisão da mesma lingua conforme o grau de cultura dos que a falam e não uma classificação das linguas. Baseam-se já em factos scientificos a *morphologica* e a *genealogica.*

Classificação Morphologica

10. A distribuição das linguas, quanto á construcção das palavras, corresponde ás tres phases por que passaram as linguas, a saber: monosyllabismo, agglutinação e flexão, e deve-se a Guilherme Schlegel (1818); é mais perfeita que a de Adelung que reduziu as linguas a duas classes — monosyllabicas, comprehendendo o chinez e o thibetano, e polysyllabicas, abrangendo as familias indo-europêa, asiatica, africana e americana. Assim a classificação das linguas consideradas relativamente á structura das palavras abrange tres grupos: *monosyllabico, agglutinante e organico.*

O grupo *monosyllabico* ou radical comprehende os idiomas em que a palavra tem por unica structura grammatical a raiz. A palavra ou raiz é uma syllaba só, e pode ser um substantivo, um adjectivo, um verbo, etc. As relações que prendem as partes da oração

são indicadas pela posição das palavras. São linguas de uma só syllaba — o chinez, o birman, o siamez.

O grupo *agglutinante* comprehende as linguas, em que uma parte da palavra é formada pela raiz ou thema que designa a significação fundamental do termo, e a outra parte é formada por uma ou mais raizes accessorias que indicam as relações e os differentes modos de ser da raiz principal. Estas raizes accessorias tomam o nome generico de affixos, e, conforme o logar que occupam na palavra, são prefixos (antes), infixos (dentro), suffixos (no fim). Exemplo: *reformação* é uma palavra agglutinante que se decompõe no prefixo *re*, na raiz *form*, no infixo terminativo *a*, e no suffixo *ção*.

O grupo *organico*, flexivo ou de flexão, comprehende as linguas em que o radical se altera modificando a significação das palavras. A flexão, segundo Hovelacque, consiste no facto de uma raiz de palavra agglutinada poder experimentar uma alteração phonica capaz de indicar as diversas relações d'essa raiz. No monosyllabismo as relações são indicadas pela posição, na agglutinação pelos affixos, na flexão tambem pelos prefixos, infixos e suffixos, e alem disso pela mudança na vogal da raiz. Exemplos: *fazer* é um verbo de flexão, cujo radical no presente indicativo é *faç*, no preterito perfeito é *fiz* e *fez*, e no futuro é *far*. As linguas neo-latinas, e conseguintemente o portuguez, são linguas de flexão.

Classificação Genealogica

11. Os grupos de linguas melhor classificados sob o ponto de vista de um typo commum, são no estado actual da linguistica o *semitico* e o *indo-europeu*.

O primeiro comprehende o assyrio com os dialectos arabicos (o caldeu e o syriaco), o hebreu, o phenicio e o arabe com os seus dialectos. Este grupo foi estudado por Ewald, Muller e Renan que tentaram recon-

struir o typo primario donde procederam as linguas semitas.

O segundo abrange na Asia o saõskrito, ou idioma de Rig Veda, no qual Valmiki escreveu o *Ramayana*, o persa em que Firduzi compoz o *Shah-Nanch*, empregado tambem nas inscripções coneiformes do tempo de Dario e Xerxes, e ainda a lingua de Zend-Avest na qual estão escriptos os livros de Zoroastro. O mesmo grupo comprehende na Europa o grego, o latim, o celta, o teutonico, as linguas slavicas e letticas. A arvore genealogica d'estes idiomas foi estudada por Hovelacque, Grimm e Bopp, cujos trabalhos analyticos baseados na historia e na comparação levaram Chavée em 1849 a emprehender a reconstrucção organica das palavras da lingua commum indo-europêa, restabelecendo o typo original por meio das feições essenciaes melhor conservadas (Zaborowski, *L'origine du langage)*.

12. As affinidades que permittem assignar origem commum a differentes linguas, constituindo um grupo natural, e as fórmas especiaes de structura que sem estabelecer origem identica determinam sem embargo egual processo de formação que estabelece um vinculo commum entre varios idiomas, tenham ou não communidade de origem, são as unicas bases scientificas no momento actual dos conhecimentos linguisticos para a classificação exacta das linguas.

E assim as classificações genealogica e morphologica completam-se, porquanto todas as linguas que constituem uma verdadeira familia são necessariamente unidas por vinculos morphologicos, e tão intimamente que a classificação genealogica se comprehende dentro da morphologica, conseguintemente a melhor classificação deve designar-se por classificação *morphologico-genealogica.*

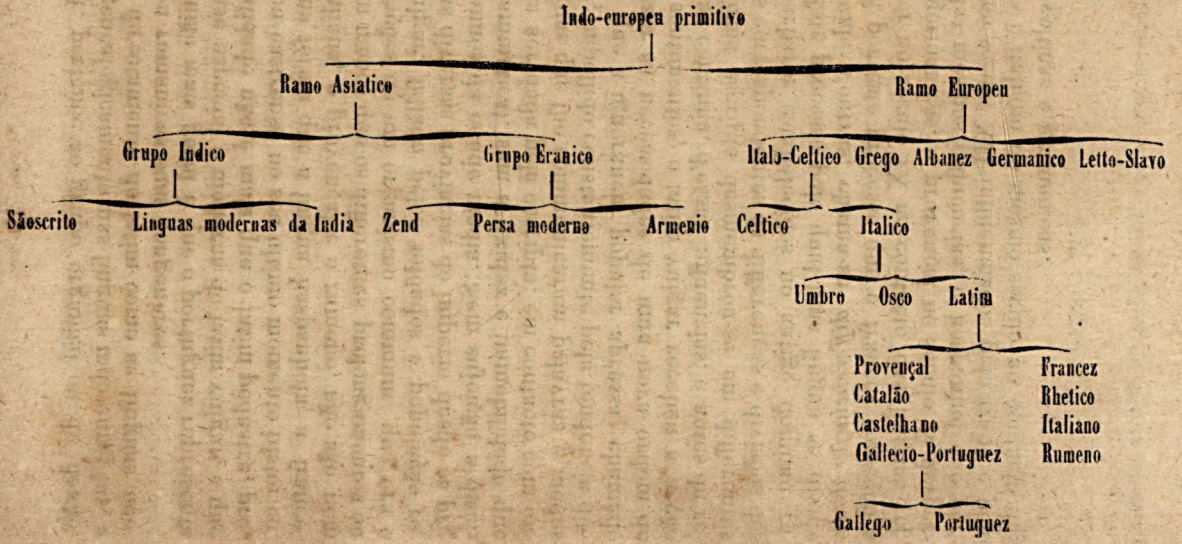
Filiação do portuguez

13. A lingua portugueza apparece escripta no se-

culo XII, pertence ao grupo organico ou de flexão, filia-se genealogicamente nas linguas indo-europêas, e procede directamente do latim como as linguas neo-latinas ou romanicas suas congeneres.

A opinião mais geral é que o portuguez representa uma phase especial e moderna do latim vulgar, e que na actualidade não é mais que o latim pedestre, provincial ou castrense no seu ultimo momento historico, da mesma fórma que a lingua hespanhola, a franceza, a italiana, o provençal e o rumeno, não são nem mais nem menos que os differentes prolongamentos ou degenerações de um organismo commum, que era o latim vulgar, fallado pelos soldados e população romana nas diversas provincias do imperio desde os primeiros annos da edade media. Sem sujeição a disciplina grammatical, sem a fixidez e immobilidade que lhe podia ser dada pela escripta, em contacto com outras linguas que lhe communicaram palavras e modos de dizer, impellido constantemente pela tendencia dissolvente que a ignorancia popular apressa, chamado a satisfazer as necessidades de uma nova ordem de ideas e sentimentos, o latim vulgar recebeu a acção lenta, mas continua, d'essas influencias, e antes de receber fórma escripta desmembrou-se em differentes dialectos correspondentes ás differenças e divisões dos povos barbaros estabelecidos no antigo dominio romano. Este processo pelo qual uma lingua se divide e subdivide n'outras, chama-se *differenciação dialectal*. Foi por este processo que o francez começou a apparecer no seculo IX ao contacto das linguas celticas e germanicas, o provençal no seculo X despertado pelas mesmas influencias, o hespanhol e o portuguez no seculo XII influenciados pelo arabe e pelo gotico, e o italiano no mesmo seculo ao contacto das linguas celticas e germanicas.

QUADRO GENEALOGICO DO PORTUGUEZ



Nota.— A'cerca da origem do portuguez muito se tem escripto. Antonio Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro e Fr. Francisco de S. Luiz pretenderam sustentar as origens celtas do portuguez. O ultimo publicou n'esse sentido em 1837 a *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não é filha da latina*. Respondeu-lhe logo o barão de Villa Nova de Foscôa com o opusculo : *A lingua portugueza é filha da latina*. Em defeza desta opinião escreveram J. M. Latino Coelho (*Elogios academicos*), A. Soromenho (*Origem da lingua portugueza*) e F. A. Coelho (*Questões da lingua portugueza*).

Hoje é doutrina corrente que as raizes, as palavras e a syntaxe do portuguez são latinas, com poucas excepções, o que póde verificar-se cotejando a grammatica das duas linguas. E embora a grande quantidade de palavras latinas que apparecem no lexicon portuguez não seja bastante para attestar a procedencia latina, visto que o inglez apesar dos seus muitos latinismos procede do allemão, e o persa não deixa de ser lingua ariana apesar de se escrever com os caracteres arabes, comtudo a analogia grammatical é tão caracteristica, o uso das preposições e conjuncções latinas é tão frequente, a morphologia é tão semelhante e a syntaxe tão irmã, que trechos ha que tanto podem dizer-se em latim como em portuguez. Sirva de exemplo esta passagem de Antonio de Sousa de Macedo :

«O quam gloriosas memorias publico considerando quanto vales ; nobilissima lingua lusitana com tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflamas ; quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa e de verso tantas elegancias latinas !»

O sr. Oliveira Martins opina que as novas linguas peninsulares não são uma continuação do latim, nem um latim barbarisado, mas sim uma especie diversa, formada organica e espontaneamente com os restos dispersos da antiga lingua de Hespanha. São já, pois, ociosas — continúa — todas as discussões eruditas sobre a origem do castelhano e do portuguez, partindo de uma filiação directa ou do latim litterario ou do latim rustico por ignorarem o processo natural e organico da formação das linguas. A invasão germanica, qualquer que fosse o grau de romanisação dos wisigodos, devia ter contribuido principalmente para corromper a lingua. A egreja encontrava nos principios do christianismo a condemnação do espirito que animava a litteratura classica. As populações mosarabes esqueciam de todo o latim barbaro de que usavam sob o dominio dos wisigodos, por isso vemos os bispos ordenarem a traducção dos livros sagrados em arabe. A construcção grammatical mais simples dos idiomas germanicos fôra a causa

principal da decomposição e ruina do latim (*Hist. da civilisação iberica*).

Tambem se tem dito que o portuguez é um producto da mistura do latim e das differentes linguas faladas na Peninsula, ou a corrupção do latim barbaro, de que nos restam documentos desde o seculo IX. Ambas as opiniões estão abandonadas. Nem as linguas se fundem como dois metaes, embora entre si permutem elementos fluctuantes e secundarios (palavras e locuções), nem a linguagem artificial dos tabelliães e clerigos medievaes que deturpavam a ortographia e ignoravam o emprego dos casos, póde comparar-se á regularidade organica do latim vulgar desenvolvendo-se de um modo natural e espontaneo.

Leis da formação do portuguez

14. A transformação do latim vulgar é um facto lento e progressivo que se opera nas provincias romanas desde o principio da conquista até á fixação dos estados que para si apropriaram essa linguagem, adaptando-a e affeiçoando-a desde logo aos usos e necessidades da civilisação.

As causas que produziram essa transformação foram:— a tendencia de dissolução que impelle todas as linguas; a victoria do christianismo que pela bocca dos seus doutores, como S. Isidoro de Sevilha, condemna os estudos pagãos (Raynouard, *Elem. de la Gram. de la langue romaine)*; o desapparecimento da nobreza romana que representava a policia litteraria; a acção dissolvente da invasão barbara no seculo V; a influencia de varias linguas postas em comtacto com o latim; a necessidade que os romanos tinham de se entenderem com os povos indigenas e adventicios.

Mas não foi casual e arbitraria a transformação, antes obedeceu a certas leis ou principios, que pela primeira vez foram estudados por Francisco Diez no livro *Grammatica das linguas romanas* (1837-1884).

Essas leis são as seguintes:

1. *Permanencia do accento latino.*— A vogal latina accentuada permanece na palavra, resistindo ás modificações que a mesma palavra vae soffrendo. Exem-

plo: *cavallum*, *lactem*, *mecum*, conservam a syllaba tonica em *cavallo*, *leite*, *migo*. Já não succede o mesmo ás syllabas atonicas, as quaes se permutam e supprimem frequentemente.

2. *Suppressão da vogal breve formativa dos suffixos.* —Por esta lei se explica a perda dos casos e da voz passiva dos verbos, e porisso a necessidade do uso das preposições e circumloquios para supprir aquellas faltas. Exemplo: *plaudere*, *debere*, *cruce*, produziram —*applaudir*, *dever*, *cruz*.

3. *Queda da consoante medial*, produzindo a contracção das fórmas grammaticaes — caracteristica das linguas modernas. D'este modo o latim *ipsum* dá *isso*, *metipsum* produz *mesmo*, *videre* transformou-se em *veer* e depois em *ver*.

4. O adjectivo demonstrativo *ille*, *illa*, *illud*, transformou-se pela apherese no artigo *lo*, *la*, depois em *o*, *a*; o seu emprego desenvolve se á proporção que desapparecem os casos, cujo uso já era ignorado do povo no seculo VII.

5. As desinencias que em latim formavam os casos, foram substituidas por particulas antepostas á palavra indicando as funcções que essa palavra exerce na oração. Exemplo: *virtus*, *virtutis*, *virtute*, foram substituidas por *a virtude*, *da virtude*, *á virtude*.

6. A voz passiva dos verbos foi substituida por locuções periphrasticas em que entra o verbo ser. Exemplo: *laudor*, *lauder*, convertem-se em *sou louvado*, *seja louvado*, á similhança do que já succedia nos periodos classicos da lingua latina.

7. O futuro activo, que tinha uma só fórma, desappareceu, e em logar d'elle usaram-se duas fórmas, uma simples e outra periphrastica. Exemplo: *laudabo*, *debebo*, *plaudam*, foram substituidas por estas formulas: *louvarei* ou *haverei de louvar*, *deverei* ou *haverei de dever*, *applaudirei* ou *haverei de applaudir*. A segunda maneira de dizer já estava em uso no latim culto.

8. Muitas consoantes foram substituidas por outras

mais brandas. Exemplo: o *t* por *d* (*laudatus*, louvado) o *p* por *b* (*capillo*, cabello); o *n* por *nh* (*linea*, linha); o *l* por *lh* (*filius*, filho); o *c* por *z* (*fac*, faze); o *c* por *g* (*vacuus*, vago); o *b* por *v* (*probare*, provar.

Elementos que influiram no portuguez

15. As influencias exteriores que actuam ou actuaram sobre a lingua portugueza são *geraes* e *especiaes*. As primeiras estudam-se na mesologia glottica (n.º 8) e são constituidas pelas condições de raça, de clima, de cultura litteraria e de movimento social, as segundas reduzem-se á acção das differentes linguas postas em contacto com o portuguez. A raça e o clima actuam frouxamente sobre o desenvolvimento da lingua, mas já assim não succede com a litteratura e movimento social, podendo asseverar-se que as alterações da lingua estão na razão directa do movimento social e na inversa da cultura litteraria.

As successivas accumulações de palavras e phrases que enriquecem o vocabulario portuguez, sem por isso alterarem o caracter e a independencia da lingua, provieram dos povos que successivamente habitaram a Peninsula, e das linguas dos povos que mantiveram ou mantem relações comnosco. Os primeiros habitadores da peninsula, segundo Varrão, foram os iberos, os persas, os phenicios, os celtas, e os carthaginezes. Quando os romanos vieram conquistar os carthaginezes e se apoderaram do territorio, depois da guerra de Sagunto (dois seculos a. Chr.), receberam naturalmente o legado dos seus antecessores. Effectivamente na lingua ainda hoje existem vestigios d'esses antigos dialectos. Dos iberos e bascos talvez venham as palavras *aba* e *barca;* dos celtas existem muitas palavras, como *Guadiana*, *Herminio*, *druida*, *bardo;* dos gregos muitissimas, como *acephalo*, *musa epigramma.*

Depois vieram os povos barbaros, operando-se a

fusão dos godos com a população romana desde o seculo V. A necessidade que tinham os godos vencedores de aprender a lingua dos vencidos, que estavam em maioria e logo impozeram a sua religião e leis, a conversão de Rekaredo ao catholicismo, e a concessão de direitos eguaes a todos os seus vassallos não se operou, como affirma Frederico Diez, sem prejuizo da lingua gotica. A affinidade da lingua wisigotica com a latina sua irmã e a simplicidade da syntaxe germanica, facilitam a passagem de muitas palavras goticas para o latim.

No principio do seculo VIII vem os arabes, cujo dominio na Peninsula dura sete seculos. Calcula-se em 300 o numero das palavras arabigas introduzidas no latim. Essas palavras são na sua maioria nomes technicos de magistrados, de instituições, de praticas e de costumes, como póde verificar-se nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal* por Fr. João de Sousa, e no *Glossario* de Dozy e Engelmann. Alem do artigo *al* que prefixa muitas palavras como *alcatifa*, *alfange*, *algarismo*, citamos para exemplo as seguintes: *açafrão*, (azzafaran), *aduana* (addiuan), *albornoz* (albornós), *azeite* (azzait) e *tarefa* (tareha).

Nota. — O vocabulario portuguez é formado de palavras latinas, de elementos aproveitados das linguas faladas na Peninsula antes e depois dos romanos, e de outras linguas com as quaes a nossa esteve em contacto.

a) As palavras tomadas do latim são de duas especies — *populares* e *cultas*. São de origem popular quasi todas as palavras que não conhecemos pelo lexicon latino, mas que podemos derivar por um processo de formação que não existe em portuguez, por exemplo — *aguçar*, que não pode derivar-se de *agudar*, mas do latim popular *acutiare*. São populares : *cavallo*, *bocca*, *vasio*, *governo*, *jantar*, etc. São de origem culta as que se derivam do latim litterario segundo os processos regulares de formação, por exemplo, *homem*, *virtude*, *louvado*, *amar*, etc.

b) As palavras portuguezas de linguas faladas na Peninsula antes do dominio romano, são numerosas. Pertencem ao celtico as seguintes : *bardo*, *dolmen*, *druida*, *carro*, *chapeu*, *cerveja*. E' de origem phenicia a palavra *barca*. São gregas as palavras, *ermo*, *caro*, *chato* e *caravella*. São provavelmente euskaras as

seguintes: *aba*, *abarca*, *bezerro*, *esquerdo*, *charro* e *mandrião*.

c) Os elementos germanicos e arabes que enriquecem o nosso vocabulario depois do dominio romano são copiosos. São germanicas as palavras: *arreio*, *barão*, *buril*, *choque*, *dardo*, *elmo*, *falda*, *garantir*, *rato*, *raça*, *tonel*, etc. São arabes: *adufa*, *alarde*. *alface*, *ambar*, *borzeguim*, *garrafa*, *oxalá*, *recua*, *xadrez*, *xarope*, etc.

d) A lingua portugueza tambem recebeu muitas palavras de origem hespanhola (*bolero*, *esteira*, *tertulia*, *manilha*), de origem franceza, do italiano (*adagio*, *harpejo*, *fiasco*, *violão*), do allemão moderno (*bismutho*, *obuz* e *zinco*), do inglez (*bill*, *cheque*, *cheviote*), das linguas americanas (*chacara*, *condor* e *pampa*), das linguas africanas (*banza*, *macaco*, *muleque* e *senzala*), das linguas asiaticas (*bambu*, *caravana*, *horda*, *kiosque* e *pagode*), e do hebreu como: *alleluia*, *cherubim*, *sabbado*, *Satanaz*, etc.

O sr. F. A. Coelho dá largo desenvolvimento a esta materia no seu livro *A lingua portugueza*.

Historia da lingua

16. A lingua portugueza não tem historia antes do seculo XII, porque foi nos fins d'este seculo que principiou a possuir documentos escriptos. D'ahi em diante segue as vicissitudes da cultura litteraria, e divide-se em tantos periodos quantas as epocas da historia da litteratura, como adiante se verá. Entretanto podemos repartir em duas as edades da lingua: decorre a primeira até ao apparecimento da primeira grammatica publicada por Fernão de Oliveira em 1536; é o *periodo de syncretismo*, e a segunda até nossos dias e designa-se pelo nome de *periodo de disciplina grammatical*.

A primeira é caracterisada pela desordem e emprego arbitrario de sons, fórmas e typos syntacticos. Muitas palavras tinham duas e mais formas, dizendo-se, por exemplo, na primeira pessoa do singular do presente indicativo do verbo *ser*: *são*, *som*, *sou* e *sô*; *lhe*, *lhes* e *les*; *sem saber* e *sem sabendo*. Nos documentos publicos encontramos em vez de *S. Cypriano* as equivalentes: — *S. Cibrão*, *S. Cypriam*, *S. Cibriam*, *S. Cidram*; e em vez de *S. João*, estas for-

mas: —*Sanhoane*, *Sanoane*, *S. Oan*, *S. Jam* e *S. Jom.*

A segunda edade é caracterisada por tal ou qual fixidez de fórmas que as grammaticas impozeram, e conseguintemente pelo desapparecimento gradual das fórmas multiplas. As terminações em *om* e *am* mudam-se para *ão:* as formas *ades*, *edes*, *ides*, perdem o *d;* assim, *louvades* passa por syncope a *louvaes*. Comtudo a grammatica não poude uniformisar completamente a lingua e ainda hoje se diz: *noite* e *noute; cousa* e *coisa; fuge* e *foge; construes* e *constroes; ouro* e *oiro*, etc.

Divisão em periodos

17. Seguindo a ordem chronologica das phases da cultura litteraria, a historia da lingua coincide com a historia da litteratura e divide-se em cinco periodos, comprehendendo o 1.º o seculo XII a XIV; o 2.º o seculo XV; 3.º o seculo XVI; o 4.º o seculo XVII; o 5.º o seculo XVIII e XIX.

PRIMEIRO PERIODO

(seculo xii a xiv)

18. O portuguez começou, como dissémos, a ser escripto no seculo XII, mas já antes d'essa epoca apparecem nos docnmentos do latim barbaro muitas formas syntacticas, locuções e palavras genuinamente portuguezas (a partir do seculo VIII). Comtudo é nos reinados de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV que a lingua portugueza se apresenta com formas verdadeiramente litterarias, embora confundida com o dialecto galliciano, segundo a opinião de Viterbo. No reinado de D. Diniz a lingua, graças á cultura provençal, faz taes progressos e adquire tal elasticidade que os philologos tentam explicar esse desenvolvi-

mento não pelo movimento das relações sociaes, pela extraordinaria vitalidade poetica do tempo, nem pelas necessidades imperiosas da civilisação, mas pela ignorancia do latim e pelo alvedrio do rei que, á semelhança de Affonso X de Hespanha, desterra do fôro a lingua latina (facto contestado por João Pedro Ribeiro).

N'este periodo a lingua portugueza offerece duas phases, uma anterior e outra posterior a D. Diniz. A primeira é a do portuguez galliciano dos cancioneiros, ajustado ás exigencias metricas e repleto de gallicismos accusando a influencia franceza; a segunda é caracterisada pela tendencia separatista que a desvia das origens galliciano-francezas e a approxima do latim em virtude das muitas traducções que do latim se fazem para a lingua nacional.

O sr. F. A. Coelho nota as seguintes caracteristicas da lingua até ao principio do seculo XV: — 1) A segunda pessoa do plural dos tempos verbaes termina ordinariamente em *des;* 2) As fórmas latinas da 3.ª declinação em *onem* terminam em *om* (*sermonem, sermom*); 3) Diversas fórmas em que duas vogaes identicas ou semelhantes se acharam em contacto por syncope de um som, não apparecem contrahidas, taes são, *viir* (lat. *venire*), *seer* (*sedere*), *leer* (*legere*); 4) Numerosas fórmas que depois foram modificadas por influencia da analogia, conservam-se fieis aos typos latinos, observadas as leis phoneticas da lingua, assim dizia-se *paresco*, *gradesco*, e não *pareço*, *gradeço*.

Nota. — Nas *Dissertações chronologicas* de João Pedro Ribeiro, na *Collecção de ineditos portuguezes dos seculos* XIV e XV por Fr. Fortunato de S. Boaventura, no *Portugaliae monumenta historica* por A. Herculano e nos Cancioneiros encontram-se monumentos preciosos para o estudo da lingua n'este periodo. Pomos aqui as seguintes amostras:

NOTICIA PARTICULAR DE LOURENÇO FERNANDES

(SECULO XII)

... noticia de torto, que fecerum a *Laurencius Fernandiz*, por plazo, que fece *Goncavo Ramiriz* antre suos filios, e *Lourenço Ferrnandiz*, quale podedes saber : e ove aver d'erdade, e d'aver, tanto quome uno de suos filios, de quanto podessem aver de bona de seu pater, e filios seu pater e sua mater. E depois fecerum plazo novo, e convem a saber quale : in elle seem taes firmamentos quales podedes saber. *Ramiro Gonçalviz*, foram fiadores de sua Irmana que orgase aquele plazo, come illos ; super isto plazo ar ferum suo pleito e a maior ajuda que illos hic conocerum, que les acunocese *Laurenço Fernandiz*, sa irdade per preito, que a tévese o Abate de Santo Martino, que como vencessem outra que assi les desse de ista o Abade, e que nunqua illos leixassem d'aquella irdade. d... sem seu mandato ; se a lexarem, intregarem ille de outra, que li plaza : E d'aver, que overum de seu pater, nunqua le inde derum parte. Deu *Dum Gonçavo* a *Laurenço Fernandes*, e *Martim Gonçalviz* XII. casaes por arras de sua avoo ; e filaram li illos inde VI. casales cum torto ; e podedes saber como. Mandou *Dum Gunçavo* a sua morte de XVI. casales de *Veracin*, que fructarum, e que li nunqua inde derum quinhons, e de VII, e medio casaes entre *Coina* e *Bastuzio* unde li nunqua derum quinhom ; e de III. ín Tefuosa, unde li nunqua ar derum nada, o duno casal de Coina, que levarum inde III. anos o fructo com torto, e por istes tortos que li fecerum, tem qua seu plazo quebrantado, e qua li o devem porsanar. (*Dissert. chronol*).

CARTA DE PARTILHAS

(1192)

In christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentus e dos coutos, e das Onrras, e dous Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira : que Rodrigo Sanches ficar por sa partiçon na quinta do Couto do Viiturio, e na quinta do Padroádigo, dessa Eygreyga, en todolos us herdamentus do Couto, e de fora do Couto : Vasco Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra Dulveira e no Padroadigo dessa Eygreyga, em todolos herdamentus Dolveira, e en nu casal de Carapezus de vluar, e en noutro casal en Agiar que chamam Quintaa : Meen Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra de carapezus, e nus outros herdamentos, e nas duas partes do Pa-

droadigo dessa Eygreyga e no Padroadigo da Eygreyga de Treysemil, e na Onrra e no herdamento Darguiffe. e no herdamento de Lavorados e no Padroadigo dessa Eygreyga: Elvira Sanches ficar por sa partiçon nos herdamentos de Centegaus, e nas tres quartas do Padroadigo dessa Eygreyga e no herdamento de Treyxemil, assi us das sestas, com noutro herdamento. Estas partiçoens, e divisoes fazemos antre nos, que vallam por en secula seculorum amen.

Facta Karta mense Marcii, Era MCCXXX. Vasco Suariz, testis — Vermuu Ordoniz testis — Meen Fanrripas testis — Gunsalvu Vermuiz testis — Gil Dias testis — D. Minon testis — Martim Periz testis — D. Stephani Suariz testis — Ego Johanes Menendi Presbiter notavit.

(*Diss. chronologicas e criticas* de J. P. Ribeiro, tom 1.º, documento n.º 6).

REGRA DE S. BENTO (CODICE DE ALCOBAÇA)

(SECULO XII?)

Conhuçuda cousa é quatro geerações seer dos Monges. A primeira dos *cenobarcas*, aquesto é, dos do mosteiro, batalhantes só regra ou só abbade. Descende o segundo linagem é dos *anacoretas* assi e dos ermitoens, que non per fervor de noviço de conversaçom, mais per probaçom perlongada do Moesteiro, depeenderom de companheyros, de muitos ja ensinados na lide contra o diaboo, e bem insinados da germayndade a singular batalha do ermo ja seguros sem conforto de outro, de soo mão, ou de soo braço contra os viços da carne ou das cuidaçoes, Deus ajudante, abastan lidar.

Mays o terceiro linagem muito spantoso dos monges *Sarabaitas* que de nenhua regra provados per provamento de mestre, assi como ouro na fornalha, mays moles in natura de chumbo ainda servintes aas obras do segre per fé, som conheçudas a Deus mentir por o cercylho; os quaes dous, ou tres, ou a certos senlheyros sem pastor, nem nos curraes do nosso senhor mays nos seus, per lei a eles é dado a voontade dos desejos, com algua cuydarem, ou escolherem, aquesto dizem Sancto, e o que non quiserem aquelo non cuidam convir.

Mays o quarto linagem dos Monges é o qual é nomeado *Girovago*, que toda sa vida per desvairadas provincias, per tres ou quatro dias, per desvairadas celas son ospedados sempre vagos, e nunqua estavis, e servintes aas proprias vontades, e a furteza da garganta, e per todalas cousas muy peores dos sarabaitas. Da muy mesquinha conversaçom de todos estes melhor é calar ca fallar. Ergo aquestes leixados ao muy forte

linagem dos *Cenobarcas* a despoer, ajudante nosso Senhor, venhamos. (*Ineditos* por S. Boaventura, Capitulo I, das gerações dos monges).

CANÇÃO DE D. DINIZ

(SECULO XIII)

Praz mh'a mim, senhor, de moirer
E praz m'ende por vosso mal,
Ca sey que sentiredes qual
Mingua vos poys ey de fazer,
Ca nõ perde pouco, senhor,
Quando perde tal servidor,
Qual perdedes en me perder.

E com mha morte ey eu prazer
Porque sey que vos farey tal
Mingua, qual fez omem leal,
O mays que podia seer,
A que ama, poys morto for;
E fostes vos muy sabedor,
D'eu por vós a tal mort aver.

E pero que ey de sofrer
A morte mui descommunal,
Co'mha mort' oy mays nõ me chal
Por quanto vos quero dizer
Ca meu servic' e meu ámor
Será vos d'escusar peyor
Que a mim d'escusar viver.

E certo podedes saber
Que per esse meu tempo sal
Per mort' e nõ a ja hi al
Que me non quer' end' eu doer;
Poys a vós farey a mayor
Mingua que fez nostro senhor
De vassal' a senhor prender.

(*Cancioneiro de D. Diniz*, publicado por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1847).

ACTOS DOS APOSTOLOS

(TRADUCÇÃO DO SECULO XIV)

Capitulo I, versiculo 15 a 19.

15. Em um d'aquelles dias que foy antre acenson e o pentecoste, estando todollos os discipolos ajuntados em no Cenaculo, diz S. Lucas o Evangelista no Livro do feyto dos Apostolos, que se levantou Sam Pedro em meo d'aquelles discipolos que eram chamados irmaaons, e erao por todos em aquella campanha perto de cento e vijnte homees, e disse:

16. Baroens Irmaãos, convem que seja comprida a Escritura, que ante dise o Spirito Sancto pela bôca de David o *propheta*, de Judas que foi cabedel dos que prenderom *Jesu*.

17. E foy contado antre nós, e recebeu sorte daqueste noso oficio.

18. E aqueste manteve o campo do galárdom da maldade, e enforcou-se, e quebrou por mêo, e espargerom-se as sas entradanhas.

19. E foy cousa conheçuda a todollos, que moravam em Jerusalem, que chamassem a aquel canpo en sa linguagem *Acheldemach* que quer tanto diser come canpo de sangue. (*Ineditos* por S. Boaventura).

SEGUNDO PERIODO

(SECULO XV)

19. N'este periodo é cada vez mais accentuada a tendencia separatista da lingua que os eruditos calculadamente alatinam para a desviarem das suas origens populares. São por isso frequentes as fórmas duplas, por exemplo: *ancho* e *amplo*, *cabedal* e *capital*, *chão* e *plano*, *cheio* e *pleno*, *delgado* e *delicado*, *quedo* e *quieto*, *tea* e *tela*, *velar* e *vigiar*. Este phenomeno é o resultado da abundancia das traducções latinas e da vasta erudição ecclesiastica d'aquelles tempos.

Esta phase de transição (escreve o sr. F. A. Coelho) é caracterisada principalmente pelos dois factos seguintes:

1.º Mudança das terminações em *om* (accentuadas e não accentuadas) em *ão;*

2.º Syncope do *d* na maior parte das fórmas verbaes em *ades*, *edes*, *ides*.

Esses dois phenomenos não se deram de subito. Entre *om* e *am* é mister admittir pelo menos a intermedia *ã*; entre uma fórma como *partides e partis* houve a intermedia *partiis*.

A oscilação entre essas antigas fórmas, as intermedias e as novas, durou cerca de um seculo.

No cancioneiro de Resende as fórmas antigas em *om* estão constantemente representadas por fórmas em *ão* (escriptas tambem com *am*).

Gil Vicente emprega ainda simultaneamente fórmas como *dizede* e *dizei*.

Nota. — Para conhecimento do estado da lingua no seculo XV offerecemos os seguintes documentos: — o primeiro é o trecho da *Regra de S. Bento* traduzida no seculo XV por Fr. João Alvares, abbade commendatario do mosteiro do Paço de Sousa e por elle mandado com outros escriptos ao archivo d'aquelle mosteiro; acha-se por copia nos manuscriptos do philologo João Pedro Ribeiro e foi publicado pela primeira vez em 1873 pelo sr. F. A. Coelho na *Chresthomathia historica;* — o segundo é um fragmento do cap. LXXXVII do *Leal conselheiro* por D. Duarte; — o terceiro é extrahido da dedicatoria da *Virtuosa bemfeitoria*.

REGRA DE S. BENTO (CODICE DO PAÇO DE SOUSA)

(SECULO XV)

Manifesto he seerem quatro as gerações dos monges das quaes a primeira se chama dos cenobitas que som aquelles que vivem nos mosteiros sob regra e sob abbade. A segunda he dos heremitas. E estes som os heremitaães os quaaes nom já cõ fervor de nova cõverssom, mas provados no mosteiro perlongadamente, aprenderõ cõ ajuda e exemplo de muytos a pugnar cõtra o diaboo e assy bem inssinados sentindosse abastantes passos perssy cõtrariar aas teptaçoões se saãe dant'aas aazes dos irmaãos. E se vaão ao hermo para elles soos averem de viver, sem outra companhia soomente cõ aajuda de deus. A Terceira e muyto maa geraçom de monges se chama de sara-

bactas os quaes nom vivem sub algua regra approvada. E estes assy como o ouro metido na fornaça som tornados moles a maneira de chumbo, qu'andando ainda as obras do mundo que deverẽ de renuciar por sua fẽ e professom, mentem a deus. E somente pella tonsura sõ conhecidos por monges. Estes taees doos, e doos, e tres e tres e ainda soos som nutridos nõ já no curral e claustra do Señor, mas emterrados em seos proprios lugares aa sua voontade e como lhes praz sem regra, e sem abbade tem por ley cõprir toda a delectaçom de sua vontade avendo por boõ e por sancto aquello que lhes praz e que lhes bem parece. E o que nõ querem e lhes avorrece aquello entendem que nõ he bem ne lhes pertencem de o fazerem. A quarta geraçom de monges he dos girovagos. Aquestes taaes nũca teẽ vida estavel mas andando per desvairadas provenciaas tres e quatro dias e em cellas alheás se colhem sempre vaguejando mudavees e nuca estavees servindo as proprias delectações e desejos da gula. Mais dissolutos e puros que os sarabactas de cuja muy mesquinha vida e maa cõverssaçon melhor he callar que de a contar mais pelo meudo. Porem todos leyxados venhamos cõ aajuda de deus a fallar da primeira e mais forte geeração que he dos cenobitas que vivem nos moesteiros — (*Capitulo* I, das gerações e vida dos mõges).

LEAL CONSELHEIRO DE D. DUARTE

(SECULO XV)

Para se mostrar como per o immiigo somos tentados a filhar mayor sentido d'alguas cousas que convem, e d'outras menos que he razom, se conta huu enxempro per fegura, como per huu spelho, manta e pandeiro muytos engana. Dizem que tenta com spelho pera se filhar tam rygo sentido d'algua cousa, per que nos quer conduzir, quando continuadamente nos apresenta posto que nom queiramos, remembrança a huũs de mulher, que amam ou desejam, a outros riqueza que cobiçom, ou de pessoa que lhe fez tal erro, que mostra razom de se vyngar, e de cousas que muyto temem ou receam para enduzir a tristeza ; com taes membramentos se diz tentarmos com spelho, porque sempre parece que nos traz ante os olhos ou lembrança do coraçom a figura d'aquella cousa que com desejo sentido nos faz amar, desejar, temer ou avorrecer.

Por quanto tal sentido errado nom se correge sem outro virtuoso, nembrondosse os males que se podem seguir das cousas mal feitas, na presente vida e na que speramos, todo esto com manta se trabalha de cobrir, mostrando que nom ha mal, ou nom tanto se deve leixar, e que se nom sabera, nem dos senhores por ello recebera pena, e d'outros menos preço e ver-

gonha, e de Nosso Senhor com myngua de fé nom fez conta, ou diz que he tão mysericordioso que por tão pouco nom perdera, e que tempo avera pera se êmendar ; e assy cego com tal cobertura lhes faz que nom vejam, entendam, nem syntam os malles que obram, e o que por ello se póde e deve seguyr.

Com pandeiro se mostra tentar quando as cousas que prometia seerem muyto encobertas, com mal e perda dos que as fazem, faz descobrir, e os que de penas nom som atormentados em desperaçom de todo o bem os derruba, mostrando-lhes que todos sabem o mal que fez, e posto que morem em lugar apartado os de todo o mundo pensam que o sabem, os quaaes sollamente o reyno donde he nunca ho ouvyrom nomear. O qual assy faz acrescentar o sentido como ante per maginaçom apouquentava, per tal que desesperado de todo bem spiritual e corporal filhe por conselho matar-se, ou tome algũa vyda catyva fora de todo bem e virtude.

E porem com estas tres joyas se diz per razoada figura seermos tentados, e muytos enganados, do que nos devemos guardar com a graça de Nosso Senhor per ordem contraira, afigurando as perfeiçoões das virtudes no spelho, que sempre seja em nosso coraçom, e cobrindo a folgança dos malles com a manta, despresando o soom das vozes d'aquelles que nom querem nem seguem as obras virtuosas, e soando continuadamente, nas orelhas de nosso coraçom as pallavras que leermos e ouviirmos, pera que do mal filhando devida contriçom, com satisfaçom e corregimento nos esforcemos com grande speraça para vyvermos sempre bem e ledamente (*Capitulo* LXXXVII, do enxenpro do spelho, manta e pandeiro).

LIVRO DA VIRTUOSA BEMFEITORIA

(SECULO XV)

Muy alto principe de grande poderio e muyto honrrado e prezado senhor Iffante Eduarte primogenito herdeiro dos Reinos de portugal e do Algarue : Vosso seruidor per obrigaçom de sangue e naçom e pura uontade uossas mãos beyjando humildosamente em mercee e beençom uossa me encomendo. Senhor muito nobre de grande alteza ; pero que de booscos de muytos cuidados e de grandes rrochas de feitos stranhos seia cercado uosso coraçom : Eu nom creio porende, nem cuido que asoombramento lhe podem trazer de squeeçimento que seia dãpnoso emaquellas cousas hu cumpre lembraaça : Porem som certo que bem acordado serees que ao tempo que o muy podroso e alto principe El-Rei senhor nosso teue cortes per perçebimento da guerra sperada com os Castellãos em Sanctarem onde ambos erees : presente elle uos me perguntastes en que ponto ou

termho staua huu liuro dos benefficios'entom chamado que eu começara en aquelle annos : E eu uos disse que ia era fyndo segundopreposito e tençom primeira que eu ouuera en o começar: Mais seendo per my despois provehudo muy muytas cousas achej em elle que pareciam bem dignas de ẽmenda e muytas mais que a meu entender em elle deuião ser acrecentadas. E auendo emenda com tall adimento quall eu tynha em mynha tençom seria huu liuro assaz : peertecente para os principes e grandes senhores mais que a my cuidados atantos e tam grandes sempre recreciã que de o acabar muyto douidaua. E uos me diseste que me trabalhasse de o acabar, porque não hauia tempo alguu atam embargado per hun cuidado que elle nom desse logar e spaço de homem cuidar em outras cousas assas muy pequenas. El-rey disse que nom perteecia aos cuidados da guerra mesturas de penssamentos que fossem alheos, porque em sy eram elles atã grandes que bem parece que outros com elles no caraçom nom podem caber. E que porem de compoer liuro nem de cuidado outro semelhante por cousa algua me nom trabalhasse. (Dedicatoria do *Livro da virtuosa bemfeitoria* do duque de Coimbra a seu irmão D. Duarte, copiada por Innocencio Fr. da Silva do exemplar existente na livraria da Acad. Real das Sciencias de Lisboa).

TERCEIRO PERIODO

(SECULO XVI)

20. O uso frequente de falar, escrever e traduzir latim ia sobrecarregando o portuguez de infinita copia de latinismos, ao mesmo tempo que a invasão dos neologismos crescia por egual, principalmente no seculo XVI, em razão do extraordinario movimento social promovido pelos descobrimentos e conquistas, pelas viagens instructivas, pela actividade scientifica da epoca e por outras circumstancias. Foi então, n'esse momento em que os eruditos começavam a fixar pela escripta as fórmas definitivas da linguagem, que appareceram os legisladores grammaticaes, cuja missão ficou reduzida a synthetizar em regras a marcha dos phenomenos observados na lingua. Ao syncretismo dos primeiros seculos corresponde agora a disciplina grammatical baseada ora na auctoridade dos classicos

ora no uso corrente. Assim, como vimos na epoca anterior, a primeira pessoa do singular do presente do verbo *ser* que João de Barros queria que fôsse *som* e Fernão de Oliveira pretendia que fôsse *so*, passou depois a dizer-se *sou*. As terminações dos substantivos em *onem* e *ones* passaram para *ão* no singular e *aos* e *ães* no plural. A segunda pessoa plural dos verbos do indicativo presente perdem o *d*. O verbo *poer* passou a contrahir-se em *por*. O participio em *udo*, por exemplo *conheçudo*, terminou em *ido*. A fórma dos participios imperfeitos fixa-se em *ando*, *endo*, *indo*.

Fernão de Oliveira, João de Barros e Jeronymo Cardoso são os principaes legisladores da grammatica portugueza no seculo XVI.

Nota. — São numerosissimos os documentos para a analyse da lingua n'este seculo brilhante da renovação litteraria. Citamos apenas tres.

UMA CARTA DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE

(1515)

Senhor — eu nam esprevo a vosalteza por minha mão por que quando esta faço tenho muito grande sáluço que é sinal de morrer eu senhor deixo cá esse filho por minha memoria a que deixo toda minha fazenda que he assaz de pouco mais deixo-lhe a obrigaçam de todos meus servisos que he mui grande as cousas da India ellas fallaram por mim e por elle, deixo a Indla com as principaees cabeças tomadas em vosso poder sem nela ficar outra pemdenca senam cerrarsee mui bem a porta do estreito, Isto he o que me vosa alteza encomendou, eu senhor vos dey sempre por conselho pera segurar de la India irdesvos tirando de despezas peço a voz alteza por mercee que se lembre de tudo isto e que me faça meu filho grande e lhe dê toda satisfaçam de meu serviço todas minhas confianças pus nas mãos de voz alteza e da Senhora Raînha a elles mencomendo que façam minhas cousas grandes pois acabo em cousas de vosso servisso e por ellas vollo tenho merecido e as minhas temças as quaes comprey pela maior parte como voz alteza sabe, beijarlhey as mãos pollas em meu filho esprita no mar a seis dias de dezembro de mil quinhentos e quinze — feytura e servidor de vossa alteza — afomso dalbuquerque —

A elrei noso Señhor — Dafomso dalbuquerque. (Carta existente na Torre do tombo, gaveta 15, maço 17, n.º 33).

GRAMMATICA DE FERNÃO DE OLIVEIRA

(1536)

A linguagem e figura de entendimento ; e assim e verdade q a boca diz quto lhe manda o coração e não outra cousa: antes nã deuia a natureza criar outro mais desforme monstro de q são aqlles que fallão o q nã tem na vontade, porq se as obras são proua de home. E como diz a suma verdade Jesu xpo nosso d's : e as palauras são ymagem das obras segũdo diogenes, Laercio escreve : que dezia Solon sabedor de Grecia cada hu fala como que e : os bõs falão virtudes e os maliciosos maldadez: os religiosos pgão d'sprezos do mũdo e os caualeiros blasonam suas façanhas : e esses sabẽ falar os q ẽtẽde as cousas: porq das cousas nacẽ as palauras e nã das palauras as cousas : diz misõ (*Pisão?*) philosofo : e outra vez cicero a bruto e quintiliano no oitauo liuro õde tãbẽ disse que falar e pnũciar o que ẽtẽdemos : este so e hum meyo q d's quis dar as almas racionaes para se poderẽ comunicar antre si : e com os q sendo espirituaes sentídas dos corpos. Põre nã e tã espiritual a lingua q nã seja obrigada as leys do corpo.

Mas segundo a disposição da lingua corporal, assi vemos formar diuersas as vozes nas ceciosas, outras tartaras : e muitos cõ muitos defeitos e tabẽ cõ suas perfeições porq com este orgão da lingua e boca he mais e melhor disposto assi cumpre melhor seu ofiçio : bẽ ou mal disposto pode ser em calidades como seco ou humedo : feição com grãdes e desuiados e tambem muitos falaã muito mal : so com mao costnme nã mais. E e muito de culpar este defeyto das calidades serem diuersas : nos cuaes tem dominio as coudições de çeo e terra em que viuem os homens bem que huas gentes formão suas vozes no papo como caldeus e arabigos, e outras nações cortão vozes apresando-se mays em seu falar : mas não falam cõm grande repouso como homes assentados : e nos somente com cada voz per si mas tambem no ajuntamento e no som da lingoagem pode hauer primor ou falta ẽntre nós : nã somente nestes mas a muitas outras cousas tem a nossa lingoa a vantagẽ porque ella antiga, ensinada, prospera e bẽ couersada : e tambẽm exercitada em bos tratos e ofiçios (*Grammatica da lingoagem portugueza* (cap. 1.º), por Fernão de Oliveira).

CARTA A EL-REI

(1548)

Senhor — Recolhia-me em Coja huns dias, para estudar as Pregações de Avento : nam quer Roma que preguem os Bispos, nem que estudem, senão materia de Beneficios, e dinheiros. Mandou Antonio de Barros citar um prove religioso, que en todo o serviço de vossa Alteza, e do Principe noso Senhor, me acompanhou, a que dey uma Igreja de Padroado leigo, que tem os Bispos nas villas, e Lugares, que vossa Alteza, e os Reis passados fizeram mercê a este Bispado. Estam em posse immemorial os Bispos darem os Beneficios destas villas e Lugares em todos os messes do anno, como consta pelas letras de muitos delles, e deste Beneficio, sobre que he a contenda, como Padroados leigos; porque como taes os possueyen: donde vem por fallecimento de hum Bispo as justiças de vossa Alteza tomarem posse do condado, villa e Lugares, e os governarem, y nam a Sé vagante, a qnem de direito pertence governar todo o Bispado : Os Bispos quando tomão posse, nam a tomam por letras do Papa, mas por Alvará de vossa Alteza, como eu fiz : E esta he a causa mais projudicial que póde vir a este Bispado ; porque com estas Igrejas podem os Bispos fazer alguns serviços a Nosso Senhor, e dotar obras perpetuas proveitosas a todo o Bispado.

Beijarei as mãos de Vossa Alteza, pois o Nuncio vendo que não tinha justiça, seçou na mesma contenda, e asi Duarte de Mello mandara a hum filho deste Antonio de Barros, que nam tome o que he deste Bispado, e nam esté em Coimbra acceitando Beneficios injustamente, e ao Pae mandar-lhe, que não va por sua tenção adiante ; pois não tem mais justiça, que estar em Roma. Os fundamentos, e posses dos meus Antecessores mando ao Padre Mestre Gaspar, para que dê de tudo conta a Vossa Alteza, cuja alma, e Real Estado Jesu Christo Nosso Senhor tenha sempre em seu santo amor, e guarda, Amem, de Coja 20 de outubro de 1548 — o Bispo Conde — A El-rei nosso Senhor. —

(*Dissert. chronolog. e crit. de João Pedro Ribeiro*, documento n.º 94).

QUARTO PERIODO

(SECULO XVII)

21. A lingua não soffre n'este periodo nenhuma alteração caracteristica; a mesma indecisão orthographica permanece e a mesma invasão de neologismos continúa. Se alguma cousa podesse caracterisar a linguagem d'este seculo, seria a approximação do portuguez ao hespanhol por arbitrio dos grammaticos, o que se explica pelo uso geral de escrever na lingua hespanhola. Os trocadilhos revolucionaram o estylo dando-lhe uma feição nova, mas não atacaram a structura grammatical; as aberrações gongoricas operaram na linguagem do seculo XVII a revolta mental que o seculo seguinte traduziria nas ideas philosophicas e politicas, e o seculo immediato converteria em factos; mas a morphologia e arranjo syntactico da lingua portugueza seguiu no seu desenvolvimento historico, regular e inalteravelmente, como se vê dos exemplos que vamos reproduzir e dos quaes o trecho em verso é um magnifico exemplar de estylo gongorico.

ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA

(1606)

Temos dito atraz como as muitas e desuairadas gentes que a Hespanha vierão pouoar & negociar, estava a terra toda dividida em muitos regulos & senhorios, & assi havia muitas differenças de linguagens & costumes. Polo que vindo os Romanos a lançar de Hespanha os Carthagineses que ocupauam grande parte della, foi lhes facil haver o universal senhorio de todos, & reduzir Hespanha em forma de prouincia como fizerão, dos quaes como de vencedores não somente os Hespanhoes tomarão o jugo da obediencia mas as leis, os costumes & a lingua Latina que naquelles tempos se fallou pura como em Roma, e no mesmo latim até a vinda dos Vandalos, Alanos, Godos,

& Suenos & outros barbaros que aos Romanos succederão, & comromperão a lingua Latina como a sua, & a misturarão de muitos vocabulos assi seus como de outras nações barbaras que consigo trouxerão, de que se veo fazer a lingua que oje fallamos, que por ser lingua que tem fundamentos da Romana, ainda que corrupta lhe chamamos oje Romance. D'esta introducção da lingoa Latina, que os Romanos fizerão em Hespanha, & como de muitas nações & varios costumes, se vierão a confirmar & parecer tudo hum pouo de Romanos, he testemunha a mesma lingua que oje fallamos, ainda que corrupta, & huma pedra antiga que sa achou na cidade de Empurias do reino de Aragão que era habitado de Gregos, & Hespanhoes dis assi : — ... Os moradores Gregos da cidade de Empurias edificarão este templo aa inuocação da Deosa Diana de Epheso no tempo que não deixando sua lingua Grega, nem tendo tomada até entam a lingua natural dos Hespanhoes, se subjectarão aos costumes, aa lingoa, aas leis, & ao senhorio dos Romanos sendo consules M. Cetego, & Lucio Apronio.

Desta maneira o fizerão os mais pouos assi dos Gregos, como os Hespanhoes, & os Phenices que ficarão em Cadiz. E finalmente todas as mais gentes que em Hespanha residião, & assi ficou a lingoa Latina commum a todos, como se fallaua em Roma. De que despois procederão mnitos homẽs insignes em todas as artes como forão os Senecas, Lucano, Martial, Pomponio Mela, Columella, Sylio Italico, & muitos philosophos, & oradores de que foi mui celebrado Portio Latro, que não ião a Roma aprender a lingua dos Romanos, como tambem auia em Africa : que da mesma maneira acceptou a lingoa latina, de que vierão os Apuleios, os Victorinos, Tertulianos, Cyprianos, Fulgencios, Arnobios, & Augustinhos, & outros grandes varões cujas obras temos oje.

Vindo pelos tempos, como he natural, hauer mudança dos estados & declinar o Imperio Romano, veo a Hespanha a inundação dos Godos, Vandalos, & Silingios, & de outras gentes barbaras, que deuastarão Italia, & as Gallias, & dominarão Hespanha, & com sua barbara lingua corromperão a Latina, & a misturarão com a sua da maneira que se vê nos liuros, & scripturas antigas que pelo tempo foi esta lingua fazendo differença nas Prouincias de Hespanha, segundo as gentes a vierão habitar.

Depois desta barbaria que se introduzio veo a perdição de toda Hespanha, que os Mouros assolarão, & destroirão entre os quaes ficarão os Hespanhoes hũs captiuos, & outros tributarios por partidos, que de si fizerão, para lhes laurarem as terras com seus ascripticios, & inquilinos. E viueudo entre elles corromperão ainda mais a lingoa mea Gothica & mea Latina que fallauam tomando outros vocabulos dos Mouros, que inda oje nos durão. Depois deste captiueiro vindo-se recuperar

muitos lugares de poder dos Mouros, pelas reliquias dos christãos que da destroição dos Mouros escaparão nas terras altas de Vizcaia, Astruias, & Galliza. E fazendo cabeças de algũs senhorios ficou aquella lingoa Gothica, que era commum a toda Hespanha, fazendo algũa divisão, & mudança entre si cada hum em sua região segundo era a gente com que tratavão como os de Catalunha que por aquella parte vir el-Rei Pipino de França com os seus, ficou naquella prouincia sabor da lingoa Francesa, & quando se apartou, lhes ficou notavel differença entre ella, & a lingua de Castella & de Galliza, & de Portugal, as quaes ambas eram antigamente quasi hua mesma, nas palauras, & nos diphtongos, & na pronunciação que as outras partes de Hespanha não tem. Da qual lingoa Gallega a Portugueza se aventajou tanto, quanto na copia & na elegancia della vemos. O que se causou por em Portugal hauer Reis, & Côrte que é a officina onde os vocabulos se forjão & pulem, & donde manam para os outros homes, o que nunqua honue em Galliza. Era a lingua portugueza na saida daquelle captiueiro dos Mouros mui rude, & mui curta, & falta de palauras & cousas, por o misero estado em que a terra estiuera: o que lhe conueo tomar de outras gentes, como fez. Polo que sua meminice foi no tempo del-Rei D. Affonso VI de Castella, & no do Conde Dom Henrique até o del-Rei Dom Dinis de Portugal que teve algua policia, & foi o primeiro que pos as leis em ordem, & mandou fazer compilação d'ellas, & compos muitas cousas em metro aa imitação dos Poetas Proençaes, como se melhorou a lingua castellhana em tempo del-Rei D. Affonso o sabio seu auó, que mandou screuer a chronica geral de Hespanha, & copilar as sete partidas das leis de Castella, obra graue, & mui honrada, posto que rude nas palauras, como tambem mandou trasladar muitos authores da lingua Latina na castelhana. E assi se forão ornando ambas as lingoas, Portugueza & Castelhana até a policia em que agora estão (*Duarte Nunes de Leão*, Cap. VI da obra *Origem da lingua portugueza*, publicada em 1605).

VIRGINIDOS

(Poema gongorico de 1667)

CANTO I

1

Canto as armas da Torre sublimada,
Do Palestino Rey, sempre triumphante, *Cant.* 4
Que d'heroicas acções, d'esforço armada,
Foi da forte Mulher, Forte constante : *Prov.* 31
A que do bello, e bellico adornada,
D'ouro foi fabricada, e de diamante,
Porque assistindo nella o ceo na Terra
Fosse constante a Paz, fermosa a guerra.

2

Aquelle alto Castello illustre, e bello,
Em que primeiro entrou Deus humanado,
Que entrasse de Bethania no Castello, *Luc.* 10
Onde este mais gentil foi figurado :
O que de Martha tem, sómente anhello
De Maria cantar, della inspirado,
Porque a parte melhor, de que se esmalta,
Vozes do ceo requer solfa mais alta.

3

A vida dizer quero esclarecida, *Luc.* 1
Daquella Ave do ceo, Phenix sagrada,
Que por dar morte á Morte, foi nascida,
E, por dar vida á vida, foi creada :
Que do ceo para Porta preferida *Sapient.* 24
Por cedro incorruptivel foi buscada,
Por quem o mesmo Deos no Mundo apporta
Que, sem abril-a, entrou por esta Porta. *Esch.* 44

4

Daquella que em força mais prestante
Imitando a Avó, sacro Amphionte *Reg IV*

Postrou outro mais forte, e mór gigante — *Dan.* 2
C'o a Pedra, quo sem mãos caiu no Monte;
Que figura tem clara, e rutilante
Na Estrella de Jacob, sellada Fonte, — *Num.* 41
Cuja corrente clara, e Luz felice,
Já nunca se turbou, nem teve elice.

5

Daquella que por sua fortaleza
Torre chamada foi, que ella figura — *Cant.* 4.
Que seu divino Corpo hé de belleza
Torre na guarnição, e na Estatura; — *Cant.* 4
De alicerce lhe serve a Lua accesa
Em fulgido candar, em prata pura, — *Apoc.* 12
De paredes o Sol, que doura os muros,
D'amêas de cristal os Astros puros.

6

Porta e janella tem no ceo traçada — *Coeli fenestra, Porta*
E casa, em que habitar Deus se offerece — *Coeli, Domus aurea*
E tem, com ter tambem fermosa Escada,
Cisterna, que do ceo a agua merece:
Que janella do ceo, Porta sagrada,
E casa de Deos foi, que elle enriquece,
Escada de Jacob celeste, e altiva,
E de Bethlem Cisterna de agua viva.

7

Duas tem no remate peças finas,
De lucido metal, traça excellente,
A quem servindo estão duas meninas,
Por lhe dar fogo e luz continuamente:
As balas que disparam peregrinas,
Tão puros rayos são, que Lusbel sente
(Vêde o Imperio postrar do Inferno, e Morte)
Que he de balas Torrente, a Torre forte.

8

Sete principes são presidio della,
Que ostentão no seu nome, a qualidade,
Que he cada qual hu Dõ, que a torre bella
Occupa, com grão pompa, e magestade;

Com tres damas os serve hua Donzella,
Toda espirito e toda santidade,
De cinco Pagens bellos, tão servidos,
Que, só sentir do ceo, tem de sentidos.

9

Esta é a Torre que excede aos Orisontes
Que em rouca e inculta voz cantar intêto.
A que as vozes d'Orpheus, e de Ariontes
Indignas são de dar condigno accento :
S'hum encantou os mares outro os montes,
Inda assi sua voz falta de alento,
Para puder cantar com digna traça
Estes montes de luz, mares de graça.

(*Virginidos* por Manuel Mendes Barbuda e Vasconcellos).

QUINTO PERIODO

(SECULO XVIII)

22. A lingua é invadida pelo gallicismo e d'elle se queixam os philologos desde Francisco Manuel de Mello e Francisco Freire. Este facto, aliás explicavel pelas relações politicas e scientificas com a França desde a expulsão dos Filippes, não chegou porém a alterar o organismo da lingua.

Para amostra da lingua n'este periodo e ao mesmo tempo para conhecimento do estado mental do paiz n'esta epoca, damos alguns trechos da obra de Verney.

O ESTUDO DA GRAMMATICA LATINA

Depois do estudo da grammatica vulgar, segue-se o da Latina, e desta direi a V. P. o meu parecer na presente carta, Quando entrei neste reino, e vi a quantidade de Cartapacios e Artes que eram necessarias para estudar somente a gramma-

tica, fiquei pasmado. Falando com V. P. alguma vez me lembro que lhe toquei este ponto : e que nam lhe dezagradáram as minhas reflexoens, sobre esta materia. Sei que em outras partes, onde se-explica a Gramatica de Manoel Alvares, tambem lhe-acrecentam algum livrinho : mas tantos como em Portugal, nunca vi. As declinasoens dos-*Nomes*, e *Verbos* estudam pola Gramatica Latina, e esta segue um Cartapacio Portuguez, de *Rudimentos*, depois outro, para *Generos*, e *Preteritos*, muito bem comprido, a este um de *Sintaxe*, bem grande. despois um livro, a que chamam *Chorro :* e outro, a que chamam *Promtuario* : polo qual se-aprendem os escolios de Nomes e Verbos. e nam sei que mais livro á. E parece-lhe a V. P. pouca materia de admirasam, quando tudo aquilo se-pode compreender, em um livrinho em 12. e nam mui grande ? Despois diso ouvi dizer, que ocupavam seis, e sete annos estudando Gramatica : e que a maior parte destes dicipulos, despois de todo ese tempo, nam era capaz de explicar por si só, as mais facis cartas de Cicero. Confeso a V. P. que nam intendi isto, nem donde proviese o dano. Alguns sugeitos, bem inteligentes de politica me deram algumas razoens, que nam pareciam inverosimeis. Mas eu, sem aprovar, ou reprovar alguma delas, e tambem sem me-demorar com esta materia, discorrerei sobre o merecimento da-Gramatica Latina ; e sobre o modo com que se deve aprender.

Ora convem todos os omens de bom juizo, e que tem visto paizes Estrangeiros, e lido sobre isto alguma coiza ; convem, digo, que qualquer Gramatica de uma lingua, que não é nacional, se-deve explicar na lingua, que um omem sabe. Se V. P. quizese aprender Grego, e para este efeito lhe-desem uma Gramatica toda Grega, e um mestre que somente faláse grego ; poderia, á forsa de acenos, vir a intender alguma palavra mas nam seria posivel, que aprendese Grego : o mesmo sucederia, em qualquer outra lingua estrangeira. e se algum ateimase, que somente daquella sorte, se podia aprender Grego, diriamos, que era louco. Pois suponhaV. P. que estamos no cazo. E' coiza digna de admirasam, que muitos omens deste Reino queiram aprender Francez, Tudesco, Italiano, de uma sorte, e o Latim de outra muito diferente. Aprendem aquelas liuguas com um mestre, que as-fala ambas, e explica a lingua incognita, por-meio daquela que eles conhecem e falam : e com uma só Gramatica se-poem em estado, de intenderem os autores bem, e, junto com o exercicio, de falarem Francez correntemente. E tomára que me-disesem, porque nam se-deve praticar o mesmo, no Latim : e porque razam se-aja de carregar a-memoria dos pobres estudantes, com uma infinidade de versos Latinos, e outras coizas, que nam servem para nada neste mundo ? Chega este prejuizo a tal extremo, que o P. Bento Pereira escreveo uma Ortographia Portugueza, em La-

tim. Desorteque quem não intende Latim, segundo o dito P., nam pode escrever correctamente Portuguez.

Os defensores deste metodo nam alegam outra razam, que serem os verbos, mais faceis de se-conservarem na memoria: e que em todo o tempo, a eles se-pode recorrer, para ter prezentes as regras. Mas esta razam é pueril, e ridicula. Primeiramente se alguma coiza valêse, deveria praticar-se com versos Portuguezes: porque só eses intendem os estudantes. E qual é o estudante que intende, os versos Latinos das-regras principalmente sendo tam embrulhados, como os do-P. Manoel Alvares? O certo é, que proguntando eu a alguns rapazes, a explicasam deles, nenhum ma soube dar. E aisaqui temos, que para os rapazes, nam servem os tais versos. Se pois falamos dos-omens adiantados, estes sabem Latim, polo exercio de ler, escrever, e falar: com que nam tem necesidade, de recorrer a semelhantes regras. E se querem examinar alguma dificuldade de Gramatica, vam consultar os Criticos, que as explicam: nam as simplezes Gramaticas, que nem menos as tocam; e talvez estabelecem principios, contrarios á mesma solusam.

Finalmente a Gramatica Latina para os Portuguezes, deve ser em Portuguez. E isto parece quiz dizer o P. Manoel Alvares, na advertencia que faz aos mestres, no-fim das-declinasoens dos-Verbos aindaque ele pratiácse o contrario. doque aconselha: pois deveria, nam ter dado o exemplo, introduzindo uma Gramatica puramente Latina. A outra coiza que sedeve reprovar é, que obriguem os rapazes, a aprender trez sortes de regras: em versos, em proza Latina, e em proza Vulgar: como adverte bem o dito Padre. Isto, quando nam lhequeíramos dar outro nome, é perder tempo, sem utilidade, e com prejuizo grande: sem aver outra razam, que seguir um costume envelhecido, aindaque prejudicial. Mas o que mais me-admirou n'este particular, e claramente me-mostrou, quanto pode nos-Omens a preocupasam dos-primeiros estudos, foi, ver que o Sargentomôr Manoel Coelho, que parecia ser mais alumiado n'estas materias, pertendendo distinguir-se do-Comum, dando aos principiantes, uma facil explicasam das-*oito partes da orasam;* ainda asim caie na simplicidade, de por primeiro a regra em Latim para um rapaz, que ainda nam tem noticia da dita lingua; mas que aprende os primeiros elementos. Tal é a de um mao costume, que cega ainda aqueles, que querem dezembrulhar-te dele! Esta reflexam é sustancial: mas ainda á outras de maior momento. Entremos bem dentro na Gramatica.

Toda a Gramatica Latina se-reduz a explicar a natureza, e acidentes das-oito vozes que podem entrar na orasam ou discurso: e o modo de as-unir, e compor os periodos. E isto devese fazer com a maior clareza, e mais breves regras, que se puderem excogitar. O que certamente nam se-consegue com a

Gramatica uzual : porque nam á coiza mais confuza, nem mais cheia de excesoens, que a dita Gramatica, como todos vem.

O ESTUDO DA POESIA

A carta que V. P. me mandou nesta semana, deu-me particular consolasam ; porque vi nela a imagem, da-sua soberana prudencia, do-seu criterio exatisimo, e da sua inimitavel ingenuidade. Mas isto é pouco : vi nela executado, tudo o que este genero pode permetir, em materia de Retorica. V. P. quiz dar-me *dois contra :* e mostrar-me, que as minhas reflexoens eram superfluas : pois avia um omem neste mundo, que sabia executar primorosamente, tudo aquilo. Mas diso mesmo me-resulta, grande gloria. Ou V. P. o fez, porque eu lho-avizei ; e neste cazo, que gloria nam será a minha. de ter um dicipulo desta qualidade ? ou o-fez porque asim o intendia, sem que lho-avizáse ; e fico igualmente gloriozo, vendo que as minhas reflexoens se-conformam, com as de uma pesoa, que estimo tanto. Ponho de parte os outros comprimentos, que me-faz : porque nam quero uzurpar, o que nam mereso. O que eu escrevi, nam é meu, mas o que ensináram os omes mais insignes, nesta faculdade : de cuja lisam eu o-tirei, a estes é, que V. P. o-deve agradecer : e a mim, só a boa vontade que tenho, de o-servir.

No-fim da-sua carta, repete V. P. uma circumstancia, que ja me-pedio em outra sua : vem aser, que diga alguma coiza, da-Poezia. Eu me-lembro mui bem, da-sua repetisam : a qual nam deixei por-esquecimento, mas com suma advertencia : vistoque só despois da-Retorica, se deve tratar da-Poezia : a qual nada mais é, que uma Eloquencia mais ornada. Só me-resta uma difficuldade, quero dizer, se poderei eu dezempenhar, o que V. P. me-encomenda. Eu tenho pouca noticia de Poetas Portuguezes : ou nam tenho toda, a que é necesaria, para formar juizo exato deles. Desde que li alguns, os desprezei quasi todos, porque me-nam-agradáram. Contudo lembrando-me, que a medida do verso Portuguez, é a mesma do-Italiano ; que as regras em todo o mundo culto, sam as mesmas : direi alguma coisa que me-ocorre : se errar, deverá desculparme ; lembrando-se que só o faso, para lhe-obedecer.

Digo pois, que o estilo dos Poetas deste seu Reino, e desta sua lingua, pouquissimo me agrada : porque é totalmente contrario, ao que fizeram os melhores modelos da-Antiguidade, e ao que ensina a boa razam. A razam disto é, porque os que semetem a compor, nam sabem que coiza é compor : onde, quando muito sam Versificadores, mas nam Poetas. E disto nam queira V. P. melhor prova que ver, que nenhum até aqui se-rezolveo a escrever, uma boa arte Poetica Portugueza : todos seremedeiam com esta Espanhola que é muito má fazenda. Cer-

to, meu conhecido me-mostrou á tempos, uma manuscrita : mas nada mais era, que um compendio da-dita Espanhola ; em que somente se trata, das-medidas dos-versos, e combinasoens de consoantes : o que está mui longe de se-chamar, arte Poetica, Onde concluo, que ainda nam vi livro Portuguez, que ensináse um omem, a inventar, e julgar bem ; e formar um poema como deve ser. De que nace, que os que querem poetar, o-fazem segundo a forsa da sua imaginasam : e não produzem coiza, digna de se-ver. Com efeito verá V. P. mnitos, que quando escrevem dez versos, lhe-chamam *Decima* : e quando unem quatorze chamam-lhe *Soneto :* e asim das mais composisoens. De sorte que compoem antes de saberem, o que devem dizer, e como o-devem dizer : e quando tem formado uma caraminhola, em trajes de Poezia, ficam mui satisfeitos ; e comesam a dizer mal de tudo o que nam intendem. Destes se-acham, nam duzias, mas centos.

De nam terem profundado a materia, nacem todos os defeitos da Poezia : de que se-acham infinitos na Espanha, e tambem em Portugal. Geralmente intendem, que o-compor bem consiste, em dizer bem sutilezas ; e inventar coizas, que a ninguem occorresem : e com esta ideia produzem partos, verdadeiramente monstruozos ; e que eles mesmos, quando os-examinam sem calor, dezaprovam. Os mestres de Retorica, em cujas escolas é que se faz algum poema, e que deviam ensinar estas coizas ; sam os primeiros que se-calam e deixam fazer, o que cadaum quer. Envergonham-se, de poetar em Portuguez : e tem por pecado mortal, ou coiza pouco decoroza, fazélo na dita lingua. Imaginasoens, e prejuizos ridiculos ! A Poezia nam é peccadora : a aplicasam é a que a-pode fazer condenavel, se nam é reta : e como iso pode suceder tanto na proza, como no-verso ; dai vem, que estes que julgam asim nunca deviam escrever em Portuguez. Em todos os tempos os omens de virtude, se-aplicáram a este oxercicio. Os Santos Padres mais doutos, compuzeram muita coiza em verso. S. Bazilio, S. Gregorio Nazianzeno foram grandes Poetas. O primeiro, compoz expresamente um tratado, no-qual ensinava o modo, de ler os Poetas com utilidade. O segundo, vendo que Juliano Apostata Imperador Romano, proibira aos Cristaons, ler os Poetas Etnicos ; compoz algumas poezias, imitando Omero, Pindaro, Euripes, Menandro & para instrusam da-mocidade Cristan. E isto nam o-fizeram em Persiano, ou Arabio ; mas na sua lingua materna, que era a Grega. O mesmo fez Apolinario Bispo de Laodicea, e alguns outros. S. Inacio de Loyola, e outros modernos tambem fizeram, versos vulgares. Se damos um paso a traz, acharemos, que muitos escritores Sagrados, escreveram em verso. O que é tam claro, que ninguem pode menos que rir-se de ver, que um Portuguez sa-envergonhe, de poetar na-sua lingua, fazendo-o em Latim. Como se na lingua Latina, nam

se-pudesem dizer todas as loucuras, que se-dizem na Portugueza ! De que vem, que, segundo o estilo das-escolas, um Portuguez é obrigado a nam saber, que coiza é Poezia. Alem disto, aquilo que lhe-ensinam de Latim, nada mais é, que a medida de quatro versos , e fazer qualquer compozisam. Desorteque em nenhuma lingua se fazem, as reflexoens necesarias, para ser bom Poeta. Antes praticando-se na Latina, uma sorte de versos feitos á moderna, com muitas sutilezas, e conceitozinhos ; este estilo se-difunde, nas compozisoens portuguezas, com geral dano da Poezia.

PRIMEIRA PARTE

INTRODUCÇÃO Á LITTERATURA PORTUGUEZA

I

LITTERATURA ORIENTAL

O oriente

23. Os trabalhos modernos induzem-nos a crer na influencia reciproca das antigas litteraturas do oriente e do occidente, especialmente entre a India, o Egypto e a Grecia, e ainda agora muitos contos populares e tradições da Europa estão denunciando vestigios das idéas poetico-mythologicas das raças que povoaram o oriente. Porisso não será ocioso recordar os differentes povos que, nas epocas remotas, communicaram ao occidente por successivas migrações, pelo contacto ou por influição moral, alguns elementos da sua mais ou menos perfeita civilisação.

Esses povos são os Indos, Assyrios, Egypcios, Chinezes, Persas e Judeus, dos quaes daremos aqui breve noticia a titulo de simples informação litteraria.

Nota.— Para a comprehensão dos phenomenos da lingua e da litteratura portugueza não é de somenos importancia o estudo das linguas e litteraturas orientaes e principalmente da civilisação indiana, desde que se descobriu que o portuguez pertence á familia das linguas indo-europêas e que as litteraturas europêas, nomeadamente a grega, foram influenciadas pela indiana. Seja qual fôr a opinião ácerca do berço ou primitivo foco de civilisação aryana (a Asia, como querem Pictet e Max Müller, ou a Europa, como pretendem Benfey, Th. Poesche, Whitney e Schrader), é certo que existiram na antiguidade relações entre o oriente e o occidente, e que essas relações de caracter politico e commercial foram acompanhadas de outras relações de ordem moral, como fatalmente havia de succeder. O cerco de Troia, se existiu, estabeleceria uma ligação directa entre a Europa e a Asia, e as conquistas de Alexandre Magno levariam á India algumas das ricas fórmas litterarias da Grecia. Alguns dos mais notaveis indianistas indicam (diz o sr. F. A. Coelho) a influencia exercida por a litteratura grega sobre as litteraturas orientaes, e especialmente sobre a da India, na epopêa e sobretudo no drama e na litteratura grammatical.

Effectivamente, são profundas as analogias entre as creações poeticas indianas e as gregas. Um dos episodios mais tocantes do poema epico *Mahabharata* é o rapto de Dropali, que faz lembrar a Helena de Homero; a metempsycose indiana do Mahabharata encontra-se na philosophia grega; a serpente Nahoucha, especie de Esphinge, recorda Edipo que responde ás perguntas, e pelo seu orgulho convertida em reptil faz lembrar Satanaz. A vista de um justo restitue Nahoucha á forma natural como a vinda de Christo remiu a humanidade, e a presença de Hercules libertou Prometheu. No outro poema, o *Ramayana*, Rama é valente como Achilles, deus e descendente de deuses, como os heroes de Homero e de Virgilio, e como Hercules luta com os monstros e gigantes; tem a força de Sansão, e tal qual um heroe da Tavola-redonda briga com os genios maus e conquista um logar na hierarchia celeste. Semelhante a Orpheu desloca as montanhas e faz dançar as arvores da floresta, e á maneira de Merlim um padre indiano faz encantamentos. Valmiki, que é poeta e heroe apresenta-se inspirado por Deus, como David, Salomão e Moysés.

Estas analogias mostram a solidariedade e a collaboração do mesmo espirito aryano nos trabalhos mais importantes da humanidade, e a diffusão da mesma potencia creadora nas litteraturas europêas e asiaticas.

Na hypothese da origem asiatica dos aryas, diversas tribus fugindo as perseguições religiosas e politicas vieram á Europa pelos lados do sul, colonisaram a Asia menor, estabeleceram-se no Egypto e ramificaram-se pela Grecia e Italia; taes são

os pelasgos. Outras tribus tomando a direcção norte sob o commando do legendario Odin passaram a Russia e vieram occupar as Gallias, a Germania e a Scandinavia ; foram estes os que no seculo V retalharam o imperio romano e foram designados pelo uome generico de barbaros do norte. Estas migrações e estes factos explicam a communidade de muitas crenças populares e de muitos costumes entre os povos europeus e asiaticos, crenças e costumes que a *mythographia* vae coordenando pacientemente para com o auxilio da grammatica comparada explicar muitos phenomenos ainda hoje escuros.

O estabelecimento das colonias europêas no extremo oriente, a facilidade das modernas communicações, os trabalhos dos orientalistas, o conhecimento do sãoskrito, dos dialectos prâkriticos e das linguas dravidianas ou tamulicas, a confrontação dos poemas e contos europeus medievaes de creação popular com a traducção das collecções indianas, tem feito recuar para remotissimos seculos as origeus historicas da civilisação, ao passo que fornecem elementos de alta importancia para o conhecimento mais perfeito das linguas e litteraturas modernas.

Indos

24. *Caracter litterario.* A litteratura da India, na opinião de Hegel, é vaga, monotona, falta de proporção e unidade. A imaginação paira n'um estranho mundo de figuras grotescas e extravagantes, ora sublimes ora risiveis. N'aquella extranha confusão do finito com o infinito o bom senso poetico e o espirito positivo desapparecem. O espirito erra sem norte nem apoio entre o idealismo requintado e o materialismo grosseiro. Nenhum accordo entre a idéa e a realidade como se observa no affamado drama de Sakuntala, no qual os personagens saem do mundo real para se perderem no ar transparente e vago dos ceus de Incra. A abstracção domina a realidade, e a grandeza das fórmas escurece o explendor da idéa. E' por isso que no exaggerado culto da natureza a mythologia indiana não possue a graça, a vivacidade e a facil comprehensão da mythologia grega.

A lingua. A lingua em que se encontram os mais antigos monumentos indianos é o *sãoskrito*, que pertence ao grupo indo-europeu, como o grego, o la-

tim, o zend, o armenio e as linguas celticas. O sãoskrito era a lingua sabia ou perfeita dos aryas, ao contrario do *prâkrito* que designa os dialectos vulgares fallados no Hindustão. Dos dialectos prâkritos (naturaes, não aperfeiçoados) o mais celebre é o *pali* que foi a lingua sabia do budhismo.

E' preciso ainda distinguir o sãoskrito *vedico*, ou rudimentar, do sãoskrito *classico* em que foram escriptas as epopêas ; e o sãoskrito classico, dos dialectos modernos que d'elle provieram, como são o bengali, o makrata e o sindhi. Estudaram estas linguas os celebres orientalistas Weber, Bopp, Benfey, Schlegel, Pictet, Burnouf, Jacolliot, Correzio, Wilson, Whitney, James Darmesteter, Bergaine, Barth, Colebrooke, **etc.**

As investigações linguisticas ainda não reconstruiram o typo commum provavel donde procedeu o sãoskrito com as linguas suas irmãs, mas sabe-se que os aryas escreveram n'elle os seus monumentos com *estylos* ou ponteiros de ferro em folhas de palmeira chamadas *ollas*, e das quaes muitas se perderam e outras (as que dizem respeito á religião) se conservam escrupulosamente guardadas nos pagodes ou templos hindustanicos.

Monumentos litterarios. Os mais notaveis monumentos litterarios da India antiga são as obras poetico-religiosas, que reduziremos a tres grupos, correspondentes aos tres periodos litterarios — *vedico* ou rudimentar, *classico* ou heroico, e *puranico* ou da decadencia.

Pertencem ao periodo vedico os quatros *Vedas* e as *leis de Manu;* ao periodo classico os poemas *Mahabharata* e *Ramayana;* e ao periodo da decadencia os *Puranas.*

Nota. — *Periodo vedico.* Os *Vedas* são ao mesmo tempo livros poeticos, religiosos e philosophicos, e comprehendem doutrinas ácerca de Deus, da creação e da alma. Segundo as apreciações modernas de Withney, Bergaigne, Darmetester e Barth, os Vedas não tem o cunho popular e representam a

poesia artificial dos sacerdotes, mais moderna do que a principio se imaginou.

Repartem-se em quatro livros, que são:

1. *Rig-Veda*, monumento antiquissimo, collecção de hymnos e preces em verso e em prosa.

2. *Ydjur-Veda*, livro de orações em verso e em prosa vulgarisado por Vêzampâvana.

3. *Sama-Veda*, livro de orações em verso organisadas para serem recitadas durante os sacrificios. Este livro foi divulgado por Djaimini.

4. *Atharva-Veda*, compilação de formulas de consagração, expiação e imprecação, cura de doenças e esconjuros, propagadas por Soumantou.

Estes livros foram, ao que se diz, colligidos e coordenados quatro seculos antes de J. C. pelo famoso Veda-Vyâsa que os escreveu em ollas. Relacionam-se com elles os *Brahamanas*, e os *Sutras* que encerram formulas lithurgicas, explicações religiosas e commentarios dos Vedas.

Os Vedas são explicados por tres systemas. O primeiro anda exarado no *Mimansa* de Djaimini e no *Vedanta* attribuido a Vyâsa e explica os quatros livros conformando-se com a sua doutrina; o segundo é racionalista e regeita a auctoridade divina dos Vedas e a divisão das castas—é o Budhismo fundado na India 600 annos antes de J. C. por Çakia Buda (o sabio) que é o Luthero do oriente; o terceiro é em parte orthodoxo como o segundo e comprehende o *Sankya*, obra de Kapila, o Pythagoras do oriente, e o *Nyaya*, todo dialectico attribuido a Gotama que viveu 400 annos antes de J. C.

As leis de Manu ou Manava-d'arma-çastra, pertencem ao periodo vedico e são attribuidas a um legislador que seria o Menés do Egypto ou o Minos da Grecia antiga Alguns escriptores fixam a época provavel de Manu doze seculos antes de J. C. O codigo actual não é a collecção completa das leis primitivas, mas um resumo feito pelos brahmanes em epoca muito posterior. Comprehende preceitos politicos, religiosos, criminaes e administrativos e, como os Vedas, é conservado como livro sagrado nos templos do Hindustão. Esta collecção tem tido innumeros commentarios.

Periodo classico. Este periodo comprehende, como dissemos, as duas epopêas Mahabharata e Ramayana.

O *Mahabharata* é um poema primitivamente formado de 25:000 *çlocas* (disticos); ainda hoje consta de mais de 200 mil versos. Attribue-se a Vyâsa que deu aos Puranas fórma nova e compillou os Vedas. E' provavel que a grandiosa epopêa seja obra de muitos poetas e de muitas edades, que lentamente foram aggregando novos episodios ao nucleo primitivo. O assumpto é a luta entre os Barathidas e Pandavas disputando a posse do Hindustão. E' a epopêa do antropomorphismo,

poema deslumbrante que expõe a historia nebulosa da India, a sua mythologia panteista, os elementos e forças da natureza, os dogmas, as leis e as divindades de toda a especie, que se transformam successivamente e descem do ceu á voz de um pobre ermita. Mil figuras extravagantes giram em torno dos heroes de Kuruxetra n'uma guerra mystica, descommunal e vaporosa.

Um dos episodios mais formosos d'esta epopêa é a viagem de Ardschuna ao ceu de Incra e as suas conferencias com o deus Khrishna (*Bhagavad-Gita*).

O *Ramayana* é uma epopêa de 40 mil versos, de remotissima antiguidade; attribue-se a Valmiki (nome legendario, como o de Vyâsa). O assumpto é a conquista de Ceylão (Lanka) pelo divino Rama. O poema foi escripto para instrucção dos filhos de Rama (Kouça e Lava).

Pertence pelas interminaveis aventuras que relata e pela magestade do heroe — typo de bravura e de justiça como Achilles, filho de reis como Ullysses, egual aos deuses e elle mesmo deus como Vichnou — á classe dos poemas heroicos e nacionaes, como a Iliada, os Romanceiros, os Eddas, os Sagas, os Niebelungen, e pelo seu caracter religioso tem sido invocado nos juramentos, como a Biblia, o Evangelho e o Alkorão.

Os mais tocantes episodios do Ramayana foram dramatisados pelos poetas indianos, como fizeram os dramaturgos grecolatinos ás cosmogonias de Hesiodo e aos poemas homericos.

Periodo puranico. Os *Puranas* são poemas mythologicos representativos da ultima phase da religião brahmica. Constam de 800 mil versos e formam uma curiosa collecção de lendas primitivas sobre a creação, destruição e renovação dos mundos, genealogias dos deuses e dos homens, dos differentes Manus ou legisladores, historia dos heroes, etc. Esta collecção compõe-se de 18 poemas e foi organisada no seculo nono por pessoa que tomou o nome tradicional de Vyâsa; é obra utilissima para o estudo da religião, da ethnographia e da historia indiana. Assim como os poetas Eschylo e Sophocles, Dante, Goèthe e Shakespeare procuraram nas lendas antigas o assumpto para as suas creações, tambem os modernos dramaturgos da India exploraram as lendas antigas dos Puranas e das epopêas.

A antiga vitalidade indiana não se esgotou nos monumentos de caracter sacerdotal; os orientalistas tem revelado á Europa os thesouros prodigiosos da imaginação dos indos, especialmente na poesia. Philibert Soupé no seu *Ensaio critico da litteratura indiana*, publicado em 1856, estuda as phases modernas por que tem passado a litteratura d'aquelle povo e demonstra não só a correspondencia das crenças poeticas entre os gregos e os indos, mas a excellencia destes ultimos nalguns generos. Antes de Aristoteles, já a India possuia as logicas de Gotama e Kapila. Suppõe-se que Pythagoras nas suas viagens

ao oriente teria occasião de imitar e estudar as theorias indianas. Os seus tratados de grammatica, de rhetorica, de lexiographia e de poetica são numerosos, e desde tempos remotos se reconhece nos trabalhos intellectuaes da India essa alliança do sentimento poetico e da erudição laboriosa que mais tarde caracterisou o espirito culto dos gregos e dos allemães.

Assyrios

25. Os caldeus, babylonios e assyrios são o mesmo povo com tres nomes differentes relativos aos tres centros politicos — Ninive, Caldêa e Babylonia. Berosio, historiador caldeu, insinua que este povo é um ramo dos aryas. Teve uma importante litteratura grammatical e servia-se dos caracteres cuneiformes, estampando as letras em tejolos cosidos.

Cultivaram á architectura construindo famosos jardins, pontes, abobadas e cupulas; foram insignes na esculptura, particularmente no baixo relevo, estudaram a geometria e a astronomia, dividiram a circumferencia em 365 graus, fizeram o primeiro calculo da duração do anno, e são conhecidos pela profunda sciencia dos seus sacerdotes que, á semelhança dos padres do Egypto e dos brahmanes do Hindustão, eram os depositarios de sciencia divina. Os astrologos phenicios eram muito procurados em Roma nos ultimos tempos do imperio. Sanchoniaton, de Tyro, foi o mais celebre historiador da Phenicia moderna. Quanto á litteratura parece que os assyrios tiveram uma epopéa de que fazia parte a lenda de Semiramis, esposa de Nino, cercando de altas muralhas a Babylonia, construindo jardins suspensos e tranformando-se depois em pomba quando entregou o poder a seu filho. Os investigadores parece terem encontrado nos vestigios da escriptura cuneiforme assyria hymnos religiosos, receitas e formulas de magia e feiticeria.

Egypcios

26. A' semelhança do que succedia na Persia, na

Caldêa e na India os sacerdotes do Egypto são os depositarios da sciencia, cujos dogmas escreveram em caracteres convencionaes chamados *hyeroglifos*, que eram figuras gravadas ou insculpidas em pedra designativas dos objectos. Essa linguagem está hoje decifrada; Champollion desenhou e divulgou muitas inscripções das pyramides e de outros monumentos do Egypto.

Como os demais povos pantheistas, personificaram e divinisaram as forças da natureza. Osiris é o principio da luz e Isis é o principio da treva; Thyphão é o principio do mal e uniu-se a Nephty (a perfeição); d'este conubio proveio ao mundo a mistura do mal e do bem. Este povo que foi notavel nos conhecimentos phisico naturaes, deu á architectura um caracter collossal e gigantesco, como attestam os seus monumentos funerarios e os obeliscos respeitados pelo tempo; as suas estatuas são grandiosas, mas faltas de vida. O Egypto no tempo dos Ptolomeus foi o emporio das letras gregas. A rica bibliotheca de Alexandria, devorada por um incendio, foi o repositorio de todos os conhecimentos accumulados até áquella epoca.

Dos monumentos litterarios do Egypto restam fragmentos em muitos generos: rituaes, hymnos, contos, por exemplo os *contos dos dois irmãos* e o do *principe predestinado*, obras de geometria, medicina e astronomia, chronicas, por exemplo, o papyro de Turim que encerra uma lista dos reis com a duração dos reinados, tratados de moral e exercicios litterarios de declamação, sendo muito notavel o chamado *Livro dos mortos*, um ritual funerario que expõe as principaes doutrinas philosoficas e religiosas da civilisação pharaonica. N'esse ritual é curiosa a parte que Champollion chama confissão negativa e outros apologia e na qual o morto diz: Não blasfemei, não menti, não feri, não disse mal, dei de comer a quem tinha fome, dei de beber a quem tinha sede, vesti os nus, etc.»

Chinezes

27. Como todos os povos do oriente, os chinezes cultivam as sciencias naturaes e possuem monumentos de historia, de rhetorica e de poesia. Conservam a lingua no estado de monosyllabismo, e além das obras philosophicas e de grande numero de peças dramaticas, guardam como monumento de alto valor o *Livro das Odes*, que é uma collecção official de cantos tradicionaes. A sua litteratura é essencialmente historica, o seu primeiro livro é o *Chau-li*, codigo dos chaus redigido por Chau-Kum no seculo XII a. Chr.

A sua doutrina historico-religiosa encontra-se exarada no *Livro das mudanças* por Wan-Wang (seculo XII antes de J. C.), no *Chou-King*, no importantissimo livro das *Odes*, que encerra uma vasta collecção de lendas indigenas, nos *Annaes* da primavera e do outomno, no *Livro dos ritos* de Confucio e nos *Quatro livros* de Confucio e Mencio. Estes e Lao-Tzeu (seculo VI ant. de Chr.) são os seus melhores philosophos. A India exerceu na China uma influencia directa e profunda.

Persas

28. Os principaes monumentos dos Persas alêm das inscripções epigraphicas em caracteres persas cuneiformes, lavradas nas rochas como a de Behistun, são o *Zend-Avesta*, que expõe a doutrina de Zoroastro reformador do brahmismo, e o *Shãh-nameh* (livro dos reis) chronica ou poema epico do poeta Firduzi (seculo XII) que recompilou as tradições nacionaes; consta de 60:000 versos.

O mais querido dos poetas persas modernos é Hafiz o cantor da belleza, dos prazeres e do amor; pela graça dos seus poemas deram-lhe o nome de Anachreonte persa. Saadi é tambem muito estimado.

Zoroastro é o fundador do fetichismo persa. Diz-

se que fôra elle o chefe da colonia aryana que veio estabelecer-se na Persia. Na sua theoria, Ormud é a luz (principio do bem) e Ahriman a treva (principio do mal). O Zend é uma variante dos Vedas, e como na Caldêa e no Egypto, a trindade aryana apparece na Persia. Depois do dominio arabe na Persia o poder dos magos desfalece e um sopro de civilisação atravessa o Iran. E' d'aqui que datam as brilhantes composições modernas: fabulas, poesias lyricas, mysterios, alegorias e outras fórmas que esmaltam essa litteratura oriental.

Judeus

29. O mais precioso monumento judaico é o *Antigo Testamento*, collecção de obras poeticas, doutrinaes, historicas e religiosas.

O Cantico dos canticos attribuido a Salomão, os Psalmos de David e os Threnos de Job são os documentos poeticos de mais valor. *Flavio Josepho* (historiador judeu) merece ser consultado por quem desejar conhecer as antiguidades hebraicas.

Ao lado dos arabes os judeus peninsulares poderam impressionar a nossa imaginação pelo canto lithurgico dos seus livros sagrados, e por esse mysticismo religioso que ainda hoje predomina nos escriptores inglezes e allemães que tem a Biblia pelo mais sublime dos livros. E' dos judeus o systema musical das notas rabbinicas, e grande numero de palavras e locuções da lingua portugueza, por exemplo: *sabbado*; *muito, muito*, por *muitissimo*; *vento de Deus* por *vento fortissimo (spiritus Dei ferebatur super aquas)*.

Nota. — A litteratura hebraica é no seu genero tão classica como a grega e a latina. Não é somente sob o ponto de vista litterario que merecem attenção os seus monumentos; o seu estudo é proveitoso pela influencia que exerceram nas litteraturas modernas. Os criticos mais severos não reputam a litteratura hebraica inferior a qualquer outra. São modelos de inspiração religiosa e sabedoria, o Pentateuco, Josué, juizes e

Ruth, os 4 livros dos Reis, Paralipomenos, Esdras, Tobias, Judith, Esther, Job, os Psalmos, Proverbios, Ecclesiastés, o Cantico dos canticos, Sapiencia, Ecclesiastico, Prophetas maiores e menores e os 4 livros de Machabeu.

II

LITTERATURA GREGA

Caracter

30. De todas as litteraturas antigas a grega é aquella que maior influencia exerceu nas litteraturas posteriores, impondo-se á admiração geral pela originalidade, inspiração e riqueza de fórmas.

Povos indo-europeus, os gregos collocados em communicação com o oriente, e designadamente com os phenicios e egypcios, apropriaram-se de elementos de civilisação externa e de elementos proprios.

Amestrados nas longas viagens e dispondo de uma organisação social e religiosa bem definida, os gregos chegaram no decurso dos tempos, aproveitando as condições do meio, do clima e da posição geographica, a dar unidade e relevo litterario ás mais formosas concepções, que elles souberam extrahir d'estes dois principios fundamentaes da sua arte e da sua philosophia: — *culto da natureza* e *divinisação das forças naturaes*.

A litteratura grega teve a grande vantagem de ser servida por uma lingua que dispunha de vastas riquezas grammaticaes reveladas nos seguintes dialectos:

a) *dialecto jonico*, falado na Asia menor, na Attica e ilhas jonias. E' o que primeiro se desenvolveu, e

pode scindir-se em tres: o *jonico antigo* em que foram escriptos os poemas de Homero e Hesiodo; o *neo-jonico* em que escreveu Herodoto; e o *attico*, sabia combinação do antigo jonico com o dialecto attico, predominando este nas obras dos historiadores Thucydides e Xenophonte, dos oradores Lysias, Demosthenes e Eschines, dos philosophos Platão e Aristoteles, dos tragicos Eschylo, Sophocles e Euripedes, do comico Aristophanes e de Luciano.

b) *dialecto eolico*, falado na Beocia, na Thessalia e na grande Grecia. Alceu e Sapho escreveram n'este dialecto.

c) *dialecto dorico*, falado no Peleponeso, em Creta e nas colonias doricas (Sicilia e Italia). As odes de Pindaro e a bucolica de Theocrito foram escriptas neste dialecto. Mas o dialecto que preponderava ainda depois da perda da independencia de Athenas era o attico.

Periodos da litteratura grega

31. A historia da litteratura hellenica reparte-se em seis periodos, correspondentes aos diversos centros de actividade litteraria:

1.º *Mythico* ou ante-historico, cujo foco litterario é o norte da Grecia (regiões da Thracia, Thessalia e Beocia), vae desde a epoca incerta do estabelecimento dos pelasgos na Grecia até á formação das epopêas homericas (cerca de 1:000 annos antes de Christo).

2.º *Heroico* ou formativo da epopêa e da poesia didactica, com o centro litterario na Asia menor, vae até á legislação de Solon (594 a. de Chr.)

3.º *Atheniense*, cujo centro litterario é Athenas, vae até Alexandre Magno (336 a. Chr.)

4.º *Alexandrino*, que tem por foco litterario a cidade de Alexandria no Egypto, estende-se até á destruição de Corintho (146 a. Chr.)

5.º *Greco-latino*, cujo centro é Roma, vae até Constantino Magno (306 depois de Chr.)

6.° *Bysantino* que vae até á queda do imperio romano do Oriente (1453) e tem por centro litterario Constantinopla ou Bysancio.

PRIMEIRO PERIODO

(.... — 1:000 a. Chr.)

Aedos mythicos e heroicos

32. Não existem documentos litterarios d'esta primeira edade, cujos limites não podem ser fixados, mas crê-se que a poesia lyrico-sacerdotal fôra a primeira fórma litteraria dos gregos. A antiguidade transmittiu-nos os nomes de alguns poetas mythicos educados nas escolas poeticas que existiam junto dos templos para accudir ás necessidades officiaes do culto religioso.

Taes são os aedos mythicos: *Eumolpo*, poeta thracio ligado ao culto de Ceres na Eleusis; *Orpheu*, tambem thracio, do culto de Baccho; *Oleno*, lycio ligado ao culto de Apolo; *Museu*, discipulo de Orpheu e um dos Eumolpidas do culto de Demeter.

Estes nomes mais parecem designar classes de individuos ou escolas de poesia e canto do que individualidades poeticas. Assim Eumolpo significa *bello cantor*, e Museu significa *inspirado das musas*.

Ao lado dos *aedos mythicos* cujos cantos hieraticos exalçam a divindade e fazem parte do culto, apparecem os *aedos heroicos* que entoam cantos epicos e os divulgam interessando o espirito publico e a curiosidade dos ouvintes com a narrativa dos feitos nacionaes. São, por exemplo, *Thamyris*, *Phenio* e *Demodoco*.

SEGUNDO PERIODO

(1:000 — 594 a. Chr.)

Apparecimento da epopêa e da poesia didactica

33. Este periodo é caracterisado pela indole humana e pessoal que assume a poesia lyrica e pelo desenvolvimento da poesia epica, didactica, elegiaca e epigrammatica, desenvolvimento provocado pelo interesse das tradições das familias illustres, pela impressão dos factos mais ou menos historicos que se ligam ao cerco de Troia e pela organisação social. A communicação da Grecia com os paizes asiasticos, a consciencia dos seus destinos, e por fim a disciplina dos costumes pela legislação de Solon, fizeram entrar a civilisação hellenica n'um periodo de vida historica, donde sahiu a epopêa representada por Homero, a didactica por Hesiodo, e o lyrismo de caracter pessoal e subjetivo por Archiloco, Callino, Tyrteu, Mimnermo, Hipponax e Solon.

34. *Homer*o. Fixada a lingua que o periodo seguinte terá de polir, apparecem na Jonia grupos de *aedos* e *rhapsodos* que espalham por toda a parte as lendas heroicas dos feitos nacionaes, cujo ponto de partida é o cerco de Troia. Os *aedos* compunham e divulgavam os cantos epicos em quanto os *rhapsodos* apenas cantavam composições alheias ou as accomodavam ás differentes situações. Dos aedos destacou a antiguidade o vulto legendario de Homero, cuja existencia real ou fabulosa é fixada mil annos antes de Christo. Crê-se que os poemas atribuidos a Homero andaram por muito tempo fragmentados na tradição oral, formando uma serie de cantos episodicos designados pelos nomes de Doloneida, a Peste, a Em-

baixada, o Fabrico das armas de Achilles, e que Pesistrato os collecionára ligando-os e dando-lhes a unidade que hoje tem. A verdade é que Homero pertence ao grupo dos poetas heroicos da Jonia que souberam condensar em vastas epopêas o espirito nacional grego e deram organisação epica ás lendas eolicas e achaicas.

As obras attribuidas a Homero são:

A *Iliada*, epopêa nacional que celebra o valor de Achilles e dos outros capitães gregos no cerco de Troia, em metro hexametro. Aristarcho, celebre critico alexandrino, dividiu o poema em 24 cantos ou rhapsodias.

A *Odyssêa*, chronica em verso hexametro baseada no antigo conto da fidelidade conjugal. Neste poema tambem repartido em rhapsodias por Aristarcho, narram-se os trabalhos e errores de Ulysses na sua volta de Troia para Itaca depois do cerco de Troia. É muito inferior á Iliada.

Uma collecção de *trinta e tres hymnos*.

A Batrachomyomachia (combate das rãs e dos ratos), poema heroi-comico tambem attribuido a um poeta de Halicarnasso. É uma parodia da *Iliada* em 204 versos. Leopardi entende que não é anterior ao 3.º seculo a. de Chr.

35. *Poetas cyclicos*. Depois de Homero apparecem na Jonia, imitando-lhe o estylo e a structura epica, grande numero de poetas que tentam ampliar a obra do mestre, cantando os successos que precederam e seguiram a guerra de Troia, servindo-se do metro hexametro, e precedendo e terminando a narrativa heroica de phrases musicaes e preludios entoados na phormix, que era uma especie de cithara. Esses poetas cyclicos, ou cantores heroicos, mais nomeados são Stasino, Arctino e Lesches.

Nota. — Nas compilações anonymas attribuidas a Plutarcho e a Herodoto vem todas as ficções de que a lenda pa-

triotica envolveu o divino aedo, pobre e cego, errando de porta em porta. Sagundo essa lenda sete cidades disputaram a honra de terem sido a patria de Homero.

No seculo XVII os francezes Hedelin d'Aubignac, Perrault e o inglez Wood sustentaram que Homero nunca existira. A mesma opinião seguiu Vico, o celebre historiador e critico napolitano para o qual Homero nãc passa de um mytho, e os seus poemas, de creações anonymas ou cantos nacionaes. O allemão Wolf, professor em Halle e Berlim, sustentou no presente seculo que os poemas homericos não tinham sido escriptos primitivamente porque a escripta não existia na epoca provavel da sua composição, sendo depois arranjados e dispostos esses cantos pelos diaskevastas no tempo de Pesistrato. Homero — accrescenta — é o maior dos poetas porque não é um homem, mas sim uma nação, é o epilogo dos conhecimentos e sentimentos de muitas gerações. A opinião mais geral é que a *Iliada* pertence a uma epoca muito anterior á da *Odyssea* e que nenhuma das duas epopêas é obra de um só auctor.

36. *Hesiodo.* A existencia deste poeta tambem é duvidosa, mas sabe-se que as obras que lhe são attribuidas pertencem a uma epoca posterior á da Iliada e que nellas já transluz o espirito individualista e pratico. Hesiodo é o iniciador da poesia didactica e doutrinaria. Atribuiram-lhe:

Os trabalhos e os dias (erga kai emerai), obra de agricultura e moral que foi imitada por Virgilio nas Georgicas.

A *Theogonia*, poema explicativo das origens do mundo e dos deuses. Ovidio imitou-o nas Metamorphoses.

O *Escudo de Hercules*, descripção minuciosa e technica da armadura do valoroso heroe, a proposito da lucta de Hercules com Cycno.

As obras hesiodicas escriptas no tom e metro epico são ainda calcadas sobre materia mythica e tradicional, mas já denunciam intenções individuaes e praticas.

Nos *Trabalhos e os dias*, obra escripta a proposito do processo movido contra seu irmão Perses que lhe queria usurpar a herança paterna, diz-lhe Hesiodo os trabalhos em que deve empregar-se. A *Theogonia* em

que tudo sae da origem commum, o chaos, é obra de muitos auctores, segundo a opinião dos criticos.

Poesia lyrica

37. A poesia didactica foi o primeiro passo para a poesia subjectiva que se desenvolve extraordinariamente no começo das Olympiadas, principalmente depois do seculo VII a. Chr. com a queda das soberanias realengas. A liberdade do cidadão grego, a fixação definitiva da vida historica e o termo da elaboração epica, explicam o apparecimento de novas fórmas lyricas que substituem o hexametro, merecendo especial menção a *elegia* e o *jambo*, fórmas creadas pelo espirito jonio e que marcam a transição da epopêa para a lyrica propriamente dicta.

A *elegia* começou por combinar os versos pentametros com o hexametro tradicional da epopêa e apropriou os mais variados assumptos. Era guerreira, politica, erotica, gnomica, funebre, sympotica, etc.

O *jambo* compunha-se de rythmos throcaicos em que a arsis (elevação da voz) é egual á thesis (abaixamento). O assumpto é intencionalmente satyrico. Primitivamente era uma especie de farça cultual usada nas festas de Demeter.

A *parodia* e o *choliambo* (jambo coxo) são fórmas do genero. O *epigramma* que a principio era uma inscripção foi mais tarde uma especie de satyra com a fórma rythmica da elegia.

38. Os lyricos d'esta edade podem classificar-se em *elegiacos*, *jambicos*, *gnomicos* e *melicos*.

São elegiacos:

Callino d'Epheso que cultivou a elegia guerreira e politica. Das suas obras que representam a phase mais antiga da elegia grega, restam pequenos fragmentos.

Tyrteu d'Athenas (?) mestre de uma escola poetica. Foi pelos athenienses mandado por escarneo aos es-

partanos que pediam um general. Cultivou a elegia guerreira e politica.

Mimnermo de Colophonia é um escriptor melancholico. A sua paixão pela flautista Nanno inspira toda a sua obra poetica.

Cultivam o jambo:

Archiloco de Paros que fez do jambo hieratico um genero litterario, tornando-o em satyra pessoal; cultivou a elegia guerreira e erotica.

Simonides de Amorgos contemporaneo de Callino; cultivou a satyra moral. Restam das suas obras dois fragmentos de um poema satyrisando as mulheres.

Hypponax d'Epheso contemporaneo de Dario Hystaspés, poeta de uma fealdade rara. Serviu-se dos versos choliambicos e das expressões mais grosseiras para ridiculisar os vicios do seu tempo.

São poetas gnomicos:

Solon de Athenas, um dos sete sabios da Grecia, legislador e poeta moralista. Os seus gnomas ou maximas accusam a consciencia social do dever e a existencia de ideas moraes já definidas.

Theognis de Megara foi um poeta gnomico do seculo VI a. Chr., dos mais notaveis. Empregou sempre o metro elegiaco.

São poetas melicos, isto é, ligam a poesia á musica, fundindo-as completamente, os poetas dythirambicos:

Arion e *Lasso* que deram grande impulso ao dythirambo hieratico, inventando novas combinações orchestraes e coricas e preparando assim a apparição de um novo genero — o dramatico.

Alceu e *Sapho*, poetas eolicos, aquelle de Mytilene, notavel pelos seus cantos politicos e sympoticos, e esta de Mytilene ou d'Ereso, celebre pela elevação moral das suas odes.

Nota. No periodo immediato se ligarão estes nomes aos demais cultores da melica, por ventura a mais interessante especie da poesia dos gregos.

39. Ao findar a elaboração epica e começando a vida historica dos povos gregos a prosa, que é a linguagem propria da reflexão, começa a fixar pela escripta as tradições nacionaes e as ideas philosophicas dominantes.

Os primeiros monumentos de que ha memoria devem-se aos seguintes escriptores que a antiguidade designa pelo nome generico de *logographos :*

Cultivam a philosophia :

Pherecides de Syros que é tido pelo primeiro prosador grego, e escreveu uma *Theogonia* em aphorismos. Possue o tom inspirado de um poeta ; falta-lhe só o rythmo epico.

Thales de Mileto e os seus discipulos da Jonia fundam a philosophia empirica.

Pythagoras dedica-se ás mathematicas e inventa sobre essas bases um systema idealista.

Cultivam a historia :

Cadmo de Mileto o primeiro historiador grego, ao qual se attribue a *Historia da fundação de Mileto*, hoje perdida.

Hecateu de Mileto auctor da obra a *Volta do Mundo*, de que restam fragmentos, trabalho que reune as investigações d'este escriptor durante as suas viagens. Foi completado e emendado por elle o mappa mundi desenhado por Anaximandro continuador dos trabalhos de Thales. Hecateu tornou-se notavel na revolta das cidades jonicas contra Dario em 503.

TERCEIRO PERIODO

(594 — 336 a. Chr.)

Seculo de Pericles

40. A protecção dada ás letras por Pesistrato, as luctas da independencia contra os persas, o governo de Pericles, em cuja epoca a litteratura adquire a maxima vitalidade, o impulso recebido do periodo anterior, taes são os factores do movimento litterario que nesta epoca abrange todas as fórmas cultas — a poesia, o theatro, a historia, a eloquencia, as bellas artes e a philosophia. Tal é o caracter d'esta edade que é a mais brilhante do genio hellenico, e tem por centro a cidade de Athenas que toma emfim a direcção intellectual de toda a Grecia.

Poesia melica

41. Ao passo que a poesia gnomica ou philosophica, cultivada por Solon, por Empedocles e por Esopo, que a reduz a pequenos contos moraes ou apologos, chega ao seu maior explendor, revelando uma tendencia pratica que bem cedo se annunciou nas obras de Hesiodo, e a existencia de principios moraes bem assentes, a lyrica, e principalmente a poesia melica desenvolve-se largamente e attinge a perfeição, como vemos nos fragmentos que ficaram das obras de Anachreonte, Simonides e Pindaro, poetas que viveram no tempo da guerra persica (depois de Pesistrato).

A *poesia melica*, que se distingue das outras especies lyricas pela fusão intima e completa com a musica, ao contrario da lyrica propriamente dicta que somente era annunciada ou recitada ao som dos instrumentos, divide-se em melica *eolica*, *dorica* e *uni-*

versal, correspondendo as duas primeiras phases aos dois ramos hellenicos que a cultivaram, e a terceira á fusão desses dois povos sob a hegemonia de Athenas. A primeira é de structura mais simples, as estrophes são curtas e uniformes. A dorica é mais complicada, introduz coros, marchas e danças, cujos movimentos são indicados pela variedade das fórmas estrophicas. A eolica é mais pessoal e humana, a dorica mais social e religiosa. Quando se fundem, a melica abrange os interesses geraes e individuaes, as tradições do passado e as esperanças do futuro, o louvor dos heroes e as alegrias do presente, n'uma vasta riqueza de fórmas lyricas.

As principaes fórmas da poesia melica, algumas das quaes são communs á poesia mythica são: o *lino*, canto de dor entoado para exprimir a morte da vegetação no estio; o *pean* canto em honra de Apollo; o *threno*, poesia funebre e laudatoria cantada juncto do leito de um morto; o *hymeneu*, canto de bodas; *hymno*, canto em louvor de um deus; *nomos*, antigos cantos simples acompanhados de melodia durante a dança do coro no templo; o *hyporchema*, canto religioso com coros e danças guerreiras, de origem cretense, cultivado pelos doricos e mais tarde convertido em farça por Pratinas; a *prosodia*, hymno cantado nas procissões ao som da flauta, ordinariamente nas festas de Apollo; a *parthenia*, prosodia cantada por córos de raparigas; *dithyrambo*, poesia melica ligada ao culto de Dionysio, acompanhada de dança e mimica exprimindo a alegria produzida pelo vinho nos banquetes.

Pertencem á melica eolica:

Alceu (já citado).

Sapho, notavel poetisa a quem Platão chamava a decima musa, e cujos versos faziam o encanto de Solon.

Ibyco de Rhegio imitador de Stesichoro. As suas poesias são de caracter erotico.

Anachreonte de Theos. Elevou á maior altura a

ode erotica cantando o prazer e o amor. Foi contemporaneo do atheniense Hipparcho em cuja casa viveu (por 550 a. Chr.). Só restam das odes alguns fragmentos. As outras obras que lhe attribuem são de redacção posterior.

Terpandro de Lesbos, um dos mais considerados inventores da melica. Nas suas viagens á Grecia continental alcançou muitos triumphos sobre os aedos contemporaneos nas festas publicas.

Pertencem á melica dorica:

Alcman, um liberto lydio que viveu em Sparta entre a 27 e 42 Olympiada. Poliu o dialecto dorico até ali abandonado e juntou-lhe muitas fórmas jonicas e eolicas. Compoz grande numero de parthenias.

Stesichoro de Himĕra, que viveu entre a Olympiada 37 e 56, quando mais floresce a poesia dorica e eolica. E' o successor de Alcman e alliou á materia mythica os interesses individuaes da sua epoca. Parece que o seu verdadeiro nome seria Tysias, pois que Stesichoro significa regulador do côro.

Pertencem á melica universal:

Simonides de Ceos. Viveu no tempo da guerra persica; abastado e independente teve occasião de se instruir nas viagens que fez, cultivando a arte com ardor. As suas odes elegiacas são excellentes na structura, mas ermas de elevação moral e inspiração religiosa.

Pindaro de Thebas. E o mais notavel dos melicos universaes. Fecundo como Simonides, excellente tocador de flauta como seu mestre Laso e toda a sua familia, concorreu desde creança aos *agones* poeticos, tendo n'alguns concursos de luctar com Myrtis e Corinna que o venceu. Os seus *epinicios* ou odes encomiasticas para serem cantadas ao som da flauta e da cythara em honra dos athletas, genero que tanto se desenvolveu durante a guerra persica, deram-lhe fama universal. Restam 4 livros de epinicios que são

regularmente construidos de *estrophes*, *antistrophes* e *epodos*.

Além de Simonides e Pindaro, citam-se Bacchylides, o athleta Timocreonte de Rhodes, Diagoras tambem de Rhodes e as poetisas Corinna, Telesilla e Traxilla.

Poesia dramatica

42. *A tragedia*. O theatro grego tem como em todos povos origens hieraticas e populares, e começa por simples representações mimicas acompanhadas de musica, danças e córos em honra de Baccho, como era o ditirambo; toma feições regulares nos ensaios de Thespis, que no tempo de Solon juntou aos córos os dialogos, nos dramas de Phrynicho, que introduziu os personagens femininos e reformou a parte orchestral, nos dramas satyricos de Cherilo e Pratinas, até que depois da guerra persica attinge a maior perfeição e belleza, graças ao poderoso talento e originalidade dos tres grandes tragicos—Eschylo, Sophocles e Euripedes.

Eschylo de Eleusis (n. 525 a. Chr.) Como soldado arrisca a vida pela patria nas batalhas de Marathona (490) onde foi ferido, de Salamina (480) e Platêa (479) ao lado de Melciades, Themistocles e Pausanias, e como director dos córos dedica-se á poesia dramatica, reunindo os materiaes da tragedia antiga, as lendas patrioticas e os cantos epicos, introduzindo dois actores, as decorações, o machinismo, o uso da mascara e do conthurno, e dando emfim á tragedia uma regularidade artistica que não tinha. As suàs peças formavam trilogias ou grupos de tres composições, dominadas pelo mesmo pensamento, mas distinctas entre si e independentes. A acção é sempre inspirada pelo sentimento religioso e patriotico, curta, mas crescente, lugubre, solemne e de uma fatalidade assustadora. Das setenta tragedias por elle escriptas restam alguns fragmentos e os sete dramas *Agamemnon*, *Cephoras*, *Eumenides*, que formam uma

trilogia, os *Persas*, *Sete chefes em frente de Thebas*, *Supplicantes* e o *Prometheu*, que é baseado nas velhas lendas d'este fabuloso personagem.

Sophocles de Colono (n. 496 a. Chr.) Testemunha dos triumphos de Eschylo e seu rival, a quem venceu n'um concurso dramatico (468), aperfeiçoou a scenographia, introduziu um terceiro actor e tornou a tragedia mais pessoal e verdadeira, dando aos personagens mais naturalidade e á acção interesse mais geral. As suas tragedias e satyras eram cento e trinta, mas d'esse grande numero apenas restam: *Antigone*, *Electra*, *Trachinias*, *Ajax*, *Philoctetes*, *Edipo Tyrano* e *Edipo em Colono*.

Euripedes de Salamina (n. 480 a. Chr. Este insigne tragico foi educado pelos philosophos Anaxagoras e Prodico, que o demoveram da profissão de athleta, tornou a tragedia mais tocante e moral, e comprehendeu melhor o jogo das paixões e os caracteres humanos. E' comtudo accusado de imperfeito na execução artistica, já por falta de naturalidade no andamento da acção, já por excesso de rhetorica. Ainda existem desoito das suas peças :— *Ephigenia em Aulida*, *Ephigenia em Taurida*, *Hyppolito*, *Orestes*, *Alcestes*, *Medeia*, *Andromacha*, *Phenicias*, *Troyanas*, *Hecuba*, *Hercules furioso*, *Jon*, *Helena*, *Rheso*, *Supplicantes*, *Heraclidas*, *Bacchantes* e o *Cyclope*, unico drama satyrico que temos completo da antiguidade.

Nota. — Quando em 1878 entrou para a Academia franceza o dramaturgo Victorien Sardou, ao fazer o elogio de José Autran (auctor da *Filha de Eschylo*) caracterisou assim os tragicos gregos : — Eschylo, o titan que nesse periodo quasi fabuloso da Grecia heroica junta os rochedos mal desbastados da tragedia primitiva, accumula-os, dispõe-os n'uma ordem admiravel e tão robusta que vinte seculos não conseguiram abalal-a ! — Sophocles, que depois delle assenta n'essa fortes bases as columnas de harmoniosos contornos, os capiteis de justas proporções, e põe o remate ao edificio onde Euripedes terá sómente que insculpir os frisos e suspender as grinaldas para nos revelar na sua radiosa e desesperadora perfeição todo o Parthenon da tragedia antiga ! Obra de semideuses feita em

menos tempo do que é necessario á creança para se transformar em homem! Porque esses genios são contemporaneos, o mesmo sol os illumina. No dia de Salamina Eschylo está na batalha, Sophocles está entre os adolescentes que a sua belleza designa para dançarem em torno dos tropheus, e no meio dos gritos da victoria uma creança nasce, é Euripedes.

43. *A comedia.* Teve como a tragedia origens populares e hieraticas nas festas dos deuses, principalmente nas dionysicas do outomno, feitas em honra de Baccho, terminando por um banquete ou *comos* no qual os convivas dirigiam motejos aos espectadores. A comedia parece ter sido inventada pelo chocarreiro *Suzarion* de Megara no tempo de Solon, sendo reduzida a fórma litteraria por *Epicharmo* de Cós e pelo siciliano *Phormis*, e elevada ao seu ultimo grau de perfeição artistica por Aristophanes (atheniense), que foi seguido por Antiphanes e mais tarde por Menandro.

A comedia portanto divide-se em *antiga* representada por Aristophanes, *media* por Antiphanes e *nova* por Menandro. A primeira é formalista, conservadora, patriotica e social; a segunda, imitação da dorica, occupa-se dos vicios e ridiculos do tempo, mas sem a invectiva directa da primeira; a terceira procura interessar pelo enredo e apresentação de typos sociaes ridiculos.

Aristophanes (452—392 a. Chr.) é o mais celebre dos poetas comicos da antiguidade. Espirito culto e imaginação fecunda, imprimiu ás suas comedias o cunho patriotico e combateu com audaciosa energia os vicios e tendencias inovadoras do seu tempo. N'este furor patriotico satyrisou Socrates e Euripedes, como representantes de doutrinas que não eram as suas, levando a veia comica até á desenvoltura obscena. Restam dez das suas composições: — os *Acharnios*, os *Cavalleiros*, a *Paz*, *Lysistrato*, as *Nuvens*, as *Rãs*, as *Vespas*, o *Pluto*, as *Festas de Ceres* e a *Assembléa das mulheres*.

Antiphanes, cultor da comedia chamada media, no-

tavel na pintura rapida das verdades moraes representa a degeneração do genero tornado allegorico e vago. Alexis, Cratino e Timocles pretencem á mesma escola.

Eloquencia

44. A eloquencia expande-se rapidamente n'este periodo ao calor da democracia atheniense, como succede nas epocas dotadas de um intenso grau de liberdade politica. O amor da liberdade provado em tantos lances, já na famosa guerra persica, já nas contendas de rivalidade entre as varias cidades agivas, já na resistencia heroica ás pretenções macedonicas, accende o ardor oratorio e dá ao discurso academico e laudatorio a direcção patriotica e a paixão politica, nas orações de Isocrates, Eschines e Demosthenes.

Muitos são os oradores gregos: — Solon e Pesistrato representam a phase natural e pratica da eloquencia ; Aristophonte, Cephalo, Trazibulo, Themistocles, Alcibiades e especialmente Pericles, denominado o *olympico* pela força irresistivel e fulminante da sua palavra, traduzem a vida agitada da Agora e o ardor das discussões publicas; Antiphon, Lyzias, Corax, Protagoras, Gorgias, Isocrates e Aristoteles de Stagira escrevem discursos que outros recitam, e fundam escolas de rhetorica; Phocion e Hegesippos exaltam as virtudes civicas e o patriotismo, mas superiores a todos são os dois rivaes — Eschines e Demosthenes.

Eschines (393 — 313 a. Chr.). Sectario de Filippe da Macedonia, ao qual não quiz abandonar como Isocrates, esteve sempre em opposição a Demosthenes e seduziu pela pompa das imagens e pela moção pathetica que sabia despertar. Eschines accusou Ctesiphon por querer recompensar os serviços de Demosthenes com uma corôa d'oiro que lhe seria dada em pleno theatro. Demosthenes respondeu com o celebre discurso da corôa e Eschines condemnado a pagar 50 talentos, fugiu indo morrer desterrado em Rodas.

Demosthenes (385 — 322 a. Chr.) é a personificação da eloquencia artistica e não teve quem o excedesse na arte de convencer e persuadir. Defendendo a causa da independencia contra a Macedonia, a sua argumentação é cerrada e concludente, e as suas imagens, pautadas e sobrias, são de uma virilidade esmagadora. As *Olynthiacas*, as *Filippicas* e a *Oração da corôa*, são os seus melhores discursos. Debil, falto de voz, e ao que se diz, de condição humilde, venceu todas as difficuldades organicas á custa de paciente trabalho, e pelo seu talento e dotes oratorios chegou á magistratura suprema. Vencida a patria por Antipatro, foi morrer a uma ilha aonde se refugiara.

Historia

45. Como dissémos no 2.º periodo, ao terminar a epoca de formação das epopêas cyclicas, cerca de 600 annos antes de Chr., apparecem os primeiros ensaios de litteratura prosaica, destinados á conservação dos actos legislativos e das tradições julgadas importantes. Esses primeiros monumentos são *chronicas* e *logographias* attribuidas a Pherecides de Syros, a Cadmo de Mileto, a Hecateu de Mileto. Mas a historia propriamente dicta só apparece neste periodo com a invasão persa. São representantes desse genero litterario — Herodoto, Thucydides e Xenophonte.

Herodoto de Halicarnasso (484—406 a. Chr.) tendo adquirido vastos conhecimentos nas viagens que fez pela Grecia, Asia e Egypto, compoz em nove livros, que receberam o nome de *nove musas*, *a Historia dos gregos e dos persas* desde Cyro até á batalha de Mycala perdida por Xerxes, abraçando nella muitos factos dos outros povos. Na opinião de Fr. Schelegel, é fiel, ingenuo e claro, e entreteceu a historia de episodios e narrativas poeticas, o que lhe dá um colorido epico e um grande interesse ethnologico.

Thucydides de Athenas (407 — 395 a. Chr.) dis-

cipulo de Anaxagoras é mais preciso que o seu antecessor; escreveu a *Historia da guerra do Peloponeso* (os primeiros vinte e um annos, pois que a historia dos seis restantes foi escripta por Theopompo e Xenophonte). Segue a ordem chronologica, desenha fielmente os personagens e destaca bem os factos; põe na boca dos seus heroes apaixonados discursos e usando de um estylo harmonioso e encomiastico faz lembrar Pindaro.

Xenophonte da Attica (455 — 355 a. Chr.) compoz a *Cyropedia* (educação de Cyro), na qual pretendeu esboçar o modelo dos principes perfeitos, as *Hellenicas* (uma continuação da obra de Thucydides) a *Anabasis* (retirada dos dez mil) narrativa dos feitos da expedição que elle mesmo commandou, e as *Memorias* (collecção dos ditos memoraveis de seu mestre Socrates). Chamaram lhe a abelha attica pela doçura do estylo.

QUARTO PERIODO

(336 — 146 a. Chr.)

Decadencia

46. Perdida a independencia dos gregos e suffocado o antigo espirito guerreiro, a litteratura desde Alexandre Magno desfallece progressivamente nos tempos que se seguem. O centro litterario passa de Athenas para Alexandria; a Grecia pela destruição de Corintho incorpora-se nas provincias do imperio romano; a originalidade antiga é substituida pela imitação artificial e affectada; a poesia toda individual não tem elevação nem verdade; a historia é palavrosa, e a eloquencia cede o passo á rhetorica. Tal é o caracter geral do quarto, quinto e sexto periodo (decadencia).

Poesia

47. A par dos estudos criticos, scientificos e grammaticaes que dominam a escola de Alexandria são cultivados ainda alguns generos litterarios, especialmente a poesia bucolica, dignamente representada por *Theocrito* de Syracusa que reduziu a genero litterario os antigos poemas pastoris ligados ao culto da Arthemis dorica, e por *Bion* e *Moscho*. Restam das obras de Theocrito trinta composições, ás quaes impropriamente se deu o nome de idylios, pois que pertencem a generos differentes.

Citam-se alem d'isso na poesia narrativa: *Apollonio* de Rhodes que escreveu as *Argonauticas* e dirigiu a famosa bibliotheca alexandrina, e *Arato* da Sicilia poeta e astronomo, auctor dos poemas didacticos: *Phenomenos* (sobre astronomia) e *Prognosticos* (vaticinios tirados da observação da natureza). Na poesia elegiaca, epigrammatica e hymnica, cita-se o celebre *Callimaco* de Cyrene que foi chamado a Alexandria por Ptolomeu Philadelpho e se destinguiu na historia e na grammatica.

E' d'este periodo o famoso *Aristarcho* que reviu e commentou os poemas homericos e *Euclides* notavel geometra.

Comedia

48. São d'este periodo os dois representantes da comedia *nova* tão largamente imitados em Roma:

Philemon de Soles que viveu nos annos 360 — 262 a. Chr. e se diz o mais antigo dos poetas da comedia nova.

Menandro de Athenas (342-290 a. Chr.) cultor da comedia de enredo que substitue a comedia politica. Das suas comedias só restam algnns trechos citados nas obras antigas.

Eloquencia

49. A eloquencia declina, mas em compensação desenvolve-se a rhetorica e apparecem muitos discursadores frivolos e languidos. Um delles é *Demetrio Phalerio*, ao qual os athenienses levantaram muitas estatuas.

Historia

50. Dos historiadores d'este periodo o mais insigne é *Polybio* de Megalopolis (205-122 a. Chr.) Levado em refens para Roma ahi tratou com Paulo Emilio e Scipião africano e compoz a *Historia geral*, que é o laço de transição da litteratura grega para a romana.

QUINTO PERIODO

(146 a. Chr. – 306 p. Chr.)

Romanisação da Grecia

51. Incorporada a Grecia no vasto dominio romano, a nova capital do mundo e a depositaria do rico espolio litterario grego é Roma. D'aqui em diante a litteratura grega e latina é commum, e apenas a lingua designa a procedencia de uma e de outra.

Poesia

52. São d'este periodo:

Meleagro da Syria, poeta epigrammatico, auctor de uma collecção em breves poemas *(Antologia)*.

Opiano que escreveu um poema sobre a caça *(Cynegetica)* e outro ácerca da pesca (*Halieutica*).

Babrios ou Gabrias que poz em versos choliambicos (hexametro côxo) retocando-as, as *Fabulas* de Esopo.

Eloquencia

53. Figuram entre os sophistas, criticos, grammaticos e rhetoricos da epoca os seguintes:

Dion Chrysostomo (boca de oiro), que esteve em Roma no tempo de Nero.

Luciano de Samosata, que viajou pela Asia, Gallias e Italia e zombando dos velhos deuses pagãos escreveu as obras de moral e critica intituladas *Dialogos dos deuses* e *Dialogo dos mortos*. É do tempo de Trajano.

Atheneu do Egypto, contemporaneo de Marco Aurelio.

Longino, professor de uma escola de rhetorica em Athenas, no tempo de Trajano, e auctor do *Tratado do sublime*, que é uma das melhoras obras de critica que nos deixou a antiguidade.

54. *Eloquencia christã.* Com os ultimos reverberos da eloquencia pagã coincidem os primeiros alvores da eloquencia christã. O novo ideal, o martyrio, a fé, a erudição philosophica disseminada pelos alexandrinos, communicam á sociedade o sentimento e a fórma de uma nova litteratura, tal como apparece nos discursos dos padres da egreja grega:

1.º SECULO — *S. Clemente* (papa), *S. Ignacio* (philosopho), *S. Dyonisio* (bispo de Athenas), apologistas.

2.º SECULO — *S. Justino*, *S. Clemente* de Alexandria, e *Origenes*, apostolicos.

3.º SECULO — *S. Athanasio*, *S. Gregorio* de Nazianzo, *S. Basilio* e o eloquentissimo *S. João Chrysostomo*, dogmaticos.

Historia

55. *Dyonisio* de Halicarnasso é o auctor das *Antiguidades romanas* — uma historia dos primeiros tempos de Roma.

Diodoro da Sicilia, do tempo de Augusto, publicou a *Bibliotheca historica.*

Flavio Josepho, historiador e general judeu do tempo de Tito e Vespasiano, escreveu a *Historia da guerra dos judeus* em syriaco e depois em grego.

Eusebio bispo de Cesarêa, denominado o pae da historia ecclesiastica, é do tempo de Constantino.

Plutarcho da Cheronêa, do tempo de Domiciano, escreveu as *Vidas dos homens illustres* (da Grecia e Roma) e passa por ser o melhor biographo antigo.

Strabão, geographo grego da Capadocia (50 a. Chr.), é o auctor de uma *Geographia* em 17 livros, dos quaes alguns chegaram até nós.

SEXTO PERIODO

(306 — 1453)

O baixo imperio

56. Com a mudança da séde do imperio occidental para Bysancio desloca-se de Roma para Constantinopla o fóco da actividade intellectual. Os acontecimentos politicos, a corrupção geral e o estado vacillante dos espiritos, tudo concorre para a compressão da litteratura. Os metrificadores lisongeiam os poderosos, as fórmas antigas são descoloridas e sem elevação moral, e o dominio da erudição substitue a graça e a espontaneidade do caracter litterario.

Entretanto o reconhecimento do christianismo veio dar uma nova direcção ao espirito publico, e as antigas fórmas classicas ainda são chamadas a traduzir as novas idéas e os novos interesses.

Poesia

57. Tentam accordar a lyra de Homero os dois poetas pagãos do seculo V — Coluthus e Quinto.

Coluthus de Lycopolis passa por auctor do pequeno poema — *Rapto de Helena*, achado por Bessarion no seculo XV.

Quinto de Smyrna colligiu fragmentos dos antigos poetas cyclicos e escreveu o poema epico *Homeri Paralipomenon*, que é a continuação da Iliada até á retirada dos heroes gregos.

Cultivam a poesia lyrica:

Synesio de Cyrene, discipulo das escolas de Athenas e Alexandria, e auctor de uma collecção de hymnos religiosos.

S. Gregorio de Nazianzo, arcebispo de Constantinopla, grande orador e inspirado poeta lyrico.

Proclo de Bysancio, philosopho neo-platonico, astronomo, grammatico e auctor de alguns hymnos pagãos.

Eloquencia

58. Representa a eloquencia academica:

Libanio d'Antiochia, mestre de S. Basilio e S. João Chrysostomo. Escreveu sobre rhetorica, historia, moral e critica.

Historia

59. São historiadores da ultima decadencia grega:

Zozimo, auctor de uma *Historia nova* do imperio romano, considerando o christianismo como sendo a principalissima causa da decadencia do imperio.

Heliodoro, bispo de Tricca (na Thessalia), auctor do romance *Ethiopicas*, que é a historia dos amores de Theagene da Thessalia com Clariclêa da Ethiopia.

Achilles Tacio, imitador do antecedente, bispo catholico e auctor do romance *Amores de Leucippe* e *Clitophon*.

Nota. — Os gregos foram tambem excellentes nas sciencias e nas bellas artes.

A sua philosophia conta nomes distinctos como Anaxagoras

e Socrates do tempo de Pericles, e em seguida Platão e Aristoteles, Zenão e Diogenes.

Na medicina sobresae Hippocrates, e Meton na astronomia.

Na esculptura distinguem-se Phidias, Praxiteles e Scopas (de Paros) o mais afamado esculptor do seu tempo, mestre de Braxis, de Thimoteus e Leocharas.

Na pintura são eminentes Apollodoro, Zeuxis, Polygnoto, Parrhasio, Polycteto, Pamphilo e Appelles.

III

LITTERATURA LATINA

Caracter

60. Vencida a Grecia pelos romanos, deu-se o phenomeno singular de se imporem os vencidos aos vencedores pelas artes da palavra, tornando-se estes discipulos d'aquelles. Se bem que os romanos, povos egualmente indo-europêus, excederam os gregos na organisação social e politica, na legislação e nos estudos historicos, não tiveram como os seus mestres nem a vivacidade artistica nem o sentimento da belleza, vindo por isso a ser caracterisada a litteratura latina pela ausencia de originalidade, pelas tendencias utilitarias e praticas e pela servil imitação dos modelos gregos. Pospõe o bello ao util em harmonia com a sua religião em cujas abstrações se descobre o cunho agrario.

Divisão em periodos

61. Ainda que a litteratura culta dos romanos apenas comece a revelar-se 240 annos antes de Christo, isto é, com as primeiras representações do theatro de

Livio Andronico, já em pleno regimen republicano, e culmine no seculo de Augusto, todavia tomando por base as edades da lingua, a perfeição dos monumentos litterarios e as vicissitudes da evolução litteraria podemos dividil-a nos seguintes periodos:

1.° — *Periodo de infancia*, desde as origens de Roma até Livio Andronico (?— 240 a. Chr.)

2.° — *Periodo de progresso*, até á morte de Sylla (264 — 84 a. Chr.)

3.° — *Periodo de explendor*, até á morte de Augusto (84 a. Chr. — 14 p. Chr.)

4.° — *Periodo de decadencia*, até á morte de Trajano (14 — 117)

5.° — *Periodo de completa decadencia*, até á deposição de Romulo Augustulo por Odoacro rei dos herulos (117 — 476)

PRIMEIRO PERIODO

(? — 240 a. Chr.)

Lingua e origens litterarias

62. A litteratura latina como dissemos já, só começa 240 annos a. Chr. com a influencia da Grecia, pois que o alphabeto só servia para registar pela escripta factos de caracter especial ou particular, sem preocupação de fórma.

O uso do alphabeto parece ter sido introduzido em epoca desconhecida na Campania pela colonia grega de Cumas. Segundo Corssen os alphabetos italicos descenderiam de dois alphabetos gregos: um d'elles, o velho alphabeto dorico, teria dado origem ao alphabeto sabellico, ao etrusco, ao umbrico e ao osco encontrado no cippo da Abella; um alphabeto dorico mais moderno teria dado origem ao falisco e latino. Os povos do Lacio escreviam na pedra, no bronze e no linho, e usaram de differentes idiomas: o sabellico, o umbri-

co, o volsco, o falisco e o osco; mas com a romanisação do Lacio operada violentamente por via das conquistas o latim foi acceito pelos povos submettidos e até por algumas provincias gregas, vindo aquelles dialectos a perder a importancia.

Influenciados pela Grecia os povos do Lacio, embora a principio sómente se servissem da escripta para registos do culto ou de familias, calendarios, fastos, etc. pouco a pouco foram imprimindo a esses registos uma feição artistica, como se prova pela existencia do *verso saturnino* no qual se perpetuava a memoria dos homens notaveis, e se escreviam as leis e formulas cultuaes. Este verso nacional italico que apparece ainda depois de Livio Andronico, era um mixto de jambico e trochaico; a sua construcção parece ter admittido duas partes, uma com rythmo ascendente e outra com rythmo descendente, sendo completado pela alliteração.

63. Os monumentos d'este periodo podem classificar-se em 3 grupos: *fragmentos* e *inscripções, cantos populares* e *ensaios dramaticos*.

Do primeiro grupo conhecem-se: — *a)* as inscripções dos tumulos de L. Cornelius Cn. f. Scipio (cons. em 298 a. Chr.) e seu filho L. Cornelius L. f. Scipio (cons. em 259 a. Chr.) — *b)* varias de Fourio e Preneste e dois fragmentos de um senatus-consulto de 568 da cidade, sobre a suppressão das Bacchanaes, descoberto na Calabria em 1631. — *c)* Fragmentos das leis de Numa, e uma lei de Servio Tullio conservada pelo escriptor latino Festo.— *d)* Formulas das leis das 12 taboas (450 a. Chr.)

64. Pertencem ao segundo grupo:

— *a) Canto dos arvaes*, hymno que se suppõe era cantado nos campos pela primavèra em honra de Ceres. Foi descoberto em 1778 inscripto n'uma meza de marmore do tempo de Heliogabalo, na sacristia de

S. Pedro de Roma e conservado no Vaticano. — *b) Canto dos salios*, entoado pelos sacerdotes de Marte quando sahiam processionalmente os escudos sagrados. Os fragmentos conservados por Varrão não se submettem a medida conhecida. — *c) Cantos triumphaes*, entoados alternadamente pelos soldados em honra do general vencedor. Eram intermeados de insultos. — *d) Cantos funebres* (nenias) executados por córos de rapazes ou adultos que elogiavam o morto ao som da tibia nos funeraes ou nas festas.— *e) Cantos varios*, do trabalho agricola como os *paganales*, *feriae sementivae*, *rubigaliae*, *faunales*, *palilias*, *venalias*, cantos magicos, propiciatorios, de amor, etc.

65.— São do terceiro grupo :

— *a*) As *fesceninas*, de origem pelasgica, divertimentos campestres usados especialmente nas festas de boda em que os figurantes alternavam versos licenciosos e satyricos. Receberam o nome de Fescennino ao sul da Etruria, e, segundo Festo, de Fascino, deus dos sortilegios que estas diversões tinham o poder de conjurar.— *b*) As *saturas*, cuja decadencia começa em Andronico, eram narrativas comicas acompanhadas de mimica e dança ao som da tibia. Satura, expressão sabina, significa a juncção da musica com as palavras e a dança. Este novo trabalho dramatico, ou dança scenica, é de origem etrusca. Os dançarinos da Etruria que vieram para Roma em 389 introduziram nos costumes romanos a satura que a principio foi cultivada por mancebos romanos e depois pelos histriões.— *c*) *Planipedia*, especie de satura, assim chamada porque os actores representavam sem cothurno ou por que trabalhavam no plano da orchestra. — *d*) As *atellanas* assim chamadas de Atella na Campania. Eram dramas satyricos que os oscos trouxeram para Roma. Figuravam n'estas representações typos e costumes de camponios. É incerta a epoca da introducção das atellanas em Roma.

SEGUNDO PERIODO

(240 — 84 a. Chr.)

O theatro litterario

66. Dotado de um grande espirito guerreiro e expansivo, mas ao mesmo tempo assimilador e pratico, o povo romano estendendo as suas conquistas pela Asia, Africa e Grecia, e encontrando já formados por esta os typos e moldes litterarios, apenas teve o trabalho de os transplantar e copiar, como fez á legislação spartana e atheniense; e como a poesia dramatica era a fórma litteraria que, pelos explendores da scena, mais directamente interessava a imaginação e impressionava os sentidos, e demais a mais já fazia parte dos costumes tradicionaes, começou por esta, ao contrario do que succede nos povos que pelas condições da sua existencia vão encontrando nas phases da evolução as formulas litterarias-correspondentes aos graus da sua cultura e ás exigencias do espirito creador.

Neste periodo inicia-se, pois, a poesia dramatica; apparecem os primeiros trabalhos historicos, e com as primeiras manifestações da liberdade politica proclamada pela republica surgem tambem os primeiros symptomas da eloquencia. E' por isso que este periodo se diz de progresso.

Poesia

67. *Poetas dramaticos.* Os mais insignes imitadores do theatro grego são:

Livio Andronico de Tarento. Viveu pelos annos de 384 a 204 antes de Christo na cidade de Roma onde dava lições de grego e de latim, fazia traducções do grego e compunha comedias e tragedias de

contextura bastante regular. A primeira representação destas composições data do anno 240. Das suas peças, ex. *Achilles*, *Andromacha* e *Equus Troianus*, restam fragmentos.

Cneo Nevio (latino). Viveu por 235 a 199 a. de Chr. e introduziu nas suas composições factos da vida nacional. Foi o inventor da tragedia pretexta ou historica, e escreveu em versos saturninos uma epopêa sobre a primeira guerra punica.

Marco Accio Plauto da Umbria (254—184). Auctor e actor, revela nas suas comedias, das quaes restam vinte, grande engenho e originalidade apezar de seguidor do theatro grego. E' o mais celebre poeta comico romano, não obstante a desenvoltura da linguagem. — E' d'elle o conhecido *Soldado fanfarrão (miles gloriosus)* e o *Amphitrião*, imitado por Camões.

Cecilio da Gallia cisalpina (166 a. Chr.) é o laço que liga Plauto a Terencio. Pelo que resta das suas obras pode considerar-se o continuador do primeiro e o precursor do segundo. Os romanos consideraram-no por muito tempo o comico por excellencia.

Publio Terencio de Carthago. E' mais harmonioso e correcto do que o seu antecessor e denuncia um espirito mais delicado e erudito. Viveu por 185 — 159 a. Chr. em Roma, para onde veio como escravo, e escreveu seis comedias, que ainda hoje possuimos. A *Andria* e os *Adelphos* passam por ser as melhores deste conscienciosо imitador de Aristophanes e Menandro.

C. Lucilio de Suessa, Aurunca, (148 — 13 a. Chr.) foi um critico severo dos vicios e erros do seu tempo; das suas composições mixtas *(Saturae)* restam alguns fragmentos. Quintiliano encontra-lhe erudição admiravel e muita franqueza.

L. Ennio da Rudia na Calabria, contemporaneo de Plauto e Terencio, foi traductor de Euripides e vivia em Roma de traduzir peças para o theatro. Lançou os fundamentos da epopêa narrando as

origens de Roma desde Eneas no seu poema *Os Annaes*. E' o precursor de Virgilio, e já se serviu do verso hexametro.

Marco Pacuvio de Brindes (220 — 130) sobrinho de Ennio, notavel pela riqueza do estylo. As suas tragedias eram originaes, a sua satyra mediocre. Os antigos falam d'elle com admiração.

Novio e *L. Pomponio* (104 e 814 a. Chr.) transformaram as atellanas em genero litterario. Os fragmentos das suas obras revelam a decadencia dos costumes populares.

Eloquencia

68. Chamado ás luctas forenses o povo romano devia suscitar pela voz dos seus tribunos essas altas questões de interesse nacional que em todos os tempos despertaram o genio da eloquencia. Não temos os discursos d'essa epoca, mas conhecemos alguns oradores dos que então primaram na arte da palavra, pelas referencias que d'elles fizeram os historiadores. São citados com louvor: — o fogoso Catão, os dois Gracchos: Caio e Tiberio, Caio Carbon, Cornelio Cethego, Scipião Nasica, Lucio Lentulo, Quinto Metello, Caio Lelio, Publio Africano, Servio Galba; mas a eloquencia propriamente artistica principia em Porcina e vae culminar em Cicero.

Historia

69. *Q. Fabio Pictor* (254 a. Chr.) passa pelo mais antigo dos historiadores e ainda escreveu em grego. Militou na segunda guerra punica e depois da batalha de Cannas foi encarregado de ir consultar o oraculo de Delphos. Escreveu os *Annaes* da historia romana desde Eneas, de que se aproveitaram Polybio e Tito Livio.

M. Porcio Catão (234 — 194 a. Chr.) o censor, é o principal escriptor critico desta epoca. As suas *Ori-*

gens dos antigos povos da Italia (obra perdida) e o tratado *De re rustica* deram-lhe o primeiro logar entre os prosadores deste tempo.

TERCEIRO PERIODO

(84 a chr. — 14 p. Chr.)

Seculo de Augusto

70. Este periodo representa a maxima virilidade da lingua e das letras latinas; a prosa attinge a maior elegancia na epoca de Cicero, e a poesia chega á maior perfeição no seculo de Augusto. A influencia grega exerce-se intensa e extensamente; fundam-se sociedades litterarias; os poderosos como Augusto, Pollião e Mecenas protegem os litteratos; a fórma de governo favorece o desenvolvimento artistico, e de todas as partes do imperio acodem a Roma escriptores notaveis. E' este o periodo aureo da lingua e da litteratura.

Poesia narrativa

71. *T. Lucrecio Caro* (98 — 55 a. Chr ?) antecedeu Virgilio na poesia didactica, e expoz a doutrina epicurista no poema em 6 livros *De rerum natura*, contribuindo para aperfeiçoar a linguagem e a versificação e revelando excellentes faculdades poeticas.

P. Virgilio Marão (70 — 19 a. Chr.) cognominado o mantuano por ser natural de Andes (Pietola), aldeia de Mantua na Gallia cizalpina. Amigo particular de Octavio que lhe restituiu as propriedades, distribuidas como as dos outros mantuanos pelos soldados depois da acção de Filippos, viveu ora em Roma ora em Napoles, mas sempre doente por ser de constituição debil. Muito versado em todos os conhecimentos historicos, scientificos e artisticos, idealista e sentimental, dedicou-se á poesia, tornando-se notavel nos

tres generos que cultivou — o bucolico, o didactico e o epico. E' o melhor dos poetas epicos latinos. As suas obras são:

Bucolica, dez eclogas ao gosto de Theocrito.

Georgica, quatro livros de poesia didactica sobre preceitos agricolas; é a sua obra mais perfeita e foi escripta a pedido de Mecenas.

Eneida (*Aeneis*), poema epico em doze cantos, que não chegou a limar, porque de volta de Athenas, aonde foi em viagem instructiva, morreu em Brundisio com 51 annos de edade. O poema é dedicado a Augusto e tem por objecto a fundação do Lacio por Eneas, assumpto já tratado por Ennio e pelo historiador Fabio Pictor.

M. ou *C. Manilio* poeta do primeiro seculo, auctor do poema narratico *Astronomica*. Este poema que é muito notavel pelas narrações episodicas, tem tambem um alto valor scientifico para o seu tempo. Foi encontrado no seculo XIV um exemplar das Astronomicas. Nada se sabe da vida do seu auctor.

Poesia lyrica

72. *C. Valerio Catullo* de Verona (87 — 54 a. Chr.) o maior poeta elegiaco d'este tempo; deixou-nos 115 composições reveladoras de uma forte individualidade poetica; é original nos conceitos e variado nas fórmas.

Albo Tibullo de Roma (54 — 19 a. Chr.) tambem elegiaco e imitador dos poetas alexandrinos. Este poeta é o terno cantor de Delia, como Valerio Catullo fôra o de Lesbia, irmã de Clodio.

Sexto Propercio de Roma foi tambem elegiaco, e como os precedentes cantou o amor, que personalisou em Cintia (pseudonymo de Hostilia). Viveu nos annos 49 — 15 a. Chr.

P. Ovidio Nazão de Sulmona fecha o cyclo da virilidade lyrica de Roma. As suas poesias de as-

sumpto ora amoroso ora mythologico são geralmente sensualistas e frivolas. Tendo perdido a confiança na côrte de Augusto, foi desterrado para o Ponto aos 50 annos e lá morreu no anno 16 da era de Christo, sob Tiberio, com 59 annos de edade (43 a. Chr.). Escreveu: — *Amores* (elegias licenciosas), *Arte de amar*, *Cosmeticos*, *Metamorphoses* que passam por ser a sua melhor obra, os *Fastos* (descripção chronologica dos feitos romanos com a sua significação mythologica), as *Tristes* (cartas elegiacas escriptas no Ponto), *Ibis* (invectiva satyrica) e *Halieutica* (poema didactico incompleto).

Q. Horacio Flacco (65 — 8 a. Chr.) E' este o mais apreciado poeta lyrico de toda a litteratura latina. Natural de Venuza na Apulia, filho de um pregoeiro, foi educado em Roma e em Athenas. Involvendo-se na politica, seguiu o partido de Bruto contra Augusto e como tribuno militar combateu na Asia e na Macedonia e assistiu á batalha de Philippos. Voltou a Roma depois de publicada a amnistia, e tendo ganho a protecção de Mecenas e de Augusto serviu a principio como escrevente do thesouro e depois exclusivamente das rendas da sua propriedade na Sabinia, que elle celebra nos seus versos.

Era filho de um liberto e como Virgilio perdeu as terras patrimoniaes que foram divididas pelos veteranos vencedores. E' um espirito culto, independente e sobrio. As suas poesias são magnificamente metrificadas e profundamente moraes.

Possuimos d'elle:

Dezoito *satyras* e sete *epodos*, pequenos poemas em que o poeta zomba dos vicios e ridiculos do seu tempo analysados atravez de uma philosophia epicurista moderada e sobria.

Quatro livros de *odes*, em que celebra a amisade, a modestia, o socego d'alma e outros principios de moral domestica.

O *carmen seculare ad Apollinem et Dianam*.

Vinte e tres *epistolas*, em cujo numero entra a celebre carta aos Pisões, na qual o poeta expõe as theorias da arte poetica.

73. *Poesia dramatica.* São escassos os poemas dramaticos d'esta edade, cujas attenções estavam voltadas para a fórma epica, para a historia e para a eloquencia. Entretanto citam-se o orador *Cezar*, auctor da tragedia Edipo (imitação do grego), e *Vario*, amigo de Virgilio e revisor da Eneida, o qual escreveu a tragedia *Thyestes*.

Eloquencia

74. São dignos de menção como oradores: Licinio, Crasso, Marco Antonio, Curio, Caio Cezar, Cotta e Hortensio Hortallo (114 — 50 a. Chr.), orador de grande memoria e de vastos recursos oratorios; porém a corôa indisputaval da supremacia oratoria pertence a

M. Tullio Cicero (106 — 43 a. Chr.) de Harpinio. Estreiou-se no fôro aos 25 annos na dictadura de Sylla, fez viagens na Grecia e na Asia menor para se instruir; aos trinta annos foi nomeado questor para a Sicilia, e no anno 63 chegou ao consulado. Tendo suffocado a conjuração de Catilina, foi desterrado por Clodio. Nas luctas entre Pompeu e Cezar seguiu a parcialidade d'aquelle; mas vencido Pompeu na Pharsalia bandeou-se com Cezar, que julgou ser o unico salvador da republica. Depois do assasinato de Cezar seguiu o partido de Octavio contra Marco Antonio, mas, feita a paz entre estes, Antonio não lhe perdoou e por sua ordem foi preso na quinta de Tusculo e degolado.

Orador de vasta erudição, philosopho, rhetorico, polygrapho, Marco Cicero prima pela correcção que deu á prosa latina e pela facilidade e elegancia no compor e recitar. Os seus melhores discursos são os

6 contra Verres (*Verrinas*), os 4 contra Catilina (*Catilinarias*), os 14 contra Antonio (*Filippicas*), o que pronunciou a favor de Milão defendendo-o contra Clodio (discurso forense) e a oração a favor de Ligario.

As suas obras são: discursos politicos e forenses, tratados de rhetorica, escriptos philosophicos, escriptos juridicos e historicos, e cartas.

Historia

75. Os mais celebres historiadores d'este periodo são:

M. Terencio Varrão de Reate (116 — 27 a. Chr). Victima por vezes das turbações politicas do tempo, amigo de Pompeu e depois de Cezar, foi encarregado por este de organisar a bibliotheca publica de Roma onde trabalhou e escreveu as suas obras. E' o mais notavel escriptor polygrapho de Roma, cultivou a poesia e escreveu em prosa as *Antiguidades humanas e divinas*, biographias e outros trabalhos de que apenas restam fragmentos.

C. Julio Cezar (100 —44 a. Chr.). Orador correcto, general astuto e valente, estadista e critico, deixou-nos uma obra historica, clara, elegante e verdadeira, — *Commentarios da guerra gauleza*, nos quaes refere os actos do seu governo nas Gallias, agglomerando em torno da sua personalidade noticias preciosas para o estudo d'aquelle paiz.

Cornelio Nepos (94 — 24 a. Chr.) escreveu com mediana critica muitas biographias e entre ellas as *Vidas dos grandes capitães*.

C. Sallustio Chrispo (87 — 34 a. Chr.) imitador de Thucydes, é excellente moralista e forceja por ser imparcial. Escreveu em 5 livros as 7 *Historias* de que só restam fragmentos. A *Conspiração de Catilina* e a *Guerra do Jugurtha* são apezar dos defeitos de linguagem obras apreciaveis.

Tito Livio de Padua (60 a. Chr. — 16 p. Chr.) vi-

veu quasi toda a vida em Roma. Concebendo o plano de uma historia completa de Roma, escreveu-a em 142 livros, dos quaes apenas restam 35. E' um historiador rhetorico que se deleita em pôr na bocca dos seus heroes empolados discursos e em dar colorido aos retratos dos personagens. Por muito tempo foi tido pelo melhor historiador latino.

Pompeu Trogo escreveu uma historia universal desde Nino até ao seu tempo (*historiae philippicae*) resumida mais tarde por Justino. Era muito estimado pelos antigos.

QUARTO PERIODO

(14 — 117 de Chr.)

Decadencia

76. Depois da morte de Augusto é visivel a decadencia das letras latinas. O despotismo dos imperadores, a corrupção dos costumes, a depressão da dignidade pessoal que se roja em bajulações servis e o mau gosto que tudo invade, caracterisam os tempos que vão de Augusto a Trajano (um seculo). A lingua entra no periodo argenteo (decadencia), mas a par dos maus escriptores ainda apparecem alguns dignos de menção.

Poesia

77. *a*) *Poesia epica.* Tentam seguir os passos de Homero e Virgilio os seguintes poetas:

M. Anneo Lucano (36 — 65), auctor do poema a *Pharsalia*, que tem por assumpto a guerra de Pompeu e Cezar. E' palavroso e artificial. Cordovez como Seneca, incorreu na rivalidade poetica de Nero e foi obrigado ao suicidio.

Silio Italico (25 — 101) escreveu a *Punica*, poema ácerca da segunda guerra carthagineza, formando uma

narração fria e artificial em 11 cantos extrahida da historia de Tito Livio.

P. Papinio Stacio de Napoles (45 — 96), é de merecimento inferior; escreveu as epopêas *Thebaida* e a *Achileida* (incompleta).

Valerio Flacco (m. em 111) deixou um poema sobre a expedição dos argonautas (*Argonautica*) em 8 cantos.

b) *Poesia lyrica.* Figuram no genero satyrico, epigrammatico e no apologo os seguintes poetas da decadencia:

Phedro da Macedonia (30 a. Chr. — 34 p. Chr. ?) que passou a maior parte da sua vida em Roma desde Augusto a Claudio e traduziu para jambos senarios as fabulas de Esopo.

Aulo Persio Flacco (34 — 62), poeta satyrico de cujas obras restam apenas seis satyras. É estoico e intrincado.

M. Valerio Marcial de Bilbilis na Hespanha (42—102) deixou quinze livros de epigrammas muito notaveis, mas licenciosos.

D. Junio Juvenal de Aquino (47 — 130), caustico e mordaz, é o Archiloco latino. São 16 as suas satyras, fustigando a corrupção dos costumes.

Petronio de Marselha (fallecido em 66) escreveu em verso e prosa o *Satyricon*, onde se julga haver lancinantes allusões a Nero.

c) *Poesia dramatica.* Revelam phantasia e excellentes dotes de fórma as oito tragedias de *Lucio Anneo Seneca* de Cordova (4 — 65) filho do rhetorico e tambem poeta dramatico Marco Anneo Seneca. As tragedias d'este philosopho — *Edipo*, *Medêa* e *Hypolito* foram imitadas na França por Corneille e Racine.

Eloquencia

38. A eloquencia n'este periodo é um artificio e um devaneio. Em compensação agglomeram-se os rhe-

toricos, á frente dos quaes está o mestre da rhetorica: *M. Fabio Quinctiliano* (42 — 120?) provavelmente de Roma. Regeu por espaço de 20 annos uma escola de rhetorica em Roma e escreveu o conhecido tratado *De institutione oratoria*, modelo das rhetoricas posteriores. Exerceu por muitos annos a advocacia em Roma.

Historia

79. *Cornelio Tacito* da Ombria (54 — 119), é o mais celebre dos historiadores romanos pelo vigor do estylo, pela exacta comprehensão dos factos, imparcialidade da critica e fidelidade das narrativas. Escreveu a biographia de seu sogro o general Agricola, um dialogo sobre a eloquencia, a *Germania* (tratado, sitio e costumes dos povos da Germania), os *Annaes* (dezaseis livros da historia de Roma desde Augusto a Nero), e as *Historias* (quatorze livros da historia dos reinados de Galba, Ottão, Vitelio, Vespasiano, Tito e Domiciano, dos quaes apenas restam fragmentos).

80. São de menor valor os trabalhos historicos dos seguintes escriptores:

Quinto Curcio, do tempo de Claudio, auctor de uma *Historia de Alexandre* em 19 livros, hoje incompleta. E' uma obra classica de estylo admiravel.

C. Suetonio Tranquillo (75 — 160) que escreveu a *Vida dos doze Cezares*.

Valerio Maximo, auctor de uma miscellanea em nove livros (*De dictis fatisque mirabilibus*).

Velleio Paterculo, de cuja historia grega e romana restam alguns fragmentos.

Os dois *Plinios*: *C. Plinius secundus*, o naturalista, de Roma ou de Verona (23 — 79), amigo de Tito e de Vespaziano, governador de Hespanha e auctor de uma *Historia natural* em 37 livros, o qual morreu asphixiado no Vesuvio pelo fumo da cratéra, e *Caius Cecilius Plinius secundus*, sobrinho do primeiro, natural

de Como (62 — 115) consul no anno 100, proconsul na Bethynia, e amigo particular de Trajano. Discipulo de Quintiliano, Plinio o moço deixou alem de uma historia do seu tempo, hoje perdida, o excellente *Panegyrico de Trajano* e uma collecção de *Cartas* muito apreciadas.

Lucio Floro de Hespanha, que compoz um epitome da historia de Roma.

Pomponio Mella, que escreveu um tratado de geographia (*De situ orbis*).

QUINTO PERIODO

(217 — 476)

Continuação da decadencia

81. O despotismo dos imperadores, oriundos geralmente de provincias distantes, as continuas guerras da successão e a desmoralisação dos costumes, mataram o espirito nacional e apressaram a ruina das letras pagãs. Entretanto apparecem já n'este periodo os germens de uma nova litteratura que aproveitando as fórmas antigas dará ás concepções litterarias uma nova direcção mais humana e mais espiritualista — é a litteratura christã.

Poesia

82. Ainda compõem ao gosto antigo os seguintes poetas pagãos:

Claudiano, que os seus contemporaneos comparam a Homero, auctor de grande numero de poesias inspiradas pelos acontecimentos da epoca, e do poema o *Rapto de Proserpina*.

Apuleio que versou o velho thema das metamorphoses e compoz o *Burro de oiro*.

Flavio Aviano que deixou algumas fabulas.

Aulo Gelio o celebrado auctor das *Noites atticas*, compendio de fragmentos de auctores antigos e de notas criticas e grammaticaes.

Ausonio, muito celebrado pelos seus epigrammas e bucolicas.

São d'esta epoca os seguintes poetas christãos:

O papa *S. Damaso* (305 — 384), auctor de muitos hymnos destinados ao canto lithurgico.

Santo Ambrosio (340 — 397) bispo de Milão e auctor do hymno religioso *Te-Deum laudamus*, hymnographo ecclesiastico.

Aurelio Prudencio (348 — 410) insigne na poesia lyrica.

Eloquencia

83. Os mais conspicuos representantes da oratoria sagrada n'este periodo são os apologistas do II e III seculo e os dogmaticos do IV. Entram na primeira classe os padres de procedencia africana convertidos ao christianismo:

Tertuliano de Carthago (150 — 230 ?) orador fogoso e energico.

S. Cypriano de Carthago, excellente rhetorico e theologo.

Arnobio da Numidia, grande polemista.

Lactancio, tambem africano, rhetorico e elegante imitador dos classicos antigos.

Pertencem á segunda classe:

Santo Hilario bispo de Poitiers, formidavel inimigo dos arianos.

S. Jeronymo, secretario do papa S. Damaso, traductor da Vulgata e auctor de uma historia dos homens illustres do christianismo.

S. Agostinho da Numidia, antigo manicheu, bispo de Hippona, auctor da *Cidade de Deus*, o mais fecundo e sabio dos padres da Egreja. Foi mestre de rhetorica em Africa, Roma e Milão.

S. Leão Magno de Roma ou da Toscana, eleito

papa em 440 e fal. em 461. A sua eloquencia dissuadiu Atila de entrar em Roma. Deixou muitos escriptos.

S. Gregorio Magno de Roma (540—604) eleito papa em 590. É notavel pelo vigor da eloquencia, pelos serviços prestados á egreja e pelos seus numerosos escriptos.

Historia

84. Pertencem a este periodo os seguintes historiadores, de merito inferior:

Justino que redigiu uma historia universal compendiada da de Pompeu Trogo.

Eutropio, auctor de um compendio de historia romana.

Sulpicio Severo que escreveu uma historia sagrada.

Ammiano Marcellino, arranjador de uma historia do imperio desde Nerva até á morte de Valente.

Sexto Aurelio Victor que escreveu uma historia romana e algumas biographias.

IV

LITTERATURA MEDIEVAL

Caracter da edade media

85. Comprehende dez seculos a edade media contados desde a queda do imperio romano do occidente (476) até á tomada de Constantinopla pelos turcos no seculo XV (1453). Com este longo espaço de tempo coincidem as ultimas phases da litteratura grega e la-

tina. N'este periodo tão trabalhado de convulsões politicas foram surgindo as litteraturas modernas do occidente da Europa, á proporção que das ruinas do imperio romano occidental surgiam tambem as novas nacionalidades. Do seculo V ao XII formaram-se as linguas neo-latinas, crearam-se epopêas nacionaes de caracter popular, e pelo predominio da tradição classica que a divergencia das condições locaes não poude despedaçar, aplanou-se o caminho para a unificação intellectual, que principiando com a Renascença veio a realisar-se em nossos dias. Mas as diversas correntes litterarias da meia idade não se comprehendem sem o estudo previo das influencias ethnicas, moraes e sociaes que actuaram sobre o regimen intellectual d'esse periodo, taes como a invasão dos barbaros, a influencia do christianismo, a iniciativa de Carlos Magno, o feudalismo e as cruzadas, porque é d'essas influencias que dimana o espirito da litteratura d'essa epoca.

Nota. — A edade media não foi, como geralmente se diz, uma tenebrosa e longa noite de que nada se sabe ao certo e na qual o espirito humano dormente e embrutecido nada produziu em beneficio da civilisação ; foi, pelo contrario, um periodo de incubação e renovação no qual estiveram fermentando os germens das modernas sociedades, theatro fecundo de crimes e virtudes, de astucia e de ignorancia, de mysticismo religioso e de independencia individual, de convulsões politicas e de crises moraes.

A edade media viu cahir o imperio dos Cezares que os barbaros assolaram e retalharam ; assistiu ás lutas sangrentas das tribus selvagens que entre si dividiam a presa a talhos de espada ; presenciou o espectaculo curioso da imposição dos vencidos sobre a rudeza dos vencedores, e os triumphos do Christianismo sobre a alma inculta dos filhos do norte ; assistiu á codificação justiniana, visigothica e carolina ; contemplou absorta os exemplares da deslumbrante civilisação arabe na peninsula ; admirou a côrte, os cavalleiros, os feitos e a magnificencia de Carlos Magno, o fervor dos cruzados e a novidade das trovas provençaes ; sentiu a organisação feudal ou o dominio dos senhores nos seculos IX a XI e o movimento da reacção communal ; assistiu ainda á formação do terceiro estado ; viu o exterminio da escravidão, o estabelecimento da

mão morta e a emancipação das communas — os tres factos que, na opinião de Littré, enchem todo o periodo medieval e lhe imprimem o caracter ; e contemplou finalmente a victoria das antigas letras greco-romanas ao expirar d'aquelle periodo tormentoso que duas ideas poderosas avidamente disputam e dominam — a unidade christã representada pelo Pontifice e a unidade politica representada pelo Imperador.

Invasão dos barbaros

86. Quando os Suevos, os Alanos e os Godos invadiram a Peninsula, encontráram-na inteiramente romanisada. A lingua fallada, as idéas juridicas, a organisação civil e politica, a religião e os costumes eram romanos. Eram de Hespanha muitos escriptores celebres do imperio como os Senecas e Columella. As tradições romanas fundidas com as celtas estavam radicadas nos costumes do povo. A lingua da Egreja era o latim, e a erudição greco-romana fornecia materiaes para a propagação do Evangelho. Mas essa deslumbrante civilisação romana estava no occaso, e o imperio cahia por si esmagado sob o proprio peso, quando os barbaros lhe vibraram os derradeiros golpes. A corrupção dos costumes, porém, sustou a marcha vertiginosa em presença do espirito guerreiro, do amor do perigo, do sentimento da honra, da força, da coragem, da dedicação voluntaria do homem pelo homem, da protecção á mulher, sentimentos nobres e desconhecidos com que o germanismo retemperou a alma pagã de collaboração com os civilisadores principios do Christianismo. Inimigos, porém, da cultura litteraria, absorvidos desde logo pela enervante civilisação romana preexistente e convertidos ao Christianismo não poderam, apezar dos elementos tradicionaes que traziam, formar uma litteratura organica, antes abraçaram com a lingua as fórmas litterarias romanas, transmittindo comtudo ás classes baixas as suas lendas proprias, as ficções e tradições do seu Olympo ao qual presidia Odin, que é o Jupiter das raças germanicas. É d'essas ficções tradicionaes abandonadas ao

povo que sahiram os Niebelungen germanicos, os Eddas scandinavos, as creações carlovingias e arthurianas. Esses poemas barbaros eram breves narrativas oraes de feitos bellicos e designavam-se pelo nome de Cantilenas. Respiram bravura e ferocidade e assemelham-se, no dizer pittoresco de um critico francez, ao grito selvagem das aguias e dos abutres. Os barbaros entraram na Peninsula ao som mavorcio d'esses hymnos de morte inspirados pelo prazer da destruição e pela embriaguez do sangue. De taes cantos guerreiros possuimos excellentes amostras em Conybeare (*Anglo-Saxon Poetrey*),em Ozaman (*Les germains avant le christianisme*), em Ampére e Grimm.

Nota. — Governava a Peninsula hispanica o ultimo rei godo, Rodrigo, quando succedeu a invasão dos Sarracenos (711), cujo dominio só acabou com a perda do ultimo reducto arabe na Hespanha, o pequeno reino de Granada (1492).

Graças á tolerancia politica dos sectarios do Alkorão, os costumes arabes communicaram-se facilmente á população visigotica, d'onde veio o nome de mosarabes dado áquelles que seguiam os usos e costumes arabes. A assimilação foi tal que a lingua arabica foi admittida pelo povo, que ora cantava as suas trovas em romance (latim), ora em arabe, e até pela Egreja para melhor intelligencia da lithurgia. João, bispo de Sevilha, traduziu a Biblia para a lingua dos arabes. Mas como o latim e o arabe pertencem a typos irreductiveis, o arabe apenas influiu exteriormente no vocabulario do latim.

Quanto á influencia moral nos costumes e na litteratura, opinam Rénan e Dozy pela negativa, sustentando que os arabes não exerceram influencias moraes nem litterarias na Peninsula, que nem a poesia provençal nem a cavallaria devem coisa alguma aos musulmanos. Comtudo Ribeiro dos Santos declara que os nossos versejavam com muita promptidão na lingua, medida e rima dos arabes. Outro critico posterior assevéra que ao lado do lyrismo artificioso dos arabes se crearam fórmas populares que se communicaram aos povos da Peninsula, e acabariam por dominar, se não fôra a educação dos latinistas christãos e a tendencia da aristocracia para os versos das escolas provençaes da Aquitania, Catalunha e Galliza. São arabes as combinações rythmicas como parte integrante da cadencia.

Foram elles quem espalhou pelo sul da Europa os cantos indianos recebidos dos Persas e as lendas allegoricas das *Mil*

e uma noites e do *Judeu errante*. Assim como os romanos trouxeram da communicação com o Oriente esse estylo palavroso e magnificente que recebeu o nome de *asiatico*, os arabes communicaram aos escriptores peninsulares esse modo de dizer oriental, loução e florido de que tanto abusaram os escriptores do meio dia da Europa. Antes da existencia dos Templarios tinham elles a ordem dos Rabitas, cavalleiros austeros e lutadores audazes que guarneciam as fronteiras. Quando Roma era apenas theologica, a Hespanha era scientifica, porque os arabes tinham aqui mais de 70 bibliothecas. As escolas arabes de Cordova, de Granada, de Sevilha e Toledo ensinavam a philosophia de Aristoteles, a medicina, a mathematica, a rhetorica, a lexiologia e as artes technologicas. A architectura arabe, graciosa, elegante, rendilhada, é uma das manifestações mais brilhantes do fecundo e imaginoso espirito oriental que deslumbrou a edade media com os thesouros da sua civilisação. Attestam-n'o ainda os monumentos da Alhambra, a Giralda e o Palacio dos reis mouros em Sevilha. Avicena e Averroes são ainda hoje lembrados como insignes commentadores de Aristoteles e como profundos em medicina Seria inverosimil que o brilho d'esta civilisação luxuosa não impressionasse as imaginações occidentaes, e que o intimo contacto de mouros e christãos não modificasse, pelo menos exteriormente, a tradição latina conservada pelos eruditos e pela Egreja.

A par dos arabes, os judeus exploravam mercantilmente as necessidades que o luxo introduzira, e actuavam directamente sobre o animo dos fieis pelo escrupulo supersticioso com que observavam as leis de Moysés, pela novidade do seu originalissimo estylo biblico, arrojado e sublime, por esse alto mysticismo, por essa profunda confiança em Deus, pela aniquilação da vontade humana perante a vontade de Jehovah terrivel e omnipotente, tão exalçada no Antigo Testamento, e finalmente pelo contacto de todos os dias.

Influencia do Christianismo

87. A diffusão dos preceitos do Christianismo foi a maior influencia moral da edade media. Ao passo que a Egreja tinha o privilegio do ensino na sociedade catholica e por tanto a direcção intellectual das almas, o Christianismo modificando pacientemente os costumes pagãos, transformando-os e substituindo-os por outros mais espirituaes e mais humanos, ia creando uma nova consciencia publica e novas condições sociaes, e impunha-se ás multidões pelas generosas

ideas da egualdade e da fraternidade que apostolou e fez sentir, pela sublimidade das suas maximas moraes, pela fé, pelo enthusiasmo e pela abnegação que poz ao serviço da sociedade. D'este novo estado dos espiritos devia resentir-se a sciencia e a litteratura, como todos os factos claramente demonstram. Vencida a alma pagã, crearam-se logo as formulas para celebrar a victoria; as lendas dos santos e os autos tiveram essa origem.

Nota. — Os mais ardentes apologistas da nova idea eram pagãos conversos educados na escola de Alexandria, que defendiam as novas doutrinas com argumentos de Platão e de Aristoteles. Como a lingua da Egreja era a latina, havia conveniencia em conservar os monumentos antigos onde essa lingua se encontrava em toda a sua pureza. A Egreja conservando esses monumentos realisava dois fins: continuava a tradição classica, e encontrava n'ella os seus melhores instrumentos de propaganda. Com taes elementos refundiu a sociedade, enraizou na consciencia as suas maximas salutares, e favoreceu a creação de um novo estado scientifico e litterario E' do seio do Christianismo que saem as *legendas*, que foram o unica poesia popular da Europa christã n'aquellas eras; é d'elle que brota o espirito critico das *discussões philosophicas*, que alimentam a intelligencia, como as legendas embalam a imaginação; é d'essas discussões, emfim, que sáe a definição do *dogma*, que é a formula indiscutivel da fé. Do Christianismo irrompeu o verbo inflammado da *prégação*, que exerceu um dominio universal, expondo a verdade ora em moldes subtis e apparatosos á maneira dos gregos, ora em locuções precisas e didacticas á moda dos latinos. E' ao Christianismo que se devem os *mosteiros*, verdadeiras naus salvadoras que por muitos seculos boiaram sobre as encapelladas tempestades da vida guardando os despojos do mundo antigo que a imprensa no seculo XV divulgará por toda a parte.

Carlos Magno

88. O apparecimento de Carlos Magno no seculo VIII (m. 814) é tambem um facto de superior importancia na historia das litteraturas medievaes. Ao influxo da poderosa iniciativa d'este monarcha, germano pela raça e christão pela fé, revivem as tradições

heroicas do Occidente que a absorpção classica ia obliterando pouco a pouco. O ensino fornecido nos conventos derrama-se pelo povo, e por isso é que se denomina *primeiro renascimento litterario* o periodo que a assombrosa figura do rei franco illumina com os lampejos da sua espada e com os traços da sua penna audaciosa. Elle é o centro do cyclo epopaico francez ou carlovingio.

Nota. — As lutas que sustentou contra os Saxões, os Dinamarquezes, os Avaros, os Thuringianos, os Arabes e Lombardos, assombram o mundo e despertam o clangor victorioso das tubas epicas. Alma apaixonada pelo luxo e pela magnificencia, Carlos Magno, coroado imperador do Occidente pelo papa Leão III, mandou vir para a sua côrte os sabios Alcuino Leidrade, o godo Theodolpho, Samaragdo, Angilberto, S. Bento de Aniene, Eginhard, e fundou no seu proprio palacio uma academia sob a direcção de Alcuino, estabelecendo logo varias escolas de ensino obrigatorio para os filhos dos seus officiaes. Apparecem então valiosos trabalhos linguisticos, curiosas codificações de poemas barbaros, restaurações de codices antigos, numerosas poesias latinas, tratados theologicos e as celebres 65 Capitulares, collecção vasta e informe dos actos do regio poder. Carlos Magno organisou a sociedade germanica e christã, desenvolveu a arte de copista, reformou os costumes do clero, promoveu a celebração de concilios, e como Vycramaditya protegeu as letras eficassissimamente.

A' evolução litteraria secundada por Carlos Magno segue-se immediatamente a evolução linguistica despertada pelas necessidades crescentes. O latim já decadente fracciona-se rapidamente, até que, dissipados os terrores do millenario e constituida a sociedade feudal, toma forma litteraria o lyrismo popular provençal e apparecem os poemas cyclicos.

O feudalismo e as cruzadas

89. Ao estabelecimento da sociedade feudal correspondem o desenvolvimento dos dialectos vulgares e a divulgação das trovas provençaes. Nem o fraccionamento do latim nem a poesia dos trovadores tem origem na influencia feudal; mas é certo que o feudalismo se aproveitou d'aquelles dois elementos de creação popular para exprimir os sentimentos da epo-

ca. Foram nobres os primeiros que diffundiram em romance os cantos anonymos dos jograes ambulantes, e foram as aventuras dos cruzados, os largos trabalhos d'essas expedições á terra santa (1099 — 1270), o assumpto obrigado das narrativas poeticas d'aquelles tempos.

Nota. — Um seculo depois de Carlos Magno, fallecido em 814, o seu dilatado imperio estava retalhado e dividido em suzeranias. Os officios e beneficios eram herdados desde Carlos o Calvo (877) ; raro era o logar que não fosse um feudo ; aos suzeranos obedeciam os *vassallos* e aos vassallos os *servos*. Os direitos realengos iam passando para os nobres, e o *escravo* da antiguidade ia adquirindo a condição de servo, isto é, já podia ter familia. Mas o feudalismo foi logo enfraquecido pelo movimento das cruzadas do Oriente que produziram a libertação das terras pela venda, e a liberdade dos servos pelo desapparecimento de grande numero de senhores que n'essas longas viagens morriam. Ora essas expedições á Terra Santa, sob o pretexto de libertarem o santo sepulchro do poder do Turco, não só produziram grandes beneficios sociaes, mas outros de ordem litteraria, já porque os trovadores guerreiros diffundiram o gosto prevençalesco pelos logares que eram obrigados a percorrer, já porque taes expedições, approximando a Europa da Asia, facilitaram a passagem das lendas, contos, mythos e ficções orientaes de que anda cheia a nossa novellistica, e ministraram novos themas aos cantos dos trovadores e jograes.

As cruzadas forneceram á industria novos processos, á agricultura novas plantas e á Egreja novas ordens religiosas.

Poesia epica

90. A poesia epica da meia edade comprehende tres correntes ou cyclos, dois de origem franceza — o *carolingio* e o *armorico*, e o terceiro de procedencia greco-latina — o *classico*.

a) CYCLO CARLOVINGIO

91. O grupo de poemas epicos que constituem este cyclo, é conhecido tambem pela designação de cyclo *francez*, *carolino* ou *carlovingio* e feudal, e tem

por assumpto os feitos de Carlos Magno, aos quaes a poesia foi attribuindo factos ora reaes ora imaginarios. Esses varios poemas creados ao norte da França tem o nome generico de *Canções de gestas* (a palavra gesta significava na edade media acto publico e historia authentica). As gestas são as antigas cantilenas germanicas applicadas a celebrar uma nova ordem de factos. As epopêas carlovingias passaram da tradição oral para a escripta entre o seculo XII e XIV, e são caracterisadas pela inspiração feudal e religiosa. Occupam-se da luta dos barões contra os monarchas, da resistencia dos christãos aos mahometanos, das campanhas do rei francez contra os Saxões, dos serviços por elle feitos á civilisação detendo uma nova invasão do norte, dos feitos de armas dos seus cavalleiros e de outros factos anteriores e posteriores que os chronistas teimam em attribuir ao novo Cezar e aos seus doze pares.

As epopêas carlovingias mais affamadas são : a *Canção de Rolando* ou *de Roncesvalles* narrativa poetica da derrota que dos arabes de Hespanha soffreram Carlos Magno, Rolando, Oliveiro e o arcebispo Turpin — o *Romance dos Loheranos*, as *Canções de Girard de Rousillon*, *de Ogier*, *de Cambray* e *de Aliscamps*.

Em virtude das nossas relações com a França foram conhecidas em Portugal essas epopêas e aqui deixaram vestigios no verso alexandrino, nas locuções populares e nas referencias das chronicas.

O *Romance de Carlos Magno*, tão querido ainda hoje das nossas classes populares, é um resto d'essa eflorescencia epica, da qual possuimos um exemplar na *Canção do Figueiral*.

b) CYCLO AMORICO

92. Assim chamado da Armorica (Bretanha franceza) onde primeiramente appareceu, este cyclo tambem é conhecido pelos nomes de *Cyclo do rei Arthur*,

Cyclo bretão, da *Cavallaria andante* e da *Tavola redonda*. Não tem por ideal a força, mas a fidelidade e a honra; é erudito, christão, sentimental e allegorico: não canta os cavalleiros e as armas, mas celebra as damas e os amores. Tem por assumpto as façanhas attribuidas ao legendario rei Arthur que na Bretanha bate os Saxões, domina com o seu poder e deslumbra com os seus feitos o pequeno reino de Galles. Quando os Bretões fugindo á invasão barbara vieram no seculo VI para a França, trouxeram para o continente a lembrança do seu rei e em volta d'essas reminiscencias foram tecendo as lendas mysticas e guerreiras que formam as epopêas armoricas.

O cyclo arthuriano divide-se naturalmente em duas series: uma composta de poemas guerreiros e cavalheirescos, outra de poemas religiosos e mysticos. Pertencem á primeira serie os romances da Tavola redonda seguintes:— de *Merlim*, de *Lancelote du lac*, de *Ivain*, de *Erec*, de *Tristan*, de *Brut* (que Roberto Wace, clerigo de Caen de Jersey, compoz em 1155 em verso francez de oito syllabas), de *Rou* (historia de Raul fundador de Normandia), e o *Amadis de Gaula* que Vasco de Lobeira redigiu em prosa calcando sobre o *Roman d'Amadas y Idoine* ou sobre o *Amadace* inglez. Pertencem á segunda serie os romances mysticos, creação galante e devota que tem por fim narrar os trabalhos empregados para o estabelecimento da fé christã e para a conquista do St. Graal, que é o vaso por onde J. Christo e os seus discipulos beberam na ceia anterior á Paixão. A mais antiga e genuina expressão d'esta tendencia é o romance de *Perceval*, começado por Chretien de Troyes, continuado por Gauchier de Dordan e concluido por Manessier nos fins do seculo XII. Segundo a lenda gauleza, os anjos levaram para o ceu o santo Graal e lá deviam conserval-o até que no mundo apparecesse uma raça bastante pura para o receber em deposito. Essa raça foi a de Perillo principe asiatico que veio estabelecer-

se na Gallia e cujos descendentes se ligaram com os de um principe bretão.

As relações de Portugal com a França desde os primeiros dias da monarchia e com a Inglaterra desde D. João I facilitaram a divulgação dos romances bretões entre nós. Fernão Lopes cita nas suas chronicas os cavalleiros da Tavola redonda como personagens conhecidos de toda a gente, o condestavel D. Nuno imita Galaaz, D. João I compara-se ao rei Arthur, e em toda a Hespanha abusa-se tanto do genero, que Miguel Cervantes cobre-o de ridiculo no seu *D. Quixote*.

c) CYCLO CLASSICO

93. Emquanto a raça germanica produzia as epopêas carlovingias, a celta as lendas bretãs d'onde sahiu a cavallaria, e a gallo-romana a poesia dos trovadores, a tradição classica que formava o fundo da civilisação e da linguagem da edade media, fornecia assumpto para a continuação da antiga epopêa greco-latina e apropriava ás crenças e ás pessoas do presente as tradições do passado. Assim foi que reviveram na edade media as historias de Troia e de Thebas e a vida de Ulysses, Alexandre, Virgilio e Apollonio; os cruzados foram comparados aos argonautas da Colchida e os heroes arthurianos e carolinos aos personagens da antiguidade classica. Uma historia da guerra de Troia attribuida a Diktis de Creta e outra attribuida a Dares da Phrygia tiveram grande voga. Benoit de Sainte-More pretendeu imitar Homero, e em 1184 Alexandre de Bernay e Lambert li Court escreveram o longo poema de Alexandre em versos de doze syllabas.

Poesia lyrico-provençal

94. Ao passo que ao norte da França os eruditos servindo-se da lingua de *oil* diluiram em longos poemas epicos os feitos dos heroes carolinos e arthu-

rinos, ao sul o espirito popular, espontaneo e gracioso, servindo-se da lingua de *oc*, localisava na Provença o foco da poesia lyrica, que uma era de paz, de prazer e de amor acordara repentinamente e fizera brotar sem cultura. A poesia provençal nasceu nas camadas mais humildes da sociedade e era cantada pelos jograes ou histriões ambulantes desde a invasão barbara, antes de ser apropriada pela aristocracia da Provença, do Languedoc, de Tolosa e da Aquitania no seculo XII. Passando das ruas e praças publicas para os salões dos nobres, foi levada a toda a parte pelos trovadores fidalgos, especialmente a contar dos principios do seculo XIII quando tiveram de emigrar perseguidos pela França do norte que prégou a cruzada contra os albigenses. Percorrendo o meio dia da Europa, esses poetas do amor e da aventura evangelisavam a egualdade já nos paços realengos já nos castellos feudaes, adoçavam os costumes pela propagação das novas ideas, enthusiasmavam o espirito dos guerreiros e apressavam o desenvolvimento dos dialectos romanicos, fixando-os pela escripta e imprimindo-lhes nova prosodia. Os poetas de Provença mais distinctos foram *Guilherme IX*, conde de Poitiers fallecido em 1127, *Eble* visconde de Ventadour, *Bertrand de Born* e *Arnaud de Marveil* (seculo XIII). Portugal foi, como veremos, um dos paizes que primeiro e mais directamente sentiu a influencia da poesia provençal.

Poesia dramatica

95. O theatro em toda a edade media é hieratico; tem por assumpto as scenas da paixão, a vida dos santos, os factos do A. e do N. Testamento e por vezes superstições absurdas e extravagantes. As composições dramaticas d'esta epoca representam-se nas egrejas e tem o nome de *Mysterios* (na França, na Inglaterra e na Allemanha) e de *Autos sacramentaes*

(na Peninsula). As virtudes e os peccados são personificados, a dança e a musica fazem parte integrante do espectaculo, e a fórma é allegorica. Mas o descomedimento da linguagem e a exhibição das figuras raiam ás vezes pela obscenidade, e a egreja tem de intervir prohibindo taes espectaculos. Um concilio celebrado em Roma no seculo XI sob o pontificado Eugenio II prohibe as danças e os cantares obscenos na Egreja, á moda dos pagãos. Na Constituição de Evora (1534) diz-se que não se façam nas egrejas representações, ainda que sejam da paixão de N. S. Jesus Christo ou da sua resurreição e nascença, porque de taes *autos* se seguem muitos inconvenientes. A mesma prohibição se faz na Const. do bispado do Porto.

Foi nas comedias religiosas da edade media que se inspiraram os primeiros dramaturgos portuguezes, hespanhoes, francezes, italianos, inglezes e allemães, como Gil Vicente, Lope de Vega, Calderon de la Barca, Molière, os comicos inglezes anteriores a Shakespeare, o allemão Hans Sachs e o italiano Goldoni.

Tradição latina

96. O gosto pelas antiguidades grego-latinas nunca desappareceu totalmente na edade media. Ao lado dos poemas cyclicos, das trovas provençaes, das comedias hieraticas e das creações sentimentaes de caracter popular, florescem nos mosteiros e nas abbadias os estudos classicos, imitam-se os exemplares da antiga epopêa, emprega-se o latim como instrumento da sciencia e da doutrina christã, a philosophia de Aristoteles é a base das discussões, e alguns escriptores como Isidoro de Sevilha (seculo VII) (na *Historia Gothorum, Vandalorum et Suevorum*, nos *Vinte livros das etymologias* e no *De rerum natura*), cultivam a arte antiga. Estes factos levaram Demogeot á seguinte conclusão: — Assim como a epopêa abando-

nando Carlos Magno para cantar Arthur marca o começo de uma era nova (a cavallaria andante e o feudalismo), a adopção dos assumptos classicos annuncia o presentimento longinquo e confuso da Renascença, um antegosto de Dante e Petrarcha.

Nota. — Nos mosteiros e abbadias da edade media ensinavam-se a par dos estudos classicos, a philosophia e a theologia depois da preparação das chamadas *humanidades*, que se dividiam em dois grupos — o *trivium* (grammatica, rhetorica e dialectica) e o *quatrivium* (arithmetica, musica, geometria e astronomia) que eram os graus do ensino preparatorio da Escolastica. Foi n'esta educação intellectual que se fortificaram os tres doutores catholicos que entre si dividem a gloria scientifica da edade media — S. Bernardo, S. Thomaz d'Aquino e S. Boaventura.

A philosophia escolastica principia no seculo XI com Roscelin, que defende o *nominalismo* contra S. Anselmo propugnador do *realismo*, até que chega Abeilardo a conciliar as duas doutrinas e a encher o mundo e a povoar as imaginações com as poeticas aventuras da sua paixão por Heloiza. Apparece n'este momento *S. Bernardo* (1091 — 1153), a alma dos concilios, o baluarte do dogma, o reformador do clero e o tribuno das cruzadas. «Quem me dera, exclama, ver a egreja de Deus como ella era nos primeiros tempos!» As suas lutas contra Abeilardo, os seus tratados, sermões e cartas grangearam-lhe extraordinaria auctoridade.

No seculo immediato apparece o espirito mais erudito d'aquelles tempos, é *S. Thomaz* de Aquino antigo reino de Napoles (1227 — 1274) conhecedor profundo de todos os philosophos gregos, romanos e arabes. Concebeu uma vasta synthese de todos os conhecimentos relativos a Deus, ao homem e ao mundo, a *Summa totius theologiae*. Commentou «o Mestre das sentenças» de Pedro Lombardo, os Evangelhos e as Epistolas de S. Pedro e foi cognominado pelo glorioso titulo de doutor angelico.

Foi seu contemporaneo *S. Boaventura* da Toscana, (1221 — 1276) seu amigo intimo e o mais celebre representante da philosophia mystica da meia edade. João de Fidança (nome de S. Boaventura no seculo) collocava acima da razão uma luz suprema que vem da graça e que nos faz conhecer as verdades inacessiveis aos processos racionaes. D'esta nova direcção dada á sciencia humana proveio a confecção do celebre monumento do mysticismo, a *Imitação de Jesus*, cujo auctor (Gerson ou Kempis ?) é desconhecido.

Renascença

97. O phenomeno do renascimento das letras gregas e romanas no seculo XV estava preparado, como vimos, pela persistencia da tradição classica medieval que sómente esperava o ensejo de se expandir livremente. Chegou esse favoravel momento quando na Italia se fixou a unidade do poder monarchico tomando desde logo, como no tempo dos cezares, a direcção do mundo e dos espiritos. A conservação do direito romano, da lingua latina, das tradições classicas, dos monumentos que a todas as horas avivam na memoria a lembrança da antiga Roma pagã, o esplendor e magnificencia da côrte que está recordando o palacio dos cezares, tudo concorre para que a illusão de um renascimento moral e material pareça realidade. Virgilio, o poeta favorito de Augusto e o cantor das grandezas romanas, apparece redivivo na imaginação deslumbrada, e as letras antigas encontram protecção official na casa dos novos Mecenas.

Mas tal movimento não é nem podia ser uma reproducção servil do passado, é pelo contrario uma fusão harmoniosa dos elementos da civilisação christã com as formulas do gosto e saber antigo, como se observa em Camões. A renascença tinha dois elementos na sua frente — o catholicismo official e a tradição antiga; o seu trabalho foi combinal-os e fundil-os, transformando em linguagem vulgar e accommodando ás novas necessidades do espirito publico os rudes materiaes da edade media. Assim, Dante imprimiu o caracter da belleza ás piedosas lendas dos troveiros, Petrarcha aos cantos amorosos dos trovadores, Boccacio poz em prosa brilhante os contos licenciosos antigos (*fabliaux*), Ariosto aproveitou no *Orlando furioso* a materia cavalheiresca das canções epicas tradicionaes, e Tasso na *Jerusalem libertada* seguiu o velho plano virgiliano, mas embebeu-se na inspiração religiosa e aventureira da epoca.

A renascença do seculo XV, iniciada na Italia por serem mais vivas ali as tradições do antiguidade, mas rapidamente diffundida por todos os povos cultos da Europa, é provocada e desenvolvida pelas seguintes causas:

a) Persistencia da civilisação grego-latina atravez da edade media.

b) Estudo da lingua latina e grega, especialmente na Italia no seculo XIV.

c) O effeito produzido pelas obras de Dante, Petrarcha e Boccacio.

d) A unificação do poder monarchico, que tentou consolidar-se pelo prestigio cesareo dos antigos tempos.

e) Queda de Constantinopola (1453), que obrigou os sabios gregos ali residentes a procurar asylo na Italia onde pagavam a hospitalidade ensinando o grego nos exemplares por elles conservados.

f) A descoberta da imprensa (1454) por Guttemberg, Fust ou Fausto e Schoeffer, invenção que universalisou o pensamento.

g) Protecção dada ás lettras por Leão X em Roma, Cosme de Medicis em Florença, Francisco I em França, etc.

h) Influencia das obras do erudito Angelo Policiano, do poeta Sanazaro, do satyrico Erasmo, do cardeal Bembo, do polygrafo Sadoleto, de Boyardo, Ariosto e Tasso.

Nota. —Victor Duruy caracterisa esta epoca de renovação pela seguinte fórma: Por estes tempos unicamente tres paizes pensam e produzem, são elles a Italia, com Ariosto, Machiavelo e todos os seus artistas de genio; a França com Marot, Rabelais, Montagne, Cujas, Pithon, etc.; a Allemanha com Ulric de Hutlen e seus ciceronianos, á frente dos quaes está Luthero, tão insigne por suas bellas letras latinas. Desde o começo do seculo XV Brunelleschi substitue na Italia a ogiva gothica pela linha recta dos templos gregos ou pela curva elegante dos templos romanos, e Bramante construia para Julio II o famoso S. Pedro de Roma, que Miguel Angelo coroou com a sua immensa cupula. Leonardo de Vinci, Raphael de Urbino

Miguel Angelo e Ticiano creavam o que ficou sendo com a musica a arte moderna por excellencia — a pintura. Na França levantava-se o Louvre, as Tulherias, os castellos de Bois, de Fontainebleau e de Chambord com os primores esculpturaes de João Goujon e Germano Pilon. A Allemanha não tinha senão Alberto Duffrer e Holbein. Em quanto o italiano Palestrina iniciava a esplendida musica, o polaco Cupernico achava desde 1507 a verdade do systema planetario, quer dizer: a sciencia acompanhando a arte, marcava ao sol o seu logar, á terra e aos planetas a sua posição no universo.

V

LITTERATURAS MODERNAS

98. Filha legitima da edade media, e ao mesmo tempo fazendo parte do grupo de povos que receberam a acção culta dos romanos, a nação portugueza, collocando-se desde o principio da sua existencia politica em relação com os demais povos, umas vezes foi influenciada por elles, outras vezes transmittiu-lhe a sua vitalidade litteraria. D'aqui procede a necessidade pedagogica de collocar em frente de cada uma das epocas da litteratura portugueza o quadro synoptico das evoluções litterarias d'esses paizes que conservam o mesmo fundo tradicional, áparte as divergencias ethnicas, locaes e linguisticas.

Esses povos são — a Hespanha, a França, a Italia, a Inglaterra e a Allemanha.

Á unificação romana pertenceram Portugal e Hespanha, a França e a Italia. Mais tarde vem a Inglaterra e a Allemanha incorporar-se na civilisação occidental, acceitando a direcção intellectual da França

que fundindo os elementos antigos com o elemento franco se encontrou em magnificas condições para reunir sob typos communs as crenças germanicas e as grego-latinas, constituindo essa unidade e essa hegemonia que dura ainda.

Opportunamente estudaremos a influencia reciproca d'essas litteraturas á medida que formos percorrendo os periodos da historia litteraria de Portugal.

SEGUNDA PARTE

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

(SECULO XII A XIX)

Periodos da litteratura portugueza

99. A historia da litteratura portugueza começa com a fundação da monarchia iniciada pelo conde D. Henrique e consolidada por seu filho D. Affonso (1139), e sae da edade media como um prolongamento evolutivo das tendencias artisticas da epoca. As phases porque passou desde o seculo XII até nossos dias devem-se á evolução dos elementos staticos e ás influencias externas que as modificaram.

Tomando por base a influencia exercida na lingua e na litteratura pelas diversas correntes litterarias externas, a historia da litteratura nacional divide-se em seis periodos:

O *primeiro* comprehende os seculos XII a XIV (desde D. Affonso Henriques até D. João I) e n'elle florescem os trovadores portuguezes e se funda a Universidade.

O *segundo*, que representa a degeneração da escola provençal em frente da triplice influencia — hespanhola, ingleza e italiana, abrange o seculo XV (desde D. João I a D. Manuel) e n'elle apparecem os primeiros chronistas, grande numero de eruditos e os escriptores moralistas.

O *terceiro* corresponde ao seculo XVI, que é dominado pela influencia da escola italiana (Renascença); abraça o reinado de D. Manuel e seus successores até Philippe II de Hespanha, e n'elle culmina o esplendor litterario pela acção das fortes individualidades que enriquecem a lingua e aperfeiçoam as fórmas litterarias. É o seculo dos quinhentistas.

O *quarto*, que é um periodo de decadencia, occupa o seculo XVII (dos seiscentistas) desde a invasão hespanhola até D. João V, e n'elle prevalece a imitação hespanhola e a rhetorica substitue a virilidade classica.

O *quinto* enche o seculo XVIII e parte do XIX (desde D. João V até á restauração liberal) e n'elle predomina a influencia franceza e se desenvolve o gosto pelas academias poeticas e estudos historicos.

O *sexto*, finalmente, principia no segundo quarto do seculo actual com a evolução romantica e continúa em nossos dias.



PRIMEIRO PERIODO

ESCOLA PROVENÇAL

(SECULO XII A XIV)

Caracter do periodo trovadoresco

100. *a) Lyrismo provençal.* Quando Portugal se emancipou da tutella castelhana para se constituir em nação á parte, a poesia provençal levada a toda a parte pelos trovadores fascinava o espirito publico. Tendo andado por muitos seculos nas infimas camadas sociaes fazendo parte dos costumes populares gaulezes da Provença (antiga provincia romana), recebeu importancia litteraria no periodo das cruzadas, como vimos, e foi trasladada para os salões dos castellos senhoriaes pelas classes aristocraticas que a exploraram como um passatempo galante. Foram trovadores eminentes os senhores da Provença e do Languedoc, os condes de Tolosa, os duques da Aquitania, os delphins de Vienna e de Auvergne, os principes de Orange e os condes de Foix.

Esta escola poetica, chamada *provençal* por ter origem na Provença, ao sul da França, onde se falava a lingua de *oc*, e tambem chamada *galliciana* pela communhão de idéas poeticas em Provença e Galliza, é caracterisada pela alliança das tradições populares antigas com a paixão da alma moderna, pelo objecto dos seus cantares, que é o amor, o prazer e o senti-

mento pessoal, e pelo intrincado da poetica que se perde em caprichosos e variadissimos artificios estrophicos. As composições são curtas, satyricas, amorosas e sentimentaes ; a *sirvente*, o *descort* e principalmente o *joc-parti* ou a *tensão*, que era um torneio poetico sustentado por dois trovadores nas côrtes de amor concorridas por damas e cavalleiros, são as fórmas poeticas mais galantes d'esse lyrismo plebeu convertido em palaciano pelas condições especiaes em que se encontrava a Provença ao publicar-se a primeira cruzada em 1095.

Nota.— A Provença depois do desmembramento do imperio de Carlos Magno foi elevada á condição de reino por Boson I da casa de Borgonha, mas em 943 o titulo de reino foi substituido pelo de condado no tempo de Boson II. Gilberto da casa de Borgonha deixou duas filhas: Taydida que esposou Affonso, conde de Tolosa, e Dulce que aceitou a mão de Raymundo Beranger, conde de Barcellona, nos fins do seculo XI. Ora o conde Raymundo e os seus successores adoptaram na Provença as franquias municipaes, desenvolveram o gosto da cavallaria e das artes, communicaram esta nova ordem de idéas á Catalunha e á Galliza, lutaram pela independencia local contra a França do norte, que tentava absorver a parte meridional regida por instituições democraticas, e d'este modo prepararam uma era de paz e de liberdade, que influenciada pela suavidade do clima fez explozir em ondas de lyrismo apaixonado e democratico as reprezas da tradição gauleza, no momento em que os altos potentados senhoriaes partiam para longe em defeza do santo sepulchro.

101. *b) Diffusão do lyrismo provençal.* O movimento lyrico da Provença, que é um effeito da pureza do elemento gallo-romano conservado n'aquella região, operou-se primeiramente, segundo a opinião de Diez, na zona geographica que abrange o norte do Loire, lago de Genova, oeste de Sevres niorteza, ducado de Aquitania, Auvergne, Rodez, Tolosa, Provença e Vienna. D'aqui foi communicado á Italia, á Inglaterra e á Allemanha, sendo transmittido á Peninsula pela Galliza e Catalunha, ramificando-se da Catalunha para Barcellona e Aragão e da Galliza para Castella e Por-

tugal. Ao passo que a conquista de Toledo e depois a de Castella por Affonso VI chamou á Hespanha grande numero de cavalleiros francezes, provençaes e gascões, aparentados com o rei castelhano por parte de sua mulher D. Constança de Borgonha, em cujo numero apparece D. Henrique de Borgonha, pae do primeiro monarcha portuguez, a area geographica do condado portuguez, que se alongava pela Galliza, explica facilmente a diffusão da escola provençal, por via da Galliza, na sociedade portugueza que se organisava sob os auspicios de uma dynastia oriunda de França.

Nota.— Este primitivo contacto que os nossos tiveram com a Galliza, nossa visinha e comarcã, antigo solar das musas hespanholas e paiz (observa Pinto Ribeiro) com cujas gentes se povoaram nossas terras em diversos tempos; a permanencia entre nós dos cavalleiros francezes que vieram no sequito do conde D. Henrique; a vinda dos cruzados que auxiliaram D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa, ficando muitos d'esses em Portugal em terras que el-rei lhes deu; a colonisação de alguns concelhos concedida nos tempos de D. Affonso I e D. Sancho I a cavalleiros francezes e flamengos aportados a Lisboa, facto comprovado pelo sr. A. Herculano, que affirma terem sido habitados alguns concelhos perto de Lisboa e Santarem por estrangeiros do norte; a influencia dos trovadores que vieram para Portugal no sequito de D. Dulce filha do conde de Provença e esposa de D. Sancho I; o regresso do conde de Bolonha que trouxe comsigo muitos fidalgos poetas; o estabelecimento entre nós de muitos senhores da Galliza, que tendo auxiliado as pretensões de D. Fernando tiveram de emigrar fugindo á vindicta do rei de Castella, — taes são os factos historicos que explicam a communicação e o desenvolvimento em Portugal das ideas poeticas da Provença, cujo dominio impéra absoluto até ao seculo XV e culmina nos tempos de D. Diniz. As mesmas circumstancias concorrem para a diffusão entre nós das tradições epicas do norte da França, tradições feudaes e guerreiras.

102. *c*) *Fórmas litterarias.* N'este periodo abundam os feitos heroicos, mas a epopêa não póde crear-se á mingua de tradições nacionaes: o theatro está reduzido ás momices dos truões da côrte e ás representa-

ções hieraticas nas egrejas; a eloquencia não existe ainda por falta de meio social que a produza. Entretanto a par da cultura latina, o desenvolvimento da lingua nacional no reinado de D. Diniz, o enthusiasmo pelo lyrismo provençal, e a diffusão entre nós das epopêas francas e bretãs trazidas pelos cavalleiros do norte que aportavam ás nossas costas ou vinham residir em territorio nosso, attestam que Portugal desde logo se poz em communicação com o movimento litterario europeu.

103. *d) Fundação da Universidade.* Um dos factos mais importantes d'este periodo, como symptoma das tendencias absorventes do poder real, é a creação da Universidade em Lisboa por D. Diniz, que d'este modo quiz chamar para a realeza a direcção espiritual do reino, embora collocasse o novo instituto sob a protecção da Egreja. A Universidade foi moldada pela de Bolonha, e a organisação dos estudos obedeceu ao espirito humanista da epoca. Fundada em 1290 com o titulo de escolas geraes foi mudada definitivamente para Coimbra no tempo de D. João III que a entregou aos jesuitas, até que pela reforma pombalina foi collocada a par dos melhores estabelecimentos de ensino publico d'aquelle tempo.

Synchronismo

104. N'este periodo a França do sul diffunde por toda a parte a sua poesia trovadoresca, em quanto a França do norte elabora epopêas cavalheirescas como as de *Chretien de Troyes* e *Guilherme de Lorris.*

Na Hespanha forma-se o cyclo dos *poemas do Cid*, e florescem os escriptores que tanto influiram em Portugal: *Affonso o sabio*, *D. João Manuel*, *Lopes de Ayala* e o arcipreste de Hita *João Ruiz.* Na Italia resurgem os classicos com *Dante*, *Petrarcha* e *Boccacio.* Na Inglaterra e na Allemanha diffunde-se a poe-

sia dos trovadores a par das obras de origem greco-latina e elaboram-se epopêas nacionaes, como o poema inglez *Beowulf* e os *Niebelungs* na Allemanha.

Nota.—Desenvolvimento das relações litterarias de Portugal com outros paizes da Europa n'este periodo.

FRANÇA

Em contacto com a lingua celta e com os dialectos barbaros formou-se o *romance* francez, que logo se dividiu em dois ramos: lingua do norte ou de *oil*, e lingua do sul ou d'*oc*. Esta só teve existencia litteraria na epoca trovadoresca (seculo XI a XIII), prevalecendo a dos *troveiros* do norte. Ao passo que do sul irradiava para toda a parte a effervescencia poetica dos trovadores, do norte partiam tambem as epopêas allegoricas e cavalleirescas, carolinas e arthurianas de involta com os poemas de origem greco-latina da guerra de Troia e de Alexandre. São d'este tempo os cantos epicos de Chretien de Troyes e o celebre *Roman de la rose*, escripto no seculo XIII por Guilherme de Lorris. A poesia dramatica esgota-se em *mysterios*, dos quaes o mais notavel é o do bispo João Michel ácerca da conceição, paixão e resurreição de J. Christo. Este mysterio é dividido em 174 actos e exigia 400 actores. Como no theatro chinez, alguns mysterios francezes levavam 40 dias a representar, o que succedeu com a representação dos *Actos dos apostolos* (80:000 versos) por Arnaldo Greban.

HESPANHA

Em luta permanente contra os mouros desde o principio do seculo VIII até ao seculo XV, a Hespanha é sollicitada por tendencias de varias especies : — *internamente*, pelo enthusiasmo guerreiro personificado em Bernardo del Carpio, nos Sete Infantes de Lara e no Cid Campeador (Ruy Dias de Bivar), pela influencia mystica do catholicismo, e pela tradição greco-latina ; e *externamente*, pela acção da França do norte e do sul que lhe communica ora o fervor epico das gestas ora o sentimentalismo amoroso de Provença. D'essas differentes correntes de inspiração existem documentos litterarios. O *Poema do Cid*, monumento litterario do seculo XII, é a primeira epopêa nacional devida ao genio iberico. Em volta do typo legendario do Campeador agrupam-se as canções populares que formam o romanceiro do Cid, como tres seculos antes todas as gestas francezas se agrupavam em torno do valoroso Carlos Magno. A elaboração épica de Hespanha tão auspiciosamente

inaugurada, teria produzido uma brilhante litteratura nacional se não fôra a reacção de elementos estranhos que vieram abafar em estereis imitações os germens d'aquella vitalidade organica. A tradição greco-romana tão arreigada sempre na Peninsula exemplifica-se no *Poema de Alexandre* por João Lourenço Segura de Astorga, e a tendencia mystica personifica-se em Gonzalo de Berceu (1198 — 1268) do qual restam nove poemas sobre a vida dos santos.

Ao lado d'estas tres correntes que tendem a fundir-se n'uma só, circulam por todo o territorio hespanhol os poemas francos, dos quaes se faz copiosa imitação até ao seculo XVII, e as trovas provençaes espalhadas primeiramente pelos trovadores e depois pelos jograes e copleiros. Desde Affonso X (1221 — 1284) até ao reinado de D. João II (1407 — 1454) a monomania trovadoresca domina todos os espiritos. Entretanto merecem menção :

O rei *Affonso o sabio*, que foi poeta, astronomo e historiador, organisou o codigo de partidas e escreveu um cancioneiro em portuguez.

O principe *D. João Manuel* (fallecido por 1362) sogro do nosso D. Pedro I e sobrinho de Affonso o sabio, o qual escreveu em prosa e em fórma de apologos o *Conde Lucanor*, que é uma collecção de 49 novellas politicas e moraes á semelhança das de Boccacio.

Pedro Lopes de Ayala (1332 — 1407), escriptor satyrico e auctor do poema *Rimado de palacio* composto de 1617 estrophes contra Pedro o cruel.

Juan Ruiz, acipreste de Hita fallecido por 1351.

Rodrigo Yannes, que entre 1340 e 1344 compoz um poema da conquista de Hespanha.

ITALIA

Até ao seculo XIV a litteratura italiana fixa definitivamente a sua lingua, mas como a Italia foi o paiz onde mais pura se conservou a tradição da antiguidade, é da Italia que vae partir agora o movimento litterario que revocará as attenções para as litteraturas antigas, disciplinará os espiritos e dará unidade ás creações sentimentaes. Iniciaram esse movimento no periodo em que as trovas provençaes ainda eram o divertimento das classes patricias, tres talentos de primeira grandeza : Dante, Petrarcha e Boccacio.

Dante Alighieri de Florença (1265 — 1321) instruiu-se nas universidades de Bolonha, Padua e Pariz. Involvendo-se na politica seguiu o partido dos gibelinos contra os guelfos, e admirador profundo de Virgilio, cujas bellezas do estylo o seduziam e cujo patriotismo o enthusiasmava, compoz a *Divina*

comédia, dividida em 3 partes (Inferno, Purgatorio e Paraizo) que é o poema allegorico, catholico e theologico que mais fielmente traduz as idéas dominantes na edade media.

Petrarcha de Arezzo (1304 — 1374) grande latinista e notavel philologo, compoz em latim os seus primeiros versos. Apaixonado pelos modelos antigos passou os seus melhores dias a estudar e a escrever ora em latim ora em italiano. Elle e Boccacio communicaram á lingua aquella graça e harmonia que fizeram do italiano o mais suave e melodico dialecto romanico. Escreveu o poema epico a *Africa* para celebrar os feitos de Scipião, mas o melhor titulo da sua gloria de poeta é a collecção de sonetos e canções inspiradas pela celebre Laura que elle viu pela primeira vez em Avinhão (1327). Os contemporaneos que o coroaram solemnemente no capitolio (8 de abril de 1341), fizeram justiça ao mais ardente, mais sincero e mais humano dos lyricos italianos do seculo XIV.

Boccacio de Paris (1313 — 1373) filho de pae florentino, amigo e discipulo de Petrarcha, lançou ao fogo as suas poesias ligeiras quando leu as canções e sonetos do mestre, e dedicando-se á prosa escreveu varias obras satyricas e realistas ; mas a mais notavel é o *Decamerone*, collecção de cem novellas tiradas da tradição licenciosa da edade media. O seu grande talento de artista e de prosador revela-se aqui, e é dos seus contos que lhe procede a celebridade.

INGLATERRA

Pela conquista da Inglaterra por Guilherme e fundidos os saxões com os normandos, as differentes linguas faladas n'aquelle paiz tendem a desapparecer predominando o elemento saxonio, que em contacto com o francez antigo deu origem ao inglez moderno. Os cantos dos *scaldos* saxonios e dos *bardos* gaulezes são os primeiros monumentos inglezes. Tentando o genio inglez revelar-se n'uma epopêa nacional, produziu o poema *Beowulf*, mas todas as tentativas de origem local foram como nos outros paizes suffocadas. Os versos apaixonados do trovador *Ricardo-coração de leão*, os romances da Tavola redonda, por exemplo os de Rou e de Brut, de origem normanda, e depois as poesias de *Chaucer* (1328 — 1400) imitador de Petrarcha e Boccacio, e as obras de *John Lygdate* sobre o thema classico das guerras de Troia e Thebas, escriptas sob o governo da casa de Lencastre (1380 — 1430), impulsionaram a actividade nacional para o movimento litterario que vinha da Italia.

ALLEMANHA

Influenciada pela França desde Carlos Magno, a Allemanha recebe como os outros povos a acção directa da poesia pro-

vençal no seculo XII. A este tempo estavam em elaboração as epopêas nacionaes, como o poema *Niebelungenlied* attribuido ao thuringiano Henrique de Ofterdinger, elaboração que teve principio no seculo VIII; mas a influencia dos contos orientaes e das tradições biblicas, o dominio da antiguidade, que transparece na *Eneida* de Veldeke (1190), na *Guerra de Troia* e na *Expedição dos argonautas* de Wurtzburg, e as imitações provençalescas que pullulam sob a dynastia dos Hoenstauffens produziram o resultado que se observa nos outros paizes. A poesia reveste um caracter particular e pessoal abafando o elemento tradicional e collectivo, e mais de trezentos poetas cantando o amor, a alegria, as aventuras e as rivalidades locaes e pessoaes inundam a Allemanha. Estes cantores eram designados pelo nome de *Meistersœnger* ou mestres cantores, e *Minnesœnger* porque celebravam as aventuras amorosas.

Poesia

CANCIONEIROS

105. Os principaes documentos para a historia da poesia provençal portugueza encontram-se nos *Cancioneiros*, ou collecções de canções recolhidas por mão desconhecida, provavelmente na epoca de D. Affonso III e D. Diniz, que é o periodo em que a poesia dos trovadores portuguezes attinge o maximo desenvolvimento. D'esses cancioneiros que por muito tempo se julgaram perdidos, existem hoje tres codices importantissimos pela sua antiguidade e valor philologico: o Cancioneiro dos Nobres, o da bibliotheca do Vaticano e o que pertenceu ao italiano Colocci.

a) *O Cancioneiro dos Nobres* ou *da Ajuda*, assim chamado porque tendo apparecido no espolio dos jesuitas foi mudado para a livraria do collegio dos Nobres em 1825, e depois recolhido na bibliotheca da Ajuda, onde actualmente existe, é escripto em pergaminho e contém 313 canções anonymas redigidas em portuguez galliciano que se suppõe anterior a D. Diniz. Os muitos gallicismos que n'elle apparecem, denunciam a existencia da corrente poetica franceza que D. Affonso III introduziu e desenvolveu entre nós.

Este cancioneiro foi accrescentado com 24 folhas avulsas que o antigo bibliothecario de Evora, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, encontrou na livraria dos jesuitas d'aquella cidade, e traz annexo o *Nobiliario* do conde D. Pedro, o que fez acreditar que seria o conde de Barcellos o auctor d'este monumento poetico.

A primeira edição diplomatica d'este cancioneiro deve-se a lord Carlos Stuart, que, tendo estado alguns annos em Lisboa como ministro de Inglaterra, estudou a nossa antiga litteratura e mais tarde (1823) publicou em Paris aquella collecção com o titulo de «*Fragmento de um cancioneiro inedito que se acha na livraria do real collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso á custa de lord Stuart, socio da Academia Real de Lisboa. Em Paris, no paço de Sua Magestade Britannica.* DDCCCXXIII.» A tiragem d'esta edição foi apenas de 25 exemplares, e quando se fez ainda não tinham apparecido as 24 folhas avulsas da bibliotheca de Evora.

Em 1849 o diplomata brazileiro F. A. Varnhagem deu em Madrid uma edição litteraria do mesmo texto sob o titulo: — «*Trovas e cantares de um codice do seculo XIV.: ou antes mui provavelmente o Livro das Cantigas do conde de Barcellos, com dois fac-similis. Madrid.* MDCCCXLIX.» Seduzido pelas razões philologicas de João Pedro Ribeiro, e porque as differentes peças poeticas do cancioneiro não estavam assignadas, Varnhagem suppoz que essas trovas eram trabalho de um só auctor, provavelmente do conde de Barcellos, visto que o *Nobiliario* do conde andava annexo ao mesmo codice.

Mais tarde em 1872 o mesmo Varnhagem deu á estampa em Vienna o «*Cancioneiro de trovas antigas*» que é uma collecção de 50 canções extrahidas de um codice visto por elle em Madrid, e mui semelhante ao do Vaticano. Continuando a attribuir essas trovas a um só auctor, dispol-as por certa ordem, arbitraria e ima-

ginaria, e suppoz que ellas constituiam um romance sentimental. O estudo comparativo dos tres codices da poesia provençal portugueza deitou por terra as hypotheses de Varnhagem, demonstrando que os tres monumentos encerram poesias de differentes auctores embora dominados pela tendencia commum da epoca.

b) *O Cancioneiro do Vaticano* ou *d'el-rei D. Diniz* é assim chamado por ter apparecido na bibliotheca do Vaticano (sob o n.º 4:803) onde foi achado no tempo de D. João III, e por comprehender grande numero de trovas (para cima de 1:200) do cyclo dionysico. Os trovadores que firmam as canções d'este codice pertencem ao periodo que vae do reinado de D. Affonso II até ao de D. Affonso IV. Fernando Volf organisou a lista d'estas poetas e entre elles apparece João de Lobeira, talvez o pae de Vasco de Lobeira, auctor do *Amadis*.

A primeira edição d'este monumento poetico, que por industria do visconde da Carreira, antigo ministro portuguez em Roma, foi copiado do exemplar do Vaticano, deve-se ao brazileiro Caetano Lopes de Moura que a fez imprimir em Paris na casa do livreiro Aillaud em 1847, enriquecendo-a de copiosas notas.

Mais tarde o eminente philologo italiâno Ernesto Monaci organisou nova edição que prefaciou e annotou fazendo-a imprimir em Halle no anno de 1875 á custa do editor Niemayer. N'esta edição apparece pela primeira vez um extenso indice dos poetas portuguezes do cancioneiro Collocci, que então se reputava perdido. O indice fôra encontrado por Monaci no manuscripto 3:217 da vasta bibliotheca vaticana.

Tres annos depois (1878) o sr. Theophilo Braga publicou uma edição critica do cancioneiro de Monaci, quando ainda não sabia da existencia da collecção de Colocci a que se referia o indice descoberto por Ernesto Monaci.

A esse tempo, porém, os srs. Corvisieri e Molteni (discipulo de Monaci) descobriram em poder do conde

italiano Brancuti a collecção que reputavam perdida. D'essa collecção extrahiu Molteni 442 canções ineditas, pondo de parte 1:047 communs ao cancioneiro do Vaticano já publicado, e preparava-se para as publicar quando a morte o surprehendeu.

c) *O Cancioneiro Colocci*, ou de *Brancuti* é assim designado porque tendo pertencido ao philologo italiano Angelo Colocci (seculo XVI) passou depois ao conde Brancuti di Cagli. É o mais rico dos codices antigos; continha primitivamente 1:578 canções, e agora constà de 1:189. Encerra, como dissemos, 1:047 canções que tambem apparecem no codice do Vaticano, e 186 que são communs ao codice da Ajuda. Esta circumstancia dá-se tambem entre os cancioneiros da Ajuda e do Vaticano que encerram 55 trovas communs, e faz suppor que os tres codices foram copias de algum exemplar commum que se perdeu, ou que um d'elles fôsse o modelo dos dois restantes.

A edição do cancioneiro Colocci, segundo o plano de Molteni, foi realisada em Halle em 1880 por Ernesto Monaci que d'esta fórma quiz commemorar o tricentenario de Camões. Taes são os monumentos onde se encontra inventariada a antiga poesia portugueza trovadoresca exemplificada em cerca de 1:700 canções, segundo os ultimos trabalhos da critica.

Nota. — Os escriptores portuguezes do seculo XVI e XVII fazem referencia a outros cancioneiros, taes como o do conde de Barcellos e o do conde de Marialva.

O Livro das cantigas do conde de Barcellos foi deixado em testamento (1230) a D. Affonso XI de Castella pelo proprio conde. Affirma-se que n'esta collecção existiam nove composições da lavra do conde e que das restantes elle fôra apenas o collector. Varnhagem suppoz ter encontrado este codice, confundindo-o com o da Ajuda.

O *Cancioneiro do conde de Marialva*, citado no seculo XVII por Fr. Bernardo de Brito, no seculo XVIII por Antonio Ribeiro dos Santos e ultimamente por D. Marianno Soriano Fuertes que o viu na bibliotheca de Barcellona em 1855 e d'elle trasladou para a sua Historia da musica hespanhola algumas trovas e toadas, é um documento precioso. E' n'elle que

apparecem as famosas cinco *reliquias* da antiga poesia portugueza, que antes do conhecimento directo dos codices dyonisicos se reputavam os primeiros ensaios da musa portugueza. Esses poemetos são : — o Fragmento do poema da Cava (ou perda de Hespanha), a Canção do Figueiral, a Canção de Gonçalo Hermingues e as duas Cartas de Egas Moniz. A opinião mais acceitavel é a d'aquelles que fixam nos fins do seculo XVI e principios do immediato a epoca provavel da elaboração d'aquelles documentos poeticos, taes quaes existem hoje.

TROVADORES PORTUGUEZES

106. Não está feita a lista completa dos trovadoras portuguezes já porque se perderam muitos dos cancioneiros antigos, já porque os documentos historicos apenas fazem referencia a alguns nomes. Manuel de Faria e Sousa nos commentarios ao *Nobiliario do conde de Barcellos* cita alguns poetas que na sua opinião frequentaram a côrte de D. Affonso Henriques, mas que parece terem pertencido a edade posterior, taes são : — João de Gaya, que pertence á côrte de D. Affonso IV, Fernão Garcia Esgaravinha, Estevam Annes Valladares, João Soares de Paiva, Juan Martinez e Vasco Fernandes de Praga. Alguns d'estes assignam trovas no cancioneiro do Vaticano.

Nas *Trovas e cantares* publicados por Varnhagem citam-se : — Fernão Velho, Pedro da Ponte, Vasco Rodrigues de Calvelo, Pero Solaz, Pero Barroso, Affonso Lopes Bayão, Meem Rodrigues Tenoyro, João de Guilhade e outros, muitos dos quaes figuram tambem no cancioneiro do Vaticano.

Pertenceram ao grupo que esteve com D. Affonso III em França e tomou parte nas lutas de D. Sancho II, ou pelo menos são da mesma epoca os seguintes : — Estevam Peres, Gonçalo Gomes de Vinhal, João Soares Coelho, Martim Moxa, Nuno Fernandes, Pero Annes Marinho, Payo Soares, Pero Gonçalves Portocarrero, Rodrigues Annes Redondo, Rodrigo Annes de Vasconcellos, Ruy Martins, Vasco Peres, Fernão Gonçalves, Fernão Gonçalves de Seabra, Affonso Lo-

pes de Bayam, Fernão Velho, Martim Peres d'Alvim e D. João de Aboim.

Na edição critica do cancioneiro do Vaticano (1878) figuram cerca de 150 poetas, mas este numero é relativamente inferior se o compararmos com o catalogo dos trovadores portuguezes organisado por Colocci. Em 1844 João da Cunha Neves Carvalho Portugal escreveu no *Panorama* uma noticia de alguns trovadores portuguezes; os antigos livros de linhagens andam cheios de referencias a nomes de fidalgos trovadores cujas obras poeticas se perderam; mas a memoria portugueza mais completa sobre o assumpto é o prologo do *C. do Vaticano* pelo sr. Theophilo Braga.

107. Alem dos trovadores citados merecem menção especial por seus talentos e posição eminente el-rei D. Diniz e os seus filhos bastardos D. Pedro, conde de Barcellos, e D. Affonso Sanches.

D. Diniz (1261 — 1325) educado por Aymeric de Ebrard, de Cahors na Aquitania e por outros mestres que seu pae mandou vir de França, fundou a universidade, promoveu o desenvolvimento da lingua nacional, mandou traduzir para portuguez a Biblia e as Leis de partidas, e a exemplo de seu avô D. Affonso o sabio escreveu ao gosto provençal 128 cantares ou trovas que andam na collecção que tem o seu nome.

As canções attribuidas a este monarcha são de duas especies: umas proprias para serem cantadas á theorba e outras de caracter devoto, e que segundo Nunes de Leão formavam o Cancioneiro de N. Senhora. Esta obra porem, parece, pertencer a D. Affonso o sabio. Os interesses da policia litteraria do reino, como se vê, mereceram a D. Diniz o maximo cuidado.

Conde de Barcellos (? — 1354), filho de D. Diniz e de D. Gracia da Ribeira de Santarem, elevado a conde em 1304, trovador como seu pae, colligiu um

cancioneiro das suas trovas, como fica dito, e deixou-o em testamento a D. Affonso XI de Castella. Esse livro desappareceu, mas as provas do talento do auctor podem ser vistas no codice do Vaticano onde foram recolhidas algumas das suas canções. Pessoa de bastante illustração, o conde D. Pedro escreveu, segundo a tradição de seculos, um cadastro ou resenha dos nobres portuguezes até ao seu tempo. É' porém de notar que o sr. A. Herculano depois de classificar os nobiliarios em: *livro velho* das linhagens (publicado por D. Antonio Caetano de Sousa), *fragmento do livro velho*, *fragmento do nobiliario do conde D. Pedro* e *nobiliario do conde D. Pedro*, sustenta que o titulo de *nobiliario* dado aos trabalhos genealogicos, foi posto em 1640 por João Baptista Lavanha, e que o nobiliario attribuido ao conde de Barcellos não é mais que um conjuncto de diversas memorias genealogicas escriptas em epocas differentes, e mal coordenadas provavelmente nos meiados do seculo XV (N. XIV do vol. 1.º da *Historia de Portugal*). E' provavel que parte d'essas memorias sejam obra do conde trovador.

Affonso Sanches (1286 — 1329), conde de Albuquerque, mordomo-mór de seu pae e seu privado, cultivou egualmente a poesia provençal como se prova pelas 15 composições que trazem o seu nome no codice do Vaticano; mas é certo que escreveu muitas mais que se perderam, como se perderam as d'el-rei D. Pedro.

POEMA DA CAVA

108. Manuel de Faria e Sousa que escreveu no seculo XVII, affirma que este fragmento fôra encontrado no castello da Louzã, e que pertence á epoca da invasão sarracena ou principios do seculo IX. Seguiram esta opinião Bouterweck e Sismondi confiados em Miguel Leitão de Andrade (*Miscellania* — 1629) e em Faria e Sousa (*Europa portugueza* — 1667). Mys Antonio Ribeiro dos Santos, impressionado pelo esta-

lo d'aquellas oitavas, mais limado que o das canções de Hermingues e Moniz, conclue que o poema seria composto nos fins do seculo XII ou principios do XII no dialecto meridional que pelo contacto com os arabes era mais polido que o dialecto galliciano, ou do norte, das canções de Hermingues e Moniz (*Memorias sobre as origens da poesia port. nas Mem. de lit.* da Ac. Real das sciencias. T. VIII). João Pedro Ribeiro por sua parte julgou ter dirimido o litigio declarando apocrypho o fragmento. O portuguez intencionalmente archaico d'aquellas oitavas não passa de uma fraude empregada por alguem que se lembrou de imitar a linguagem antiga O sr. Theophilo Braga cuida que o poema da Cava pertence ao seculo XV, porque a sua fórma estrophica só apparece pela primeira vez usada por Affonso o sabio em Hespanha, e em Portugal no seculo XV; é no genero das *lamentações* usadas no fim do seculo XIV.

Eis o fragmento:

O rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliam e Oppas á sua grey daninhos,
Que ensembra co os netos d'Agar fornesinhos
Huãa atinarom prasmada façanha:
Cáa Muça e Zariph com basta campanha
De juzo da sina de Miramolino
Ca falso Infançon, e Prestes malino
De Cepta aduxerom ao Solar de Espanha.

E porque era força, adarve e foçado
Da Betica Almina, e o seu Casteval
O conde per encha e pro communal
Em terra os encréos poyaram a saa grado
E Gibraltar, maguer que adarvado,
E co compridouro por saa defensão
Pelo suso dito seu algo de afão
Presto foy delles entrado e filhado.

E os ende filhados, leaes á verdade
Os hostes sedentes de sangue de oniudos
Meterom a cutelo apres de rendudos
Sem esguardarem a sexo nem idade;

E tendo atimada a tal crueldade,
O templo e orada de Deos profanarom
Voltando em mesquita hu logo adorarom
Saa besta mafoma, a medes maldade.

O gazu e assalto que os da alevozia
Tramarom per voltos de algo sayones
Co'os dos almirantes da hoste mandons
Quedarom com farta soberba e folia
E Algesira que a medés temia
Per ter a malesa cruenta sabudo
Mandou mandadeyro como era teudo
Ao rouçam do rey que en Toledo sia.

CANÇÃO DO FIGUEIRAL

109. Esta canção foi publicada pela primeira vez por Fr. Bernardo de Brito, attribuindo-a a um tal Goesto Ansur, mas antes d'elle Miguel Leitão de Andrade ouviu-a cantar a uma creada velha do Algarve. Tambem falla d'ella Manuel de Faria e Sousa. Refere-se ao tributo das cem donzellas que os christãos pagavam aos mouros de Hespanha, e como andou por muito tempo na tradição popular da Peninsula, a sua fórma estrophica devia ter recebido differentes modificações antes de ser recolhida no estado em que a possuimos. Ribeiro dos Santos attribue-a aos fins do seculo XII ou começos do seculo XIII; o que se sabe, porém, é que essa canção é genuinamente popular e já andava na tradição oral no fim do seculo XIV. Nos collectores apparece umas vezes em versos alexandrinos imperfeitos, de procedencia franceza, outras vezes em hemystichios mais ou menos regulares. A fórma da Canção do Figueiral, segundo a lição do cancioneiro manuscripto do conde de Marialva, é a seguinte:

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey
seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrei;
para elas andara, para elas andei
lhorando las achara, lhorando las achei;

logo las percurára, logo las percurei
quem las mala tratara y a tam mala ley ?

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
uma repricára : «infaçom non sei,
mal cunusse la terra que teme o mal rei ;
s'eu las armas usara, ya mi fee nom sei ;
se hombre a mi levara de tam mala lei ;
adios vos vayades, garçom, ca nom sei
se onde me falades maisvos falarei.».

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
Eu la repricára : — A mi fee nom irey,
ca olhos d'essa cara caros comprarei,
a las longas terras en traz vós me irei,
las compridas vias eu las andarei,
lingua de aravias eu las falarei ;
mouros se me vissem, eu los matarei.

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
Mouro que las guarda cerca las achei,
mal las meazara, eu mal me anogey :
troncom desgalhara, troncom desgalhey ;
todolos machucara, todolos machuquey,
las ninhas furtara, las ninhas furtei,
la que a mim falara, na alma la chantey,
no figueiral figueiredo, a no figueiral entrei.

CANÇÃO DE GONÇALO HERMINGUES

110. Esta canção ou fragmento de canção attribuida a Gonçalo o traga-mouros suppõe-se ser dos fins do seculo XIV e é baseada nas aventuras de Oriana, nome vulgarisado pelos romances de cavallaria. Falam d'ella Miguel Leitão e Bernardo de Brito. João Pinto Ribeiro suppõe que este documento é um artificio poetico organisado calculadamente para illudir, mas o sr. Theophilo Braga defende a sua authenticidade, e reconstruiu uma nova lição da trova dando-lhe uma fórma que julga mais provavel e mais genuina que a fórma recolhida pelos collectores.

A fórma antiga é a seguinte:

Tinherabos, non tinherabos
Tal a tal ca assoma,
Tinheradesme, non tinheradesme ;
De lá vinherades, de cá filharedes ;
Cá amabia tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando
Oy, oy bos lombrego,
Algorem se cada folgança
Asmei eu ; perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem per certo
Que inha bida do biber
Se olvidrou por teu olvidro, porque em cabo
O que eu ei de la chebone sem referta,
Mas non ha perque se ver.

O sr. Theophilo Braga sem introduzir palavras novas e simplesmente submettendo os versos ás exigencias da rima, deu nova disposição estrophica áquellas trovas traduzindo-as assim :

Tenho-vos, não vos tenho,
A um e um tudo acode !
Tiveram-ma, não tiveras !
De lá fartada cá vieras,
Pois luctam a quem mais pode.

Por mil jocos trebelhando
Hoje, hoje vos prescruto !
Alguem d'aqui la folgando
Suppuz ; porque esse terreno
Nunca deu ai tal fructo.

Mas não ha porque se ver,
De minha vida o viver
Por teu alvidro olvidei.
Diz o canto, sem mentira :
Ninguem Oriana me tira
Porque é alfim o que eu hei.

DUAS CARTAS DE EGAS MONIZ COELHO A VIOLANTE

111. Estes poemetos lyricos são do seculo XIV e pertencem ao filho de Pedro Coelho, do tempo de D. João I e não ao outro Egas Moniz que foi aio de D. Affonso Henriques. A primeira carta é dirigida a D. Violante quando o poeta se ausentava para Coimbra, e a segunda á mesma dama quando Egas Moniz regressando soube do perjurio da sua amante. Damos em seguida a fórma antiga e em frente a versão de Garrett.

PRIMEIRA CARTA

Forma antiga	*Versão de Garrett*
Ficaredes bos embora Taom coitada, Que ei boime per hi fora De longada.	Ficae-vos em boa hora Tão chorada, Que eu vou-me por ahi fora De longada.
Bai-se o bulto do mei corpo, Mas ei non Que os çocos bos finca morto O coraçom.	Vae-se o vulto do meu corpo, Mas eu não, Que aos pés vos fica morto O coração.
Se pensades que ei vom Nom no pensedes, Que chantado em bos estom E non me bedes.	E se pensaes que eu vou, Não no pensedes ; Que unido comvosco estou E não me vedes.
Mei jazido e mei amar Em bos acara ; Grenhas tendes de espelhar Lusia cara.	Em vós meu ser, meu amor, Que de vós nasce ; Tranças tendes de espelhar Lucida face.
Nom farom estes meis olhos Tal abesso. Que esgravizem os meis dolos Da compeço.	Não quero os olhos voltar Tam de avesso, Que os meus males vá contar Do começo.
Mas se ei for pera Mondego Pois la vom, Carulhas me fagaom cego Como ei som.	Mas se eu for para Mondego Como vou, Carochas me façam cego (Que já o sou !)

Se das penas do amorio
Que ei retouço,
Me figerem tornar frio
Como ei o ouço.

Asmade-me se queredes
Como Lusco,
Se no torvo me acharedes
A muy fusco.

Se me bos a mi leixardes,
Deis me guarde,
Nem asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

Ora nom leixedes, non,
Ca sois garrida,
A se non, Christé la jon
Per inha vida.

Se n'estas penas de amor
Com que lido,
Como dizeis, esfriar
O meu sentido,

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo ;
Senão peior me achareis
Cego de todo.

Se vós a mim me deixardes...
Deus me guarde !
Que fareis vós em queimardes
O que já arde ?

Ora não me deixeis, não,
Que sois garrida !
E se não kirieleisão
Por minha vida.

SEGUNDA CARTA

Forma antiga

Bem satisfeita ficades
Corpo de oiro
Alegrade a quem amades
Que ei ja moiro.

Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quige,
A que dolos nom abedes
Que bos fige.

Cambastes a Pertigal
Por Castilla,
Abasmades o mei mal,
Que dôr me filha.

Pranhaisme por Castijanos,
Epestineque,
A chantaisme binte enganos
Que me segue.

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,
Longe ha o sestro agoiro
Por diante.

Versão de Garrett

Bem satisfeita ficaes,
Corpo de oiro ;
Alegraes a quem amaes
Que eu já moiro.

Mas peço que vos lembreis
Que vos quiz,
E que penas não haveis
Que vos fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levaes-me a alma, inda mal!
Que dôr hei n'ella !

Delxais-me por castelhanos...
Que negra sorte !
E teceis-me mil enganos
Por me dar morte.

Vedes moiro, vedes mairo,
Violante !
Longe vá o sestro agoiro
Por diante.

Bos bibede hu centenario
Muy garrioso,
Que ei me boi para o trintario
Lagrimoso.

A se a bossa remembrança
Ei bier,
Dizei, Egas tem folgança
Hum xiquer.

A se ouvirdes na murtulha
Os campaneiros,
Retouçade na murmulha
Os meis marteiros.

Quando ouvirdes papear
O castejom,
Lembrede-bos lhe fige dar
Ja de cotom.

A que bos guige, e reguige,
Como ber,
A nunca a cousa bos fige
Desprazer,

Nem bos podo maes falar
Que non falejo,
Ca bem podedes asmar
Qual ei sejo.

Tenho todo o arcaboiço
Sei feiçom,
Mas ei bos vejo, e bos oyço
No coraçom.

Bedesme boi descahindo
Nesta hora;
Bos amor ficade rindo
Muito embora.

Vós vivei um centenario
Mui ditoso!
Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança
Eu vier,
Dizei: Egas tem folgança!
Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar;

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
Lhe fiz já dar.

Ai que vos quiz e requiz
Como o ver!
Em coisa alguma vos quiz
Desprazer!

Não vos posso mais falar
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição,
Mas inda vos quero e oiço
No coração.

Vêde, já vou descahindo
N'esta hora...
Vós, amor, ficae-vos rindo
Muito embora.

Historia

112. A historia propriamente dita não existe n'este periodo que termina com o seculo XIV. Em compensação apparecem os livros de linhagens. Estes cadastros que são como que a matricula geral da milicia

fidalga subordinada á auctoridade suprema do imperante, são preciosos como documentos philologicos e como repositorios de tradições populares e lendas, que são chamadas a explicar os factos reaes. A alliança intima da ficção com a realidade é, pois, o caracter dos nobiliarios e de todos os ensaios historicos que foram escriptos n'esta epoca. N'elles se allude frequentemente a romances populares, ás gestas francezas, ás lendas bretãs e ás tradições poeticas da edade media, o que prova que a par da corrente provençal, a litteratura portugueza recebeu a influencia directa das tradições novellisticas e epopaicas que percorriam a Europa, taes como a lenda do rei Lear, o conto da Dama pé de cabra, a historia do rei Ramiro e a novella do Amadis de Gaula que Vasco de Lobeira reduziu a fórma litteraria.

113. Alem dos nobiliarios, escreveram-se no seculo XIV muitas relações particulares ou chronicas, umas em latim outras em portuguez. Ha noticia das seguintes:

Chronica breve do archivo nacional, em portuguez e anonyma; refere o succedido desde o principio da monarchia até D. Diniz. Anda intercalada nas *Inquirições* de D Affonso III.

Chronica geral de Hespanha, escripta em castelhano por Affonso o sabio; foi mandada traduzir por seu neto D. Diniz e continuada depois na parte respeitante a Portugal até ao anno de 1455, no reinado de D. Affonso V. Existe uma copia na Academia real das sciencias e foi começada a imprimir em Coimbra pelo dr. Nunes de Carvalho.

Vida da rainha Santa Izabel, escripta pouco depois da morte da rainha; foi citada pela primeira vez por D. Fernando o santo no seu testamento feito antes de partir para Tanger. Vem na *Monarchia Luzitana*, (4.ª parte).

Relação da batalha do Salado, encontra-se no frag-

mento do nobiliario que anda junto ao c. da Ajuda. O assumpto d'esta relação inspirou em Hespanha a chronica em redondilhas de Rodrigo Yannes e o poema (hoje perdido) da Batalha do Salado, em forma de lamentação, do nosso poeta Affonso Giraldes.

Chronica da conquista do Algarve pelo mestre de S. Thiago D. Payo Peres Corrêa, encontrada em 1780 na camara municipal de Tavira por Fr. Joaquim de Santo Agostinho.

Nota. — Francisco Brandão na *M. Luzitana* e D. Nicolau de Santa Maria na *Ch. dos conegos regrantes* affirmam que desde D. Affonso Henriques houve historia e chronistas em Portugal, e tanto que o officio de chronista foi commettido desde logo aos priores claustraes de S. Cruz; que João Camello capellão d'el-rei fôra o primeiro chronista do reino, e como tal escrevera o Summario das familias e primeiros conquistadores do reino, e que a João Camello succedera Pedro Alparge prior de Santa Cruz ; mas Fr. Manuel de Figueiredo dá como duvidosos estes chronistas e os demais pertencentes a Santa Cruz até 1400. A verdade é que só no tempo de D. Fernando foi reunido o archivo do reino ao thesouro real que se guardava na Torre alvarrã ou do aver (hoje Torre do tombo), sendo os empregados do archivo os guardas do erario, e que na relação dos funccionarios que serviram como archivistas desde a junc-ção até Fernão Lopes não figura como guarda-mór da Torre do tombo nenhum chronista official. Devemos pois suppôr que o primeiro chronista do reino foi Fernão Lopes nomeado por D. Duarte.

Novellistica

114. O romance mais importante d'este periodo é o *Amadis de Gaula*, redigido em prosa portugueza por *Vasco de Lobeira*, natural da cidade do Porto. Ignora-se o anno em que foi escripta esta novella, attribuindo-a alguns escriptores ao tempo de D. Diniz e outros á epoca de D. João I; mas é certo que foi o Amadis a gesta franceza que primeiro recebeu fórma litteraria em Portugal, e que a influencia d'este romance de cavallaria foi extraordinaria na Europa. O heroe do romance, como nas outras versões do mesmo

thema que se fizeram na França, na Inglaterra e na Hespanha, antes e depois de Lobeira, é um cavalleiro andante que serve na côrte de um rei por cuja filha (Oriana ou Ydoine) se apaixona, e para a merecer corre perigos e aventuras até voltar nobilitado por feitos de valentia, de fidelidade e de cavalheirismo. O Amadis de Lobeira filia-se na tradição epica das gestas de Roldão, Ogier, Raul de Cambray e Girardo de Roussillon.

PHILOSOPHIA

115. O representante da philosophia portugueza no seculo XIII é *Pedro Julião* ou Pedro Hispano, natural de Lisboa, eleito papa a 13 de setembro de 1276 e fallecido em Viterbo a 10 de maio de 1277. Foi sagrado com o nome de João XXI. Professou a medicina, a theologia e a philosophia aristotelica. Escreveu o livro de medicina *Thesaurus pauperum* e alguns livros de philosophia, sendo d'estes o mais conhecido aquelle que intitulou *Summulæ logicales*, obra adoptada em todas as escolas da edade media, pois que era um resumo official e auctorisado da philosophia aristotelica communicada á Peninsula pelos arabes.

SEGUNDO PERIODO

ESCOLA HISPANO-PROVENÇAL

SECULO XV

Caracter do periodo hispano-provençal

116. A litteratura portugueza do seculo XV continúa a designar-se *provençal* por ser uma continuação da escola trovadoresca, mas tambem se chama *hespanhola*, porque são os poetas hespanhoes os nossos principaes modelos.

Este periodo é assignalado pelos seguintes caracteres:

a) Separação profunda entre a poesia popular e a poesia erudita. Ao passo que o povo, guiado pelo instincto da justiça, satyrisa os nobres que atraiçoam os interesses do reino, designadamente o conde Andeiro e a rainha D. Leonor, celebra os heroes que viu a seu lado como foi o condestavel Nunalvares, e alimenta a sua actividade poetica cantando em romance os contos tradicionaes da edade media, que reduz a fórma nova e adapta aos factos da vida civil e politica, a fidalguia escreve em lingua hespanhola e imita os escriptores cultos da Hespanha, dissolve o sentimento em allegorias intrincadas e forceja por animar as fórmas da poetica provençal ao calor de um estylo sobre-posse, repleto de mythologia e de eru-

dição. Esta scisão entre o espirito plebeu e a cultura palaciana separa o vasto romanceiro popular, ingenuo, melancholico e tradicional, do cancioneiro de Resende que é o retrato fiel da cultura aristocratica e artificial da côrte no seculo XV. Emquanto os fidalgos reduzidos a condições secundarias e quasi annullados pela centralisação dos poderes na corôa, se agrupavam cerimoniosamente em volta do throno e beijavam a mão poderosa que podia vibrar o punhal que atravessou o peito do duque de Vizeu em Setubal, ou levantar a forca de Evora onde foi justiçado o duque de Bragança, os infimos (no dizer do marquez de Santillana) teciam esses romances e cantares de que a gente baixa e servil se alegra, e apezar de condemnados e desprezados iam amontoando esse thesouro de materiaes poeticos que seriam sufficientes para a constituição de uma litteratura organica, se as circumstancias o permitissem.

b) Vastidão erudita manifestada nas traduções latinas e nos livros de moral. Á semelhança dos escriptores italianos d'este e do seculo anterior que se lançam com enthusiasmo no estudo da antiguidade, os nossos homens mais insignes cultivam a lingua latina apaixonadamente, e é tal o fervor pelas traduções do latim que o proprio D. Duarte chega a formular as regras para bem traduzir. Classicos latinos e livros lithurgicos são vertidos para portuguez, e o proprio infante D. Pedro traduz Cicero e Vegecio. As traduções paraphrasticas ao uso do tempo enchem todo o seculo XV, abraçam todos os generos litterarios sem exclusão da poesia, e preparam os espiritos para a acceitação da Renascença que subordinará todas as tendencias locaes ao ideal antigo.

c) Apparecimento da historia propriamente dicta. Por effeito do grande desenvolvimento social operado no reino pelas conquistas e descobrimentos desde D. João I, a forma historica que até então se limitava a breves relações biographicas e a registos de somenos im-

portancia, assume um caracter elevado e social, dramatico e humano. E' n'esta epoca que se fixa definitivamente a separação entre as antigas narrativas romanescas de lendas, milagres e ficções, e as chronicas singelas e tocantes, sem pretensões eruditas, inspiradas no conhecimento directo dos factos. Estes novos trabalhos historicos são de duas especies: uns em latim obedecendo ao gosto da epoca, taes são as historias encommendadas pelos nossos reis aos chronistas estrangeiros Matheus Pisano e D. Justo, dominico italiano; outros em portuguez, menos eruditos, mas muito mais verdadeiros, taes são as narrativas do padre João Alvares, de Fernão Lopes e Ruy de Pina.

d) *Fórmas litterarias*. Como no periodo anterior, a epopêa não existe por falta de tradições nacionaes, a poesia dramatica é um esboço irregular, a eloquencia apenas conhece a fórma concionatoria do pulpito; mas a lingua culta amolda-se ás normas latinas, os romances populares em versos setesyllabicos conservam os elementos mythicos da edade media, o lyrismo palaciano vae cedendo o passo ás novas fórmas da Renascença, a historia toma um caracter pratico, os poemas bretões e carlovingios circulam por todo o paiz, e sob D. Affonso V, em cujo reinado cahiu Constantinopla e entrou a imprensa em Portugal, opera-se claramente a transição da edade media para a edade moderna.

Synchronismo

117. A Italia e a Hespanha são os dois paizes que no seculo XV tomam a dianteira da civilisação europêa; mas o estudo da litteratura hespanhola n'este seculo tem para nós importancia capital, pois que foi por Hespanha que entrou em Portugal a imitação dos modelos italianos, e visto que foram os poetas e os moralistas da côrte de D. João II de Hespanha entre 1407 e 1454 os arbitros da cultura peninsular. O marquez

de Santillana e João de Mena são os escriptores que maior influencia exerceram em Portugal.

Nota. — Breve noticia do movimento litterario da Europa n'este seculo :

HESPANHA

O predominio das allegorias italianas em voga na Hespanha desde os fins do seculo XIV accentua-se n'este seculo, e d'essa nova phase poetica dão testemunho os escriptos dos seguintes poetas :

Henrique de Aragão marquez de Villena (fallecido em 1434) trovador excellente, que fundou em Castella uma academia de gaya sciencia ou arte de trovar.

Inigo Lopez de Mendoza marquez de Santillana (1398 — 1458) auctor do *Prohemio*, que é uma carta ao nosso condestavel D. Pedro, filho de D. Pedro duque de Coimbra ácerca da poesia provençal. Escreveu tambem o *Centiloquio*, collecção de cem maximas de moral e politica para instrucção do principe real depois Henrique IV de Castella.

Juan de Mena de Cordova (1412 — 1456) que os seus contemporaneos designaram pelo nome de Ennio castelhano; escreveu o poema allegorico o *Labyrinto*, que é a historia moral da humanidade, e principiou o outro poema allegorico *Dialogo de los siete peccados mortales*.

Juan de Martorell de Valença (1400 — 1460), auctor da celebre novella de cavallaria *Tirant il Blanch*, cuja edição de 1497 por muitos annos esteve na Bibliotheca do Porto e depois foi levada em 1860 pelo fallecido marquez de Salamanca para Hespanha, sem que até hoje tenha sido restituida.

São d'este seculo o marquez de Astorga, Stuniga, Garcia Sanchez e outros, cujas producções foram colleccionadas no Cancioneiro que se publicou em Sevilha em 1635.

ITALIA

N'este seculo a paixão philologica pelo grego e latim suffoca a expansão natural da lingua, como succede em Portugal, e a litteratura vive apenas do impulso communicado á arte por Dante, Petrarcha e Boccacio.

Frederico Suzzi pretende imitar Dante no poema allegorico *Quadriregno* que trata do reino do Amor, do reino de Satanaz, do reino dos Vicios e do reino das Virtudes.

Luiz Pulci de Florença (1432 — 1487) escreveu o poema cavalleiresco em oitavas *Margante il Maggiore*, genero com-

beteiro e phantastico ao qual no seculo seguinte o poeta Ariosto communicará inexprimivel perfeição.

Matteo Boiardo (1434 — 1494) escreveu o *Orlando enamorado*, poema funambulesco, turgido de monstruosidades phantasticas.

Lourenço de Medicis (1448 — 1492) imitador de Petrarcha é o melhor lyrico italiano d'este seculo. As suas poesias amorosas são inspiradas na belleza de Lucrecia Donati, como as de Petrarcha se dirigem a Laura; mas Lourenço de Medicis não é apenas o poeta lyrico da *Selve de amore* e dos *Poemetti*, cultiva tambem a poesia narrativa no *Ombrone*, a poesia philosophica no poema *Altercazione* e a poesia satyrica e jocosa nos cantos de carnaval (*Canti carnavaleschi*).

Angelo Policiano (1454—1494), mestre dos filhos de Medicis e amigo do nosso D. João II com quem se carteava, escreveu varias obras em grego e em latim e creou a tragedia pastoral no *Orpheu*, que é uma composição em 5 actos intermeada de musica, de trechos lyricos e de narrativas em todos os rythmos.

FRANÇA

Continúa a diluir as suas gestas em longas paraphrases em prosa, inexpressivas e sem importancia, e como succede nos outros paizes é invadida pela tendencia erudita que se encarrega de abafar os elementos tradicionaes da epopêa. N'este periodo florescem :

Carlos d'Orleans (1391 — 1465) que se diz ser o ultimo dos trovadores.

Villon (1431 — 1484) poeta licencioso que no *Petit testament* e *Grand testament* deixou a historia poetica das suas aventuras e o quadro fiel da sociedade do seu tempo.

Froissart (1337 — 1410) auctor de uma historia das guerras entre França e Inglaterra.

Filippe de Commines (1445 — 1509) auctor de umas *Memorias* em que narra a historia dos reinados de Luiz II e Carlos VIII. Os dois ultimos são os melhores historiadores d'esta edade.

INGLATERRA

As ficções armoricas e os estudos classicos são os dois eixos sobre que gira o movimento litterario da Inglaterra n'este seculo. Foi da Inglaterra que veio directamente para Portugal, pelo casamento de D. Filippa de Lencastre com D. João I, a corrente epica do cyclo arthuriano que tão intenso apparece entre nós em todo o seculo XV.

ALLEMANHA

A elaboração das epopêas cyclicas pára em presença da influencia italiana, que se manifesta no enthusiasmo petrarchista das canções guerreiras e melancholicas dos *meistersingers*. A lingua ainda não está fixa, os dialectos são numerosos e indisciplinados; mas presente-se na oscillação dos espiritos avassallados pelo feudalismo e pelo catholicismo, que vae travar-se a grande lucta religiosa e social d'onde sairá o livre exame, a fixidez da lingua, e nos dominios litterarios a propagação do ideal greco-romano. O poema allegorico *Nau dos loucos* do poeta *Brant* de Strasburgo (1458 — 1521) annuncia que a influencia italiana principiava a dominar na Allemanha.

Poesia

118. A poesia portugueza do seculo XV é a resultante de tres influencias: — a *provençal*, cujo impulso vem do periodo anterior; — a *bretã* ou armorica, que se avigóra no tempo de D. João I pelas relações da côrte portugueza com a casa de Lencastre; — a *hespanhola*, que se exerce intensamente pela communicação directa dos nossos poetas com os imitadores de Petrarcha e Dante, que figuram especialmente na côrte de D. João II de Hespanha.

Existem provas desta triplice influencia nas chronicas, nos livros de moral e novellisticos e especialmente no cancioneiro de Resende.

CANCIONEIRO DE RESENDE

119. Assim como os tres cancioneiros—da Ajuda, do Vaticano e de Colocci reproduzem as feições da poesia portugueza nos seculo XIII e XIV, e são valiosissimos documentos da cultura poetica durante a primeira dynastia, da mesma forma o *Cancioneiro geral de Garcia de Resende* publicado pelo seu auctor em Lisboa em 1516 retrata o caracter da nossa poesia aristocratica durante o seculo XV, e especialmente a

feição dos poetas que floresceram na côrte sob o reinado de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel.

Garcia de Resende de Evora (nasceu por volta de 1470), irmão do antiquario André de Resende (na opinião de Herculano), entrou ainda creança para o cargo de moço da camara de D. João II, na occasião em que o antigo costume das côrtes de amor estava restaurado nos serões da côrte portugueza, então frequentada por grande numero de fidalgos poetas que faziam da poesia um divertimento galante. O meio erudito em que vivia e a importancia que el-rei dava á singular habilidade de trovar, despertou n'elle o gosto pelas musas e suscitou-lhe o pensamento de colligir as trovas que ouvia recitar e podia haver á mão. A sua alta posição na côrte, as suas relações com a nobreza do reino, a sua educação encyclopedica de poeta, musico e chronista, e a sua demorada permanencia na intimidade real, tudo concorreu para facilitar o trabalho da collecção. Effectivamente reuniu composições de cerca de tresentos auctores entre os quaes figuram os personagens do tempo mais conspicuos nas letras e na representação social.

Do exame d'essa vasta collecção se conclue que a antiga poesia dos trovadores, tão sentimental e ingenua do periodo dionyzico, degenerára n'este seculo convertendo-se em distracção monotona, allegorica e artificial. A rima, a disposição estrophica, o trocadilho, o arrebique de estylo, a parte exterior e formal do verso constituem a essencia d'essas trovas casuisticas, ermas de verdade e carecidas de senso pratico. A poesia não é um sentimento humano, é uma habilidade poetica. Tal é o valor historico do cancioneiro.

Garcia de Resende, que foi secretario da embaixada que D. Manuel mandou a Roma em 1513 por Tristão da Cunha, tambem escreveu uma chronica de D. João II, servindo-se do trabalho feito pelo chronista Ruy de Pina; mas a unica obra que o recommenda á posteridade é o Cancioneiro geral.

120. Além de *Garcia de Resende* são geralmente conhecidos os seguintes poetas que retratam as feições litterarias d'esta epoca:

O condestavel D. Pedro (1429-1466) filho do infante duque de Coimbra, designado rei nos documentos do tempo por ter sido eleito para o throno de Aragão em 1462, amigo particular do marquez de Santillana com o qual manteve instructivas relações litterarias e do qual recebeu a conhecida carta expositiva do estado da poesia provençal ou gaya sciencia, escreveu muitas composições poeticas e entre ellas a *Satyra de felice e infelice vida*, offerecida a sua irmã D. Isabel casada com D. Affonso V, e as 124 oitavas em verso de arte maior, erradamente attribuidas a seu pae — *Del menosprecio y contempto del mundo*. Esta satyra é uma das obras que primeiramente se imprimiram em Portugal, seis annos depois de achada em Basilêa a arte da impressão e nove annos depois de inventada a typographia.

O *Conde de Marialva*, a quem se attribue um cancioneiro.

Jorge Manrique, cujas coplas eram grandemente apreciadas por D. João II e foram impressas em 1501.

Diogo Brandão, que escreveu na fórma das lamentações sentidas trovas á morte do principe D. Affonso e ao passamento de D. João II.

Luiz Henriques, que narrou a tomada de Azamor.

Bernardim Ribeiro, o melhor bucolico do seu tempo.

Gil Vicente, fundador do theatro portuguez.

Francisco de Sá de Miranda, introductor da escola italiana.

São tambem notaveis:

Francisco de Sousa, *Alvaro Barreto*, *Duarte de Brito*, *Fernão Brandão*, *Alvaro de Brito*.

Nota. — Precederam o cancioneiro de Resende reimpresso em Stuttgart em 1846, a collecção do conde de Marialva já citada e as seguintes :

Livro das trovas d'el-rei D. Duarte, citado por este principe no curioso catalogo dos seus livros de uso. Foi encontrado na bibliotheca de Evora. Esse cancioneiro devia conter poesias dos trovadores portuguezes desde D. Affonso IV até D. Duarte.

O Cancioneiro do abbade D. Martinho, mencionado no c. geral de Garcia de Resende.

O *Cancioneiro portuguez* de que fala Gil Vicente.

O *Cancioneiro da bibliotheca de Madrid*, talvez o citado por Gil Vicente ou o mesmo que monsenhor Gordo viu em Madrid e do qual deu conta á Academia Real das sciencias de Lisboa em 1791, inutilmente procurado depois por um commissario portuguez mandado a Madrid (Augusto Soromenho).

A monomania dos cancioneiros não findou no seculo XV, pois ainda no seculo immediato vigora esse espirito collecionador e erudito, como se prova pelo *Cancioneiro manuscripto da Bibliotheca de Evora* publicado em Lisboa (1875) por mr. Hardung, e pelos *Excerptos de um cancioneiro quinhentista* (trovas que se fizeram nas terças em tempo d'el-rei D. Manuel), publicação feita em 1884 pelo sr. A. F. Barata, que encontrou o original na bibliotheca de Evora em um *in folio* com outras composições de Sá de Miranda, D. Manuel de Portugal, Gaspar Dias Cardoso, Jorge de Menezes de Souto Mayor e de outros.

Historia

121. Antes de Fernão Lopes, que é o primeiro chronista de que ha noticia certa, foram redigidas no seculo XV algumas chronicas em lingua portugueza, taes como : a *Chronica dos Vicentes*, traducção anonyma do resumo da fundação do mosteiro de S. Vicente, obra escripta em latim no seculo XIV ; a *Vida de D. Telmo* traduzida do original latino do seculo XII por Alvaro da Motta ; a *Chronica do condestabre*, anonyma tambem, e a *Chronica do infante D. Fernando o santo*, escripta pelo padre João Alvares, secretario do infante e seu companheiro na Africa, obra que foi publicada em 1527. Mas o titulo de fundador da historia portugueza pertence de direito a Fernão Lopes.

122. *Fernão Lopes.* Ignora-se a data do seu nascimento e da sua morte, mas sabe-se que no anno de 1418 já estava de posse do emprego de guarda mór da Torre do Tombo; que foi nomeado chronista mór do reino por D. Duarte em 1434 e confirmado n'essa commissão por D. Affonso V em 1449, e que dez annos depois ainda era vivo. Foi escrivão da puridade do infante D. Fernando, e era pessoa notavel e homem de communal sciencia e auctoridade, segundo affirma Azurara. Verdadeiro, ingenuo e consciencioso, Fernão Lopes é o Herodoto portuguez e o primeiro que introduziu entre nós a sciencia historica, concatenando os factos, procurando as causas e determinando-lhes o valor. Nas obras d'este chronista, diz Herculano, ha historia, poesia e drama; ha a edade media com sua fé, seu enthusiasmo e seu amor á gloria. Os valiosos materiaes que á força de paciencia colligiu para a historia geral do reino, foram aproveitados pelos seus successores. Escreveu:

Chronica de D. Pedro I (1644).

Chronica de D. Fernando publicada nos *Ineditos da h. port.* da Academia.

Chronica de D. João I (1.ª e 2.ª parte; a 3.ª foi escripta por Azurara), impressa na mesma collecção.

123. *Gomes Eannes* de Azurara. Por nomeação de D. Affonso V em 1454 succedeu a Fernão Lopes, que se impossibilitara por seus annos e achaques no cargo de guarda mór e de chronista, e ainda vivia em 1473. Verdadeiro e consciencioso como o seu antecessor, mas inferior no estylo, que é mais rhetorico e affectado, Azurara procura apaixonadamente pelos archivos os materiaes necessarios, visita os logares onde se deram os factos que tem de escrever, recolhe as tradições locaes e sujeita-se a residir muitos annos em Alcacer Ceguer para melhor se informar dos successos da nossa historia militar na Africa. N'este escriptor a ingenuidade e candidez do estylo

de Fernão Lopes cede o passo á sentença classica e ao conceito erudito. Pertencem-lhe as seguintes obras:

Chronica de D. João I (3.ª parte em que se contem a tomada de Ceuta), impressa em 1644.

Chronica do Conde D. Pedro de Menezes (continuação da tomada de Ceuta), na collecção citada.

Chronica dos feitos de D. Duarte de Menezes (conde de Vianna e capitão da villa de Alcacer em Africa), na collecção citada.

Chronica do descobrimento e conquista de Guiné (publicada em Paris em 1841).

124. *Ruy de Pina* da Guarda viveu nos reinados de D. Affonso V a D. João III, e tendo succedido nos empregos de guarda mór da Torre do tombo e de chronista do reino a Gomes Eannes, escreveu a chronica de quasi todos os reis até D. João II, aproveitando os materiaes reunidos pelos seus antecessores e accrescentando-os com novas informações que obteve. Tendo sido escrivão da puridade de D. João II, foi encarregado por D. Manuel de escrever as chronicas das cousas passadas e presentes, o que elle fez com escrupulo, bom senso e verdade, tornando-se digno dos seus antecessores.

As chronicas de Ruy de Pina estiveram por muito tempo ineditas, e ainda hoje se não sabe se lhe pertencem todas aquellas que lhe são attribuidas pelos editores. Correm com o seu nome:

Chroniça de D. Sancho I (1727);
Chronica de D. Affonso II (1727);
Chronica de D. Sancho II (1728);
Chronica de D. Affonso III (1718);
Chronica de D. Diniz (1729);
Chronica de D. Affonso IV (1653);
Chronica de D. Duarte (1790);
Chronica de D. Affonso V (1790);
Chronica de D. João II (1792).

Novellistica

125. A vinda dos cavalleiros normandos á Peninsula, a circulação das gestas francezas por toda a Europa, as nossas relações com o norte da França, o gosto geral pelas novellas de cavallaria, principalmente na Hespanha, que no seculo XV era o foco d'onde irradiava para nós toda a actividade litteraria, a vinda dos fidalgos da côrte ingleza no sequito da rainha D. Filippa de Lencastre, desenvolveram em Portugal a paixão pelas ficções armoricas. A existencia d'essa actividade poetica já denunciada no cancioneiro de D. Diniz, no qual se encontram referencias numerosas aos heroes franco-bretões, evidenceia-se no catalogo dos livros de uso de D. Duarte que cita muitos romances da Tavola redonda e as novellas manuscriptas que ainda restam em portuguez, a saber, *Demanda do Santo Greal*, *Livro de Joseph ab Arimathia* e *Chronica de D. Duarte* attribuida a Gomes Eannes. No seculo XV foi traduzida para portuguez a novella hespanhola *Historia do muy nobre imperador Vespasiano* no gosto da Chronica do imperador Clarimundo de João de Barros. A tradição dos doze de Inglaterra, a ala dos namorados, os cavalleiros da madre silva, as designações e signas aristocraticas de coisas e pessoas d'este seculo, são vestigios d'essa elaboração poetica que penetrou em todas as camadas. Mem Rodrigues de Vasconcellos na investida de Coria compara-se aos cavalleiros bretões, D. João I chama-se rei Arthur, e na chronica do condestavel Nunalvares o paladino portuguez é equiparado aos cavalleiros de Carlos Magno e do rei bretão.

Viagens

126. Como consequencia da grande actividade scientifica, erudita e investigadora do seculo, despertada pelo espirito de conquista e pelo desejo de conhe-

cer novas terras e novos costumes, revela-se tambem n'este periodo um genero litterario, pertença do genero historico, que se designa pelo nome generico de Viagens. O infante D. Pedro traduziu o *Livro de Viagens* de Marco Polo; escreveu-se o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* em 1497, provavelmente devido á penna de Alvaro Velho; e annos antes (em 1451) Lopo d'Almeida mandou da Allemanha a el-rei D. Affonso V quatro curiosissimas cartas descrevendo as festas do casamento da imperatriz D. Leonor com Frederico III da Allemanha, cartas que foram recolhidas nas *Provas da Historia Genealogica* e são interessantes como critica de costumes.

Philosophia

127. Quatro nomes illustres pelo saber e pela alta posição social representam o estado da philosophia e dos conhecimentos humanos n'esta epoca: D. João I, D. Duarte, o infante D. Pedro e D. Affonso V, com os quaes se relaciona o do infante D. Henrique que fundou uma escola de nautica em Sagres, desenvolveu o estudo das sciencias mathematicas da universidade e lançou os espiritos na corrente das conquistas e descobrimentos, que constituem a maior gloria do seu seculo e do immediato.

D. João I (1357 — 1433) escreveu um livro de montaria e algumas obras de devoção, e attribue-se-lhe a *Côrte imperial* que se guarda manuscripta na bibliotheca do Porto. E' um livro de moral que trata de coisas religiosas provando os assertos com logares da Escriptura e auctoridades de vario genero.

D. Duarte. Nasceu este infante na cidade de Vizeu a 30 de outubro de 1391 e falleceu da peste em Thomar a 9 de setembro de 1438 com cinco annos de infeliz e trabalhoso reinado. Docil e bom, economico e illustrado, o promulgador da lei mental e o sonhador infeliz da conquista de Tanger não desmereceu da

excellente educação que recebeu de sua mãe D. Filippa de Lencastre nem das glorias de seu pae, o popular mestre de Aviz.

D. Duarte figura no seculo XV como um dos imperantes mais eruditos, e é um prestimoso collaborador do cosmographo de Sagres, do virtuoso D. Fernando que deu a vida pela conservação de Ceuta, e do sabio D. Pedro. Foi elle o primeiro infante portuguez que reuniu a copiosa bibliotheca do paço, na qual abundam os livros de cavallaria então muito em voga, especialmente na França e na Inglaterra, taes como o livro de Tristão, de Merlim e de Galaád. Possuia tambem com as viagens de Marco Polo, duas biblias, a Dialectica de Aristoteles e Avicena, o Livro da virtuosa bemfeitora, as obras de Cicero traduzidas por D. Pedro, o conde Lucanor de D. João Manuel, sogro de D. Pedro I, o Livro das suas proprias trovas, porque tambem D. Duarte foi poeta, e outras obras de historia sagrada e profana.

O catalogo dos livros de uso do rei eloquente foi encontrado n'um codice da Cartuxa de Evora e d'elle se aproveitaram João Franco Barreto para a sua *Bibliotheca portugueza*, D. Antonio Caetano de Sousa que o imprimiu nas *Provas da historia genealogica*, e o bibliophilo Innocencio da Silva que d'elle fez uma resenha.

Alem de algumas obras meudas escreveu D. Duarte o *Leal conselheiro*, vasta encyclopedia da sciencia do seu tempo, dominada pela philosophia de Aristoteles, escripta a pedido de sua mulher D. Leonor, a quem o livro é dedicado, e a *Arte de bem cavalgar toda sella*, que é um tratado de equitação moldado pelo livro de montaria escripto por seu pae. D'estas duas obras publicou J. I. Roquete uma edição annotada em Paris em 1842; outra mais completa saiu em Lisboa em 1844.

O infante D. Pedro (1392—1449), quarto filho de D. João I, de 1416 a 1428 viajou para se instruir

nos usos e costumes dos povos pelos paizes da Europa e do Oriente, governou o reino por espaço de nove annos (1438 — 1447) na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, e foi morto no recontro de Alfarrobeira. Os seus vastos conhecimentos politicos, a sua erudição classica, o profundo conhecimento do latim e da philosophia aristotelica, a par do seu reconhecido gosto pelas letras amenas, collocam o infante D. Pedro duque de Coimbra na primeira plana dos homens do seu tempo. Traduziu a obra de Cicero *De officiis*, o tratado *De re militari* de Vegecio (opinião de Ruy de Pina), o *Regimento dos principes*, que Fr. Gil Correado tinha composto em latim, escreveu em portuguez o *Livro da virtuosa bemfeitoria*, obra de moral offerecida a seu irmão D. Duarte e concluida por seu conselho, e ainda algumas memorias politicas.

El-Rei D. Affonso V (1442 — 1481) decimo segundo rei de Portugal, escreveu sobre astronomia e tactica militar, abriu em Evora magnifica bibliotheca com os livros de seu pae e avô e com outros codices que reuniu, e codificou as leis portuguezas que foram publicadas (1446) com o titulo de *Ordenações affonsinas*. Trabalharam n'esta codificação os insignes jurisconsultos *João Mendes Cavalleiro* encarregado por D. João I e *Ruy Fernandes* commissionado por D. Duarte e D. Affonso V.

Nota. — No reinado de D. Affonso V entrou em Portugal a arte de imprimir com typos moveis. A idéa dos typos moveis. que são um complemento da gravura e um notavel progresso, occorreu pela primeira vez a João Guttemberg de Moguncia, quando esteve estabelecido em Strasburgo entre 1424 — 1445, Associando-se com Fust ou Fausto de Moguncia e depois com Schoeffer, fundiu matrizes ou formas e tirou a *Biblia* sem data entre 1450 e 1455. É depois que vem o *Psalterio* (*psalmorum codex*) de Mayença em 1457 por industria de Schoeffer, em quanto Guttemberg, montando nova typographia, n'ella tirava a lume o *Catholicon*, especie de diccionario latino.

Vulgarisada a arte typographica em Allemanha, entrou em França em 1469, na Hollanda em 1478 (apesar dos hollandezes reclamarem para Lourenço Coster a gloria de ter inventado

imprensa na decada que vae de 1430 a 1440), na Inglaterra parece que em 1470, em Portugal cerca dos annos de 1479 e 1480. As primeiras typographias parece terem sido mandadas vir de Italia pelos judeus aqui residentes, e diz-se que a primeira imprensa fôra montada em Leiria em anno incerto. A verdade é que os judeus Rabban Eliezer e Rab Tzorba imprimiram em Lisboa (1489) o Pentateuco hebraico; que em 1490 se imprimiu em Lisboa o Breviario eborense latino; em 1494 em Braga o Breviario bracharense; que em 1495 se imprimiu a *Vita Christi* de Ludolpho Cartuziano traduzida por ordem da mãe de D. João II (rainha D. Isabel), sendo encarregados da luxuosa impressão os impressores de Nicolau de Saxonia e Valentim Moravia; que na mesma officina de Moravia se imprimiu em 1496 a *Estorea do muy nobre Vespasiano* com gravuras em Madeira.

É tambem fóra de duvida que um dos primeiros trabalhos que em Portugal se imprimiram, foi o poema do *Menosprecio del mundo* do condestavel D. Pedro, seis annos depois que em Basilêa foi achada a famosa arte de impressão, isto é, por 1480, e que no mesmo seculo se imprimiu a *Imitação de Christo* em Leiria (talvez a traducção de Fr. João Alvares), o *Itenerario do conde D. Pedro*, *a Historia de Izêa* e muitos livros lithurgicos (Cf. *Memoria sobre a origem da typographia em Portugal no seculo XV*, por A. Ribeiro dos Santos).

TERCEIRO PERIODO

ESCOLA CLASSICO-ITALIANA

(SECULO XVI)

Caracter do periodo classico-italiano

128. O seculo XVI é designado, á moda de Italia, pelo nome de periodo *quinhentista*. Tambem se chama *classico* porque renova o gosto pelos productos artisticos da litteratura greco-romana, e *italiano* porque a Italia é o foco da actividade litteraria que irradia por toda a Europa.

Assignalam as tendencias d'esta epoca os topicos seguintes:

a) *Renovação dos estudos da antiguidade classica.* A paixão pelo estudo dos monumentos da antiguidade principiou na Italia e ahi se desenvolveu. A memoria de Virgilio, cantor das glorias nacionaes, apparecia á imaginação do povo italiano como um protesto patriotico e um balsamo consolador perante as desgraças da patria, que a França, a Allemanha e a Hespanha dilaceravam. Era nas tradições do passado que a Italia procurava estimulos para a lucta, e foi esta uma das causas por que a Renascença principiou ali, bafejada pelas lembranças sempre vivas de uma tradição patriotica jámais extincta. Da Italia irradiou o movimento para toda a Europa, chegando até nós por vias conhecidas. Já no seculo anterior alguns factos haviam

preparado essa communicação. D. Affonso V teve por mestre o celebre Matheus de Pisano, D. João II era intimo de Lourenço de Medicis, e seguindo o exemplo de seu pae mandára vir da Italia os chronistas que haviam de escrever em latim a historia d'estes reinos. Assim como instituiu tenças ou bolsas para manter vinte e cinco moços de engenho que quizessem ir estudar em Paris as materias que depois ensinariam em Portugal, da mesma fórma protegia a educação de moços fidalgos que estudavam em Italia. As viagens frequentes que os nossos faziam á capital do catholicismo por motivos de piedade, de recreio ou de instrucção, e a influencia directa exercida sobre nós pela auctoridade dos poetas dantescos e petrarchistas da visinha Hespanha — tudo concorreu para facilitar essa communicação que veio revolucionar a litteratura portugueza pelo ideal antigo, especialmente desde 1526, que é o anno em que Francisco de Sá de Miranda regressa ao reino apoz uma digressão de cinco annos por Italia e Hespanha.

b) Uniformisação da lingua pela disciplina grammatical. É n'este seculo que termina o portuguez da edade media e se escreve a primeira grammatica, que logo foi seguida de outras. Fernão de Oliveira, João de Barros e Duarte Nunes de Leão escolhem d'entre as fórmas duplas aquellas que tem por si a sancção do uso corrente, completam a adaptação da lingua portugueza á grammatica latina, como os eruditos principiaram a fazer no seculo anterior, e sobre estas bases tentam imprimir á linguagem certa regularidade e disciplina, seguindo o exemplo do douto humanista hespanhol Antonio de Nebrija que publicou em 1492 o primeiro diccionario da sua lingua, obra que dois annos antes fôra precedida pelos trabalhos de Alonzo de Palencia, auctor da primeira grammatica da lingua castelhana.

c) Creação do theatro portuguez e da epopêa nacional. A poesia dramatica até aos primeiros annos do

seculo XVI estava reduzida aos *mimos* ou *momos* dos truões e farçantes que alegravam a côrte, e aos *autos* celebrados nas cathedraes, muitas vezes prohibidos nas constituições dos bispados e sempre mais ou menos tolerados. Durante toda a edade media o auto representado no mesmo logar onde se faziam as leis e os contractos, era a unica fórma do protesto pacifico, do applauso popular e da opinião publica. Estava reservada para Gil Vicente a gloria de rehabilitar no conceito dos humanistas as fórmas desacreditadas e escurris das antigas peças hieraticas, introduzindo-as no gosto palaciano, dando-lhes interesse e cunho social, obrigando-as a servir de propaganda contra os vicios do tempo, e elevando-as pela perfeição do estylo, naturalidade do entrecho e intenção moral á categoria de genero litterario. Esta direcção dada ao antigo auto foi passageira, porque, não tendo sido comprehendida pelos imitadores da escola italiana, brevemente foi invertida pelos classicos que antepozeram ao theatro nacional de Gil Vicente a tragicomedia latina e o theatro greco-romano. É por isso que a poesia dramatica do seculo de quinhentos offerece duas feições distinctas: o cunho popular e tradicional das comedias de Gil Vicente, e o caracter erudito, classico e aristocratico das peças de Antonio Ferreira e Sá de Miranda.

Ao lado do theatro nacional surge em seguida a epopêa tambem nacional, fundada por Luiz de Camões, que dispondo de vastos conhecimentos ácerca da historia do povo portuguez, e impressionado, já pelas tradições medievaes que embalaram o berço dos nossos antepassados, já pelo explendor das bellezas que encontrava nos monumentos da antiguidade classica, emprehendeu a fusão d'esses dois elementos, ligando o passado ao presente, e aproveitando-os a proposito de um facto da nossa historia maritima para exalçar a valentia do peito illustre lusitano. Nos seculos anteriores apparecem vestigios ou tentativas de epopêa nacional: o fragmento do poema da perda de Hespa-

nha, o poema da batalha do Salado por Affonso Giraldes, as narrativas historicas em fórma de lamentação, tão abundantes nos fins do seculo XIV e em todo o seculo XV; mas pertence de direito ao auctor dos *Lusiadas* a gloria de ter dado fórma culta á epopêa portugueza, e de ter elevado á maior perfeição de fórma o genero epico da tradição classica.

d) Apparecimento das grandes individualidades litterarias. O seculo XVI é a nossa edade mais florescente. Os descobrimentos e as conquistas iniciadas desde D. João I e culminantes no reinado de D. Manuel lançam na mão dos portuguezes a hegemonia da Europa. A fortuna, o renome e o ouro que sorriem do oriente, produzem no reino uma actividade commercial, industrial e politica, unicamente comparavel ao estado febril dos espiritos embriagados pelo desejo de gloria e de riqueza. A nação emancipada da edade media revela-se ao mundo como um paiz consciente do seu destino, capaz dos maximos commettimentos, arbitro e senhor do futuro. Mas este predominio e auctoridade não existiriam, se d'essa effervescencia geral não destacassem ao lado dos grandes guerreiros e por vezes fundidos na mesma individualidade de soldado e de escriptor, homens como: Luiz de Camões, creador da epopêa;—Gil Vicente, fundador do theatro;—Bernardim Ribeiro, eminente bucolico;—Francisco de Sá de Miranda, o mais ardente cultor do lyrismo italiano;—Antonio Ferreira, o transplantador do theatro grego;—João de Barros, que representa a consciencia dos nossos destinos historicos;—Damião de Goes, que exemplifica em Portugal as theorias da critica e do livre exame; e finalmente, tantas individualidades eminentes que, abandonando as tradições da poesia provençal da côrte para se retemperarem nas fontes vivas da natureza e no seio fecundo da antiguidade, aperfeiçoam todos os generos da cultura litteraria e se impõem á admiração da Europa.

Synchronismo

129. O movimento geral das litteraturas europêas no seculo XVI é dirigido para a antiguidade classica. O exemplo dado pela Italia communica-se rapidamente a toda a Europa, produzindo essa unificação intellectual que é o resultado mais brilhante da Renascença. O estudo do grego, as lições dos sabios fugidos de Constantinopla, a fama das escolas de jurisprudencia espalhadas na Italia, o gosto tradicional pela antiguidade, além de outras condições de ordem politica, tudo concorreu para que a Italia fosse n'este periodo o centro da renovação litteraria e artistica da Europa.

Sannazaro, Ariosto e Tasso na Italia; Garzilazo, fr. Luiz de Granada, Herrera e Ercilla na Hespanha; Ronsard, Rabellais e Montagne na França; Shakspeare na Inglaterra e Luthero na Allemanha, honram com as suas obras o movimento litterario do seculo XVI.

Nota. Resumo do movimento litterario da Europa n'este periodo de renovação:

ITALIA

Floresceram na poesia e tiveram muitos imitadores:

Sannazaro de Napoles (1458 — 1530), grande poeta latino, excellente lyrico e notavel bucolico; deixou muitos sonetos, poemas, canções e eclogas, mas a composição que o tornou mais conhecido é a *Arcadia* (1504), romance pastoril allegorico que Portugal e Hespanha imitaram. A maior parte das suas obras são firmadas pelo pseudonymo de *Actius sincerus* de que usava na Academia de Pontanus.

Ariosto de Reggio (1474—1533), que aperfeiçoou o genero epico romanesco e phantastico de Pulci e Boyardo e durante dez annos trabalhou no seu grande poema *Orlando furioso* que principiou a imprimir em 1515. Este poema tem por assumpto a lucta entre christãos e mouros, comprehendendo o periodo historico do reinado de Carlos Magno até á batalha de Roncesvalles.

Trissino de Vicence (1478—1550), grammatico e lyrico, mais conhecido pela tragedia *Sophonisba* (1515) escripta á maneira

grega, e pela epopêa historica *Italia liberata* que tem por assumpto o desbarato dos godos por Belisario.

Torquato Tasso de Sorrento (1544—1595), filho do poeta Bernardo Tasso, imitador de Ariosto e de Petrarcha. As suas melhores obras são o drama bucolico *Aminta* e a epopêa *Jerusalem libertada*. Escreveu a principio sob a protecção dos duques de Ferrara, mas perdida a confiança na côrte, Affonso d'Este o encerrou n'um hospital de doidos. Tendo recuperado a liberdade foi chamado a Roma para ser coroado, mas falleceu no hospital de Santo Onofre na vespera da cerimonia em sua honra. Tasso é o primeiro poeta epico da Italia.

São notaveis pela vastidão de conhecimentos sobre a antiguidade os seguintes eruditos :

Machiavello de Florença (1469—1527), humanista, poeta, historiador e publicista. São d'elle o livro do *Principe* no qual faz a apologia do poder absoluto, e uma historia de Florença.

Cardeal Bembo de Veneza (1470 — 1547), secretario do papa Leão X, grande latinista e poeta petrarchiano.

Cardeal Sadoleto de Modena (1477 — 1548) secretario de Leão X, insigne latinista e poeta lyrico.

Guicciardini de Florença (1482—1547), jurisconsulto, diplomata e auctor de uma historia de Italia.

Scaligeros (Julio, 1484—1558, e seu filho José, 1540—1609), notaveis hellenistas.

HESPANHA

A influencia da Italia sobre a Hespanha é anterior ao seculo XVI, como vimos. O *Labyrintho* de João de Mena e as obras de Francisco Imperial recordam Dante e Petrarcha; o Cancioneiro do judeu converso Affonso de Baena, colligido para lisongear el-rei de Castella D. João II, apesar de ser dominado pelo gosto provençal, reune a maior parte das poesias do marquez de Santillana, e este poeta representa (segundo Eugenio Baret) a triplice influencia da antiguidade, da Provença e da Italia. As mesmas influencias se manifestam nos cancioneiros de Stuniga, de Martim de Burgos e no cancioneiro geral de Fernando de Castilho. Mas o predominio da Italia apenas adquire intensidade na Hespanha desde Boscan. Conta o mesmo Baret que tendo Juan Boscan passado seis mezes em Granada, ahi se encontrou (1524) com André Navagiero, embaixador veneziano junto de Carlos V, e que este o determinára a abandonar os alexandrinos de João de Mena pelo endecassyllabo italiano e outras fórmas usadas na Italia. D'estas repetidas conferencias do erudito Navagiero com Boscan resultou mudarem-se as fórmas poeticas de um povo inteiro, porque Garzilazo já reconhecido como auctoridade poetica patrocinou poderosa e efficazmente a nova escola.

Representam este movimento, que principiando na epoca de D. João II se estende pelos reinados gloriosos de Fernando e Isabel, Carlos V e Filippes, os seguintes escriptores:

Juan Boscan Almogaver de Barcellona (1500 — 1542), cavalleiro do sequito de Carlos V, poeta palaciano que introduziu no seu paiz as fórmas italianas da canção e do soneto, e outros artificios postos em circulação pela Renascença.

Garzilazo de la Vega de Toledo (1503 — 1568), tambem soldado dos exercitos de Carlos V e auctor de alguns sonetos e canções, de uma epistola em versos soltos e de tres eclogas que foram representadas muitas vezes.

Diogo Hurtado de Mendoza de Granada (1503—1574), poeta lyrico da côrte de Carlos V e auctor da jocosa novella *Lazarillo de Tormes*, que teve muitos imitadores.

Fr. Luiz de Granada (1504 — 1588), notabilissimo orador sagrado e um dos coripheus do mysticismo hespanhol.

Fernando Herrera de Sevilha (1515—1595), monge como Luiz de Leon e seu rival. Foi cognominado «o divino» pela elevação das suas odes heroicas. Este poeta escreveu uma ode elegiaca que tem por assumpto o desastre de Alcacer-Kibir.

Santa Thereza de Jesus de Avila (1515—1582), a mais ardente poetisa que possuiu a Hespanha no genero mystico.

Padre Luiz Ponce de Leon de Belmonte (1528—1591), eminente lyrico que procurava o assumpto dos seus versos nos factos da religião, sendo egualmente versado nas letras profanas e sagradas.

Alonzo de Ercilla de Madrid (1533—1594), que pelejou na America, tomando parte na guerra de Hespanha contra os chilenos do Valle de Arauco, guerra que lhe deu o assumpto para o seu poema epico a *Araucania*, que é uma historia metrificada, mas ainda assim passa por ser a melhor epopêa historica da litteratura hespanhola.

Este poeta com o celebre satyrico *Christoval del Castillejo* 1494—1596) e *Torres Naharro* que em 1520 publicou as suas poesias em verso setesyllabico, em vão tentam resistir á corrente italiana.

O erudito mais considerado d'esta epoca pela profundeza e variedade dos seus conhecimentos humanistas é

D. Aleixo Antonio de Lebrija (1444—1522), philologo a quem a Hespanha deve os seus primeiros trabalhos sobre a lingua.

FRANÇA

Foi a França o paiz onde a influencia da Renascença mais fundas raizes lançou. A fascinação pela antiguidade classica é immensa; Carlos VIII (escreve um historiador nosso) chama para a sua côrte os sabios italianos; Luiz XII enriquece com

as bibliothecas de Italia as livrarias francezas ; Francisco I é educado por um pedagogo italiano e inscreve-se cidadão no Livro de ouro de Veneza ; o conhecimento da litteratura italiana levanta a Pleiade.

Os mais auctorisados representantes do espirito critico da Reforma e do cultismo erudito da Italia são os seguintes :

Marot (1495—1554), que aperfeiçoou a antiga fórma dos *fabiaux* satyricos.

Dubellay (1524—1560), que esteve como o precedente ao lado de Ronsard e escreveu o programma da Pleiade (cenaculo de poetas) com o titulo de *Defeza e illustração da lingua franceza.*

Ronsard de Poissonière (1524—1583), chefe da Pleiade e o mais perfeito lyrico da poesia revolucionaria do seu tempo. Amparando-se na antiguidade classica e no estudo da antiga litteratura franceza, Ronsard fixou a lingua e deu o golpe mortal nas ultimas excrescencias trovadorescas.

Etienne Jodelle de Paris (1532—1573), discipulo de Ronsard, espirito innovador e satyrico e auctor da tragedia—*Cleopatra.*

Na prosa conquistaram fama que dura ainda, dois escriptores de primeira ordem :

Rabellais de Chinon (1495—1553), cura de Meudon, auctor dos dois romances satyricos *Gargantua* e *Pantagruel*, que são o estudo critico da sociedade politica e religiosa do seculoXVI.

Montaigne de Perigord (1533—1692), genio extraordinario e profundo moralista que produziu o livro dos *Ensaios* e communicou á lingua franceza notavel perfeição.

INGLATERRA

A Renascença tambem invade a Inglaterra. Na côrte de Henrique VIII apparecem os lyricos *Wyat* (1503—1541), o *conde de Surry* (1515—1547) e pouco depois *John Lyli*, inventor do estylo euphuista. Estes e outros aceitam os modelos italianos, mas a gloria suprema está reservada para o talento mais profundo e fecundo que jamais teve a Inglaterra.

Wiliam Shakspeare (1564—1616), o glorioso representante da litteratura ingleza do seculo XVI. Por este tempo, que vem a coincidir com o reinado de Elisabeth, floresceram, é verdade na Inglaterra, Kid, Nash, Green, Lodge, Edmund Spencer e o laureado Christopher Malowe, auctor dos dramas *Eduardo III*, *João de Malta*, e da *Vida e morte do dr. Fausto*, que reviveu mais tarde na tragedia de Goethe e na musica de Gounod, mas Shakspeare sobreleva a todos os contemporaneos no conhecimento das paixões e no modo de as traduzir na scena. Dotado de extraordinaria intuição social e historica e lendo claramente no coração humano, elle que era um comediante como Gil Vicente e Molière, produziu obras immortaes que são

ainda hoje assombrosas de grandeza. As tragedias historicas *Ricardo III*, *Henrique VII* e *Henrique VIII*, são creações de superior merecimento pelo vigor tragico e pela verdade das situações. *Macbeth*, *Romeu e Julieta*, *Othelo* e o *Hamlet*, são estudos perfeitos das paixões humanas e deslumbram pelo relevo dos personagens. Entretanto o *Mercador de Veneza* é a comedia mais querida das platéas inglezas. As obras de Shakspeare tem o magico poder da tragedia antiga e traduzem os impetos selvagens do genio indomavel do auctor. Ao nome do grande tragico anda ligado o de Bed Johnson que representava ao lado do mestre e fazia parte da companhia, mas este é mais celebre como actor.

ALLEMANHA

As bellezas litterarias dos monumentos greco-latinos tambem deslumbraram os povos germanicos, que tiveram em *Reuchlin* (1455—1522) e em *Erasmo* (1467—1536) os mais sinceros admiradores. A Renascença na Allemanha foi acompanhada de uma fecunda actividade scientifica; multiplicaram-se as escolas e as universidades; desenvolveu se a philologia em *Camerario* e *Sturm*, a astronomia encarna em *Cupernico*, o naturalismo em *Gessner*, a philosophia em *Justo Lypsio*, a geographia em *Pentinger*, a medicina em *Paracelso* e a critica em *Luthero:* mas este ultimo é o chefe do movimento revisionista e scientifico do seu tempo.

Martinho Luthero de Eisleben (1483—1546) é o grande agitador politico e religioso que ergueu o grito de rebelião contra a auctoridade da egreja de Roma e lançou as bases do protestantismo. De um desconhecido dialecto allemão, para o qual traduziu a Biblia, fez uma lingua culta — o allemão moderno; com os seus canticos, predicas e livros de instrucção popular desenvolveu o gosto pelas letras, e exemplificando em seus actos a sua theoria do livre exame revolucionou as consciencias e os povos.

No campo strictamente litterario apparecem por este tempo na Allemanha bastantes traducções de historias de cavallaria e muitas obras baseadas nas velhas lendas do Fausto, da Magia negra e do Judeu errante, a par de outras composições de caracter erudito e individual, taes são as obras dos seguintes poetas:

Hans Sachs (1494—1576), poeta de variadas aptidões, lutherano apaixonado e auctor de comedias, tragedias, poesias biblicas, contos, fabulas e outras especies. A Allemanha ainda hoje o conta em o numero dos seus poetas mais distinctos.

João Fishart (1550—1589), tambem lutherano, poeta audacioso, que por seu caracter indisciplinado e caustico mereceu o appellido de Rabellais d'alem Rheno.

Poesia

130. Como as fórmas poeticas se dividem em *epicas*, *lyricas* e *dramaticas*, agrupamos os poetas portuguezes do seculo XVI em tres classes.

Pertencem á primeira: — Luiz de Camões, Jeronymo Corte Real, Luiz Pereira Brandão e Francisco d'Andrade.

Entram na segunda os bucolicos: — Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão; os lyricos da escola italiana: Francisco de Sá de Miranda, Pedro d'Andrade Caminha, Diogo Bernardes e André Falcão de Resende; e os mysticos: Fr. Agostinho da Cruz, D. Manuel de Portugal, Miguel Leitão de Andrade e Balthazar Estaço.

São da terceira: — Gil Vicente com os seus imitadores, e Antonio Ferreira com os poetas da sua escola.

POETAS EPICOS

131. *Luiz de Camões* (1524—1580). Filho de Simão Vaz de Camões e de D. Anna de Sá e Macedo, passou alguns annos da infancia em Coimbra onde frequentou a Universidade, para ali transferida por D. João III. Voltando a Lisboa depois de 1542, e frequentando a côrte como fidalgo que era, ali se tomou de amores por D. Catharina de Athayde, pelo que foi affastado de Lisboa por volta de 1546. Tendo-se espalhado depois a noticia do cerco de Mazagão, o poeta, que era mal visto dos cortezãos pela sua independencia de caracter e genio arrebatado, aproveitou o ensejo de sahir do reino e embarcou para Africa onde esteve dois annos, e ahi perdeu o olho direito n'uma refrega com os arabes. Regressando a Lisboa em 1549, e não se tendo apagado os odios que provocára, inscreve-se no anno seguinte como soldado da India, mas a nau em que ia desarvorou e não seguiu

viagem. Tendo de ficar em Lisboa, em lucta com os seus inimigos e sempre arrastado pelas tendencias d'um temperamento fogoso e irrequieto, fere com a espada um creado d'el-rei na solemnidade da procissão de Corpo de Deus, e por esse facto é encerrado na prisão ou tronco da cidade, onde jaz em 1552 e 1553, e onde lhe occorre a idea de compor um poema epico do descobrimento da India, cuja narração acaba de ler nas Decadas de João de Barros. Desalentado da vida da côrte e desejando conhecer os logares da acção do poema que intentava, embarcou para a India a 24 de março de 1553; ahi soffreu as inclemencias do clima, da guerra e da doença até que em 1556 foi encarregado de ir exercer na China o officio de Provedor-mór dos defunctos e ausentes.

Foi em Macau, na celebre gruta que perpetúa o seu nome, que elle escreveu a maior parte dos *Lusiadas*. Accusado de se ter aproveitado dos bens da fazenda publica era conduzido a Gôa debaixo de prisão, quando naufragou na costa de Camboja onde se salvou a nado, a si e ao seu poema, na foz do rio Mecon. Apoz a justificação foi posto em liberdade e em Gôa se conservou no convivio de amigos, tambem poetas — João Lopes Leitão e Heitor da Silveira, até que em 1567 aproveitou a partida de Pedro Barreto e com elle veiu para Moçambique onde em 1569 o foi encontrar na extrema miseria o seu amigo Diogo do Couto, que o trouxe para o reino, aonde chegou em 1570. Dois annos depois, ao cabo das difficuldades interpostas pela censura, publicava os *Lusiadas* que offereceu a el-rei D. Sebastião, cuidando que o monarcha lhe compensaria dignamente os serviços feitos com a penna e com a espada. Foi-lhe concedida uma pequena tença que lhe era paga tarde e a más horas. D. Sebastião partiu para a Africa, o desastre de Alcacer-Kibir deu-se em 1578, e desde então a arruinada saude de Luiz de Camões dava os rebates da morte que se avisinhava e succedeu a 10 de junho de

1580, na occasião em que a patria succumbia no maior desalento invadida pela Hespanha. «Morro com a patria» — escrevia Camões na agonia a D. Francisco d'Almeida.

As obras de Luiz de Camões repartem-se em tres classes:

Lusiadas, epopêa nacional publicada em vida do auctor (1572).

Lyricas, collecção de composições de caracter individual, escriptas segundo o gosto da epoca, umas em redondilha popular e outras nos metros italianos. Foram publicadas em diversas epocas.

Autos ou comedias, *del-rei Seleuco*, *do Filodemo* e *dos Amphitriões*. Os dois ultimos viram a luz publica em 1578 na edição da *Primeira parte dos autos e comedias portuguezas por Antonio Prestes, Luiz de Camões e por outros auctores portuguezes.*

A comedia das Amphitriões foi composta por 1542 a d'el-rei Seleuco por 1546 e o Filodemo em 1555.

Como poeta epico, Luiz de Camões avantaja-se aos seus contemporaneos pela profunda comprehensão da Renascença, pela artistica alliança que soube fazer do mundo antigo com as crenças do seu tempo, pela escolha e adaptação dos episodios que tornam tão interessante e tão poetica a narrativa, pelo alto patriotismo que fecunda o pensamento geral da obra, pela sabia contextura do plano, e pela rara belleza da fórma que disciplinou e poliu. Como quem soffreu muito nas contrariedades da vida que lhe estimularam a nativa sensibilidade, e estudou nas longas viagens e nos livros os feitos que celebrou e os logares que descreve, foi exacto nas pinturas e sentiu realmente o que escreveu.

D'aqui procede a superioridade dos *Lusiadas*, poema em 10 cantos, oitava rima, destinado a celebrar o valor dos portuguezes a proposito do descobrimento de um novo caminho para as Indias por Vasco da Gama, que é o heroe do poema.

Como poeta lyrico, alliou as fórmas populares do verso nacional com os metros italianos, e nas suas canções, odes, satyras, sonetos, voltas, decimas, eclogas, elegias, etc., de tal fórma se elevou aos contemporaneos no vago platonismo do sentimento lyrico, profundamente sentido e verdadeiramente humano, que se leem ainda hoje com muito agrado todas as suas lyricas, ao passo que as dos outros poetas do tempo unicamente são versadas pelos eruditos.

Como poeta dramatico, Luiz de Camões exerceu menor influencia sobre a litteratura do tempo, mas os seus tres autos subordinados aos moldes do theatro vicentiano e recheados de allusões aos costumes e factos da vida civil e politica do seculo XVI salvam-se pela belleza do verso popular em redondilhas e pelo prestigio e auctoridade de quem os escreveu.

Este prestigio e auctoridade litteraria de Luiz de Camões, já reconhecida em sua vida, revela-se no grande numero de poetas que seguiram a sua maneira de poetar: Heitor da Silveira e João Lopes Leitão, que estiveram em Gôa com elle, Antonio de Abreu, Luiz Franco que recolheu muitas poesias do mestre, Fernão Alvares do Oriente que escreveu a pastoral arcadica *Lusitania transformada*, Pedro da Costa Perestrello que tentou fazer uma epopêa nacional e teceu versos encomiasticos em honra de Filippe, Francisco Galvão e Manuel da Veiga Tagarro auctor da *Lyra de Anfrizo*, Estevam Rodrigues da Costa, cujos sonetos se parecem com os de Camões, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, colleccionador das lyricas de Camões e seu profundo admirador, D. Gonçalo Coutinho, amigo pessoal do epico a quem deu sepultura honrada, Miguel Leitão d'Andrade, auctor da *Miscellanea*, o mystico Balthazar Estaço, e o generoso e illustre D. Manuel de Portugal, valedor dos poetas do seu tempo e tambem poeta muito considerado no seculo em que viveu.

Nota. — As obras de Camões, especialmente os Lusiadas,

acham-se traduzidas em todas as linguas cultas da Europa, e ainda hoje é profundissimo em Portugal o respeito pela memoria do cantor das glorias portuguezas, como se provou em 1880 por occasião do tricentenario do grande poeta nacional. Todas as terras importantes do reino celebraram com festas patrioticas o dia 10 de junho de 1880, anniversario da morte do poeta, e sob a protecção e designação do seu nome glorioso se chrismaram ruas e praças, se fundaram bibliothecas, asylos e escolas, se realisaram saraus, recitas e conferencias, como se n'aquelle dia se inaugurasse uma nova epoca de revivencia patriotica.

Jeronymo Corte Real de Evora ou de Lisboa (1540? 1593?). Tendo acompanhado D. Sebastião á Africa, onde ficou prisioneiro com Diogo Bernardes e Miguel Leitão d'Andrade, mais tarde bandeou-se com Filippe II a quem offereceu o seu poema a *Austriada*. Pintor distincto, guerreiro e erudito, foi Corte Real muito celebrado pelos cortesãos do tempo como poeta epico, talvez em odio a Camões. Jeronymo Corte Real, é um languido chronista epico, cuja inspiração precisa de ser auxiliada pelos artificios convencionaes, ermos de naturalidade e verosimilhança; visões, prophecias, sonhos e encantamentos.

As suas obras são:

Successo do segundo cerco de Diu estando D. João de Mascarenhas por capitão da fortaleza, poema epico em 21 cantos e verso solto, publicado em 1574.

Austriada, poemeto em hendecasyllabos soltos, offerecido a Filippe II, escripto em hespanhol e publicado em 1578 com o titulo de *Felicissima victoria concedida del cielo al senor Don Juan d'Austria, en el golfo de Lepanto, de la poderosa armada othomana em 1572*.

Naufragio de Sepulveda, poema em verso heroico, 17 cantos, publicado posthumamente em 1595 com o seguinte titulo — *Naufragio e lastimoso successo da perdição de Manoel de Sousa de Sepulveda e D. Lianor de Sá sua mulher e filhos, vindo da India para este reino na náo chamada o Galião grande de S. João*,

que se perdeu no cabo da Boa Esperança, na terra do Natal. E a peregrinação que tiverão rodeando terras de cafres mais de 300 legoas té sua morte.

Auto dos quatro novissimos do homem, poemeto em versos soltos publicado posthumo em 1768.

Luiz Pereira Brandão do Porto (1540 — ?). Ignoram-se muitas particularidades biographicas d'este poeta, que acompanhou D. Sebastião á Africa onde ficou captivo. Não podendo abstrahir da tendencia da epoca tambem Luiz Pereira Brandão, poeta mediocre, quiz diluir em versos epicos a catastrophe de Alcacer-Kibir. Sobre este assumpto escreveu a epopêa historica e plangente a *Elegiada*, que viu a luz publica no tempo dos Filippes. Os contemporaneos pertencentes á pleiade de Francisco de Sá de Miranda, taes como, Francisco d'Andrade, Bernardes, Caminha e Corte Real, exalçam o poema de Brandão em unisonos e retumbantes encomios.

A sua obra é:

Elegiada, poema em 18 cantos e oitava rima publicado em 1588.

Francisco d'Andrade de Lisboa (1540? — 1614). Irmão de Diogo de Paiva de Andrade (grande theologo e orador) e do mystico Fr. Thomé de Jesus foi guarda-mór da Torre do tombo e chronista-mór do reino, nomeado para este cargo em 24 de julho de 1599 por Filippe III. As suas poesias lyricas são de somenos valor, mas o seu poema ácerca do segundo cerco de Diu é bem metrificado e uniforme, embora falto de elevação artistica e enthusiasmo. Como Jeronymo Corte Real e Luiz Pereira Brandão, Francisco de Andrade serve-se da mythologia greco-latina e das allusões populares de vaticinios e sonhos, como expedientes rhetoricos.

As suas obras são:

O primeiro cerco de Diu, poema portuguez em 20 cantos e oitava rima, publicado pela primeira vez em 1589 com o titulo de — *O primeiro cerco que os Tur-*

cos poserão ha fortaleza de Diu nas partes da India defendido pollos portuguezes.
Chronica de D. João III (1613).

POETAS BUCOLICOS

132. *Bernardim Ribeiro* do Torrão no Alemtejo. Este escriptor é o mais harmonioso, delicado e impressionavel poeta bucolico dos fins do seculo XV e principios do seculo XVI, e por isso representa a mais bella expressão do genero idylico entre nós. Ignora-se o anno em que nasceu; conjecturam alguns que nascera por volta do anno de 1475 e entrára na côrte como fidalgo por 1496, outros, porém, de melhor aviso o suppõem nascido em 1490. E' certo que tomou o grau de bacharel em canones na Universidade que então estava em Lisboa, no dia 5 de agosto de 1511, e que frequentou os serões de D. Manuel. O seu nome, como o de Gil Vicente e Sá de Miranda, já apparece no Cancioneiro de Resende, e pelo facto de empregar os metros nacionaes usados no seculo XV pelos poetas palacianos, devemos acreditar que a sua escola poetica é anterior á phase italiana introduzida definitivamente por Francisco de Sá de Miranda a partir de 1526. Tambem é desconhecido o local e a data do seu fallecimento, mas como a historia da sua vida anda enredada em lendas romanescas fantasiaram uns que fora assassinado n'uma das ruas de Lisboa por ordem do paço depois do seu regresso de Turim, aonde fôra como peregrino arrastado de saudades por D. Beatriz, a menina e moça que tanto o fizera soffrer na côrte, e asseveram outros que fôra morrer a Toledo, onde longe da patria e desenganado da vida exercia o officio de mestre de capella. Outros biographos asseveram que o poeta do Torrão fora casado com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manuel de Menezes senhor de Cantanhede, que tivera a commenda de Villa Cova da ordem de Christo e a capitania de

S. Jorge da Mina e que militou com distincção nas armadas da India. Seja como fôr ; a melancholia dos seus numeros cadenciados em redondilha, a transparencia allegorica das suas eclogas, nas quaes o poeta evidentemente figura sob o mal disfarçado recato de pastor, as allusões a factos da sua vida intima dão plausibilidade ás lendas phantasiosas que correm ácerca dos seus mal correspondidos amores na côrte e dos infortunios que a tradição lhe attribue. E' n'esta tradição que se basêa um dos mais bellos dramas de Garrett.

As obras de Bernardim Ribeiro marcam o ponto em que o espirito da poesia italiana vem vivificar as pallidas imitações da escola hespanhola, já repassadas do platonismo de Petrarcha, das allegorias de Dante e do sentimentalismo idylico dos poetas syracusanos. Bernardim Ribeiro é com effeito o representante dessa phase de transição de uma escola para outra. A intensidade do seu bucolismo, que vale muito pelo sentimento, mas vale mais pela forma rythmica, de uma suavidade musical que enebria, de uma candura e singeleza popular que prende o ouvido, demonstra a supremacia do gosto pastoril que circulava na tradição portugueza do seculo XV, e que antes da direcção italiana, communicada á poesia portugueza pelos bucolicos Bernardes, Caminha, Camões e Rodrigues Lobo, já eram conhecidos em Portugal os poetas de Syracusa (Theocrito, Bion e Moscho), ou já existia na Peninsula essa tendencia pronunciada para o sentimentalismo vago e triste das allegorias bucolicas.

As obras de Bernardim Ribeiro são, alem das lyricas :

Eclogas, composições pastoris e amorosas em redondilha.

Menina e moça, novella pastoral assim chamada das primeiras palavras do romance.

Andam colligidas n'um só volume com o nome ge-

nerico de *Saudades*. Com este titulo publicou-se a primeira edição em 1555 em Ferrara e a segunda em Evora em 1557. Em 1559 sahiu a terceira edição com o titulo de *Historia da menina e moça, agora de novo estampada. E assi alguas eglogas suas com o mais que na pagina seguinte se verá.*

Christovam Falcão (1500? a 1550?). Quasi nada se sabe da vida d'este excellente poeta, que foi intimo amigo de Bernardim Ribeiro, sendo como elle desgraçado e mal comprehendido, e como elle ardente cultor da poesia bucolica. As suas exparsas, cantigas e sextinas e sobre tudo a unica ecloga que d'elle nos resta, collocam-n'o a par de Bernardim Ribeiro, e tanto que as obras de um podiam ter passado como tendo sido feitas pelo outro. Parece ter nascido em Portalegre, e consta que fôra commendador da ordem de Christo e governador da Ilha da Madeira. Algumas das suas lyricas andaram impressas com as de Bernardim Ribeiro.

Publicou-se d'este poeta:

O Chrisfal (1571) ecloga designada pelas primeiras syllabas do nome do auctor.

LYRICOS DA ESCOLA ITALIANA

133. Alem de Camões e Antonio Ferreira sobresairam os seguintes:

Francisco de Sá de Miranda (1495 — 1558). Filho de uma mulher nobre e do conego Gonçalves Mendes de Sá, nasceu este poeta em Coimbra e d'aqui passou a Lisboa a frequentar a Universidade na qual regeu a cadeira de direito civil, segundo opina o seu biographo D. Gonçalo Coutinho. Movido de desgostos na côrte ou de desejos de se instruir, saiu de Lisboa em 1521 e depois de viajar por Italia e Hespanha só regressou em 1526 voltando para Coimbra. Foi n'esta viagem que elle recebeu a acção directa dos novos processos italianos. D. João III, que era

amigo do poeta, deu-lhe a commenda das Duas egrejas (ordem de Christo), e como Francisco de Sá era senhor da casa e quinta da Tapada no Minho, para ahi se retirou por 1534 e ahi residiu até que morreu, tres annos depois do fallecimento de sua mulher D. Briolanja de Azevedo. É no periodo que vae de 1526 a 1558 que deve marcar-se a implantação definitiva das novas ideas poeticas communicadas de Italia. A alma d'este movimento foi Francisco de Sá de Miranda que apostolava os novos ideaes nas suas palestras sodalicas, nas suas correspondencias e nos seus escriptos litterarios. Dispondo da maxima auctoridade que lhe provinha do favor da côrte, da integridade do caracter, da independencia social e sobretudo da sua variadissima instrucção de jurisconsulto, musico, dramaturgo e poeta, Sá de Miranda era ouvido e procurado por Pedro d'Andrade Caminha, Diogo Bernardes, D. Manuel de Portugal, Antonio Ferreira e Jorge de Montemór, que lhe mandavam versos e o consultavam. A quinta da Tapada era o cenaculo d'onde se reflectia por todo o paiz a luz das novas theorias, e é por isso que Sá de Miranda é considerado como director e mestre dos poetas lyricos do seu tempo.

As obras que escreveu, usando ora do portuguez ora do hespanhol, são poesias lyricas e producções dramaticas; n'umas e n'outras predomina a preoccupação da nova escola. Os seus sonetos, odes, epistolas, satyras, canções e eclogas são composições geralmente escriptas no verso hendecasyllabo; mas as duas comedias que compoz — os *Estrangeiros* em 1532 e os *Vilhalpandos* em 1538, são em prosa. Esses trabalhos que foram publicados pela primeira vez depois da sua morte, são:

A *Comedia de Vilhalpandos* em 1560;
A *Comedia dos Estrangeiros* em 1569;
As *Obras do celebrado lusitano o dr. Francisco de Sá de Miranda* em 1595.

Pedro d'Andrade Caminha do Porto (1520? – 1589). Foi camarista do principe D. Duarte irmão de D. João III, e pelas suas adulações aos poderosos obteve rendosas tenças e privilegios e a alcaidaria mór de Celorico de Basto. Inimigo pessoal de Camões e de Damião de Goes contra o qual depoz no Santo officio, era apaixonado pela pessoa e escola de Sá de Miranda, ao qual imitou, compondo grande numero de lyricas que são correctas e harmoniosas, mas sem ideal nem inspiração. A collècção d'essas poesias que tem o merito de nos relacionar com alguns poetas do tempo foi publicada depois da morte do auctor com o titulo de:

Poesias lyricas de Pedro d'Andrade Caminha (1791) pela Academia real das sciencias de Lisboa.

Diogo Bernardes de Ponte de Lima nasceu entre 1530 e 1540 e morreu, segundo Juromenha, em 1605. Sabe-se que foi moço da toalha de D. Sebastião e que na qualidade de poeta e soldado acompanhou el-rei á Africa para lhe cantar as glorias, sendo preferido a Camões, de quem era inimigo. Tendo ficado prisioneiro, foi resgatado e mais tarde recebeu varias tenças de Filippe II a troco dos incensos da sua lyra cortezã.

Depois de visitar Sá de Miranda no Minho e relacionando-se mais tarde em Lisboa com Pedro Caminha e Antonio Ferreira, lançou-se abertamente na escola do mestre, sem deixar de beber inspirações e forragear phrases e versos nas obras camoneanas, cujo idealismo procurava imitar, chegando até a affirmar-se que Diogo Bernardes roubára a Camões o *Parnaso* (collecção lyrica perdida desde 1570 e 1572) e algumas eclogas. Bernardes é um poeta lyrico e bucolico de notavel merecimento. As suas obras são:

Varias rimas ao Bom Jesus (sonetos, epigrammas, o poema de *Santa Ursula*, uma ecloga e outras fórmas lyricas — 1594).

Flores do Lima, varias rimas publicadas em 1596.

Lima, collecção de eclogas e cartas (1596).

Teve alguma nomeada o discipulo de Miranda, *André Falcão de Resende* de Evora (1535 — 1599), sobrinho do chronista Garcia de Resende. Principiou a traduzir as odes de Horacio e escreveu na escola de Miranda algumas lyricas que não chegou a publicar.

POETAS MYSTICOS

134. *D. Manuel de Portugal*, fallecido em 1606 e hoje esquecido, foi muito considerado por Miranda, teve a gloria de ser amigo de Camões a quem apresentou na côrte quando o grande epico ia offerecer os *Lusiadas* a D. Sebastião, e foi o Mecenas de muitas vocações litterarias do seu tempo. Amigo da patria e do nome portuguez, assistiu contristado ao desastre de 1580, e nunca se conformou com o dominio de Castella. As suas lyricas, quasi todas hoje perdidas, foram escriptas em hespanhol e são repassadas d'essa profunda tristeza e mysticismo em que ha o abandono da vida e a aspiração vaga para as ineffaveis venturas do ceu.

Fr. Agostinho da Cruz de Ponte de Lima (1540 — 1610), irmão mais novo de Diogo Bernardes, foi educado por seu irmão. Chamava-se Agostinho Pimenta, mas tomou o novo appellido quando em 1560 vestiu o habito e passou ao noviciado no convento de Santa Cruz da Serra de Cintra. Queimou então os seus versos mundanos e dedicou-se corajosamente á vida contemplativa. As suas poesias mysticas são correctas e inspiradas na paixão religiosa que inflammou Santa Thereza, S. Francisco d'Assis e Chantal.

Miguel Leitão de Andrade de Pedrogam Grande (1555 — 1629 ?), é um dos admiradores e discipulos de Camões; esteve em Alcacer Kibir com tantos outros poetas e colligiu muitas curiosidades litterarias, cantigas populares, tradições e factos do seculo XVI na sua curiosa *Miscellania* (1629) obra em

prosa e verso, em forma de dialogo laudatorio. Os seus versos andam intercallados n'aquelle livro, onde se observa essa tendencia mystica e sentimental que caracterisa quasi todos os lyricos d'aquelles tempos.

Balthazar Estaço de Evora como seu irmão Gaspar Estaço (celebre antiquario e conego da collegiada de Guimarães, auctor das *Varias antiguidades de Portugal*), foi conego da Sé de Vizeu. Os seus sonetos, canções, eclogas e outras rimas foram por elle offerecidas ao bispo da diocese viziense D. João de Bragança, e parece que foram compostas na adolescencia do poeta. O seu mysticismo é intrincado e difuso. As obras de Estaço viram a luz publica em 1602.

POETAS DRAMATICOS

135. *Gil Vicente* (1470? — 1536?). É desconhecida a naturalidade assim como a data de nascimento e obito do fundador do theatro portuguez. Uns o dizem natural de Lisboa, outros de Guimarães e alguns de Barcellos; é certo, porém, que frequentou a côrte de D. João II, D. Manuel e D. João III, e que esteve em Lisboa, em Evora, em Almeirim, em Santarem e em Coimbra, acompanhando a familia real, obrigada a mudar de residencia por causa das grandes pestes que por esses tempos assolavam o paiz. É egualmente certo que figura como poeta palaciano no C. de Resende, e que era elle o encarregado de divertir com as suas representações e veia satyrica a côrte apavorada e ociosa. A sua primeira peça foi representada na camara da convalescente rainha mãe de D. João III em 1502, e tem o nome de *Auto da visitação* ou *Monologo do vaqueiro*, porque Gil Vicente representou de vaqueiro da Beira no quarto da rainha para a distrahir. Desde esta epoca a sua fecundidade dramatica é prodigiosa, e os seus autos fixam de vez o theatro nacional.

Casado com Branca Beserra, da qual teve tres fi-

lhos, Gil Vicente, Luiz Vicente e Paula Vicente (senhora intelligente e muito considerada na côrte), Gil Vicente faz as comedias, ensaia-as, compõe a musica, inventa os bailados e chacotas, ordena as decorações, e representa-as com os filhos perante a côrte, como Moliére e Shakespeare. O notavel comediante com uma liberdade que mal se comprehende hoje, satyrisa os ridiculos e os vicios do seu tempo, exproba as demasias dos reis, os erros do clero e a pedantaria da nobreza, com um desassombro só proprio de um homem superior revestido da suprema auctoridade. As victimas sentem o latego, mas são obrigadas a sorrir; Gil Vicente vae procural-as a todas as classes, á burguezia donde tirou os argumentos das suas farças e comedias, ao clero e á religião que lhe dão materia para os autos, á nobreza e aos altos funccionarios, nos quaes procura os heroes das suas tragicomedias. Como era natural, foi perseguido.

Accusaram-no de plagiario, mas elle desforrou-se pedindo um thema e escrevendo sobre elle a farça da *Ignez Pereira*, que é na opinião dos criticos a primeira comedia regular que appareceu no theatro portuguez. O thema foi este «Mais quero asno que me leve que cavallo que me derrube.» A sua celebridade foi tal que Erasmo, segundo a tradição, aprendeu o portuguez para comprender as obras do nosso comico, que é o primeiro da Europa por aquelles tempos. Escreveu e representou a sua ultima comedia *Floresta de enganos* em 1536, anno da entrada da Inquisição em Portugal. Trinta annos depois seus filhos Luiz Vicente e Paula Vicente publicaram-lhe as obras com o seguinte titulo:

Copilação de todalas obras de Gil Vicente a qual se reparte em cinco liuros. O primeiro é de todas as suas cousas de devoçam. O segundo as comedias. O terceyro as tragicomedias. No quarto as farças. No quinto as obras meudas (1562). Do vasto reportorio de Gil Vicente citam-se de preferencia, além da *Floresta de*

enganos e da *Ignez Pereira*, as tres *Barcas* e a comedia de *Rubena*.

Em 1581 o Sauto officio prohibiu a reimpressão destas obras, a qual só foi permittida em 1586 depois de mutiladas por aquelle tribunal. O sr. Theophilo Braga sustenta que o Gil Vicente poeta é o Gil Vicente ourives que fabricou a custodia de Belem e fôra lavrante da rainha D. Leonor viuva de D. João II; mas o sr. visconde de Correia Botelho combate vivamente esta opinião.

Nota. — A descendencia litteraria de Gil Vicente é numerosa. Seguiram a sua escola, escrevendo já em portnguez já em hespanhol, a exemplo do mestre, os seguintes:

Antonio Ribeiro Chiado, o Bocage do seculo XVI, o rebelde franciscano eborense, trasmalhado do convento por trinta annos a eito, genio caustico e mordaz que zombava dos personagens ridiculos do tempo que o alcunhavam de birgante e dizidor. O seu verso predilecto é o de Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, a redondilha popular. O *Auto da natural invenção*, a *Pratica de compadres*, o *Auto de Gonçalo Chambão*, a *Pratica de oito figuras* e o *Auto das regateiras* são comedias satyricas do talentoso Chiado.

Balthazar Dias da Madeira, o triste cego que viveu entre o povo no tempo de D. Sebastião e para o povo escrevia os seus autos, que lhos pagava generosamente em applausos. Alguns destes autos ainda hoje se leem e vendem como litteratura de cordel. São daquelle poeta, cujas peças de caracter funebre e ecclesiastico eram forrageadas na *Legenda aurea* de Voragine, as seguintes composições — *Historia da imperatriz Porcina*, a tragedia em redondilhas *Marquez de Mantua* e os autos de *Santo Aleixo* e de *Santa Catharina*.

Affonso Alvares, creado do bispo de Evora e auctor dos autos de Santa Barbara, Santo Antonio, S. Thiago e S. Vicente:

Antonio Prestes de Torres Novas, auctor do *Auto do procurador*, do *Auto da Ciosa*, e do *Auto dos cantarinhos*. Na *Primeira parte dos autos e comedias portuguezas* publicada em 1587 imprimiram-se 7 autos de Antonio Prestes.

Simão Machado de Torres Vedras, auctor das *Comedias portuguezas* (1631), o dramaturgo que alliou o gosto vicentiano com o espirito das comedias hespanholas, e escreveu a comedia do *Cerco de Diu* e a dos *Encantos de Alfêa*.

Jorge Pinto, que escreveu o *Auto de Rodrigo e Mendo*.

Jeronymo Ribeiro Soares conhecido pelo seu *Auto do physico*

Dr. Antonio Ferreira de Lisboa (1528 — 1569). Se a escola dramatica de Gil Vicente é caracterisada pela fórma nacional da redondilha, pelo espirito critico e revolucionario da satyra, por vezes plebêa, e pelo interesse dos argumentos baseados na tradição e costumes populares do povo portuguez, a escola do dr. Antonio Ferreira é, pelo contrario, moldada pelos canones da poetica italiana, cujos numeros, contextura e fórmas estrophicas imita, obedece a tendencias de cultismo e raras vezes chega a ser comprehendida do povo. Uma é nacional e popular, a outra é classica e erudita.

A educação de Ferreira que foi o melhor discipulo de Sá de Miranda, é toda humanista. Nasceu em Lisboa, mas foi completar os estudos a Coimbra, onde recebeu lições de Diogo de Teive, de quem foi amigo. Conhecedor profundo do grego, do latim, da historia e da jurisprudencia, bem relacionado com os poetas do tempo, especialmente com Andrade Caminha e Miranda, e pertencente a uma familia poderosa, obteve ainda moço o importante logar de desembargador da Relação de Lisboa.

Ferreira era um alto espirito tão independente como Gil Vicente e Damião de Goes, e foi elle um dos escriptores que ousaram protestar em nome da liberdade do pensamento contra o Index expurgatorio de 1564. E' o unico poeta do seculo XVI que escreveu sómente em lingua portugueza.

A paixão de Ferreira pelos classicos da antiguidade é manifesta em todas as suas obras, tanto lyricas como dramaticas. Ninguem como elle comprehendeu a tradição greco-latina. Norteado por ella escreveu muitas lyricas, ás quaes deu o nome de *Poemas lusitanos* já colleccionados antes de 1557 e as duas comedias terencianas—o *Bristo* e o *Cioso*, reminiscencias das representações academicas de Coimbra. E'-lhe attribuida a famosa tragedia *Castro*, que tem por assumpto a encantadora e tocante tradição dos amo-

res de D. Pedro e D. Ignez. As numerosas imitações que tem sido feitas d'aquella tragedia de contextura grega, tragedia singular por ser extrahida da historia nacional em epoca de enthusiasmo pelos assumptos gregos e romanos, provam as excellencias d'esse trabalho que implantou o theatro classico, suffocando por largos annos a indole do theatro vicentiano. Manuel de Figueiredo, Domingos dos Reis Quita e João Baptista Gomes exploraram com exito os tragicos amores e a morte escura da infeliz amante de Pedro I, como já o tinham feito Resende e Camões.

Embora as tentativas dramaticas de Jorge Ferreira de Vasconcellos tivessem predisposto os animos para a acceitação do novo genero, pois que antes da *Castro* escreveu Jorge Ferreira de Vasconcellos a comedia *Eufrosina* ao gosto hespanhol (1527), a *Ulyssipo* em 1547, e a *Auleographia* (por 1554) que deixou inedita; todavia não pode negar-se a Ferreira a gloria de ter radicado o gosto pelo theatro antigo. A *Castro* foi composta doze annos antes da morte do auctor e tem a valia de uma reproducção directa dos tragicos gregos. E' em verso solto, emprega a fórma antiga dos córos e resente-se d'esse tom lugubre de melancholia, d'essa fatalidade esmagadora e crescente que é a feição culminante das tragedias de Eschylo. A *Castro* é superior á *Sophonisba* de Trissino e á *Nize lastimosa* de Jeronymo Bermudes, publicada em 1577, depois de feita a tragedia portugueza já collecionada por Ferreira em 1557, embora sómente visse a luz da publicidade em 1587. Comtudo não faltou quem atribuisse a Bermudes a paternidade da tragedia portugueza.

As datas da publicação das obras de Antonio Ferreira, são:

Poemas lusitanos, comprehendendo a *Castro* (1598).

Bristo e *Cioso* duas comedias publicadas em 1622 com os *Vilhalpandos* e *Estrangeiros* de Miranda sob o titulo geral de *Comedias famosas portuguezas dos*

doutores Francisco de Sá de Miranda a Antonio Ferreira.

Castro (1587). Não se conhecem exemplares d'esta edição citada por Costa e Silva, e por isso é geralmente tida por primeira a edição de 1598.

Eloquencia

136. Faltam os documentos para o exame directo da eloquencia portugueza nas duas primeiras epocas, mas já no seculo XVI apparecem muitos sermões impressos e alguns oradores dignos d'este nome. É impossivel avaliar hoje o grau de uma faculdade que tem por expressão a palavra oral, só devidamente apreciada por quem a escuta. A voz, o gesto, a presença, a paixão, as condições especiaes do orador e do movimento oratorio, não apparecem no pallido e frio discurso impresso, que é realmente uma fórma litteraria, mas não é a eloquencia propriamente dita; comtudo auctorisados pelo testemunho dos contemporaneos e por algumas noticias que chegaram até nós, mencionaremos alguns oradores que se affirma terem primado no dom de persuadir. O meio social apenas permittia as expansões theologicas da eloquencia ecclesiastica, que era primitivamente exercitada em termos familiares, conforme conjectura o douto Cenaculo.

São oradores quinhentistas os seguintes:

Luiz de Granada, de Granada na Hespanha (1504 a 1588) auctor de treze sermões das principaes festas do anno, os quaes foram impressos com o seu compendio de doutrina christã.

D. Antonio Pinheiro de Porto de Moz, bispo de Miranda e Leiria e reformador da Universidade de Coimbra, fallecido por 1582. Passa por orador correcto e pomposo.

Dr. Diogo de Paiva d'Andrade de Coimbra (1528

— 1575) irmão do chronista Francisco d'Andrade, doutor em theologia pela Universidade de Coimbra, grande latinista e conhecedor da lingua hebraica. Foi um dos enviados por D. Sebastião ao concilio de Trento em 1561, ao qual assistiram por parte de Portugal Fr. Bartholomeu dos Martyres arcebispo de Braga, D. João Soares bispo de Coimbra, Fr. Gaspar do Casal bispo de Leiria e ao depois de Coimbra, D. Jorge de Athaide ao diante Bispo de Vizeu, acompanhado pelo seu theologo, o mestre Fr. Luiz de Souto Maior, famoso lente de Escriptura na Universidade. A proposito do Cathecismo protestante de Mosheim defendido contra a Universidade de Colonia pelo theologo protestante Kemnitz, Diogo de Paiva publicou em latim o livro das *Explicações theologicas* impresso em Colonia no anno de 1564; Kemnitz replicou azedamente e com maior azedume retrocou Andrade no livro *Defensão da fé tridentina.* No dizer de Cenaculo os discursos do theologo portuguez (3 vol. posthumos que viram a luz em 1602, 1604 e 1615) são exemplares de boa linguagem e modelos de exercicio concionatorio. A fórma de dialogo usada por Andrade é uma caracteristica dos seus discursos, que revelam bastante independencia, por quanto alguns d'elles pronunciados perante a côrte são vehemente condemnação dos vicios do tempo.

D. João Soares, bispo de Coimbra. Fr. Luiz de Sousa assevera que este prelado fôra eminentissimo no ministerio do pulpito e tanto que os maiores prégadores do seu tempo lhe reconheciam a vantagem e como segundo Demosthenes o veneravam. Era religioso da ordem de Santo Agostinho. Perderam-se os sermões d'este prégador como os de Jeronymo da Azambuja, os de Foreiro e de Garcia de Menezes.

Fr. Miguel dos Santos foi muito considerado no seculo XVI. O elogio funebre de el-rei D. Sebastião é um documento da valia oratoria de Fr. Miguel que nas exequias do infeliz monarcha celebradas a 19 de

setembro de 1578 na cathedral de Lisboa arrancou lagrimas sentidas a todo o auditorio.

Dr. Francisco Fernandes Galvão de Lisboa (1554 — 1610), doutor em theologia, arcediago de Villa Nova da Cerveira no arcebispado de Braga. Os seus sermões escriptos em copiosa e pura linguagem foram publicados desde 1611 a 1616.

Fr. Pedro Calvo do Porto, lente e prior do convento de S. Domingos de Lisboa, fez profissão em Aveiro em 1566. Um dos seus sermões compostos em estylo familiar é dedicado «á magestade d'el-rei Filippe, N. S. de Portugal.»

Fr. Antonio Fêo de Lisboa (1573 — 1627), membro da ordem de S. Domingos. Deixou muitos tratados de sermões de quaresma e de santos e prégou em 1621 nas exequias do catholico rei Filippe II de Portugal.

Historia

137. Os estudos da historia portugueza que no seculo XV adquirem grande importancia, como se prova pela creação d'um archivo diplomatico, pela instituição da chronica official remunerada e pelo chamamento de sabios extrangeiros que haviam de pôr em latim a historia d'estes reinos, alcançam no seculo XVI um desenvolvimento extraordinario, mercê da sobreexcitação, do assombro e curiosidade que produziam nos animos impressionaveis as gentilezas do heroismo portuguez no ultramar. Essas impressões que sacudiam o organismo da nação, a um tempo deslumbrada pela gloria e seduzida pela riqueza, não podiam ficar sem memoria n'um seculo de letrados, que ora empunhavam a espada de guerreiro, ora tomavam a penna de historiador, e desejosos de renome como Xenophonte e Cezar, a custo se resignavam a calar as proezas em que tinham quinhão.

Mas a historia n'estas condições não é nem podia ser uma sciencia; a serenidade da critica e a placi-

dez do narrador impassivel como um narrador que sentenceia, não se compadeciam com o nervosismo do historiador dominado pelas impressões directamente recebidas no logar dos feitos que praticou ou ajudou a praticar. E' por isso que a narração historica n'este periodo, ao passo que é uma necessidade e um desabafo, é por egual a expressão da mais alta sinceridade e o producto despretencioso e veridico da impressão subjectiva de quem a escreve.

Estão geralmente n'este caso os annalistas portuguezes: Antonio Galvão, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Goes e D. Jeronymo Osorio.

Antonio Galvão da India (? — 1557). Filho natural do chronista eborense Duarte Galvão (1446 — 1517), auctor da *Chronica de D. Affonso Henriques*, Antonio Galvão foi nomeado capitão das Molucas(1536) em cujo governo prestou relevantissimos serviços á corôa. Com raro desprendimento recusou o throno de Ternate que lhe foi offerecido. Na esperança de que o governo da metropole lhe recompensaria condignamente os serviços prestados á fazenda e á gloria portugueza no ultramar, veio ao reino onde apenas encontrou a ingratidão, a fome e a doença. Pelo que se recolheu ao hospital, vivendo de esmolas durante os dezasete annos que lhe restaram da existencia consumida no serviço da patria. Foi nas horas desalentadas do infortunio que elle escreveu a interessante memoria que um amigo seu publicou em 1563 com o seguinte titulo:

Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veiu da India ás nossas partes, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos até á era de 1550.

Fernão Lopes de Castanheda de Santarem (fallecido em Coimbra em 1559). Filho natural de Lopo de Castanheda, primeiro ouvidor de Gôa, foi

para a India com seu pae (1528) e ali colligiu as noticias, informações, documentos e outros materiaes de que é feita a sua historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes. Cuidando como Antonio Galvão que os seus serviços teriam recompensa, regressou ao reino ao cabo de innumeras inclemencias e perigos no mar e na terra, mas apenas poude obter o modesto logar de bedel da faculdade de artes e guarda do cartorio da Universidade. «Gastei vinte annos — diz elle — que foi o melhor tempo da minha edade, e n'elle fui tão perseguido da fortuna e fiquei tão doente e pobre, que por não ter outro remedio com que me mantivesse, aceitei servir uns officios na Universidade de Coimbra, onde no tempo que me ficava desoccupado do serviço d'elles, com assás fadiga do corpo e do espirito, acabei de compor esta historia que reparti em dez livros.»

O trabalho de Castanheda é rico de noticias seguras e primoroso de imparcialidade e bom senso. O modo como foi principiado e concluido, mediante o estudo dos logares, empregadas todas as diligencias para a colheita de informações, recolhidas todas as tradições oraes e escriptas relativamente á conquista da India, aproveitados todos os elementos de critica e postas de parte quaesquer preoccupações ácerca das pessoas e dos factos, tudo concorreu em Castanheda para que a sua obra sahisse original e conscienciosa.

O seu trabalho tem o seguinte titulo:

Historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes (em dez livros dos quaes só sahiram oito, sendo publicado o 1.º em 1551, o 2.º e 3.º em 1552, o 4.º e 5.º em 1553, o 6.º e 7.º em 1554 e o 8.º em 1561).

João de Barros de Vizeu (1496 — 1570). Illustre por nascimento, João de Barros exerceu no paço o cargo de guarda roupa de D. Manuel e no reinado de D. João III foi nomeado capitão da for-

taleza e conquisia de S. Jorge da Mina, em 1528 thesoureiro da casa da India e Mina, e ao depois feitor proprietario da mesma casa. D. Sebastião concedeu-lhe privilegios rendosos e a tença de 400$000 réis em attenção aos seus serviços.

Como escriptor, o insigne João de Barros revela nas suas obras essa educação encyclopedica que aliás é commum ás eminentes individualidades litterarias do seu seculo; é historiador, romancista, orador, moralista e grammatico.

Tendo-se offerecido a D. João III para escrever a historia da India, visto que seu tio o chronista mór do reino Lourenço de Caceres não podéra desempenhar-se de tal encargo por ter fallecido em 1531, e já exercitado na arte de escrever, por quanto a esse tempo já tinha composto a novella ou chronica do imperador Clarimundo com o fim expresso de aperfeiçoar o estylo, foi lhe acceite o offerecimento por el-rei.

João de Barros desempenhou-se cabalmente do compromisso, escrevendo a *Asia* que dividiu em decadas das quaes escreveu quatro, ficando a ultima incompleta.

Tambem escreveu sobre grammatica e modo pratico de aprender a ler, panegyricos, obras de moral e uma novella; mas o principal monumento que perpetúa a sua memoria é a *Asia*, trabalho copioso de informações, exacto nas pinturas e redigido com todas as louçanias de estylo pictoresco, natural e sentido, o que dá ao erudito e artistico narrador um logar distincto entre os classicos do seculo XVI.

As suas obras mais notaveis são:

Chronica do imperador Clarimundo, novella de cavallaria escripta quando o auctor teria vinte annos e publicada por 1520.

Rhopica pneuma ou mercadoria espiritual (1532).

Cartinha para aprender a ler (1539).

Grammatica da lingua portugueza (1540).

Dialogo da viciosa vergonha (1540).

Dialogo de Juam de Barros com dois filhos seus sobre preceptos moraes, a modo de jogo (1558).

Asia de Joam de Barros dos feitos que os portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente (1552).

Segunda decada de Joam de Barros dos feitos, etc. (1553).

Terceira decada da Asia de Joam de Barros, etc. (1563).

Quarta decada de J. de Barros, reformada, accrescentada e illustrada com notas e taboas geographicas por João Baptista Lavanha (1615).

Diogo do Couto de Lisboa (1542-1616). Tendo feito os seus primeiros estudos no mosteiro de Bemfica sob a protecção do infante D. Luiz, pae de D. Antonio, embarcou para a India provavelmente em 1558 e ahi militou cerca de dez annos. Tendo-se relacionado com Luiz de Camões e voltando com este ao reino em 1570, tornou a embarcar para a India onde fixou residencia, sendo encarregado de continuar as *Decadas* de João de Barros e de dirigir o archivo da India na qualidade de guarda-mór. Collocado em excellentes condições para organisar uma historia geral dos successos da India, pois que dispunha dos materiaes do archivo e de informações directas dos logares e factos, emendou muitos erros do seu antecessor e continuou o trabalho principiando pela decima decada.

Diogo do Couto é menos arrojado que João de Barros, mas em compensação é mais egual e pratico, e investigou melhor a verdade dos acontecimentos que narra.

Nos ultimos dias da vida de Diogo do Couto a gloria dos portuguezes na India declinava progressivamente e foi por isso que este historiador, egualmente soldado e poeta, compoz o *Soldado pratico* para definir essa decadencia e apontar os meios de a suster.

As suas obras são :

Decadas (continuação das de Barros) desde a 4.ª até á 12.ª. D'este grandioso trabalho perdeu-se a decada 11.ª, da 12.ª restam apenas 5 livros, a 10.ª não se imprimiu, e a 9.ª está interpolada. A 4.ª foi publicada separadamente em 1602, a 5.ª em 1612, a 6.ª em 1614, a 7.ª em 1616, a 8.ª em 1673, a 9.ª conjunctamente com as outras (menos a 10.ª e 11.ª) em 1736.

Vida de D. Paulo de Lima Pereira, biographia publicada em 1765.

Soldado pratico (considerações em dialogo ácerca do estado da India portugueza, publicadas pela Academia real das sciencias de Lisboa em 1790).

Damião de Goes de Alemquer (1501-1572). Filho de paes nobres e ricos entrou para o serviço do paço aos nove annos e aos dezasete já era moço da camara de D. Manuel. D. João III, que subiu ao throno em 1521, nomeou-o logo em 1523 para o cargo de escrivão da feitoria de Flandres, logar da maxima responsabilidade, saindo d'ali mais tarde em desempenho de missões diplomaticas pela Inglaterra, Escossia, Dinamarca, Suecia, Noruega, Polonia e Russia até 1533. Voltando ao reino foi de novo encarregado de negociações delicadas na Allemanha, e visitando então outros paizes demorou-se na Italia desde 1534 até 1538, voltou a Flandres onde casou em 1539 e em 1545 regressava a Portugal a instancias de D. João III, que lhe deu o logar de mestre e guarda roupa do herdeiro da corôa o principe D. João.

Denunciado á Inquisição pelo padre Simão Rodrigues, perdeu o cargo de preceptor do principe; mas foi nomeado guarda-mór da Torre do tombo, e como que encarregado de escrever a chronica de D. Manuel, que não quizeram escrever nem o chronista Antonio Pinheiro, nem Ruy de Pina, nem João de Barros. A chronica principiada em 1558, e acabada nove annos depois, escandalisou a côrte: parte foi suprimida e parte emendada e assim se publicou segunda

edição da obra em 1567, sahindo no anno seguinte a *Chronica do principe D. João*, que é um modelo de imparcialidade historica, de bom senso e de critica. Depois escreveu o livro das linhagens, importando-se pouco com a boa ou má origem das familias nobres, e como denunciou muitas coisas que de proposito se occultavam, incorreu de novo nos odios dos seus inimigos que pela terceira vez o denunciaram á Inquisição; foi preso e reduzido á miseria, e em 1572 mandado em penitencia para o mosteiro da Batalha, morrendo pouco depois já restituido ao seio da familia.

Damião de Goes percorreu varias terras e paizes, ora desempenhando missões importantes, ora em viagem de instrucção, e teve por isso azado ensejo de se instruir nos usos e costumes dos povos europeus, nas sciencias e nas artes então professadas em larga escala por toda a parte. As mesmas viagens o pozeram em communicação directa com os mais conceituados artistas e sabios, cujas relações cultivou com reconhecido proveito. Albrecht Durer, o celebre pintor que lhe tirou um primoroso retrato, Erasmo, esse alto espirito que produziu o *Elogio da loucura*, Luthero e Melanchton, fundadores do protestantismo, Pietro Bembo, antigo secretario do papa e historiagrapho da republica de Veneza, Sadoleto, Olau Magno, Pedro Nascio e outras notabilidades eram seus amigos e admiradores.

Foi n'esta convivencia que se formou o espirito critico de Damião de Goes, amparado constantemente pelo seu caracter de homem honrado, independente e tolerante. É por isso que se diz que Damião de Goes fôra o historiador do seculo XVI mais imparcial e scientifico.

Escreveu muitas obras em latim provocadas por motivos de polemica, mas aquellas que o tornam mais conhecido são:

Chronica de D. Manuel (1566).
Chronica do principe D. João (1567).

Nota. — Ácerca de Damião de Goes foram escriptos em portuguez dois excellentes estudos : *Damião de Goes e a Inquisição* por Lopes de Mendonça e uma biographia elaborada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos que a fez publicar no *Pluturcho Portuguez.*

D. Jeronymo Osorio de Lisboa (1506 — 1580). Filho de João Osorio da Fonseca, antigo ouvidor geral da India, Jeronymo Osorio destinado ao sacerdocio illustrou-se nas universidades de Salamanca, Paris e Bolonha, foi secretario do infante D. Luiz e mestre de seu filho D. Antonio, e em 1564 recebeu d'el-rei D. Sebastião a nomeação de bispo do Algarve, vindo a morrer em Tavira com 74 annos de edade. A sua educação humanista e theologica, a sua alta collocação social e as suas relações com D. Ignacio de Loyola em Paris, facto que explica os esforços que empregou para que os jesuitas fossem admittidos em Portugal, pozeram Osorio em evidencia e grangearam-lhe essa auctoridade indisputavel de que se servia para dar conselhos ao rei, dissuadindo-o da jornada de Africa, e para censurar o procedimento de D. Manuel que expulsou os judeus.

Como escriptor é sincero e imparcial, combatendo sempre pela tolerancia e pela verdade.

As suas obras são quasi todas em latim, e foi nesta lingua que elle escreveu o seu principal trabalho que é a chronica de D. Manuel (*De rebus Emmanuelis gestis*). Seu sobrinho, tambem Jeronymo Osorio, reuniu essas obras e imprimiu-as em quatro tomos em Roma (1592).

As cartas politicas foram incluidas nas *Obras ineditas de D. Jeronymo Osorio* (1818) e tiveram edição separada em 1819.

133. Outros historiadores, embora menos auctorisados, abrilhantam a galeria dos annalistas do seculo XVI ; taes são :

André de Resende de Evora (1498 — 1573), auctor da obra *Antiguidades da Luzitania.*

Braz de Albuquerque (1500 — 1580), filho do illustre Affonso d'Albuquerque; escreveu os *Commentarios de D. Affonso d'Albuquerque*, servindo-se dos documentos officiaes que seu pae mandara a D. Manuel.

Gaspar Corrêa, que escreveu quatro livros dos successos da India desde 1497 a 1550, em estylo pictoresco e profundamente sentido. Viveu na India provavelmente desde 1512 a 1561 e escreveu as *Lendas da India.*

Gaspar Fructuoso, auctor das *Saudades da Terra*, livro que historia o descobrimento da Madeira, Açores, Canarias e Cabo Verde.

Fr. João dos Santos, que escreveu os trabalhos das missões portuguezas do Oriente no seu livro a *Ethyopia oriental.*

Fr. Marcos de Lisboa (1511 — 1591), bispo de Miranda e ao depois do Porto, o qual escreveu as *Chronicas da Ordem dos frades menores de S. Francisco.*

Fr. Gaspar da Cruz, auctor do *Tratado das cousas da China.*

Duarte Nunes de Leão de Evora, grammatico e auctor da *Descripção do reino de Portugal.*

Padre João de Lucena de Trancoso (1549 — 1600) o biographo de S. Francisco Xavier apostolo das Indias.

Fr. Bernardo da Cruz, que foi como capellão mór na armada que levou D. Sebastião á Africa, e escreveu por 1586 uma *Chronica de D. Sebastião*, publicada em 1837.

Novellistica

139. Os antigos poemas de cavallaria, cujo interesse já tinha passado por terem desapparecido os costumes e factos que elles reproduziam, apparecem n'este seculo diluidos em frivolas narrativas allegoricas, de envolta com os poemas bucolicos trsnsformados em novellas pastoraes, como um artificio littera-

rio que sómente serve como exercicio de redacção e experiencia de estylo culteranista. Revelam esta degeneração :

Bernardim Ribeiro, auctor da deliciosa pastoral intitulada *Menina e moça*.

Jorge de Montemór, auctor da popularissima novella intitulada *Diana*.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, que no *Memorial dos cavalleiros da segunda Tavola redonda* descreve os festejos celebrados na occasião em que foi armado cavalleiro o principe D. João.

Francisco de Moraes, auctor do *Palmeirim de Inglaterra*, romance que deu origem a um cyclo novellesco e escapou á satyra de Cervantes.

João de Barros, que para exercitar o estylo escreveu a *Chronica do imperador Clarimundo*.

Fernão Alvares do Oriente, poeta de Goa, cujas poesias imitadas de Camões vem intercaladas na pastoral em prosa e verso a *Luzitania transformada* (1607), novella modelada pela *Arcadia* de Sannazaro.

Gonçalo Fernandes Trancoso da Beira ; viveu em Lisboa onde escreveu 29 contos baseados na tradicção popular, parte dos quaes publicou em 1585 e a outra foi publicada por seu filho (1596) com o titulo de *Contos e historias de proveito e exemplo*.

Viagens

140. N'este seculo em que a monomania das viagens absorvia todas as attenções e compellia uns a procurar fortuna em terras de alem-mar, outros a dilatar os dominios da fé, e outros a adquirir fóra do reino renome e instrucção, explica-se facilmente a alluvião de narrativas ou relações particulares de naufragios e desastres e o grande numero de livros de viagens que apparecem por toda a parte. Cultivaram o genero os seguintes escriptores :

Fernão Mendes Pinto de Montemór-o-Velho (1509—

1580). Nascido em berço humilde conseguiu ser moço da camara do duque de Coimbra D. Jorge de Lencastre, mas desejoso de melhor posição e determinado a tentar fortuna embarcou para a India em 1537 e por lá andou 21 annos, ora captivo ora vendido, chegando a descobrir o Japão. Quando estava para regressar ao reino, deliberou vestir a roupeta de noviço da Companhia de Jesus e continuou depois nas suas viagens, mas não consta que professasse. De tudo quanto viu e soffreu compoz a sua *Peregrinação*, que só chegou a ser impressa em 1614. É um trabalho riquissimo em informações ethnicas, sendo notavel tambem pelo modo facil e ameno como está escripto.

Antonio Tenreiro de Coimbra, que por terra veio da India a Portugal em 1529, e d'essa viagem escreveu um *Itinerario* entre 1529 e 1560.

Padre Francisco Alvares de Coimbra, auctor da *Verdadeira informação das terras do Preste João*, relação da viagem que fez em 1515 á Ethiopia, aonde foi n'uma embaixada de D. Manuel e d'onde voltou em 1527.

Fr. Pantaleão de Aveiro, franciscano que foi a Jerusalem em 1563 e escreveu a relação d'essa viagem no livro *Itinerario da Terra Santa e suas particularidades.*

Fernão Cardim de Vianna do Alemtejo, jesuita que missionou pelo Brazil e mais tarde foi provincial da sua ordem; ainda vivia em 1618. Escreveu uma obra notavel pelo vigor dos quadros intitulada: *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto seguro, Pernambuco, Espirito Sancto, etc.*

No genero da obra de Cardim abundam os exemplares n'este e no seculo immediato, sobresaindo a grande quantidade de folhas volantes que encerram narrativas de naufragios e exploram a curiosidade popular. Essas narrativas foram em parte colligidas por Bernardo Gomes de Brito, no seculo passado, nos dois

volumes da *Historia tragico-maritima*. Esta obra encerra o que ha de mais tocante e dramatico n'esses obscuros episodios da navegação portugueza. O povo devorava taes narrativas com o mais vivo interesse, e os escriptores não cessavam por isso de lançar no mercado essas plangentes relações, nas quaes podemos ainda hoje surprehender muitos segredos da lingua e muitos casos geralmente ignorados.

Pertencem a esta litteratura, que mais tarde se chamou *litteratura de cordel*, os seguintes opusculos:

O Livro das partidas do infante D. Pedro, e os *Naufragios:* do galeão grande, em que se descreve a morte de Manuel de Sousa Sepulveda com sua mulher e filhos em 1552; da nau S. Bento em 1554; o de Jorge de Albuquerque Coelho em 1565; da nau S. Thiago em 1589, escripto por Diogo do Couto; e da nau S. Francisco em 1599.

Philosophia

141. Os trabalhos mathematicos do famoso cosmographo mór Pedro Nunes, auctor do *nonio*, e a vasta erudição do hellenista Ayres Barbosa e do insigne humanista Diogo de Teive, denunciam que Portugal chegou n'esta edade a collocar-se a par dos povos cultos da Europa, e comtudo na esphera philosophica apenas commentámos Aristoteles e o explicámos pelo original grego! A moral pratica explicada por exemplos, allegorias e dialogos, e a tradição da philosophia aristotelica conservada nos commentarios dos philosophos do collegio conimbricence, eis ao que esteve reduzida no seculo XVI essa antiquissima sciencia dos primeiros principios que se designa pelo modesto nome de philosophia.

Cultivam as sciencias naturaes:

Pedro Nunes de Alcacer do Sal (1502 — 1577) cosmographo mór do reino, cujos estudos mathematicos o collocam em toda a evidencia entre os mais insi-

gnes mathematicos do tempo. Estudou sciencias exactas nas universidades de Lisboa e Salamanca, esteve como védor da fazenda na India em 1519, foi nomeado cosmographo mór do reino em 1529 e professor de philosophia na universidade de Lisboa em 1530. Em 1537 seguiu a universidade para Coimbra, onde regeu a cadeira de mathematica desde 1542 a 1562. Escreveu o livro *De Crepusculis* e inventou o *nonio*, do qual se serviram os cosmographos Tycho-Brahe e Halley.

Garcia d'Orta de Elvas, antigo professor da universidade de Lisboa, pertence á primeira metade do seculo XVI. Tendo sahido para a India em 1534 com Martim Affonso de Sousa, Garcia d'Orta viajou na Asia durante trinta annos, colligindo drogas e plantas medicinaes e reunindo materiaes para o seu livro *Colloquios dos simplices e drogas*, que imprimiu em Goa em 1563. Foi o nosso botanico quem pela primeira vez revelou á Europa noções exactas ácerca da cholera asiatica. O sr. conde de Ficalho escreveu em 1886 uma excellente monographia do venerando sabio portuguez exaltando os serviços que a sciencia deve áquelle insigne botanico.

D. Francisco de Mello de Lisboa nasceu em 1490. Como pensionista do estado frequentou a universidade de Paris, onde revelou grande vocação para os estudos philosophicos e mathematicos. Quando regressou ao reino, el-rei D. João III encarregou-o da educação do infante D. Henrique. Commentou em obras latinas as theorias de Euclides e Archimedes e compoz tambem em latim os *Elementos de geometria necessarios á Astronomia*.

São moralistas os seguintes:

Heitor Pinto da Covilhã fallecido em 1584. A sua obra, refinadamente mystica, intitula-se *Imagem da vida christã*.

Amador Arraes de Beja foi bispo de Portalegre e escreveu os celebres *Dialogos*.

Fr. Thomé de Jesus de Lisboa (1529 — 1582) escreveu no captiveiro em Africa depois da batalha de Alcacer os *Trabalhos de Jesus*.

João de Barros, que explicava as Ethicas de Aristoteles mechanicamente por um engenhoso processo que inventou, escreveu os dois dialogos moraes em fórma de allegoria: *Rhopica pneuma*, na qual figuram como interlocutores a vontade, a razão, o entendimento e o tempo, e a *Viciosa vergonha*, que é um tratado egual em merito ao precedente.

Dr. João de Barros de Braga, escrivão da camara de D. João III e auctor do livro o *Espelho de casados* que foi publicado em 1540.

São commentadores de Aristoteles os seguintes:

Antonio Luiz de Lisboa, doutor em medicina pela universidade de Coimbra. Compoz varias obras philosophicas e foi elle o primeiro que em Portugal se encarregou de explicar na universidade o texto original de Aristoteles e de Galeno (1547).

Antonio de Gouvêa de Beja, sustentou com Pedro Ramo famosas discussões a proposito de interpretações de Aristoteles e escreveu muitas obras philosophicas.

Francisco Sanches de Braga (1562 — 1632), ensinou philosophia por espaço de 18 annos e medicina durante 11 annos, depois de ter recebido o grau de doutor em Montpellier. A mais importante das suas obras é a que se intitula *De multum nobili et prima universali sciencia — quod nihil scitur*, obra que teve logo e ainda tem muitos impugnadores, mas que revela no seu auctor grande penetração philosophica.

Padre Manuel de Goes, que entrou para a companhia de Jesus aos 18 annos de edade (1560) e falleceu no collegio de Coimbra em 1593. Escreveu muitos commentarios que os especialistas apreciam.

Pedro da Fonseca, denominado o Aristoteles conimbricense pela agudeza do engenho e pela exacta comprehensão das theorias aristotelicas. Entrou para

a Companhia em 1548 e falleceu em 1597. Os oito livros de dialectica *Institutionum Dialecticarum libri VIII* e os quatro volumes dos Commentarios á Metaphysica de Aristoteles (diz o dr. Lopes Praça) são padrões seguros da sua reputação e gloria.

Sebastião do Couto de Olivença, membro da Companhia falleceu em 1639. A sua obra principal intitula-se tambem: *Commentaria Collegii Conimbricensis in universam dialecticam Aristotelis Stagyritæ.*

Balthazar Alvares de Chaves tambem jesuita falleceu em 1630. E' d'elle o ultimo commentario do Collegio Coninbricence que saiu com o titulo de *Tractatus de anima separata.*

Nota. —Ácerca do merito scientifico d'estes explanadores de Aristoteles, suas obras e notas biographicas consulte-se a *Historia da philosophia em Portugal* por J. J. Lopes Praça)

Philologia

142. A lingua portugueza recebeu os primeiros preceitos grammaticaes n'este seculo, como vimos. Os trabalhos linguisticos d'este periodo exemplificam-se nas obras dos seguintes grammaticos.

Fernão de Oliveira publicou a sua *Grammatica da lingua Portugueza* em 1536. Este humanista natural da Beira, educado em S. Domingos d'Evora e preceptor d'um filho de D. Fernando d'Almada, occupou-se principalmente do modo de pronunciar e escrever as palavras, e pouco mais fez que reduzir a regras os factos que observava na linguagem do seu tempo. E' o iniciador dos estudos grammaticaes.

João de Barros imprimiu a sua *Grammatica da lingua portugueza* em 1540. Baseado nas theorias antigas da grammatica latina o trabalho de João de Barros, como o do seu predecessor, espraia-se em considerações ácerca dos nomes e accidentes das palavras, formação do plural e mais pertenças da morphologia, descurando bastante os preceitos syntacticos.

Jeronymo Cardoso falleceu em 1569 e deixou escripta a obra que no anno immediato foi publicada com o titulo de — *Dictionarium Latino-Lusitanicum et vice versa Lusitanico-Latinum.*

Pero de Magalhães Gandavo publicou em 1574 as *Regras de escrever a orthographia da lingua portugueza com um dialogo em defensão da mesma.*

QUARTO PERIODO

ESCOLA CLASSICO-HESPANHOLA

SECULO XVII

Caracter do periodo classico-hespanhol

143. A litteratura portugueza no seculo dos seiscentistas acompanhou os destinos politicos da nação. Findo o cyclo das conquistas maritimas e das aventuras heroicas a nação e a litteratura cahiram no mesmo abatimento moral. O reino perdeu a independencia, e a litteratura, conservando da Renascença apenas o culto da fórma, abastardou-se tambem, cahindo na banalidade e no servilismo, fazendo do jogo das palavras artificialmente combinadas o objecto e o fim unico da arte, e lançando-se abertamente na imitação dos conceptualistas que tiveram por chefe o poeta hespanhol Ledesma, e na corrente dos culteranistas capitaneados por Luiz de Gongora. Tal é a razão porque este periodo se chama *Classico-hespanhol* ou *Gongorico*.

Os traços que desenham a feição litteraria d'este periodo são os seguintes:

a) *Predominio do estylo culteranista*. Portugal não acompanhou o movimento philosophico e scientifico iniciado na Allemanha e na Inglaterra e continuado por Descartes na França. D. João III, deixando-se

arrastar pelas idéas do tempo e cuidando servir os interesses da religião, conseguiu atalhar por algum tempo a invasão dos innovadores, entregando a educação da mocidade aos jesuitas, introduzindo no reino a Inquisição e com ella a revisão dos livros por via da congregação do index. Fechada a porta á liberdade do pensamento, o terror invadiu os espiritos, a bajulação official tomou a dianteira á independencia, e a originalidade foi substituida pelo plagiato.

Appareceu então esse estylo palavroso e affectado que se chama *culteranismo*, e que Lope de Vega qualifica de «invensão monstruosa feita de proposito para mergulhar na barbaria a poesia e a lingua». Este culto da palavra, considerado como fim exclusivo da arte, tão proprio de um paiz que não tem liberdade de pensar nem de escrever, é em parte o producto da direcção theologica, aristotelica e casuistica dada ao espirito portuguez pelos humanistas que viam nos methodos indutivos um perigo para a religião e para a sociedade. É verdade que na França, na Italia, na Allemanha e na Inglaterra predominava a mesma corrupção do gosto, imperavam os mesmos trocadilhos, os mesmos castellos de metaphoras, as mesmas aberrações de linguagem e de senso commum; mas n'esses paizes o desvairamento alem de passageiro não foi tão intenso como em Portugal. Os trocadilhos de Gongora e os conceitos (subtilezas) de Alonso da Ledesma entretem as imaginações peninsulares durante todo o seculo XVII e parte do XVIII, desviando as attenções das novas theorias scientificas, que tinham por fim desterrar Aristoteles e reconstruir as sciencias sob novas bases tiradas do estudo da natureza e da experiencia.

b) *Imitação dos modelos hespanhoes.* O dominio dos Filippes (1580 — 1640), o uso e abuso da lingua hespanhola considerada como lingua official, as nossas relações de intimidade com os escriptores hespanhoes, cujas obras foram em grande numero publicadas em

typographias portuguezas, a superioridade litteraria das grandes individualidades que por este tempo floresceram em Hespanha, a communhão de interesses politicos e moraes dos dois povos hermanados pela conquista, approximaram tanto a litteratura portugueza da litteratura hespanhola que as feições de uma são as feições da outra, e tanto que muitos escriptores portugezes, como João de Mattos Fragoso de Alvito (no Alemtejo), tem passado por escriptores hespanhoes.

Onde, porém, a influencia hespanhola se tornou mais intensa, foi na lingua, que os nossos grammaticos chegam a explicar pelas regras da grammatica hespanhola; no theatro que aceitou as comedias de capa e espada, pondo de parte as comedias vicentianas; na poesia que logo se inspirou do subjectivismo lyrico das creações mysticas, e especialmente no estylo de escrever e orar, que pelo contacto com a escola de Gongora e com o cultismo de Paravicino, se transformou rapidamente trocando a antiga simplicidade pela tumidez das imagens, pela exuberancia dos epithetos e pela sonoridade inflada de termos retumbantes e espaventosos.

c) *Gosto pelas academias litterarias.* A exemplo da França e da Italia, que nos seculos XVII e XVIII multiplicaram as suas academias, insinuando a necessidade do convivio e communicação dos homens illustrados como um dos meios de desenvolver as artes e as letras, tambem Portugal entrou n'essa corrente que dominou aquelles dois seculos, começando por algumas reuniões particulares nas quaes se discutia e recitava.

O enthusiasmo pelas tertulias radicou-se tão fundamente que não apparece nos fins do seculo XVII e em todo o seculo seguinte individualidade litteraria que não esteja filiada n'algum d'esses viveiros da galanteria erudita e discreteadora. Os principes e os fidalgos animavam essas reuniões. Mazarino e Colbert

na França, D. Francisco Manuel de Mello, D. Luiz da Cunha, o conde de Ericeira e o duque de Lafões em Portugal, são a par de outros homens insignes da Italia os mais ardentes promotores d'estas sociedades litterarias. O rei portuguez D. João V era socio da Academia dos arcades de Roma com o nome pastoril de Albano, o marquez de Pombal pertenceu á Academia real de historia, e Luiz XVI mandou fundar á sua custa uma Academia de bellas artes em Roma sem deixar de proteger efficazmente na França os gremios litterarios que a iniciativa particular ia fundando.

As academias portuguezas mais consideradas no seculo XVII são duas — a *Academia dos generosos* e a *Academia dos singulares*. A dos *Solitarios* fundada em Santarem em 1664 e a *Instantanea* fundada pelo bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda tiveram ephemera duração.

1) *Academia dos generosos*. Foi fundada em 1647 por D. Antonio Alvares da Cunha, sobrinho do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, trinchante mór de D. João IV, guarda mór da Torre do tombo e pae de D. Luiz da Cunha. Tinha por fim interpretar os auctores antigos e reformar a poesia e a eloquencia. Reunia-se aos domingos, umas vezes em casa do fundador e outras no palacio do socio D. Francisco Manuel de Mello. Funccionou ininterruptamente até ao anno de 1667 em que se fechou para reabrir mais tarde, e atravessou quatro epocas.

A primeira durou 20 annos (1647 — 1667) sob a influencia do fundador. A segunda durou 7 annos (1685 — 1692) sob a protecção de D. Luiz Alvares da Cunha que a renovou e presidiu. A terceira durou 20 annos (1696 — 1716) sob o patrocinio do 4.º conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, que deu a sua livraria para n'ella se celebrarem as sessões aos domingos. Servia de secretario o proprio conde, e eram associados os homens mais instruidos

do tempo: o cosmographo mór Manuel Pimentel, Luiz de Castro Felix, Bluteau, o 2.º marquez de Alegrete, Fernão Telles da Silva e Julio de Mello e Castro. N'esta epoca o instituto passou a designar-se *Academia das conferencias discretas e eruditas*, e discutia questões historicas e scientificas. Os socios anteriores passaram para ella e reuniam-se, como fica dito, no palacio da Annunciada dos condes da Ericeira. A quarta epoca durou pouco tempo, por quanto principiando em 1717 sob a direcção do mesmo conde passou pouco depois a denominar-se *Academia portugueza* d'onde sahiram muitos dos socios que entraram para a *Academia real de historia portugueza*, como foram José Soares da Silva, Bluteau, D. Jeronymo Contador de Argote e D. Manuel Caetano de Sousa.

2) *Academia dos singulares*. Teve a primeira conferencia em 4 de outubro de 1663 e a ultima a 19 de fevereiro de 1665. Os socios diziam-se singulares na applicação ao estudo ou, como expõe D. Francisco Manuel de Mello, por ser esta a primeira academia que se celebrou em Lisboa á maneira dos Illuminados, Insensatos, Lyricos de Italia, em Urbino, Padua e Roma. As sessões eram celebradas em casa de Pedro Duarte Ferrão, inquiridor das causas de sua magestade. Dos trabalhos ahi versados sahiram a lume dois tomos de conferencias em 1665 e 1668. Pertenceram a esta tertulia Manuel de Galhegos, Antonio Serrão de Crasto, D. Francisco de Azevedo, padre Antonio Lopes Cabral, Sebastião da Fonseca e Paiva, dr. João d'Almeida Soares e outros egualmente estimaveis pela riqueza do vocabulario.

Synchronismo

144. As litteraturas d'este seculo são todas invadidas pela banalidade dos trocadilhos que em Portugal e Hespanha se chama *gongorismo*, na França *preciosis-*

mo, na Italia *marinismo*, na Inglaterra *eufuismo*, na Allemanha *silesianismo*.

Honram a litteratura hespanhola d'este seculo os grandes escriptores: *Cervantes* auctor do *D. Quixote*, *Lope de Vega* o fecundo dramaturgo, *Quevedo* o famoso critico de costumes, *Calderon de la Barca* o rival de Lope de Vega, *Tirso de Molina*, e os historiadores *Marianna*, *Solis* e *Nicolau Antonio*.

Na Italia *Guarini* e *Marini*. Na França os philosophos *Descartes*, *Mallebranche* e *Pascal*; os lyricos *Malherbe*, *La Fontaine* e *Boileau*; os dramaturgos *Corneille*, *Molière* e *Racine*; e os grandes oradores *Bossuet*, *Bourdaloue*, *Flechier* e *Fenelon*. A Inglaterra conta n'este seculo o seu maior poeta epico *Milton* auctor do *Paraizo Perdido*, e *Dryden*, e a Allemanha os poetas da Silesia *Opitz* e *Hoffmann* contemporaneos dos sabios Leibnitz e Volff.

Nota. — Breve resumo do vasto movimento litterario d'este tempo nos differentes povos cultos em communicação com o nosso.

HESPANHA

Na Hespanha do seculo XVII a litteratura culta está dividida em dois ramos: uns procuram dar fórma litteraria ás creações populares e exploram-as pacientemente, inspirando-se n'ellas — são os creadores do theatro hespanhol, Lope de Vega, Calderon de la Barca, Tirso de Molina (Gabriel Telles) e Guillem de Castro; os outros fazem consistir a arte na escolha e disposição das palavras, nos equivocos e trocadilhos rhetoricos, nos conceitos agudos e subtis e na affectação mystica — taes são *Alonso Ledesma* de Segovia (1522 — 1623), *Luiz de Gongora* de Cordova (1596—1650), o *conde de Villamarina*, o prégador *Paravicino*, que introduziu e cultimo na eloquencia sagrada, e a turba dos commentadores de Gongora.

D'essa aluvião de poetas, dramaturgos, prégadores, mysticos, historiadores, moralistas e romancistas, que fixam definitivamente as bases da litteratura hespanhola, sobresaem os seguintes:

Miguel Cervantes de Alcaná de Henares (1547 — 1616), o mais notavel critico de Hespanha. Assistiu como soldado á batalha de Lepanto dada contra os turcos por D. João d'Austria,

ficou prisioneiro dos piratas que o levaram a Argel onde por espaço de seis annos soffreu duros tratos, e tendo sido resgatado pelos padres trinos em 1579 voltou á patria onde o esperava a indigencia. Foi no auge das maximas tribulações que elle publicou (desde 1605 a 1615) o *D. Quixote*, novella destinada a extirpar da litteratura a mania esteril e ridicula dos romances de cavallaria. A pastoral *Galatéa* publicada em 1584, a *Viagem ao Parnaso* e outros trabalhos de critica de costumes grangearam-lhe reputação merecida.

Lope de Vega de Madrid (1652—1635), o escriptor dramatico mais fecundo da Peninsula. Escreveu 2:200 peças entre comedias e autos sacramentaes. Foi elle quem fundou o theatro hespanhol, reproduzindo na scena com inteira fidelidade os costumes e interesses da sua epoca, organisando o dialogo com naturalidade e pintando os caracteres com exactidão. Chamado a Phenix da Hespanha, nenhum poeta gosou como elle de mais subida consideração, vindo a morrer cercado de todos os respeitos devidos ao seu extraordinario talento. A fecundidade era egual á facilidade com que escrevia as suas comedias, das quaes segundo confessa: Mas de ciento en horas veintecuatro — Pasaron de las Musas al Teatro.

Francisco de Quevedo (1580—1645) um dos escriptores que por seu talento critico e observador e pela inspiração da veia satyrica, pode collocar-se ao lado de Cervantes. *Los sueños* e *La historia del gran Tacaño* são as suas melhores obras.

Pedro Calderon de la Barca de Madrid (1600—1681), o mais famoso competidor de Lope de Vega. Favorito de Filippe IV, primeiramente soldado e depois conego de Toledo, escrevêu mais de quinhentas peças dramaticas. Durante 37 annos consecutivos foi o fornecedor privilegiado dos autos para as cathedraes de Toledo, Sevilha e Granada. A fama das suas virtudes e talentos foi extraordinaria, e quando morreu, a noticia do desastre foi annunciada como uma calamidade publica. Poeta mystico e affectado Calderon é mais correcto e delicado que Lope de Vega, e os seus *Autos sacramentaes*, por varias vezes plagiados na França e na Italia, são monumentos de grandeza e de talento.

São ainda do seculo XVII os dramaturgos:

Guillem de Castro (1567—1630), auctor da comedia *Mocedades del Cid*, imitada por Corneille e pelo poeta hespanhol Diamante.

Guevara (1570—1644), auctor de muitas comedias e da novella satyrica *O diabo côxo* que Lesage imitou.

Tirso de Molina ou Gabriel Telles (1585—1648), que aproveitou o typo legendario de D. João no drama *El burlador de Sevilla y convidado de piedra*, imitado por Molière.

Juan Raiz d'Alarcon (fallecido em 1639), poeta imitado por Corneille e Schiller.

Moreto (1600—1669), imitado pelos dramaturgos francezes.
Francisco Rojas (1601—1641), rival de Calderon.
Tiveram nomeada os lyricos:
Luiz de Gongora, *Alonso de Ledesma*, e *Villegas* (1596—1669), poeta elegiaco e amoroso.
Os melhores historiadores do tempo são:
Juan de Marianna (1536—1623), que escreveu a historia de Hespanha desde a mais remota antiguidade até á morte de Fernando o Catholico.
Antonio de Solis (1610—1686), auctor d'uma historia da conquista do Mexico pelos hespanhoes, assumpto já tratado por Herrera (1559—1625).
Nicolau Antonio (1617—1684), auctor da *Bibliotheca Hispana*, que é a historia da litteratura hespanhola.

ITALIA

O mesmo espirito culteranista atravessa a Italia, que se esquece das suas glorias antigas para entrar na corrente geral do mau gosto. *Guarini* e *J. B. Marini* são os arbitros do Parnaso.
Guarini de Ferrara (1537—1612), poeta palaciano da côrte de Ferrara, de Florença, de Urbino e de Venesa, gosou de grandes creditos como escriptor. A sua obra monumental é o drama pastoral subjectivo e allegorico ao gosto da *Aminta* de Tasso, intitulado *Pastor Fido*. Os seus madrigaes e obras ligeiras resentem se da Arcadia de Sannazaro, e primam pelos conceitos subtis, alheios a toda a naturalidade.
Alexandre Tassoni (1565—1635) é conhecido por suas obras moraes, scientificas e politicas e mais ainda pelo seu poema heroi-comico *Secchia rapita* (balde roubado).
Marini de Napoles (1569—1625) é o Gongora italiano. Relacionado com os grandes escriptores hespanhoes que lhe dirigiam louvores hyperbolicos, muito protegido pelo cardeal Aldobrandini e avido de celebridade, o grande corruptor do gosto italiano compoz todos os seus romances e poesias n'esse estylo extravagante que os seus discipulos exageraram e que produziu funestas consequencias, porque desviou a arte da comprehensão da natureza e dos interesses historicos e populares.
Escapou á influencia do mau gosto o historiador do concilio de Trento *Fr. Paulo* de Veneza (1352—1623), conhecido no seculo pelo nome de Pedro Sarpi, escriptor embebido das idéas de Calvino. Sarpi teve como refutador o celebre *Sforza Pallavicini* de Roma (1607—1667), historiador catholico que escreveu uma historia do concilio.

FRANÇA

O gosto das puerilidades tambem penetrou na França, com o nome de *preciosismo*. Pela admiração (diz Baret) que inspirou aos litteratos francezes o cavalleiro Marini no *Hotel de Rambouillet* quando veio a Paris chamado pelo marechal de Ancre, pode julgar-se a parte que lhe pertence nas aberrações do espirito francez representadas pelas poesias dos Godeau, dos Cotin, dos Saint-Armand, dos Voiture. O *Adonis* foi impresso em Paris, e o respeitavel Chapelain compoz expressamente um prefacio para justificar o systema poetico do auctor.

Não obstante a França produz n'este seculo tres grandes philosophos que vingam as glorias da sciencia franceza, collocando-a a par da philosophia ingleza e allemã:

Descartes (1596—1650), que funda a escola idealista para contrapôr ás escolas de Bacon, Hobbes e Locke.

Nicolau Mallebranche (1638), que pelo facto de enlaçar a philosophia com a theologia é, no dizer de Victor Cousin, o Spinosa e o Platão do christianismo.

Pascal (1623 — 1662), cujo espirito profundo é conhecido pelas obras *Les Pensées e Lettres provinciales*.

O seculo de Luiz XIV é tão fecundo em talentos de primeira grandeza que foi comparado ao de Pericles e ao de Augusto, exercendo por isso a França d'esta epoca a hegemonia politica e litteraria sobre os demais povos europeus.

Os mais notaveis poetas lyricos da França no seculo XVII são os seguintes:

Malherbe de Caen (1555—1628), cujas odes recordam Ronsard.

La Fontaine (1621—1695), o gracioso fabulista, cujo estro se espraia feliz na imitação de Esopo e Phedro.

Boileau (1636—1711), o legislador do Parnaso francez, insigne pela pautada correcção classica dos seus versos horacianos. Além de outras obras escreveu o poema heroi-comico *Lutrin* (estante do côro), que foi o modelo do Hyssope do nosso Antonio Diniz, e a *Arte poetica* (moldada pela de Aristoteles) que o nosso academico D. Francisco Xavier de Menezes trasladou para versos portuguezes.

Na poesia dramatica sobresahem tres notabilissimos escriptores que realisaram a alliança das fórmas antigas com os interesses da vida moderna, policiaram a lingua e deram sensivel elasticidade á versificação franceza; são elles:

Corneille de Rouen (1606—1684), que fez da tragedia um vasto estudo critico dos costumes e personagens da antiguidade. As suas melhores tragedias são *Horacio*, *Cinna* e *Polieucto*. Corneille foi um ardente admirador e imitador do theatro hespanhol.

Molière (1622—1691), o creador da comedia franceza, actor e auctor como Gil Vicente e, como este, eminente investigador e severo critico dos vicios da sua epoca. Molière representa na côrte de Luiz XVI o papel que Gil Vicente desempenhou na côrte de D. Manuel.

Racine (163 —1699), rival de Corneille no genero tragico. O assumpto das suas peças é geralmente extrahido da historia grega, romana e judaica.

Na eloquencia do pulpito ganharam merecida reputação :

Bossuet (1627—1704), historiador, theologo e orador de grandes recursos oratorios.

Bourdaloue (1632—1704), prégador popular, claro e elegante.

Fléchier (1632—1710), eminente nos discursos funebres, dos quaes é magnifico exemplar o que pronunciou nas exequias de Turenne.

Fénelon (1651—1715), o virtuoso arcebispo de Cambray, tão conhecido pelo seu poema em prosa o *Telemaco*.

Massillon de Hyeres (1663—1742) tão notavel pela oração funebre de Luiz XIV.

No genero historico deixaram trabalhos memoraveis os seguintes :

Cardeal de Retz (1614—1679), auctor das celebres memorias que trazem o seu nome.

Saint-Real (1639—1692), escriptor apontado pela perfeição e elegancia que imprimiu ao estylo historico. A sua obra prima é a *Conjuração de Veneza*.

Abbade Fleury (1640—1723), auctor de uma historia ecclesiastica.

Vertot (1655—1735), que seguindo por modelo a Tito Livio escreveu a *Historia da revolução da republica romana*, uma historia dos cavalleiros de Malta e a *Historia das revoluções de Portugal*.

No genero epistolar tem a primasia :

Madame de Sévigné de Paris (1626—1696), que imprimiu ao genero a maxima delicadeza e interesse nas cartas que escreveu a sua filha, dando-lhe conta das suas impressões pessoaes e dos acontecimentos da côrte.

INGLATERRA

A puerilidade litteraria tambem teve seu culto em Inglaterra desde os fins do seculo dezaseis. As poesias de J. Lilly ressumbram esse mau gosto rhetorico a que na Inglaterra se deu o nome de *Euphuismo*. Esta designação proveio do romance *Euphués* do poeta Lilly que nasceu em 1578 e foi muito apreciado na côrte da rainha Elizabeth.

Apesar da geral decadencia apparece no reinado brilhante dos Stuarts um poeta de genio que sabe comprehender as tradições da epopêa antiga, e servindo-se dos moldes classicos organisa um poema brilhante que tem por objecto o peccado original do Eden segundo a tradição biblica de Moysés; é Milton.

Milton (1608—1674), auctor do *Paraiso Perdido*, é o mais celebre dos poetas christãos da Inglaterra. Os criticos comparam-no ao Dante e a Klopstok por metrificar como elles assumptos da esphera theologica.

Dryden (1631—1701), é poeta notavel pela maleabilidade de talento que a todos os generos se amolda. As *Fabulas* que imitou de Chaucer e Boccacio, e o poema satyrico *Mac Flochnoe*, são as suas melhores producções. Principiou entoando louvores a Cromwel (1658) e terminou celebrando Carlos II e seus partidarios.

John Bunyam (1628—1688) é um romancista popular muito apreciado. O seu melhor romance é o *Pilgrim's progress* (Viagem do peregrino).

N'este periodo de decadencia salvam os creditos d'aquelle paiz tres eminentes philosophos:

Bacon (1561—1626), que foi o pae da philosophia experimental e um dos mais audazes pensadores que protestaram contra o predominio da philosophia aristotelica. O *Novum organon* e a *Historia de Henrique VII* revelam o philosopho e o historiador.

Hobbes (1588—1679), o amigo de Descartes e Gassendi, que applicou á sociedade o seu systema materialista, como se vê da obra intitulada *Leviathan ou a materia, fórma e poder de um estado.*

Locke (1632—1704), que é tido pelo primeiro metaphysico da Inglaterra. As suas ideas sensualistas e metaphysicas encontram-se nas obras *Ensaio sobre o entendimento humano* e *Tratado do governo civil.*

ALLEMANHA

Apesar da guerra dos trinta annos (1618—1648) que a Allemanha teve de sustentar contra os inimigos de fóra, a litteratura allemã, embora contaminada como nos outros povos pelo gosto dos artificios palavrosos, apresenta exemplares de todos os generos e está representada pelas duas escolas chamadas *silesianas* por serem da Silesia os principaes escriptores que as formaram, a saber:

Opitz (1597—1639), sincero admirador da antiguidade classica, imitador das escolas de França e Italia e escriptor polygrapho. Deixou amostras do seu talento em todos os generos

de composição litteraria, e como Aristoteles deu preceitos e regras da arte de escrever para uso dos seus discipulos.

Christiano Hoffmann (1618—1679), e *Gaspar de Lohenstein* (1635—1683), fundadores da segunda escola silesiana, aggravam os defeitos da primeira, e tomando por guias a Gongora e Marini exageraram as artes da palavra até á hyperbole desgraciosa e inverosimil.

Apesar dos defeitos da arte litteraria a sciencia progride na Allemanha, como attestam os dois notabilissimos philosophos:

Leibnitz (1646—1718), que é um dos sabios mais profundos da Europa n'este seculo. Escreveu as suas obras, umas em latim, outras em francez e muitas em allemão.

Volff (1679—1754), discipulo d'aquelle e philosopho tão insigne como escriptor e critico. Elevou o dialecto allemão á altura de lingua sabia, e figura na galeria dos reformadores da sciencia allemã do seculo XVIII.

Poesia

145. As differentes fórmas da poesia portugueza do seculo de seiscentos traduzem todos os vicios da linguagem culteranista e revelam essa ausencia de ideal e de vitalidade que sempre caracterisou os povos decadentes. Sem liberdade politica, sem a noção clara do patriotismo, fechado o periodo das conquistas e difficultada a communicação com o movimento intellectual europeu, a nação portugueza esgota-se phantasiando fabulas em volta dos factos nacionaes (poesia epica), metrificando requebros erotico-religiosos e motejos sirventescos (poesia mystica e satyrica), e finalmente copiando a comedia hespanhola de capa e espada, que antepôz á comedia nacional (poesia dramatica).

POETAS EPICOS

146. Metrificam os factos da historia portugueza, tal como foi comprehendida por Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, os seguintes poetas:

Gabriel Pereira de Castro de Braga (1571—1632). Este poeta foi lente de direito na universidade de Coimbra, corregedor do crime na côrte, e aceitou do

invasor o importante cargo de chanceller-mór do reino. Além das suas obras juridicas escreveu o poema epico a *Ulyssêa* em oitava rima, tomando por assumpto a fundação de Lisboa. Este poema que foi publicado em 1636, mereceu fartos elogios, e criticos houve que o antepozeram aos Lusiadas. E' escripto nos moldes classicos e faz lembrar o accento grego, comtudo fica muito inferior aos gabos officiaes que lhe deram nomeada.

Vasco Mousinho de Quevedo e Castello Branco de Setubal. Ignora-se o anno do seu nascimento e obito, mas sabe-se que estudou canones em Coimbra desde 1589 até 1594. A sua obra epica é o *Affonso Africano*, publicado em 1611; n'elle descreve Quevedo a tomada de Arzilla e Tanger, tentando realçar os feitos dos capitães de Affonso V em hyperboles nebulosas e allegoricas, sem faltar a intervenção miraculosa dos peccados mortaes e das correspondentes virtudes que os combatem.

Francisco de Sá de Menezes do Porto. Não se sabe quando nasceu nem quando morreu, mas tem-se por certo que tendo enviuvado professou na ordem de S. Domingos, trocando o nome profano pelo de Fr. Francisco de Jesus a 14 de dezembro de 1641. O seu poema a *Malaca conquistada* que tem por heroe o grande Affonso de Albuquerque, foi publicado em 1634 com dedicatoria a Filippe III. Francisco de Sá antepoz o maravilhoso christão á mythologia grega, e assim denuncia a influencia exercida na litteratura pelo clero a quem desde verdes annos se ligára. Se não é digno dos louvoures de Costa e Silva, tambem não merece os vituperios de F. Dias Gomes.

Antonio de Sousa de Macedo do Porto (1606—1682). Este esclarecido escriptor, jurisconsulto e secretario de estado de D. Affonso VI, tão notavel pela sua historia em hespanhol *Flores de Hespanha* ou excellencias de Portugal (1631), pelo seu *Mercurio portuguez*, que foi um dos primeiros jornaes politicos

do paiz, pela sua *Eva e Ave ou Maria triumphante* (1676), tambem quiz ensaiar a tuba epica e para isso aproveitou o já exhausto assumpto da fundação de Lisboa por Ulysses. O seu poema *Olyssipo* publicado em 1640 é superior ao de Gabriel Pereira, porquanto usa com mais sobriedade dos expedientes fornecidos pela fabula tradicional de Ulysses.

Braz Garcia Mascarenhas da villa de Avô, margens do rio Alva (1596 — 1656). Este poeta foi um dos soldados da restauração de 1640 e é muito notavel não só pelas aventuras da sua vida, mas tambem pela copia de conhecimentos estrategicos que revelou no seu poema em 20 cantos, oitava rima, *Viriato Tragico*, publicado pela primeira vez em 1699.

A biographia do poeta encerra lances sympathicos e curiosos que certamente se reflectiram no seu caracter litterario. Estudava leis na universidade de Coimbra em 1616 quando foi preso por uma questão de amores, logrando evadir-se da prisão de um modo astucioso e fugindo para Hespanha.

Perdoado pela justiça de Portugal voltava ao reino em um navio que sahiu de Cadix, quando o barco foi aprisionado pelos piratas argelinos; felizmente os passageiros foram salvos por um barco hollandez e o poeta poude desembarcar em Sevilha e d'ali regressar ao Porto. Intrepido e aventureiro foi para o Brazil e dirigindo-se a Olinda foi offerecer-se a Mathias de Albuquerque, que estava em lucta com os hollandezes. Nove annos combateu na defeza de Pernambuco, findos os quaes voltou ao reino; mas sendo logo involvido n'um processo crime por uma questão de familia, teve de refugiar-se em casa de Jacintho Freire de Andrade á espera de occasião propicia para emigrar. Entretanto rebentou a revolução de 1640, e Braz Garcia pondo-se á frente da Companhia dos leões tratou de libertar a Beira do dominio castelhano. Em paga de tantos serviços foi nomeado por D. João IV governador da praça de alfaiates na frontei-

ra. Mas D. Sancho Manuel que o não via com bons olhos, fez com que o julgassem traidor, sendo por tal motivo encarcerado no castello do Sabugal, d'onde sahiu graças a um memorial em verso enviado a D. João IV e escripto com letras cortadas de um *Flos sanctorum*. Regressando depois á terra natal, apoz tantos annos de vida atormentada, ahi compoz o seu poema em estylo requintadamente gongorico á moda do tempo, mas revelador de grandes conhecimentos militares da antiguidade romana e de notavel independencia de caracter. Na ultima edição publicada por um parente do poeta enumeram-se com merecido louvor os lances mais dramaticos da vida trabalhosa d'este talentoso poeta.

Nota.—A epopêa n'esta phase convencional é extraordinariamente explorada pelos culteranistas. Aqui apresentamos uma lista das epopêas historicas e moraes do seculo XVII, designando n'algumas a data das primeiras edições.

Francisco Rodrigues Lobo, auctor da biographia metrificada em 20 cantos *O Condestabre de Portugal* (1609).

D. Francisco Child Rolim de Moura, auctor dos *Novissimos do homem* (1623).

Manuel Thomaz de Guimarães, auctor dos dois poemas *Insulana* (1635) e *Phenix da Lusitania* (1649).

Manuel de Galhegos, amigo de Lope de Vega e auctor celebrado dos dois poemas *Gigantomachia* (1628) e *Templo da memoria* (1635).

Vicente de Gusmão Soares, auctor da *Lusitania restaurada* (1641).

Fr. Manuel de Santa Thereza, auctor do poema em dez cantos *Luzifineida* que trata da decadencia de Portugal desde D. Sebastião até D. João IV.

Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, que escreveu o *Virginidos* (1667).

André da Silva Mascarenhas, auctor da *Destruição de Hespanha* (1671).

Antonio da Fonseca Soares, (Fr. Antonio das Chagas) que escreveu durante a sua vida profana o poema em 12 cantos *Filis e Demofonte*.

Bernardo Ferreira de Lacerda, que escreveu a *Hespanha libertada* e as *Soledades do Bussaco*.

João Nunes da Cunha, auctor do poema em 12 cantos, oitava rima, *Lisboa conquistada*.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, auctor do *El Alfonso*.

Diogo de Paiva de Andrade, filho do chronista Francisco de Andrade, escreveu o *Cahuleidos* que trata do cerco de Cahul.

Miguel da Silveira, auctor do *El Machabeu*.

Nuno Barreto Fuzeiro, que poz em verso heroico a *Vida de S. João Baptista*.—Tambem Manuel Thomaz escreveu um poema ácerca da vida de S. Thomaz, Bernardo Rodrigues compoz o poema da vida de S. Thomé, e Francisco Lopes escreveu em verso a vida de Santo Antonio e dos Martyres de Marrocos.

D. Francisco Manuel de Mello, auctor do poema epico tragico *Pantheon á la immortalidad* (1650).

Maria de Mesquita Pimentel, auctora do poema epico em 10 cantos, oitava rima, *Memorial da infancia de Christo* (1639).

André Rodrigues de Mattos, traductor da *Jerusalem libertada* (1688).

João Franco Barreto, traductor da *Eneida* (1664—1670).

POETAS LYRICOS

147. Dos poetas lyricos d'este periodo uns apresentam a feição bucolica, outros o caracter satyrico, e outros a tendencia mystica; o que não quer dizer que o mesmo poeta não reuna por vezes aquelles trez caracteristicos.

a) BUCOLICOS

148. *Francisco Rodrigues Lobo* de Leiria. Ignoram-se as datas do seu nascimento e morte, mas suppõe-se que morrera afogado no Tejo entre 1623 e 1627. Viveu em Leiria nos paços do duque de Caminha e frequentou a universidade de Coimbra. As suas melhores composições em verso são as *Eclogas* (1605) e as redondilhas ao gosto camoneano. Comtudo é tambem estimada a sua obra em fórma dialogal, *Côrte na aldeia e noites de inverno* — os seus *Romances* (1596), e a novella em prosa e verso a *Primavera* (1601, 1608, 1614), trabalhos estes que se reputam muito superiores em merito artistico e em inspiração genial ao poema epico o *Condestabre* (1609).

Manuel da Veiga Tagarro de Evora, licenciado em

theologia, poeta imaginoso e sentimentalista. Já era fallecido em 1640. Resguardou-se do gongorismo — escreve C. Castello Branco — com rara felicidade entre os italianos e os seiscentistas portuguezes. Tem forte imaginação, lances de alto sentimento, linguagem, senão rica, bem apropriada e correcta, phrases concisas e sabôr horaciano. É o auctor da celebrada *Laura de Anfrizo* (1604) collecção de lyricas, predominando as poesias amorosas.

Fr. Bernardo de Brito de Almeida (1569—1617). Mais historiador que poeta, escreveu o frade cisterciense a celebre *Sylvia de Lisardo* que desde 1597 a 1785 teve quatro edições. Os seus poemas em castelhano e portuguez foram publicados em 1597. Faria e Sousa assevera que Bernardo de Brito nas composições lyricas é superior a Diogo Bernardes.

Manuel de Faria e Sousa, notavel historiador, é um poeta mediocre que fez imprimir em Madrid os 7 tomos da sua obra *Fuente de Aganipe y Rimas varias* (1624 — 1627), copiosa miscellanea de sonetos, poemas, eclogas e outras especies metricas.

D. Francisco Manuel de Mello de Lisboa (1611 — 1666). É este o escriptor mais fecundo, mais illustrado e mais reflectido que apparece na historia da poesia, do theatro, da critica e na historiographia portugueza do seculo XVII. Os tristes accidentes da sua vida, as luctas que sustentou como soldado, como escriptor e como homem particular, forneceram-lhe exactos conhecimentos das pessoas e coisas do seu tempo e despertaram esse bom senso que dirige a sua penna.

A sua biographia é cortada de aventuras. Nasceu a 23 de novembro de 1611 de uma familia illustre e aos quatorze annos deu mostras de grande talento, desde logo reconhecido pelos jesuitas que o educaram no collegio de Santo Antão. Orphão desde tenra edade assentou praça no exercito hespanhol aos dezasete annos passando a servir ás ordens do general D.

Manuel Menezes. O conde duque de Olivares, seu parente remoto, encarregou-o de missões importantes, nomeadamente da repressão dos disturbios de Evora em 1637. Nomeado commandante de um *tercio* no anno seguinte passou a Flandres e nas guerras d'esse paiz ganhou o posto de Mestre de campo. N'essa occasião rebentou a sublevação da Catalunha e D. Francisco fazendo parte do estado maior do marquez de los Velez auxiliou a repressão da revolta e foi encarregado por Filippe IV de escrever a historia da campanha.

Quando a independencia de Portugal foi proclamada no primeiro de dezembro de 1640 D. Francisco, ao tempo na Catalunha, foi preso com outros officiaes e conduzido a Madrid como suspeito de rebeldia; mas restituido á liberdade por falta de provas, evadiu-se para Inglaterra, onde se apresentou aos embaixadores de D. João IV. Esteve na Hollanda e d'ahi regressou a Portugal a offerecer os serviços a D. João IV. Mas tendo-se indisposto com el-rei e sendo accusado de cumplice no assassinato de Francisco Cardoso, foi encerrado na Torre do Castello por espaço de nove annos e depois exilado para o Brazil d'onde regressou mais tarde a Lisboa, vindo a fallecer em 1666 n'uma quinta que possuia em Alcantara.

Depois de Camões e Rodrigues Lobo, é D. Francisco Manuel de Mello o lyrico mais apaixonado e mais profundamente nacional do seu tempo. As suas *obras metricas* publicadas em 1665, comprehendendo as *Segundas tres musas do Melodino* (já impressas em Lisboa em 1649), cem sonetos, muitas cartas e eclogas ao gosto de Lope de Vega, são mina feracissima de informações ethnicas e de allusões a costumes populares. A maior parte das poesias de D. Francisco Manuel de Mello são escriptas em castelhano. Eminentissimo na historiographia e na critica de costumes, foi D. Francisco por egual insigne na poesia dramatica, produzindo a melhor comedia de costumes que

por esses tempos viu a luz — o *Fidalgo aprendiz*, dividida em jornadas como se usava em Hespanha. Esta comedia escripta em redondilhas é uma analyse reflectida da sociedade do seculo XVII, e póde bem comparar-se ás melhores producções do theatro hespanhol.

As obras em prosa d'este insigne polygrapho são bastante numerosas, mas aquellas que mais apreciadas tem sido pelos criticos são:

Historia de los movimientos y separacion de Cataluña, y de la guerra entre la magestad catholica de D. Filippe el cuarto rey de Castilla, y la Deputacion de aquel principiado, obra publicada em 1645 sob o pseudonimo de Clemente Libertino e dedicada ao papa Innocencio X.

Epanaphoras de varia historia portugueza, a el-rei nosso senhor D. Affonso VI, etc., publicadas em 1660. São cinco quadros historicos de casos politicos, tragicos, amorosos, bellicos e triumphantes, consoante a designação dada pelo auctor.

Carta de guia de casados publicada em 1651 e escripta no carcere. E' um livro de moral pratica e domestica recheiado de bons conselhos e engenhosamente urdido.

Apologos dialogaes, esboços de costumes e critica de auctores.

Cartas familiares, lições de moral pratica publicadas em 1752.

Feira de Annexins prefaciada por Innocencio da Silva e publicada em 1875.

Aula politica e militar (1720).

b) SATYRICOS

149. São *poetas satyricos* e retratam ao vivo o estado dos espiritos, as tendencias litterarias e a corrupção dos costumes e do gosto sob o reinado de D. Affonso VI e D. Pedro II os seguintes poetas picarescos:

Diogo de Sousa ou *Camacho* de Pereira (a duas leguas de Coimbra) advogado e poeta jocoso e caustico. A satyra intitulada *Vida picaresca* e o poema critico *Jornada ás côrtes do Parnaso* intermeiado de trechos macarronicos, são as suas melhores composições e denunciam o precursor de Tolentino.

Antonio Peixoto de Magalhães, auctor do *Pegureiro do Parnaso*, poema critico em desabono do gongorismo.

D. Thomaz de Noronha, o Marcial de Alemquer, foi como o celebre Christovão Alão de Moraes o enlevo dos banquetes e das festas fidalgas onde a sua musa satyrica e descerimoniosa retouçava livremente em despiques hilariantes.

Antonio Serrão de Crasto de Lisboa (1610—1685?) é um dos poetas satyricos mais chistosos d'este tempo. A sua profissão de boticario lisbonense punha-o em contacto com todas as classes, mas como era judaizante devia provocar o fanatismo inquisitorial de que eram victimas todos os que se julgavam suspeitos d'esta mácula. Effectivamente foi preso por judeu em 1672, e no mesmo dia foram presos os seus dois filhos que estudavam medicina em Coimbra e que estiveram dez annos no carcere á espera da sentença. Um d'elles, Pedro, foi queimado n'um auto de fé, e o pae, tendo sido perdoado, cegou de todo em 1685 e foi recolhido ao hospital real onde acabou os dias não se sabe quando na enfermaria dos pobres. Foi durante a clausura que Serrão de Crasto escreveu o poema em redondilhas *Os ratos da inquisição* que o sr. Camillo Castello Branco prefaciou e publicou em 1883.

Das composições satyricas d'este e d'outros contemporaneos encontram-se excellentes exemplares nos dois tomos do *Postilhão de Apollo* (1761—1762) e nos cinco tomos da *Phenix Renascida* collecção de versos feita por Mathias Pereira da Silva em 1716—1728 e reimpressa em 1746. N'esta collecção encontram-se versos de Jacintho Freire d'Andrade, Jeronymo Vahia, Antonio da Fonseca Soares e Violante do Ceu.

c) MYSTICOS

150. São *poetas mysticos* e seguem a escola de Fr. Agostinho da Cruz e de Santa Thereza os seguintes:

Fr. Jeronymo Vahia de Coimbra, frade benedictino e affamado prégador de D. Affonso VI. É auctor do romance *Peccador arrependido na ultima hora á vista de Christo crucificado*, e compoz no estylo gongorico as suas poesias mystico-amorosas.

Fr. Antonio das Chagas. Este notabillissimo poeta mystico foi primeiramente militar, andou emigrado pelo Brazil por causa d'um assassinato que lhe imputaram no reino, e rematou os desvarios da vida procurando a mortalha no habito de S. Francisco (1663). Recusou a mitra de Lamego que lhe offereceram em 1679 e morreu no seminario do Varatojo por elle fundado. Depois da clausura queimou todos os versos profanos que tinha feito na mocidade, e entregou-se á vida contemplativa poetando e prégando arroubos e visões. As suas *Cartas espirituaes* e sermões tem logica e gravidade, mas tanto estas obras como as suas poesias ressumbram essa languidez morbida que se evidenceia nos seguintes titulos de alguns trabalhos seus: *Espelho do espirito em que deve ver-se e compor-se a alma—Faiscas de amor divino e lagrimas da alma.*

Soror Violante do Ceu de Lisboa (1601 — 1693). Esta freira dominicana foi cognominada a decima musa portugueza pelos numerosos admiradores do seu talento e veia poetica. As suas obras são quasi todas em hespanhol; escreveu as *Rimas varias*, *os Solilo-quios para antes e depois da communhão*, e o *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos*, que passa pela sua melhor obra. Violante do Ceu escreveu uma comedia — *Santa Eugenia* expressamente para ser representada em Lisboa por occasião das festas a Filippe III em 1619.

POETAS DRAMATICOS

151. E' numerosa a relação dos poetas dramaticos portuguezes seiscentistas, mas poucos são os que se impõem á admiração pela originalidade. O theatro hespanhol trazido pelas companhias ambulantes que vinham representar as comedias de capa e espada de Tirso de Molina, Calderon, Lope de Vega, Alarcão, Diamante e Montalvão, tomou a dianteira ás comedias nacionaes do theatro de Gil Vicente e converteu os pateos da comedia portugueza em outras tantas sucursaes dos pateos de Madrid. Por um lado vão desapparecendo os vestigios da comedia nacional escripta em portuguez e motivada em assumptos portuguezes, e por outro engrossa a corrente das tragicomedias em latim representadas nos collegios jesuiticos, como exercicios escolares de rhetorica, taes são as composições dos padres Luiz da Cruz, Luiz Ribeiro, Manuel Rodrigues, André Fernandes, Antonio de Sousa e Affonso Mendes. Estas tragicomedias serviam tambem para celebrar as visitas reaes, as solemnidades religiosas, as festas conventuaes e os casamentos dos principes.

A par d'estas duas correntes, das quaes a segunda abafou a primeira, impondo-lhe silencio pelo index de 1624 que condemnou algumas peças de Gil Vicente, Balthazar Dias, Chiado e outros, medra o theatro hespanhol o qual entre nós exerceu tanta influencia que nem os levantados espiritos de João de Mattos Fragoso, D. Francisco Manuel de Mello, Simão Machado e Pedro Salgado resistiram a tal influição, por quanto,

João de Mattos Fragoso de Alvito no Alemtejo, tendo passado de Evora onde estudou a Madrid onde fixou residencia, escreveu em hespanhol as suas cincoenta e tantas comedias;

D. Francisco Manuel de Mello dividiu e organisou á moda de Hespanha o seu portuguezissimo *Fidalgo aprendiz.*

Simão Machado, auctor das *Comedias portuguezas* publicadas em 1631, trata de alliar a comedia vicentiana com o espirito culteranista de Lope de Vega.

Pedro Salgado, soldado portuguez nas contendas com o reino visinho, dramatisa os successos das guerras da independencia sem abstrahir das influencias litterarias que o cercam.

Vão na mesma esteira: — Antonio Henriques Gomes, auctor do *Sansão Nazareno*; Antonio Gomes da Silva Leão; Manuel José de Paiva; Manuel de Santa Marta Teixeira, auctor dos *Acertos de um disparate*, e Alexandre Antonio de Lima que refundiu Metastasio e Calderon.

Os logares escolhidos no seculo XVI, para as representações publicas das comedias eram barracões improvisados e tinham o nome de *corros* ou *pateos*. Em Lisboa os pateos que se tornaram mais conhecidos foram o das *Fangas da farinha* (Boa-hora) que funccionava em 1588, anno em que o hospital de todos os santos assumiu o privilegio de fiscalisar os theatros e de cobrar de cada espectaculo uma percentagem; o da *Bitesga* que funccionava em 1594 e o das *Arcas* ou da Praça da palha que foi o mais duradouro e concorrido, acabando por ser devorado por um incendio em 1698.

Eloquencia

152. A eloquencia no seculo XVII é a fórma de arte que mais fielmente traduz o espirito banal da sociedade portugueza; é um passatempo destinado a produzir nas massas a sensação momentanea de um espectaculo dramatico. Os ouvintes, diz Vieira, vem ao sermão como á comedia. As comedias, acrescenta o grande orador, não se acabaram em Portugal, mudaram-se, passaram-se do theatro para o pulpito. E falando da razão porque a palavra de Deus não dava fructos, declara que o prégador do seu tempo, em vez

de falar a palavra de Deus, só fazia «motivar disvelos, acreditar chrystaes, desmaiar jasmins, toucar primaveras e outras mais indignidades d'estas.»

No sermão da Sexagessima sobre o thema *Semen est verbum Dei*, prégado em 1655 na Capella real, censura o padre Vieira os desvarios da linguagem e modo de prégar do seu tempo nos seguintes termos: «Um estylo tão empeçado, um estylo tão difficultoso, um estylo tão affectado, um estylo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza! O estylo ha de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear... E' uma arte sem arte, caia onde cahir... Assim ha de ser o prégar. Hão de cahir as cousas e hão de nascer: tão naturaes que vão cahindo, tão proprias que venham nascendo. Que differente é o estylo tyrannico e violento que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da escriptura como quem vem ao martyrio: uns vem torcidos, outros vem despedaçados; só atados não vem!» Mais adiante comparando a linguagem humana com a celeste, que tem as suas palavras nas estrellas, diz: «Basta que não havemos de ver n'um sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrario? Como hão de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim hade ser o estylo da prégação, muito distincto e muito claro, sim, padres; porém esse estylo de prégar não é prégar culto. Mas fosse! Esse desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra, o estylo culto não é escuro, é negro, boçal e muito cerrado. E' possivel que somos portuguezes e havemos de ouvir um prégador e portuguez, e não havemos de entender o que diz? Usa-se hoje o modo que chamam *apostilar o Evangelho* em que tomam muitas materias, levantam muitos assumptos... prégam o alheio e não o seu.»

Tal é o caracter da oratoria sagrada d'este periodo, da qual foi legitimo representante o padre Antonio Vieira.

Padre Antonio Vieira de Lisboa (1608—1697). Filho de Christovam Ravasco e D. Maria de Azevedo, nasceu este insigne orador a 6 de fevereiro de 1608 e falleceu na Bahia de todos os santos a 18 de julho de 1697. Dotado de extraordinaria perspicacia, admiravel memoria, vasta erudição e descommunal facundia o padre Vieira, gloria da Companhia de Jesus e do pulpito portuguez, representa todos os defeitos e virtudes do seu tempo, e é o mais abalisado modelo da predica do seculo XVII, tão palavrosa e tumida, toda recheiada de alusões politicas.

Os traços principaes da sua biographia são os seguintes:

Por conveniencias domesticas sahiu com seus paes em 1615 para a Bahia onde frequentou as aulas dos jesuitas, que reconhecendo no moço estudante aptidões raras o induziram contra a vontade paterna a cingir a roupeta, recolhendo-o no collegio a 5 de maio de 1623. Dadas as provas do noviciado e admittido aos primeiros votos Vieira foi encarregado do ensino da rhetorica do collegio de Olinda, onde tambem ensinou a philosophia. Em 1635 ordenou-se de presbytero sendo eleito mestre de theologia aos 30 annos. De 1635 a 1641 percorreu a Bahia em trabalhos de missão, adquirindo desde logo essa fama de orador que o tempo foi engrossando.

Realisada a restauração de Portugal em 1640 os dominios da corôa adheriram ao movimento separatista de Lisboa, e D. Jorge de Mascarenhas, então vice-rei da Bahia, mandou seu filho D. Fernando acompanhado pelo padre Vieira e padre Simão de Vasconcellos a Portugal a felicitar o 8.º duque de Bragança. Os commissionados sahiram a 27 de fevereiro de 1641 e chegaram a Lisboa a 28 de abril do mesmo anno. Dois dias depois foi o padre Vieira apresentado a D. João

IV e desde então o jesuita é o inspirador, o conselheiro e o favorito d'el-rei; relaciona-se logo com a alta aristocracia portugueza, mantendo com ella copiosa correspondencia epistolar, e consegue a nomeação de prégador regio e a honra de educador e confessor do principe D. Theodosio.

Mas esta alta influencia no paço, no conselho de ministros, nas secretarias de Estado e na intimidade das classes patricias, despertou ciumes na Companhia e na Inquisição. Tendo prégado pela primeira vez em Portugal no primeiro dia de janeiro de 1642 na capella de S. Roque conquistou geraes applausos da parte dos ouvintes, que d'ahi em diante attrahidos pela palavra prestigiosa do orador disputavam os melhores logares do templo para não perderem uma phrase do facundo improvisador que possuia a rara habilidade de accommodar os discursos ás circumstancias e de fascinar o auditorio com o imprevisto das imagens infladas e com os lampejos de um estylo requintado e subtil. O ciume da Companhia cresceu a ponto que tentaram expulsal-o do reino, tentativa frustrada porque lhe valeu a protecção de D. João IV que chegou a offerecer uma mitra ao seu prégador, honra que este recusou.

Senhor dos mais intimos segredos da côrte o padre Vieira foi mandado em 1646 em missão diplomatica á França e á Hollanda para tratar do casamento do principe D. Theodosio com a duqueza de Longueville, e no anno seguinte foi com D. Luiz de Portugal a Munster onde se celebrou o tratado de Westphalia.

Em 1649 desempenhou outra missão em Roma aonde voltou no anno seguinte.

A instancias da Companhia que não via com bons olhos a influencia de Vieira nos destinos do paiz, recolheu-se ao Maranhão em 1652 e ahi foi surprehendido pela noticia da morte do principe D. Theodosio, personagem que fôra desde 1641 o ponto de apoio

dos seus calculos sobre politica peninsular e fundação de um quinto imperio na America.

No Maranhão e no Pará que por esta occaslão andava percorrendo, occupou-se das graves questões do trabalho e da escravatura dos indios, pugnando pela liberdade d'esses infelizes que veio defender a Lisboa em 1655, demorando-se pouco tempo no reino. Desde este anno até 1660 entregou-se de novo ás missões catholicas do Maranhão, Bahia e Pará, passando taes inclemencias que chegou a ser preso e mandado com outros padres para Lisboa. Mas D. João IV tinha morrido e o seu successor, ou porque temesse a astucia de Vieira ou porque o suspeitasse envolvido nos planos de D. Pedro desterrou-o em 1662 para o Porto e em 1663 para Coimbra, onde foi processado e preso (1665) pelo Santo Officio por causa dos seus livros — *Clavis prophetarum* e *Quinto imperio*. Foi condemnado por sentença de 23 de dezembro de 1667, e perdoado em 1668, partindo logo para Roma onde foi recebido pelo papa Clemente X que o isemptou da jurisdição do Santo Officio.

Os sermões que prégou em Roma, grangearam-lhe o favor geral. Voltando ao reino em 1675, logo em 1681 tornou para a Bahia, provavelmente porque não poude obter a confiança de D. Pedro II. Na America outros desgostos o esperavam, pois teve de responder no processo de assassinato do alcaide-mór. Depois recebeu da Companhia o logar de visitador da provincia do Brazil em 1688 e no exercicio d'estas funcções dispendeu a fraca saude e poucos annos que lhe restavam. Accusado mais uma vez e pela propria Companhia de ter revelado o seu voto em uma eleição de procurador da provincia, em vão pediu a annullação da sentença; só foi absolvido depois de morto! Sem vista, sem ouvido e paralytico, ainda nos ultimos annos revelava os seus poderosos dotes de percepção dictando materias graves aos seus secretarios.

Como orador e letrado o padre Vieira não desdiz

os seus meritos de politico habil e diplomata sagaz. A erudição biblica precocemente revelada desde os dezoito annos nos commentarios que escreveu explicando Josué e o Cantico dos Canticos e na obra exegetica *Clavis prophetarum*, permittia-lhe o inserir sem esforço no corpo dos seus discursos abundantes citações da escriptura e accommodar textos sagrados e passagens dos escriptores ecclesiasticos a todas as materias sobre que discorria, fallando ou escrevendo. D'ahi lhe veio a censura de pouco escrupuloso na interpretação dos textos biblicos.

Culteranista como todos os escriptores do seu tempo, Vieira combate o estylo forçado e apesar d'isso não poude ser superior á tendencia geral. O gongorismo e as allusões frequentes a factos politicos a par de esse seu conhecido tom auctoritario e superior, apparatoso e quasi prophetico, caracterisam os seus magnificentes sermões, que, não obstante, são o seu indisputavel titulo de gloria não só pela elegancia e flexura da linguagem, mas tambem pela copia e propriedade dos vocabulos.

As suas obras *Historia do futuro*, *Vozes saudosas da eloquencia* e as *Cartas* primam pela riqueza da terminologia e pelo perfeito conhecimento das cousas do seu tempo.

O jesuita André de Barros e já no seculo actual D. Francisco Lobo escreveram a larga e dramatica biographia do padre Vieira, cuja laboriosa vida de noventa annos se interlaça estreitamente na vida nacional do seculo XVII.

Da epoca de Vieira e notaveis no ministerio do pulpito, se bem que inferiores áquelle, foram os seguintes oradores:

Fr. Balthazar Paes de Lisboa (1571 — 1638), padre trino.

Padre Francisco de Mendonça de Lisboa (1573—1620), da Companhia de Jesus.

Fr. João de Ceia de Lisboa (1578 — 1633), fran-

ciscano da provincia do Algarve, poeta latino e famoso theologo.

Fr. Filippe da Luz de Lisboa (fallecido em Villa Viçosa em 1633), auctor de 3 volumes de sermões (1617 — 1631) e dois tratados de Mystica. Este orador e o antecedente, diz José Agostinho de Macedo, são dois millionarios da lingua.

Fr. Thomaz da Veiga de Coimbra (1578 — 1638), franciscano da Ordem Terceira; compoz algumas obras mysticas e varios sermões em linguagem tão pura que a despeito dos artificios e trocadilhos as suas obras são modelos da boa elocução.

Padre Francisco do Amaral de Lisboa (1593 — 1647), jesuita muito versado na lição dos santos padres.

Padre Antonio de Sá do Rio de Janeiro (1620 — 1678), discipulo de Vieira na arte de prégar, bem como D. Luiz d'Ascensão.

Fr. Christovam d'Almeida da Gollegã (1620—1679), augustiniano. No conceito do critico João Baptista de Castro, este orador é um dos mais eloquentes que subiram ao pulpito com applauso universal.

Padre Bartholomeu do Quental de Ponta Delgada (1626 — 1698), instituidor da congregação do Oratorio em Portugal.

Padre Luiz Alvares, jesuita que morreu em Lisboa em 1709 com 93 annos. Deixou algumas obras mysticas e varios tomos de sermões que primam pela elevação dos conceitos e pureza da linguagem.

Padre Manuel Bernardes da Lisboa (1644—1710), da congregação do Oratorio, em cuja communidade viveu os trinta e seis annos ultimos da sua virtuosa e contemplativa existencia. Bernardes desvia-se da rota seguida por Vieira e pondo de parte argucias e hyperboles campanudas segue a estrada chã de um estylo natural e comesinho, de geito que venha a ser entendido pelas mais humildes intelligencias e mais copiosos fructos possam colher-se da prégação evan-

gelica. Nos seus sermões despretenciosos, ingenuos e simples fulgem comtudo as mesmas virtudes e o mesmo sentimento mystico e unctuoso que realçam a magnifica e encantadora prosa das suas *Florestas*, da *Luz e Calor* e dos *Ultimos fins do homem*.

Historia

153. Os historiadores d'este seculo, frades na sua maioria, attendem menos á substancia e critica dos factos que á ornamentação palavrosa do estylo empolado. Ao contrario dos sinceros annalistas do seculo XVI que escreviam a historia com a fidelidade de quem presenceou os factos e com o enthusiasmo de quem n'elles teve parte, os chronistas claustraes e os narradores fazem da historia um passatempo da cella e entramam em linguagem pautada e severamente castigada os factos da historia nacional com ficções absurdas, genealogias duvidosas e por vezes com o milagre que é chamado a authenticar o que o senso do historiador não sabe discernir. É este o caracter dos trabalhos historicos deste periodo representados por D. Francisco Manuel de Mello, Antonio de Sousa Macedo e pelos seguintes escriptores:

Fr. Bernardo de Brito (1569 — 1617), chamado no seculo Balthazar de Brito d'Andrade. Tendo sido educado em Roma, onde aprendeu o grego e o hebraico, professou na ordem cisterciense (de S. Bernardo) e foi nomeado chronista mór do reino por mercê de Filippe II em 1616 em substituição de Francisco d'Andrade. Arrastado pela sua imaginação de poeta lançou-se no campo de phantasia e d'ahi lhe veio o descredito como historiador. Concebeu o plano de uma historia geral portugueza e com esse intuito escreveu a 1.ª e 2.ª parte da *Monarchia Lusitana* que offereceu a Filippe II. Simultaneamente escreveu a 1.ª parte da *Chronica de Cister*, os *Elogios dos reis de Portugal* e uma *Geographia antiga da Lusitania*.

Continuaram a *Monarchia Lusitania:*

Fr. Antonio Brandão de Alcobaça (1584 — 1637), geral da ordem cisterciense e chronista mór do reino; escreveu a 3.ª e 4.ª parte com mais consciencia e senso historico do que o seu antecessor.

Fr. Francisco Brandão de Alcobaça (1601—1680), sobrinho do precedente. Succedeu a seu tio no logar de chronista mór e compoz a 5.ª e 6.ª parte, trabalho que não desdiz da 3.ª e 4.ª;

Fr. Raphael de Jesus de Guimarães (1604 — 1693), frade benedictino e chronista mór. Escreveu a 7.ª parte e outras obras.

Fr. Manuel dos Santos (1672 — 1650), monge cisterciense. Publicou a 8.ª parte da *Monarchia Lusitana* referente aos reinados de D. Fernando e D. João I, deixando manuscriptos tres tomos dos quatro que escreveu.

Antonio Bocarro tambem pretendeu continuar estes trabalhos historicos, escrevendo os successos da India relativos ao periodo de 1612 a 1617.

As duas partes escriptas por Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana* foram desde logo alvo de acerbas censuras que lhes vibrou *Diogo de Paiva de Andrade*, sobrinho do célebre prégador quinhentista do mesmo nome e filho de Francisco d'Andrade, ao qual o frade cisterciense substituiu no cargo de chronista mór do reino. Diogo de Paiva refutou os erros de Brito no *Exame de antiguidades* publicado em 1619, sahindo em defeza do cisterciense o monge da mesma ordem Fr. Bernardino da Silva nos dois volumes da *Defensão da Monarchia Lusitana* publicados desde 1620 a 1627. No genero moralista compoz o *Casamento perfeito* sobre os deveres dos casados e meios de conservar a paz domestica (1630).

Fr. Luiz de Sousa de Santarem (no seculo Manuel de Sousa Coutinho), terceiro neto do conde de Marialva e filho de Lopo de Sousa Coutinho e de sua mulher D. Maria de Noronha, nasceu este deli-

cado estylista por 1555 e falleceu no convento de Bemfica em 1632, tendo professado na ordem de S. Domingos ou dos prégadores em 1614 ao cabo de longas e dramaticas aventuras.

Alistou-se na religião de Malta por 1576, esteve prisioneiro dos mouros em Argel no anno seguinte, e depois de alguma demora em Valencia regressou ao reino em 1578. Casado com D. Magdalena de Vilhena, viuva de D. João de Portugal, que se julgou ter morrido em Alcacer-Kibir, foi residir para a sua casa de Almada, onde se recusou a receber em 1599 os governadores do reino que fugiam á peste de Lisboa. Desgostoso da vida ou ambicioso de riquezas partiu para a India, mas attrahido pelas saudades da esposa e da unica filha que tinha, já estava de novo em Almada em 1605. Tendo-lhe morrido a filha e achando-se perto dos sessenta annos, deliberou ir acabar os dias na paz do convento de Bemfica, seguindo-lhe o exemplo a esposa, que se recolheu ao mosteiro do Sacramento e que elle nunca mais viu.

Foi no silencio da clausura que poz em inimitavel estylo os apontamentos de Fr. Luiz de Cacegas fallecido em 1616, soltando os diques á torrente da sua linguagem abundante, pictoresca e louvaminheira.

Compoz então a *Vida do arcebispo de Braga* (Vianna — 1619) e a *Chronica de S. Domingos*, servindo-se dos materiaes accumulados pelo obscuro Cacegas, e a pedido de Filippe IV os *Annaes de D. João III* que foram publicados em 1844 e que não correspondem á alta capacidade artistica do phantasioso e encomiastico biographo de Bartholomeu dos Martyres.

Fr. Antonio da Encarnação de Evora, fallecido em 1665, grande theologo e veneravel prior do convento de Bemfica, escreveu *Adicções á historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa com relação á fundacção do convento de Bemfica, e a *Vida de Fr. Luiz de Sousa*. D'este trabalho se aproveitou o biographo Francisco Alexandre Lobo.

Jacintho Freire d'Andrade de Beja (1597 — 1657), tendo-se formado em canones exerceu varios beneficios ecclesiasticos em Traz-os-Montes onde foi abbade de Sambade, e na Beira onde pastoreou a freguezia de Santa Maria das Chãs no bispado de Vizeu. Tendo estado alguns annos em Madrid chegou a obter a protecção do conde-duque de Olivares. Freire d'Andrade como escriptor é palavroso e declamatorio, e no escrever da historia segue as pisadas de Tito Livio e Sallustio intercalando a narração de estirados discursos que põe na bocca dos seus heroes. O estylo da sua prosa é egual ao dos seus versos : tumido, hyperbolico e campanudo. São amostras dessas qualidades, aliás communs a todos os letrados do seu tempo, a *Vida de D. João de Castro*, 4.º vice-rei da India, escripta a pedido do inquisidor geral D. Francisco de Castro, e em hespanhol a historia encomiastica — *Origen y progresso de la casa e familia Castro.*

Aparte os defeitos de linguagem e a ausencia de critica no avaliar dos factos, merecem ser citados outros historiadores d'esta epoca que nos deixaram valiosas informações ácerca de coisas antigas e do seu tempo. Taes são :

Manuel Severim de Faria (1583 — 1655), chantre da Sé eborense, homem pio e douto que escreveu as *Noticias de Portugal* e commentou proficientemente as obras de Camões, de Barros e Couto.

Manuel de Faria e Sousa (1590 — 1649), destinado ao sacerdocio e muito protegido pelo bispo do Porto D. Gonçalo de Moraes, abandonou a carreira ecclesiastica e em 1619 foi a Madrid como secretario do conde de Muge, acompanhando Filippe III a Lisboa no mesmo anno. Recahindo sobre elle suspeitas de pouco affecto á politica hespanhola, Manuel de Faria para desvanecer essas suspeitas e para lisongear o usurpador escreveu em hespanhol o *Epitome de las historias portuguezas* que foram publicadas em 1638, e ainda depois da acclamação do duque de Bragança

se conservou em Madrid onde morreu. O nome d'este escriptor não é o de um patriota, apezar da defeza que lhe teceu o conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes.

Manuel de Faria e Sousa tambem escreveu uma extensa historia de Portugal dividida em *Europa*, *Asia*, *Africa* e *America*, mas a parte relativa á America não chegou a imprimir-se.

D. Luiz de Menezes, 3.º conde da Ericeira (1632—1690), é o auctor do *Portugal restaurado*, obra minuciosa em informações ácerca dos acontecimentos de 1640 a 1688.

Nota. — São menos conhecidos, mas abundam em informações para a historia do reino os seguintes historiadores seiscentistas :

D. Rodrigo da Cunha (1577—1643), arcebispo de Braga, auctor das seguintes obras : — *Historia ecclesiastica da egreja de Lisboa, vida e acções dos seus prelados* — *Historia do arcebispado de Braga* — *Catalogo dos bispos do Porto.*

Padre Balthazar Telles (1595—1675), que escreveu a *Historia da Ethyopia* e a *Chronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal.*

Padre Jorge Cardoso, que escreveu o *Agiologio lusitano* (1623) por D. Antonio Caetano de Sousa.

Jeronymo de Mendonça, portuense a quem se deve a obra intitulada *Jornada de Africa.*

Francisco de Brito Freire de Coruche (1620—1692), auctor da *Nova Lusitania* (1695).

Alvaro Pires de Tavora, que deixou a *Historia dos varões illustres do appellido Tavora.*

Francisco Soares Toscano, auctor dos *Parallelos de principes e varões illustres antigos a que muitos da nossa nação portugueza se assemelharam em suas obras, ditos e feitos.*

Novellistica

154. A imitação da *Diana* de Jorge de Montemór, atravessando todo o seculo XVII, dá origem a um sem numero de pastoraes insulsas e sem ideal, composições plangentes e allegorias que entretem a imaginação desvairada dos culteranistas e servem de

pretexto para a exhibição de todo o arsenal idylico de Sannazaro, de Garcilaso e de Boscan. Estas novellas (diz o sr. Th. Braga) sempre referem o caso de um apaixonado pastor que desabafa as suas ausencias em largos soliloquios, que intermeia as suas prosas calcadas de cançados epithetos com elegias e romances recitados junto das fontes; intervem outros pastores para o consolarem, as nymphas escutam-no por detraz dos arvoredos, condoem-se do triste que morre quando sabe já tarde que tambem é amado. São assim — as *Ribeiras de Mondego* por *Eloy de Sá Souto Maior* de Lisboa publicadas em 1623;— os *Desmaios de maio em sombras do Mondego* por *Diogo Ferreira Figueirôa*; —*Chrystaes da alma, phrases do coração, rhetorica do sentimento e amantes desalinhos* por Gerardo de Escobar, pseudonimo de Fr. Antonio de Escobar de Coimbra (1618—1681); — *Historia do predestinado peregrino e de seu irmão precito* por Alexandre Gusmão (1629—1729);—o *Retiro de cuidados* pelo padre *Matheus Ribeiro*; —*Paciencia constante* por *Manuel Quintano de Vasconcellos* (1600—1655; e as *Novellas exemplares* do padre *Gaspar Pires Rebello*.

Com o genero novellistico d'esta edade relacionam-se as cinco *Cartas de uma religiosa portugueza*, attribuidas a Marianna Alcoforado, religiosa de Beja, que as dirigiu ao conde de Chamilly, official francez que serviu em Portugal desde 1663 ás ordens de Schomberg. Hoje está demonstrada a authenticidade d'essas cartas que traduzem o drama intimo de um coração despedaçado, e foram originariamente escriptas em portuguez pela apaixonada freira do convento da Conceição de Beja.

Viagens

155. *Fr. Gaspar de S. Bernardino* de Lisboa, franciscano, publicou em 1611 o *Itenario da India*

por terra até á ilha de Chipre, que é a narração da viagem que fez pela Persia e Syria em 1606.

Padre Manuel Godinho (1630 — 1712) escreveu a *Relação do novo caminho atravez da Arabia e da Syria, que fez por terra e mar vindo da India para Portugal em 1663.*

Moral

156. Ao lado dos trabalhos mysticos, allegoricos e sentimentaes de Fr. Antonio das Chagas, que segue o caminho das allucinações e arroubos traçado por Fr. Thomé de Jesus, esse virtuoso augustiniano que escreveu os *Trabalhos de Jesus* e dispendeu a vida no serviço da caridade até que expirou a 17 de abril de 1582, apparecem as obras asceticas do padre *Manuel Bernardes*, auctor da obra de moral *Luz e calor* e da *Nova floresta ou Sylva de varios apophethgemas e dictos sentenciosos, espirituaes e moraes com reflexões em que o util da doutrina se acompanha com o vario da condição assim divina como humana.* São de Bernardes o opusculo mystico *Pão partido em pequeninos* e os *Ultimos fins do homem; salvação e condemnação eterna.*

Tambem a philosophia moral de costumes segundo os estreitos moldes da critica do tempo tem seus representantes nos seguintes escriptores:

Francisco Rodrigues Lobo, auctor da obra *Côrte na aldêa e noites de inverno.*

Diogo de Paiva de Andrade, auctor do *Casamento perfeito.*

D. Francisco Manuel de Mello, auctor da *Carta de guia de casados* e dos *Apologos dialogaes.*

Martim Affonso de Miranda, creado dos duques de Bragança e auctor da obra em dois tomos o *Tempo de agora*, publicado em 1622 e 1624.

D. Francisco de Portugal, que na obra a *Arte de galanteria*, publicada em 1670 e dedicada ás damas

portuguezas, cita curiosas anecdotas que denunciam a decadencia dos costumes e vae na rota do *Cortegiano* (cortezão) que Babdessar Castiglioni offereceu em 1528 a D. Miguel da Silva, bispo de Vizeu, fallecido em Roma (1556) na maior miseria.

Diogo Guerreiro Camacho d'Aboim (1663 — 1709), o erudito e fanatico desembargador que redigiu um manual de moral pratica para guiar no caminho do ceu, intitulado *Escola moral, politica, christã e juridica, dividida em quatro palestras.*

Finalmente, o livro que mais se recommenda pela exposição fiel das differentes manhas e vicios que marearam a pureza dos costumes do reino no seculo dos Conti e dos goliardos, é a *Arte de furtar*, de auctor anonymo. Esta obra é attribuida pelos editores ao padre Antonio Vieira, mas o sr. Cunha Rivara attribuiu-a a Thomé Pinheiro da Veiga que morreu em 1656. Francisco José Freire julga ser obra de João Pinto Ribeiro e outros acreditam que seria composta por Duarte Ribeiro de Macedo (1618 — 1680).

Philosophia

153. O estudo das sciencias philosophicas em Portugal parece indifferente ás novas theorias experimentaes iniciadas na Inglaterra, na França e na Allemanha. As escolas do reino continuam a commentar Aristoteles, entricheirando-se atraz da escolastica e da tradição medieval contra a invasão dos novos processos, que se reputam subversivos e hereticos. O collegio conimbricence é o foco d'esta resistencia, e n'elle figuram além de *Balthazar Alvares* de Chaves, jesuita que escreveu o *Tractatus de anima separata*, os seguintes philosophos:

Padre Balthazar do Amaral que ensinou philosophia em Coimbra e Lisboa.

Francisco Soares de Alarcão, doutorado na Uni-

versidade de Evora em 1655 e auctor de um curso philosophico em 4 volumes.

Balthazar Telles, auctor da *Summa de toda a philosophia*, resumo que teve numerosas edições.

Ignacio de Carvalho, auctor de um compendio de logica conimbricense que por muitos annos foi texto de lições.

Agostinho Lourenço, professor de philosophia no collegio de S. Antão e auctor de um curso de philosophia em 3 tomos.

Philologia

158. Os estudos grammaticaes do seculo XVII reduzem-se a pouco. Abundam as dissertações laudatorias que exalçam as qualidades da lingua e organisam-se compilações de annexins e phrases; mas como a lingua dominante era a hespanhola, os nossos grammaticos que não conheciam as leis do desenvolvimento organico e espontaneo das linguas, explicam as alterações da lingua portugueza pelas relações com a lingua castelhana.

Apenas um philologo digno d'este nome presente a importancia da grammatica philosophica e propõe a creação d'uma cadeira da lingua materna, ao menos nas côrtes e universidades, para melhor comprehensão da lingua latina — é *Amaro de Roboredo* que em 1619 publicou o seu *Methodo grammatical para todas as linguas* e compoz a *Porta das linguas* que teve a 2.ª edição em 1623.

Entretanto são numerosos os trabalhos linguisticos n'este seculo.

Duarte Nunes de Leão de Evora, auctor da *Orthographia da lingua portugueza* publicada em 1576, dá á estampa em 1606 a *Origem da lingua portugueza*.

Agostinho Barbosa escreve o *Dictionarium lusitanico-latinum*, que foi impresso em 1611.

Alvaro Ferreira de Vera que para a formação do

plural em *ão* despresava a origem latina e explicava-a pela grammatica hespanhola, publica em 1631 a *Ortographia e modo para escrever certo na lingua portugueza*, norteado pela falsa comprehensão que revela nos seus *Louvores da lingua portugueza*.

Antonio Delicado dá a lume em 1651 a obra *Adagios portuguezes, reduzidos a logares communs*, collecção de sentenças demonstrativas da riqueza da lingua.

Padre Bento Pereira publica em 1645 o *Thesouro da lingua portugueza*, e em 1655 o *Florilegio dos modos de falar e Adagios da lingua portugueza*. O mesmo auctor tinha escripto em 1634 uma *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta*.

Este livro que teve bastantes edições, traz no fim muitas phrases portuguezas a que correspondem as mais puras e elegantes latinas, e os principaes adagios portuguezes com seu latim proverbial correspondente.

João Franco Barreto escreve em 1671 a *Ortographia da lingua portugueza*, repetindo os erros de Ferreira de Vera e declamando louvores em honra da lingua.

Jornalismo

159. A imprensa periodica em Portugal apparece pela primeira vez no seculo XVII. A esse tempo já corriam folhas volantes na Allemanha desde os fins do seculo XV, em Veneza e na Hollanda desde o seculo XVI, na Inglaterra desde 1622, e na França desde o medico Theophrastro Renaudot que deu á França a primeira gazeta a 30 de maio de 1631.

Relativamente a Portugal, o publicista Borges Carneiro no *Resumo chronologico das leis* dá conta de uma carta régia para a censura das gazetas, cujo original o escriptor Silva Tullio viu na Correspondencia do Desembargo do Paço (1627 — 1628), signal de que

existia o uso de escrever a relação das noticias geraes. Mas o primeiro jornal que observou certa regularidade na publicação, viu a luz publica em Lisboa em novembro de 1641 e tem o seguinte titulo:—*Gazeta em que se relatam as novas todas que ouve n'esta côrte, e que vieram de varias partes no mez de novembro de 1641. Com todas as licenças necessarias. E privilegio. Em Lisboa na officina de Lourenço de Anueres.* Publicava-se mensalmente, havendo mezes em que sahiam dois numeros, ou um exemplar correspondente a dois mezes. Suppõe-se que esta gazeta era redigida pelo chronista Fr. Francisco Brandão. Este jornal terminou a publicação em novembro de 1647.

Na anno de 1663 começou a publicar-se em Lisboa o *Mercurio Portuguez*, que foi redigido pelo secretario de èstado Antonio de Sousa de Macedo até ao fim de 1666 e por escriptor anonymo até julho de 1667. As guerras com Hespanha e as nossas relações com a França provocavam a necessidade de saber noticias.

Em 1715, no reinado de D. João V, principiaram de novo as *Gazetas de Lisboa* redigidas por José Freyre de Monterroio Mascarenhas, das quaes a primeira sahiu no dia 10 de agosto d'aquelle anno e a ultima em janeiro de 1760 por ter fallecido o redactor. Este mesmo José Monterroio obtivera em 3 de junho de 1752, d'el-rei D. José privilegio exclusivo de publicar a Gazeta emquanto fosse vivo, com a condição porém de não exceder uma folha por semana, ás quintas feiras, tendo o jornal unicamente quatro quartos de papel.

No anno de 1756 publicou-se tambem em Lisboa na officina de Domingos Rodrigues o jornal politico, de que sahiram 18 numeros de 8 paginas em quarto. intitulado: — *Occulto instruido que para lisito divertimento e onesta recreasam se a de publicar em differentes partes.*

Terminada em 1760 a Gazeta redigida por Monterroio, logo em julho do mesmo anno principiaram as

novas Gazetas de Lisboa chamadas dos officiaes das secretarias. Redigiu-as o official e poeta Pedro Antonio Correia Garção, e sahiram até que o marquez de Pombal as mandou suspender em junho de 1762. Mas reappareceram a 4 de agosto de 1778 no reinado de D. Maria I, redigindo-as por algum tempo Felix Antonio Castrioto, que foi auxiliado por Felix de Avelar Brotero e José Agostinho de Macedo.

O jornal official continuou com o nome de Gazeta até 30 de dezembro de 1820, sendo ao depois publicado com outros titulos e ainda uma vez com o de Gazeta.

Mas é só com os primeiros alvores da aurora liberal que a imprensa politica adquire o largo e fecundo desenvolvimento, que desde então até nossos dias se nota no regimen da publicidade jornalistica.

QUINTO PERIODO

ESCOLA CLASSICO-FRANCEZA

(SECULO XVIII)

Caracter do periodo classico-francez

160. Todos os vicios litterarios do seculo XVII passam para o XVIII: os mesmos arrebiques de rhetorica, o mesmo culto esteril das fórmas, o mesmo falso engenho, como escreve Verney, revelado nas banalidades estrophicas dos anagrammas, dos echos, dos equivocos, dos labyrintos, dos acrosticos, dos versos pyramidaes e de outros artificios, finalmente a mesma admiração pela philosophia aristotelica e por tudo quanto era convencional na arte de falar, de escrever e de pensar.

A epoca é fecunda em escriptos de todo o genero, mas sem originalidade. Interrompidas as relações politicas com a Hespanha dos Filippes, as attenções do paiz dirigem-se naturalmente para a França, que desde Luiz XIV exerce a hegemonia politica e litteraria sobre os povos da mesma raça. É esta a razão por que este periodo, ainda adstricto ás formulas classicas, mas já claramente influenciado pelas idéas da França, se denomina *classico-francez*, e póde ser caracterisado pelos seguintes factos:

a) *Invasão das idéas francezas.* Apezar da resistencia empregada pelos jesuitas e Santo Officio para im-

pedirem a entrada dos principios philosophicos que revolucionavam a França, a escola carteziana entrava por toda a parte, e antes que Luiz Antonio Verney admittisse na sua logica as theorias sensualistas de Condillac e Locke, já o padre João Baptista da Congregação de S. Filippe Nery ensinava uma philosophia que tentava conciliar as doutrinas de Descartes e Newton com as de Aristoteles. Muitos escriptores de espirito lucido, como Alexandre de Gusmão, Francisco Xavier de Oliveira, o medico Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Brotero e mais tarde Francisco Manuel do Nascimento, aprendiam fóra do reino a odiar a intolerancia que lhes fechava as portas da patria, e fazendo circular em Portugal as suas obras revolucionarias introduziam os germens liberaes que agitavam a França e faziam repercutir no reino os primeiros abalos precursores da revolução franceza.

b) *Reacção em favor da lingua, da poesia e da historia portugueza.* Nenhuma das academias poeticas d'esta edade deixou de insinuar a necessidade da reforma da lingua e da poesia, e algumas até chegaram a inserir esse principio nos seus pomposos programmas; da mesma fórma procederam relativamente á historia as academias eruditas. Este facto demonstra a depravação da linguagem e da arte, mas poucos acertaram com o remedio, porque suppunha-se geralmente que a reforma dos costumes litterarios dependia unicamente da protecção official. Com estes acanhados intuitos se organisaram as differentes academias e se formularam protestos que ficaram pouco menos de estereis.

Quanto á lingua portugueza, não foram conhecidos os methodos da filiação historica nem da comparação, e por isso os trabalhos philologicos giram sobre o circulo vicioso dos archaismos e neologismos, dos modos de escrever certo, dos louvores da lingua de Ferreira e Camões, e da approximação da grammatica portugueza ás das suas congeneres, a latina e a hespanhola. Desde Francisco Manuel de Mello até Francisco

José Freire o gallicismo é uma preoccupação constante. Entretanto algumas obras de philologia attestam os cuidados que o estudo da lingua mereceu ao ao seculo passado, taes são o *Vocabulario portuguez e latino* de Raphael Bluteau, o *Novo methodo* do padre Antonio Pereira, que prova que a syntaxe portugueza não é um simples apontoado de trapos e figuras, mas sim um systema sujeito a leis racionaes, e o volume unico do *Diccionario da lingua portugueza* publicado em 1793 pela Academia real das sciencias.

A reforma da poesia foi o fim principal das arcadias, mas como fallecia a originalidade genial e a verdadeira comprehensão da arte, os poetas esgotaram a imaginação alinhando as estrophes pelos modelos gregos e latinos, e deram mais importancia á parte formal, mechanica e externa que ao assumpto. «Geralmente entendem (exclama Verney) que o compor bem consiste em dizer subtilezas e inventar cousas que a ninguem occorressem ; e com esta idea produzem partos verdadeiramente monstruosos, e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam.»

Pelo que respeita á historia, este seculo abunda em investigadores de antiguidades ; as vastas collecções de memorias que saem das academias revelam pacientissimo estudo, e até a Academia real da historia recebeu protecção official para escrever tudo quanto dissesse respeito á historia d'estes reinos. Infelizmente faltava a liberdade de apreciar os factos com imparcialidade, desconhecia-se o criterio philosophico, as memorias dos reis eram escriptas sobre os degraus do throno ao calor da protecção official, e n'estas condições era impossivel produzir-se um trabalho historico, scientifico, imparcial e superiormente philosophico.

c) *Continuação das academias litterarias.* O gosto pelos gremios litterarios accentua-se n'este seculo, mas aquelles que mais se distinguiram ou pelo caracter official que receberam ou pela qualidade de seus membros são a Academia de historia e a Academia das

sciencias, a Arcadia Ulyssiponense e a Nova Arcadia.

1) *Academia real de historia portugueza.* Esta academia é como fica dito uma reorganisação da antiga Academia dos generosos, refundida com a Academia das conferencias discretas e eruditas, e mais tarde conhecida pelo nome de Academia portugueza, antes de receber a sancção real e o titulo definitivo que lhe conferiu D. João V a pedido dos fundadores.

Os socios da Academia portugueza organisada pelo 4.º conde da Ericeira em 1717 entraram como academicos de numero para a Academia real patrocinada por D. João V a instancias de D. Manuel Caetano de Sousa. A nova associação, consoante o decreto que a declarava official, devia escrever a historia ecclesiastica d'estes reinos e depois tudo quanto pertencesse á historia d'elles e das suas conquistas (Decr. de 8 de dezembro de 1720). Os estatutos foram confirmados por Decr. de 4 de janeiro de 1721, e logo a 6 do mesmo mez foi concedida á Academia uma pensão annual de um conto de réis.

Os socios mais importantes d'este instituto foram: — padre Manuel Caetano de Sousa, o conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, Diogo Barbosa Machado, José Soares da Silva, Antonio Caetano de Sousa, D. Jeronymo Contador de Argote, Francisco Leitão Ferreira, D. Raphael Bluteau, Fr. Manuel dos Santos, Sebastião da Rocha Pita, padre Luiz Cardoso e padre Antonio dos Reis. Sebastião de Carvalho pouco trabalhou na Academia. D'este gremio resta uma collecção de memorias em 15 volumes publicados de 1721 a 1736 pelo socio e primeiro secretario Manuel Telles da Silva, marquez de Alegrete.

Depois de tantos annos de explendor a Academia foi decahindo até que no reinado de D. Maria I foi transformada na Academia real das sciencias de Lisboa.

2) *Academia real das sciencias de Lisboa.* Foi fun-

dada por D. João de Bragança, 2.º duque de Lafões no reinado de sua sobrinha D. Maria I em 1779, sendo inaugurada em janeiro de 1789. Na organisação dos estatutos teve grande parte o abbade José Corrêa da Serra, que vivia em Roma ao tempo em que o duque perseguido pelas intrigas da côrte viajava pela Europa, recolhendo ao reino em 1777. O abbade Serra (1750 — 1822) e o duque de Lafões convocaram em 1779 os homens do paiz mais conhecidos por suas letras e com elles concertaram o plano da nova academia, que logo foi dividida em tres classes, duas de sciencias e uma de bellas letras.

Por aviso de 13 de maio de 1784 a rainha declarou-se protectora do novo gremio e deu-lhe o titulo de real. Os estatutos que actualmente a regem, são de 22 de outubro de 1852. O primeiro presidente foi o duque de Lafões eleito a 1 de abril de 1781, mas em 1810 deliberou a Academia offerecer a presidencia perpetua a um principe de sangue da casa real portugueza. Das importantissimas obras intentadas pela Academia, a que primeiro chamou a sua attenção foi o Diccionario da lingua, cujo primeiro e unico volume, contendo a letra A, se deve aos esforços dos academicos Pedro José da Fonseca, Bartholomeu Ignacio Jorge e Agostinho José da Costa de Macedo, dos quaes o primeiro adoeceu gravemente de cansaço e vigilias e os ultimos cegaram.

3) *Arcadia Ulyssiponense*. O pensamento de uma academia poetica moldada pela academia dos Arcades de Roma, que o jurisconsulto Gavina fundara em 1690 nasceu no seio da Academia particular dos occultos, foi posto em pratica pelos eruditos Manuel Nicolau Esteves Negrão, Theotonio Gomes de Carvalho e Antonio Diniz da Cruz e Silva; este ultimo redigiu os estatutos e aggregou o poeta e funccionario Pedro Antonio Corrêa Garção. Em 1757, reinando D. José I, estava organisada e a funccionar a nova academia poetica. Os socios adoptavam um nome pastoril, e para

que tudo fosse allegorico e rescendesse á antiguidade pagã, chamaram Monte Menalo ao local destinado ás sessões, que era umas vezes na real casa das Necessidades e outras no edificio da Junta do Commercio. Fundada em 1756 a Arcadia de Lisboa estava dissolvida em 1776, mas a sua influencia nas letras durou até á renovação romantica, que em Portugal veio a coincidir com a epoca do estabelecimento do regimen representativo. Floresceram n'esta arcadia os poetas Garção, Quita, Diniz, Manuel de Figueiredo e Francisco José Freire. Ao cabo de vinte annos a Arcadia suspendeu as sessões e reappareceu depois com o titulo de Nova arcadia.

4) *Nova Arcadia* ou Academia de bellas letras. Foi instituida em 1790 pelo conde de Pombeiro José de Vasconcellos e Sousa, que reuniu os novos arcades em sua casa. Parece que a fundação realisada pelo conde de Pombeiro se deve attribuir á iniciativa de Curvo Semedo e Ferraz de Campos. Como a primeira arcadia, não foi o novo instituto favorecido pelos altos poderes publicos, mas realçava na republica litteraria pela respeitabilidade dos seus membros e pelo talento indisputavel de alguns; por isso póde asseverar-se que n'ella residiam os padrões litterarios officiaes. Mas a litteratura não era mais que o formalismo puro e tradicional imposto pelas poeticas da escola classica e pela auctoridade dos humanistas. Se alguns poetas como Bocage, reagiram contra a rotina preparando o advento do romantismo, a maioria ficou fiel aos preceitos convencionaes.

Todavia mostraram desejos de reagir proveitosamente em favor da lingua e da poesia, além de Bocage, os poetas: José Agostinho de Macedo, França e Amaral, Curvo Semedo, Pimentel Maldonado, Pato Moniz, Santos Silva, Lima Leitão, Maximiano Torres e Bingre, sendo para notar que ao lado d'estes não figurem homens da competencia de Francisco Manuel do Nascimento, Nicolau Tolentino de Almeida e José

Anastacio da Cunha. Insensivelmente a nova arcadia foi desapparecendo pouco a pouco, victima dos odios e rivalidades que rebentaram no seu seio, tendo bastante responsabilidade n'estes conflictos os turbulentos socios José Agostinho e Bocage.

Nota. — Alem das academias citadas outras se fundaram ainda n'este seculo devidas á iniciativa particular. Eis a relação das principaes :

ACADEMIAS DO REINO

Academia dos Anonymos ou dos Occultos. Chamava-se assim porque nos estatutos se determinava que os socios não assignassem as suas composições. Propunha-se versar assumptos poeticos. Pertenceram a este gremio os poetas Francisco Leitão Ferreira, José do Couto Pestana, Fr. Simão Antonio de Santa Catharina e o cego José de Sousa, que muitas vezes presidiu ás sessões e era notado pela sua extraordinaria memoria. Os trabalhos d'esta sociedade encontram-se na obra *Progressos academicos dos anonymos de Lisboa* (1718) collecção apreciada favoravelmente pelo cavalleiro de Oliveira.

Academia dos Applicados. Foi instituida em Lisboa no principio do seculo passado e n'ella figuram Manuel Caetano de Sousa, D. Celestino Seguineau, D. Thomaz Caetano do Bem, D. Raphael Bluteau e outros que apparecem na Academia de historia.

Academia problematica de Guimarães. Foi fundada em 1721 sendo presidida por Thadeu Luiz Antonio Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões, donatario dos coutos de Negrellos e Abbadim.

Academia problematica de Setubal. Foi creada em 1721 e celebrava sessões no ultimo dia de cada mez. Os socios recitavam poesias em latim e portuguez e discutiam problemas como este : Quem fez mais, Alexandre conquistando o mundo, ou Diogenes desprezando-o?

Academia dos Illustrados. E' este o nome de uma academia particular que existiu em Lisboa no principio do seculo passado.

Academia dos Insignes. Como a precedente, existiu em Lisboa na primeira metade do seculo passado e não deixou de si memoria.

Academia dos Laureados. Foi fundada em Santarem em 1721 para discutir assumptos poeticos e prosaicos. Os cargos academicos eram os de mestre, secretario e censor.

Academia dos Obsequiosos. Funccionou em Lisboa no ultimo

seculo e nenhuma influencia teve nos destinos da litteratura.

Academia dos Unidos. Era uma insignificante tertulia lisbonense que celebrou com a dos Anonymos ou Occultos o elogio funebre de Raphael Bluteau.

Academia latina e portugueza. Figuram n'esta academia lisbonense Filippe José da Gama, Antonio Felix Mendes e José Collaço de Miranda. Em 1725 celebrou sessão funebre em honra de Manuel Caetano de Sousa.

Academia Marianna. Foi creada em 1756 sendo presidida por Fr. Manuel do Canaculo. Propunha-se render culto á Virgem.

ACADEMIAS BRAZILEIRAS

Sob este titulo comprehendemos as seguintes academias litterarias fundadas no seculo passado na colonia portugueza do Brazil;

Academia brazilica dos esquecidos (1721—1725) fundada na Bahia pelo vice-rei Vasco Fernandes Cezar, depois conde de Sabugosa. Tinha por fim estudar toda a historia do Brazil. Um dos seus socios mais eruditos foi Sebastião da Rocha Pitta.

Academia dos Felizes (1734?), foi organisada no Rio de Janeiro por industria do medico Saraiva e celebrava as suas sessões no palacio do governo.

Academia dos Selectos (1752), foi instituida no Rio de Janeiro pelos homens mais illustres d'aquella cidade em honra do governador Gomes Freire de Andrade.

Academia dos Renascidos (1759—1760), foi creada na Bahia peio vice-rei Conde d'Arcos.

Academia Litteraria, fundada no Rio de Janeiro cerca do anno de 1780 por José Basilio da Gama e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga sob a protecção do vice-rei conde de Resende e do bispo D. Joaquim. Esta sociedade pouco tempo durou porque se tornou suspeita ao conde de Resende. Os fundadores e o poeta Domingos Caldas Barbosa tornaram conhecida esta academia, cujo lustre é realçado pelos talentos poeticos dos chamados *poetas mineiros* (procedentes de Minas Geraes): Fr. José de Santa Rita Durão, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José Alvarenga Peixoto, Claudio Manuel da Costa e Domingos Vidal de Barbosa Lage.

Synchronismo

161. O movimento geral das litteraturas da Europa no seculo XVIII é uniformemente pautado pelos exemplares francezes. Cançados de repizar as mono-

tonas e futeis tautologias da escola culteranista, os povos reconhecem afinal a necessidade de romper o circulo vicioso dentro do qual desvaira e agonisa a imaginação á mingua de ideal e de senso commum. E como a França pelo prestigio politico adquirido desde Luiz XIV e pela auctoridade dos seus escriptores attrahia as attenções da Europa, todos os povos cultos a tiveram por arbitra do bom gosto.

Mas o classicismo francez não trazia nenhum elemento novo e fecundo que imprimisse feição organica e fornecesse ideaes novos ás litteraturas exhaustas pelo cultismo, ou correspondesse ao estado de incerteza e de scepticismo em que se encontrava a opinião publica. É por isso que bem depressa se levantaram de toda a parte, em nome do espirito local, vivos protestos contra a suzerania da França, começando a revolta pela Allemanha e continuando-se logo nos povos da raça latina. A propria França ao declinar do seculo chegou a comprehender que a imitação de Ronsard, de Racine e de Boileau já não podia satisfazer a anciedade geral de um publico convulcionado pela paixão da liberdade. Ao predominio da philosophia experimental succedeu a proclamação dos direitos do homem e em seguida a aurora do romantismo.

Nota. — Eis o quadro do movimento das litteraturas n'este periodo :

FRANÇA

O espirito de revolta que entreluz nos escriptores do seculo XVII, por um momento adormecido á sombra dos louros de Luiz XIV, acorda finalmente no seculo findo traduzindo o descontentamento geral. A corrupção dos costumes cesareos enlaçada com o descomedimento das classes populares, que satyrisavam os vicios da côrte e os desmandos do clero, produziu a Encyclopedia e a revolução de 1789. O seculo XVIII é uma luta gigantesca ameaçando de morte as instituições ecclesiasticas e civis, e a litteratura auxiliada pela philosophia patentêa esse conflicto de interesses. Mas o homem que pelas condições do seu espirito melhor traduz esse estado anarchico, é

Voltaire (1694—1778). Escriptor encyclopedico, ironico e irreligioso, Voltaire é o centro do movimento que se dirige contra tudo quanto é official e auctoritario. E' poeta epico, lyrico e dramatico, philosopho e theologo, historiador e critico, humanista e politico. Em volta da sua orbita gravitam como satellites as fortes individualidades que fizeram a Encyclopedia: — *Diderot*, *d'Alembert* e o *barão d'Holbach;* os grandes philosophos *Condillac* e *Lock*, *Helvecio* e *Condorcet;* os grandes pensadores, *Montesquieu*, *Buffon* e *Rousseau;* os notaveis romancistas *Prévost* e *Lesage;* os dramaturgos, *Beaumarchais*, *Ducis*, *Piron* e *Quinault;* o revolucionario e infeliz poeta *André Chenier*, que marca a transição do seculo passado para o seculo actual, e os oradores da Assemblea nacional, á frente dos quaes está *Mirabeau*.

São do mesmo seculo: o moralista *Marmontel*, os oradores *Neuville* e *Bridaine*, o romancista *Bernardin de Saint Pierre*, o critico *La Harpe*, os historiadores *Saint Simon* e *Fleury*, e os paysagistas *Florian* e *Delille*.

HESPANHA

Ao substituir-se a casa d'Austria pela dynastia franceza dos Bourbons no throno de Hespanha, a antiga originalidade do genio hespanhol eclipsa-se perante o brilho artificial das instituições litterarias que Filippe V importa de França. Sob a protecção d'este monarcha funda-se em 1714 a Academia da lingua, organisada pelos estatutos da Academia franceza, a Bibliotheca real, o seminario dos nobres, a Universidade medica de Sevilha, a Escola de mathematicas de Barcellona, e em 1738 a Academia de historia. Desde esta epoca a litteratura hespanhola vive exclusivamente da imitação franceza, e para radicar o gosto pelos preceitos de Boileau, Ignacio de Luzan, que era a alma da Academia de bom gosto que se reunia em casa da condessa de Lemos, publicou em 1737 uma Poetica propondo os methodos francezes.

Mas a reação não se fez esperar. Vicente Garcia de la Huerta protestou energicamente em defeza dos poetas nacionaes contra as theorias de Luzan, de José Cadalso e Thomas Iriarte, e logo uma numerosa phalange de escriptores, como o bucolico Melendez, o lyrico Nicazio Alvarez de Cienfuegos, o epigrammatico José Yglesias, o critico Alberto Lista, secundaram os protestos, preparando o advento do romantismo.

N'esta luta contra o mau gosto e em favor dos mestres nacionaes, dois homens se avantajam aos seus contemporaneos: o *Padre Feyjó*, benedictino de Oviedo, e o *Padre Isla*. Dotado de vastissimos conhecimentos o padre Feyjó no seu *Theatro critico* passa revista a todas as sciencias, letras e methodos de

ensino do seu tempo e aprecia-os com a maxima independencia e superior criterio, sendo por isso designado o Bayle de Hespanha. O jesuita Isla, orador elegante e critico imparcialissimo, tomando por instrumento de ataque a ironia, levanta a cruzada contra o modo palavroso e ridiculo de prégar e esmaga os prégadores burlescos do seu tempo na famosa satyra *Vida de Fr. Gerundio de Campazas.*

ITALIA

O predominio francez tambem foi intenso na Italia. Os poetas não conhecem mestres superiores aos do tempo de Luiz XIV, e as novas ideas liberaes apostoladas pelos encyclopedistas encontram echo favoravel em Milão, onde o conde Firminiano funda uma academia para as desenvolver e propagar, e em Napoles onde Filangieri defende audaciosamente os principios da tolerancia e da egualdade.

Metastacio (1698—1782) segue passo a passo os processos de Corneille e Racine e eleva a opera italiana á altura onde Quinault tinha collocado a opera franceza. A sua reputação começa com a tragedia *Dido abandonada.*

Goldoni (1707—1793) compoz mais de cento e cincoenta peças para o theatro e representou no seu paiz o papel que na França desempenhou Molière.

Alfieri (1749—1803) eleva a scena tragica á mais perfeita expressão da verdade, procura o assumpto ora nas civilisações antigas ora nas modernas, e por vezes excede os proprios modelos.

Scipião Maffei (1675) é um dos tragicos que protestaram na Italia contra o classicismo francez ; criticou severamente os processos de Corneille, escrevendo para contrapôr á *Rodoguna* do tragico francez a *Merope*, que foi representada em Modena no anno de 1713, obtendo extraordinarios applausos.

Todos estes escriptores foram explorados nos theatros portuguezes pelos nossos dramaturgos e especialmente pelos farcistas de cordel Nicolau Luiz e outros.

INGLATERRA

O gosto pela litteratura franceza tambem penetrou na Inglaterra. O maneirismo classico encontra-se desde o seculo XVII nos seguintes escriptores, cuja fama será eclypsada pelo grande revolucionario lord Byron ;

Addisson (1672—1719), poeta classico e grande admirador da antiguidade. Redigiu o periodico *Espectador*, compoz a tragedia *Catão* e foi o primeiro critico da obra de Milton.

Eduardo Yung (1681—1765), é conhecido pelas suas *Noites*,

livro melancholico e sombrio que teve muitos imitadores na França, na Allemanha e em Portugal.

Pope (1688—1744), apoiado nos principios de uma solida educação classica versou o genero sentimental, o satyrico, o heroe-comico, a critica e a philosophia.

Thompson (1700—1748), poeta escossez muito célebre pelo seu poema as *Estações*, que é a descripção das scenas da natureza acompanhada de reflexões moraes.

Uma fórma litteraria, antiga na Inglaterra, attinge agora a perfeição, é a eloquencia parlamentar. Depois da revolução de 1688 no parlamentarismo inglez, que é um resultado da transacção entre o elemento normando e o saxonio pelo systema constitucional, sobresahem os primorosos talentos de *Lord Chatam* (William Pitt) adversario do ministro Walpole, notavel estadista cuja opinião foi respeitada em todos os gabinetes da Europa desde 1756 até 1760; de *Burke*, o amigo do marquez de Bockingam, o orador elegante e conciso que faz lembrar Cicero e Eskines; de *Fox* em frente de *William Pitt* (filho), lutando braço a braço e com tal energia que os dois recordam Eskines e Demosthenes e dividem entre si as glorias tribunicias até 1806; finalmente de *O'Connel*, o ardente e fogoso defensor da Irlanda e o dominador soberano da opinião ingleza no seculo actual.

Os seus historiadores *David Hume* de Edimburgo, *Robertson* da Escossia e *Gibbon* da escola de Voltaire, não cedem em merecimento aos novellistas *Foe*, auctor do *Robinson Crusoé*, *Richardson* e *Walter Scott* de Edimburgo.

ALLEMANHA

A lingua allemã adquire a sua fixidez n'este seculo e pode dizer-se que é tambem n'este seculo que a litteratura allemã, fecundada pela recordação das suas tradições e concentrada na riqueza dos seus elementos organicos, se desprende dos moldes estrangeiros e reveste o caracter de originalidade que a torna profundamente nacional. «Por occasião da guerra dos sete annos (escreve o sr. Th. Braga) a Allemanha separa-se da imitação franceza, e a leitura dos antigos poetas inglezes revela-lhe que fóra da rhetorica da côrte de Luiv XIV existiam fórmas tambem artisticas e inexcedivelmente bellas. Lessing na *Dramaturgia* funda a nova prosa allemã e lança por terra as theorias dos tragicos francezes. A côrte de Veimar alentada pela paz da regencia de Anna Amelia de Brunsvic agrupa essa grande pleiade de genios creadores de que era chefe Goethe. Os irmãos Grimms começam os seus estudos sobre a lingua, a mythologia, o direito, as velhas epopêas e os contos populares da Allemanha, e a par d'estes elementos novos e fe-

cundantes a litteratura allemã que mal se definia, torna-se uma das mais opulentas do seculo.»

Effectivamente basta recordar o nome de alguns dos principaes apostolos da sciencia allemã nos fins do seculo passado e principios do actual para se comprehender o alcance do movimento realisado ali.

Dedicam-se á critica historica:

Herder (1774—1803), poeta, critico e theologo, notavel pela sua vasta erudição e pela alta comprehensão das leis da historia, qualidades que se revelam no seu livro sobre a philosophia da historia da humanidade, e na obra que intitulou *Do espirito da poesia hebraica.*

Muller (1752—1809), notavel pela sua excellente *Historia da confederação suissa* que chega até ao fim do seculo XV.

Heerem (1760—1842), auctor de duas obras muito estimadas *Historia das cruzadas* e *Ideas sobre a politica e commercio da antiguidade.*

Niebuhr de Copenhague (1776—1836), que escreveu muitos trabalhos historicos e entre elles uma *Historia romana.*

Fernando Volf de Vienna (1796—1866), muito conhecido nos povos da raça latina pelas suas duas obras intituladas: *Estudos sobre a historia da litteratura nacional portugueza* e *Historia da litteratura brazileira.*

Versam os estudos philosophicos:

Christiano Volf (1679—1754), continuador da philosophia de Leibnitz. As suas obras sobre metaphisica, logica e sociologia são consideradas como classicas na Allemanha.

Kant (1724—1804), auctor do criticismo. As suas obras são: *Critica da razão pura*, *Critica da razão pratica*, *Critica do juizo esthetico* e *teleologico.*

Fichte (1762—1814) é o mais celebre discipulo de Kant e escreveu o livro *Doutrina da sciencia.*

Hegel de Stuttgard (1770—1831), *Schelling* (1775—1854) e *Schopenhauer* (1788—1860) são tres luminares da sciencia philosophica e gosam de reputação universal.

Cultivam a esthetica e a critica litteraria:

Winkelman de Stendal (1717—1768), auctor da *Historia da arte na antiguidade* e fundador da esthetica applicada ás artes plasticas.

Lessing (1729—1781), auctor da obra de critica dramatica *Dramaturgia hamburgueza* e de varios trabalhos dramaticos e criticos.

João Paulo Richter (1763—1825) novellista e critico. A sua obra mais apreciada é a *Introducção á esthetica.*

Augusto Schlegel do Hanovre (1867 — 1845) auctor do *Curso de litteratura dramatica*, que é a analyse das producções dramaticas da Grecia, Roma, Italia, França, Inglaterra e Hespanha.

Carlos Schlegel (1772—1829) irmão do precedente, tambem

poeta, philologo, critico e historiador. Escreveu uma *Historia da poesia dos gregos e romanos* e o livro *Ensaios sobre a lingua e philosophia dos indios.*

Fundam a sciencia glottologia os philologos :

Jacques Grimm (1875—1363) e *Guilherme Grimm* (1786 — 1859), iniciadores dos estudos da linguagem comparada, irmãos pelo sangue, pelo amor ao estudo e pela homogeneidade de processos e tendencias litterarias.

Franz Bopp (1791 — 1867) que fez estudos sobre a lingua sanskrita, e publicou a *Grammatica comparada das linguas sanskrita, zend, grega, latina, lithuano, slava antiga, gothica e allemã.*

Frederico Diez (1794—1876), o philologo que mais profundamente estudou o organismo das linguas neo-latinas. É notabilissima a sua *Grammatica das linguas romanas.*

Precedem Goethe os seguintes poetas :

Haller (1708—1777)), romancista e poeta classico, auctor dos *Poemas suissos* publicados em 1732.

Klopstok (1624 — 1703), que fundou o epopêa erudita na Allemanha, cantando a tradição biblica da redempção na *Messiada*, poema tantas vezes comparado á *Divina Comedia* e ao *Paraiso Perdido.*

Salomão Gessner (1730—1787), auctor dos *Idylios* (1750) que lhe deram o nome de Theocrito d'além Rheno.

Wieland (1733—1813), grande admirador de Cervantes e Shakespeare, espirito caustico e audaz como o de Voltaire, auctor do poema de cavallaria o *Oberon* que Filinto Elysio verteu para portuguez.

Poesia

162. A' proporção que a poesia lyrica entra n'um periodo activo, posto que simplesmente formal e exterior, acolhendo-se ás academias e acostando-se á protecção official, a poesia dramatica seguindo os moldes francezes e classicos faz esforços para encontrar o veio nacional e inspirar-se nos interesses da vida portugueza, e a poesia epica vae plagiando os seiscentistas e metrificando sem criterio, sem ideal e sem originalidade, ora os factos da historia ecclesiastica ora os successos da historia portugueza. Apenas na colonia brazileira José Basilio da Gama e Santa Rita Durão comprehendem a riqueza poetica das tradições,

põem de parte os desacreditados artificios mythologicos e abrem o caminho á epopêa nacional.

POETAS EPICOS

163. São poetas epicos brazileiros:

José Basilio da Gama da villa de S. José do Rio das Mortes em Minas Geraes (1740—1795). Educado pelos jesuitas do Rio de Janeiro, depois do decreto da extincção da Companhia veio viajar pela Europa, demorando-se em Roma onde foi eleito socio da Arcadia romana, e d'ali passou a Napoles e a Lisboa. Tendo regressado ao Rio de Janeiro, foi denunciado como jesuita, pelo que foi remettido prezo para Lisboa onde lhe valeu o marquez de Pombal que o despachou official da secretaria dos negocios do reino; mas depois da exoneração do marquez (1777) José Basilio foi demittido e cahindo na miseria acabou os dias em Lisboa na maior pobreza. Muitas são as suas obras metricas, entre as quaes destaca o poemeto *Quitubia* publicado em 1791, mas a melhor é a epopêa o *Uruguay* (1769) que tem por assumpto a luta dos portuguezes contra os indios do Paraguay revoltados pelos jesuitas em 1756.

Fr. José de Santa Rita Durão de Cata-preta na provincia de Minas Geraes (1736—1784). Formado na universidade de Coimbra onde recebeu o grau de doutor na faculdade de Theologia viajou muitos annos pela Hespanha e Italia, mas em 1778 já estava em Portugal e recolhia á ordem de S. Agostinho depois de ter obtido em Roma o breve da secularisação. Restam de Santa Rita Durão muitos manuscriptos na livraria da Universidade da qual foi bibliothecario, mas o seu melhor poema é o *Caramuru* impresso em Lisboa em 1781. Esta epopêa em 10 cantos tem por assumpto o descobrimento da Bahia, cujo heroe é o legendario viannez Diogo Alvares Corrêa que escapou ao furor dos Tupinambas no naufragio da Bahia em

1510 e que os indios appellidaram o Caramuru, que quer dizer «filho do trovão».

Pertencem á metropole:

D. Francisco Xavier de Menezes (1673—1743), traductor da *Arte poetica* do Boileau em oitava rima, conhecido pelo seu afan na organisação das sociedades litterarias, pela multiplicidade dos seus trabalhos em prosa e em verso, e pela sua epopêa de escasso merecimento a *Henriqueida* publicada em 1714.

José Agostinho de Macedo de Beja (1761 — 1831), tenta reatar os laços da epopêa desacreditada pelos plagiarios de Camões, mas só consegue demonstrar que a epoca da epopêa tinha passado. José Agostinho, caracter irrequieto e turbulento, professou no convento da Graça de Lisboa em 1778, mas tendo-se mostrado rebelde á disciplina foi expulso solemnemente do instituto em 1791. N'este lance apoderou-se do pulpito, da imprensa e da lyra, e por largos annos usou e abusou d'estes meios como de instrumentos de vingança contra os seus adversarios politicos e litterarios. Prégador regio, deputado ás côrtes e chronista do reino, o padre Macedo lançou-se abertamente na arena politica em defeza de D. Miguel durante as lutas da liberdade, levando as paixões partidarias para o pulpito, golphando os rancores da intolerancia nas folhas periodicas que redigia e ferindo com os seus consocios da Arcadia essas lutas audaciosas e estereis que denunciam no auctor da satyra os *Burros* um espirito revolucionario e indomavel. Homem de talento e de extraordinaria memoria, grande conhecedor da lingua e das litteraturas antigas, o padre Macedo é um conservador das formulas e um depreciador da gloria de Camões. No intuito de lhe deprimir a memoria, architectou defeitos sobre defeitos nos Lusiadas e aproveitando-se do assumpto historico d'esta epopêa compoz o poema heroico o *Oriente* em 12 cantos, oitava rima, para contrapôr aos Lusiadas. Os poemas didacticos o *Newton* (1813), a *Meditação* (1813), a *Viagem extatica*

ao templo da sabedoria (1830), as suas numerosas lyricas e sermões não se arredam dos moldes estabelecidos pelo uso e pela auctoridade dos mestres.

Nota. — As narrativas epicas d'esta quadra são numerosas. Eis o titulo de algumas:

O Espelho do Invisivel (1714) por Troillo de Vasconcellos da Cunha.

Carlos reduzido (1717) por Pedro de Azevedo Tojal.

Conquista de Goa (1759) por Francisco de Pina e de Mello.

Lisboa restaurada (1784) por Vicente Carlos de Oliveira, auctor do *Adão remido.*

Joanneida (1782) por José Corrêa de Mello e Brito.

O sonho (1786) por Luiz Raphael Soyé.

Lisboa reedificada (1790) por Miguel Mauricio Ramalho.

Santarenaida (1792) por Francisco de Paula de Figueiredo.

Os toiros (1796) por Antonio Joaquim de Carvalho.

Eustachidos pelo padre Francisco de Sousa, auctor do *Oriente conquistado.*

Lisboa destruida (1803) em 6 cantos, oitava rima, por Theodoro d'Almeida.

Zarqueida (1806) por Francisco de Paula Medina e Vasconcellos.

Georgeida (1819) pelo mesmo.

Braziliada (1815) por Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Passeio (1816) por José Maria da Costa e Silva.

Agostinheida (1817) por N. A. P. Pato Moniz.

Alfonsiada (1818) por Antonio José de Pina Leitão.

Reino da Estupidez (1819) por Francisco de Mello Franco.

LYRICOS DA ARCADIA ULYSSIPONENSE

164. Occupam logar eminente na Arcadia Ulysponense os seguintes lyricos:

Pedro Antonio Corrêa Garção de Lisboa (1724 — 1772), designado na Arcadia pelo nome de Corydon Erimantheo. Destinado á magistratura Garção teve de abandonar a Universidade, recolhendo a Lisboa onde casou ao 26 annos com uma senhora illustre e remediada de bens, e já em 1754 era socio de Academia dos occultos na qual recitou o poemeto *Ao Infante D. Pedro, não consentindo que se lhe levantasse uma estatua.* Passando depois para a Arcadia, ali re-

citou varios discursos encarecendo os auctores antigos e a necessidade da reforma da poesia e da arte dramatica. Dizem que uma aventura amorosa, em que foi envolvida a filha do intendente escossez Macbeam ao serviço de Portugal, foi a causa da sua prisão ordenada pelo marquez de Pombal a rogos do pae offendido. Fosse como fosse, a verdade é que o poeta morreu no carcere onde jazia desde a noite de 9 de abril de 1771.

Garção foi official de secretaria e redactor das novas gazetas de Lisboa que principiaram em 1760, compoz grande numero de lyricas moldadas pelas de Horacio, destacando pelo pathetico e tom elegiaco a que intitulou *Cantata de Dido*, e desejando lançar as bases de um theatro verdadeiramente portuguez compoz o *Theatro novo* e a *Assembléa*, que passam por ser as melhores comedias do seculo passado. Garção gozou da maxima auctoridade entre os arcades e entra com justiça na diminuta galeria dos reformadores do theatro nacional.

Domingos dos Reis Quita de Lisboa (1726 — 1770), conhecido entre os arcades pelo nome de Alcino Micenio. Filho de um commerciante que veio a fallir, desde os treze annos entra nos rudes combates da vida para sustentar a mãe e seis irmãos, vendo-se obrigado a aprender a arte de cabelleireiro para não ver morrer á fome os infelizes confiados ao seu braço. Á desgraça da sua amargurada existencia se deve esse vago tom de tristeza e de melancholia que repassa as suas lyricas e adeja nas suas bucolicas. A honra de um logar na Arcadia foi uma conquista do seu talento e da sua perseverança. Garrett averba-o de primeiro bucolico da Arcadia, e são bem merecidos os louvores com que foi acolhido o auctor da tragedia *Segunda Castro*, que inspirou a *Nova Castro* de João Baptista Gomes, da *Megara*, *Astargo* e *Hermione*.

Antonio Diniz da Cruz e Silva de Lisboa (1731 — 1799), poeta que na Arcadia tem o nome de Elpino

Nonacriense. O fundador da Arcadia fórma com Pedro Garção e Quita a trindade mais auctorisada d'aquella corporação ephemera. Seguindo a escola classica e forcejando por imitar na poesia lyrica Horacio e Pindaro, estudava tambem a poesia franceza e conhecia as obras de Boileau. D'aqui vem o duplo caracter das suas composições: nas *Odes pindaricas*, a despeito dos elogios de Bocage, é um imitador do poeta grego, sem alcançar o enthusiasmo e a virilidade do mestre, e no *Hyssope* segue as pisadas de Boileau e por vezes o excede na graça e na força imaginativa.

A comedia *O falso heroismo* não acredita a originalidade do auctor, assim como as Odes pindaricas, embora excellentemente metrificadas, não passam de artificios metricos (estrophes, antistrophes e epodos) destinados, á moda grega, a narrar os feitos dos nossos heroes da India. Já não succede o mesmo com o *Hyssope* que foi moldado pelo *Lutrin* (estante do côro) do poeta francez e pela *Secchia rapita* (balde roubado) do italiano Tassoni. No *Hyssope* transparece toda a naturalidade do talento satyrico do auctor, de um modo despretencioso, espontaneo e bastante original.

O assumpto d'esta primorosa satyra é o conflicto grotesco entre o bispo de Elvas D. Lourenço de Lencastre e o deão José Carlos de Lara por este se recusar a entregar áquelle o hyssope á porta do cabido, como era do estylo d'aquella Sé. Diniz que estava então em Elvas como auditor, retido na sua casa da rua dos Falcatos por uma pertinaz doença de olhos, aproveitou o ensejo para satyrisar o escandalo e compoz o poema que andou manuscripto de mão em mão até 1802 em que foi pela primeira vez impresso, já depois da morte do auctor. Esta satyra audaciosa, irreverente e humoristica, é um primor de graça e uma acerba critica assestada aos costumes senhoriaes e ridiculos do alto clero portuguez do seculo passado. Talvez por esse motivo o marquez de

Pombal, a quem foi denunciada a obra em queixa dirigida pelo bispo offendido, tanto estimou o poeta que lhe aproveitou a competencia juridica despachando-o chanceller da Relação do Rio de Janeiro.

LYRICOS DA NOVA ARCADIA

165. Além de *José Agostinho de Macedo* merecem menção os seguintes poetas:

Manuel Maria Barbosa du Bocage de Setubal (1765—1805), que teve na Arcadia o nome pastoril de Elmano Sadino. Nasceu de paes remediados (o advogado e antigo juiz de fóra José Luiz Soares de Barbosa e D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage), e tendo ficado orphão de mãe aos dez annos aos quatorze assentou praça de cadete no regimento de infanteria 7 de Setubal. Passando a Lisboa, onde provavelmente estudou na Academia real de marinha, foi despachado guarda marinha para a armada do Estado da India a 31 de janeiro de 1786, chegando a Goa em outubro do mesmo anno. Longe da patria e repassando na memoria os dias gloriosos do nosso poderio na India, ora enaltecia as bellezas do Oriente, ora satyrisava os costumes indigenas, quando o governo attendendo aos merecimentos do poeta o despachou tenente do regimento de infanteria de Damão. Mas chegado a esta praça, foi accommettido de tão cruel nostalgia que resolveu desertar dois dias depois, apparecendo em Macau por julho ou agosto de 1789. Regressou perdoado á metropole no anno seguinte.

Nos sete annos a seguir Bocage soltou redeas a toda a casta de paixões, revoltou-se contra o formalismo litterario da sua epoca, não escrupolisou na escolha das companhias que lhe exploravam a popularidade, nem na selecção dos assumptos que lhe poluiram o talento, feriu cruelmente com apodos e motejos os seus confrades da Arcadia, nomeadamente o presidente padre Caldas Barbosa, o velho França e Ama-

ral, o abbade de Almoster, o Curvo Semedo discipulo de Filinto Elysio, o seu antigo amigo José Agostinho, e finalmente sollicitado pelo seu temperamento fogoso e pelo meio deleterio em que vivia, ao mesmo tempo que alegrava com chistes e improvisos os botequins e alcouces, escandalisava com as licenças da sua musa libertina as susceptibilidades do governo de D. Maria I e a gravidade official do intendente de policia Diogo Ignacio de Pina Manique. Pelo que foi preso em agosto de 1797, sendo-lhe apprehendidos os papeis, em meio dos quaes foram achados *livros impios e licenciosos* como os de Rousseau, Helvetius e Diderot e a celebre epistola *Verdades amargas*, poemeto conhecido pelo nome de «Pavorosa illusão da eternidade». Encarcerado no Limoeiro com o poeta seu companheiro de casa, André da Ponte do Quental e Camara, que era cadete do primeiro regimento da armada, d'ahi dirigiu fervorosas supplicas ás pessoas das suas relações com valimento na côrte, conseguindo apenas depois de porfiados esforços despertar a commiseração do ministro José de Seabra da Silva que o mandou remover ao cabo de tres mezes de rogos e retractações, do carcere civil para o da Inquisição a 17 de novembro dc 1797. Do Santo Officio onde foi admoestado mandaram-no para o mosteiro de S. Bento e d'este para a Congregação dé S. Filippe Nery para ser doutrinado convenientemente.

Restituido finalmente á liberdade em 1801, já quebrado de forças e ralado de desgostos, vivia do producto mediano do seu trabalho, compondo originaes e traduzindo Delille, Ricardo Castel, Lacroix, Florian e La Fontaine nos momentos roubados á refrega sustentada com José Agostinho e da qual ficou a famosa satyra *Pena de talião*, quando uma beata (Maria Theodora Severiana Lobo) o denunciou á Inquisição pelo crime de pedreiro livre que se deleitava com os signaes symbolicos da maçonaria. O processo não teve andamento, mas o poeta cahiu desalentado na cama

e teria morrido á mingua de tudo, se não fôra a caridade de pessoas amigas e o producto dos seus livros que generosamente lhe vinha trazer o seu admirador, o antigo dono do botequim das Parras. Terminou a curta mas infeliz existencia no dia 21 de dezembro de 1805, victima de um aneurisma nas carotidas.

Bocage ainda hoje é um typo que se nos figura aureolado pelos sinistros fulgores da desgraça e pelas risonhas scintillações do genio. A sua veia de repentista, a graça dos seus epigrammas, a irreprehensivel perfeição dos seus sonetos, a facilidade das suas trovas, á parte a obscenidade da sua musa em horas infelizes, grangearam-lhe a merecida popularidade que dura ainda em todas as classes da sociedade portugueza. Dispondo de eminentes qualidades poeticas, imaginação, viveza, originalidade e senso artistico, teria deixado obra immortal como Luiz de Camões, seu constante modelo, se a fatalidade do meio não o tivesse arredado do estudo util e da vida regular. Entretanto deixou excellentes modelos de composição em todas as especies lyricas.

Belchior Manuel Curvo Semedo de Montemór o Novo (1766 — 1838), chamado na Arcadia Belmiro Transtagano. Rival de Bocage na perfeição do apologo, o engenheiro Semedo dedica-se á imitação dos moldes francezes e prima no genero allegorico-moral da fabula, no dithyrambo e no soneto. Os 4 volumes das suas *Composições poeticas* denunciam cuidado na fórma, bastante talento e sobretudo a má direcção que levava a poesia d'aquelles tempos em que as obras de arte não tinham relação nenhuma com os actos da vida pratica.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz de Lisboa (1781 — 1827?), designado pelo nome arcadico de Olino. Discipulo de Bocage e encarniçado inimigo de José Agostinho, Pato Moniz bandea-se afinal com os partidarios de Filinto Elysio, cuja escola imitou. Sem se

elevar acima dos contemporaneos e eivado de todos os vicios do tempo, este poeta que andou por mais de vinte annos a combater Macedo, deixou d'essa prolongada luta um poema em nove cantos a *Agostinheida*, que recorda a tendencia satyrica e a degradação moral que envergonha os ultimos annos do seculo findo.

José Vicente Pimentel Maldonado de Lisboa (1773 — 1838), deputado ás côrtes de 1821 e archivista da camara electiva desde 1834, passa pelo melhor fabulista portuguez. Os seus cem apologos foram publicados em 1820.

Não excedem o nivel intellectual de Semedo e de Pato Moniz os seus confrades: — *P.e Domingos Caldas Barbosa* (Lereno Celynuntino) presidente da Nova arcadia e auctor da collecção de cantigas intitulada *Viola de Lereno*.

Luiz Correia de França e Amaral (Melizeu Cylenio), cujas obras denunciam um mediocre poeta lyrico.

Thomaz Antonio dos Santos e Silva (Thomino), auctor dos dois poemas: *Silveira* e *Braziliada* (cujo assumpto é, na confissão do auctor, a judiciosissima evasão de S. A. R. para os seus estados do Brazil), e da feliz poesia a *Sepultura de Lesbia*.

Antonio José da Silva Leitão (Almiro Lacobricense).

Francisco Joaquim Bingre (Francelio Vouguense) o derradeiro arcade.

LYRICOS DISSIDENTES

166. Não figuram nas arcadias os tres distinctos poetas Francisco Manuel do Nascimento, Nicolau Tolentino d'Almeida e José Anastacio da Cunha.

P.e *Francisco Manuel do Nascimento* de Lisboa (1734 — 1819). Este poeta é conhecido pelo nome poetico de Filinto Eysio, designação que lhe foi dada pela celebre poetisa e talentosa escriptora, D. Leo-

nor d'Almeida, primeira marqueza de Alorna (1750 — 1839). Até aos quarenta e quatro annos viveu tranquillo em Lisboa gozando os rendimentos da thesouraria da egreja das Chagas de Christo, mas accusado de hereje perante a Inquisição no anno de 1788, tratou de se esconder em casa do conde da Cunha e depois na do negociante Verdier, até que poude embarcar para o Havre, d'onde seguiu para Paris onde se conservou até 1792, sendo depois nomeado secretario particular do ministro portuguez na Hollanda, Antonio d'Araujo de Azevedo. Cinco annos depois regressou a Paris e ahi falleceu, sendo-lhe feito o funeral a expensas do nosso embaixador em França o marquez de Marialva. Os ossos d'este poeta foram trasladados para Portugal em 1842.

Escreveu a maior parte das suas obras na França no periodo da transição, mas resente-se ainda da sua predilecção pelos poetas latinos. Não ligando importancia á rima e cuidando especialmente da lima da phrase e da escolha dos termos, as suas obras carecem de enthusiasmo, mas são mina inexgotavel de vocabulos. Muitos seguiram as pisadas do mestre, o tom sentencioso e dogmatico das suas poesias correctamente metrificadas mas duras, e a este grupo se deu o nome de Escola Filintista em contraposição aos discipulos de Bocage que tomam o nome de Elmanistas. Filinto Elysio, que é um conservador em litteratura, a despeito das suas ideas avançadas, escreveu ao gosto antigo em todas as variedades da lyrica portugueza, e como vivia n'um paiz onde estava amanhecendo o romantismo, traduziu para linguagem portugueza algumas obras primas de renovação litteraria: — os *Martyres* de Chateaubriand, o *Oberon* de Wieland, ao passo que vertia as *Fabulas* de la Fontaine.

Nicolau Tolentino d'Almeida de Lisboa (1741 — 1811). Este poeta satyrico viveu na sua infancia alguns annos em Coimbra, e regressando a Lisboa en-

sinou rhetorica por espaço de quinze annos até que á força de pedidos obteve ser empregado n'uma secretaria de Estado por alvará de 21 de junho de 1781. Tendo vivido sempre na dependencia dos poderosos, a sua satyra não tem a elevação moral nem a independencia de Aristophanes e Gil Vicente, mas a fórma estrophica de que se serve — a quintilha, tem o sabor popular dos versos do Chiado e separa-o tanto das arcadias officiaes, onde predomina a ode, como das poesias sentenciosas de Francisco Manuel do Nascimento em verso solto. Tolentino vive á parte, detestando por egual os artificios arcadicos e a dureza metrica dos versos filintistas. As satyras do *Bilhar*, da *Guerra* e dos *Amantes* são obras de arte perfeitas, porque aliam á correcção da fórma o interesse pela realidade da vida, denunciando que Tolentino comprehendeu a sociedade do seu tempo e d'ella se inspirou.

Nicolau Tolentino tem sido accusado de bajular fidalgos e de requestar melhorias de fortuna, sendo-lhe descontadas estas qualidades pessoaes nos quilates do estro poetico. Mas não deve esquecer que a litteratura portugueza do seu tempo ora é cortezã ora é pornographica, quando não acontece reunir estes dois predicados. N'uma quadra em que Thomaz Pinto e o Camões do Rocio são os poetas favoritos de D. João V, e a licenciosidade suggere as eroticas de Bocage, de Antonio Lobo de Carvalho, de Caetano José da Silva Sotto-Mayor e os *Burros* de José Agostinho; n'um periodo em que as letras só aspiram á protecção official e servem de empenho para os accrescentamentos pessoaes, o exemplo de Tolentino passa desapercebido como um producto natural das condições mesologicas.

José Anastacio da Cunha é um dos poetas da escola franceza que não figura nas arcadias. Como Filinto Elysio, foi accusado de se recrear com a leitura dos livros dos encyclopedistas, pelo que foi encer-

rado na congregação do Oratorio depois de perder todos os seus bens, mas ao cabo de tres annos de admoestação e penitencia foi removido para Evora e prohibido de voltar a Coimbra onde regera a cadeira de geometria depois da reforma de 1772. O seu collega da Universidade e fidagal inimigo José Monteiro da Rocha teve parte principal nas perseguições movidas contra o notavel sabio portuguez cujas obras poeticas o sr. Innocencio Francisco da Silva publicou em 1839. José Anastacio morreu em Lisboa ao termo de longas amarguras na edade de 43 annos e na maior penuria.

Attribuiram-lhe falsamente a satyra philosophica a *Voz da razão*, publicada pela primeira vez em Coimbra em 1822 pelo estudante de medicina Antonio Ferreira Borralho, do Fayal, com a falsa designação de ser impressa em Paris. Este folheto teve varias refutações: uma no periodico conimbricense *Archivos da religião christã* (1823), outra em 1824 por Francisco de Abrantes, lente de theologia (1824), e outra no mesmo anno em Lisboa pelo conego Manuel de Pina da Cunha.

As ferozes perseguições movidas pelo braço ecclesiastico e civil contra José Anastacio demonstram a hombridade do seu caracter e a tendencia das suas idéas liberaes. Como poeta presentiu o romantismo.

LYRICOS BRAZILEIROS

167. Alem de *José Basilio da Gama* e Fr. *José de Santa Rita Durão*, são notaveis os seguintes:

Claudio Manuel da Costa de Minas Geraes (1759 — 1789). Depois de formado em leis na universidade de Coimbra regressou ao Brazil, onde os seus talentos foram apreciados, mas implicado na conspiração de 1789 que rebentou nas Minas Geraes, foi encarcerado e reduzido ao extremo de procurar no suicidio o termo da sua desgraça. É um lyrico valente

que sabe traduzir nos moldes arcadicos a indignação, a colera e o patriotismo.

Thomaz Antonio Gonzaga do Rio de Janeiro (1744 — 1807). Formado em direito pela universidade de Coimbra e depois de exercer a magistratura em Portugal, regressou ao Brazil, onde serviu como ouvidor em Villa Rica e como desembargador na Bahia. Involvido na rebellião de Minas foi preso em 1789 e tres annos depois desterrado perpetuamente para Moçambique, onde morreu. Existe de Gonzaga uma collecção de lyricas que tem o titulo de *Marilia de Dirceu*, na qual se architectam frivolas imagens e cançados arrebiques de fórma, n'uma toada plangente, monotona e por vezes pueril. Entretanto a Marilia de Dirceu teve numerosas edições e foi pela facilidade da rima e pela suavidade madrigalesca dos quadros uma das obras mais lidas nos principios do seculo presente.

Ignacio José d'Alvarenga Peixoto (1746 — 1793). Tambem formado em direito e tambem allucinado pela emancipação proclamada em Minas, este poeta tem o destino infeliz dos seus companheiros, vae morrer ao desterro em Angola, deixondo esposa e filhos na miseria. Os seus versos não excedem a craveira dos soffriveis engenhos da Arcadia.

P.e Antonio Pereira de Sousa Caldas do Rio de Janeiro (1762 — 1814). Formou-se em direito na universidade de Coimbra, esteve preso no Santo Officio por suspeitas de heretico, e tendo viajado pela Europa foi estabelecer-se em Roma, onde se ordenou e compoz avultado numero de poesias sacras. Em 1807 já estava em Portugal e n'esse anno acompanhou a familia real para o Rio de Janeiro, onde falleceu sete annos depois. Sousa Caldas é o mais inspirado poeta que no seculo findo desferiu na lyra os louvores do christianismo. O rythmo amolda-se-lhe á idéa, opina o sr. C. Castello Branco, com uma flexibilidade que de certo não era imitada dos exemplares da Arcadia. Ali ha genio, ha elevação, ha betas de luz que relam-

pejam de espontaneidade inopinada, como a dos cantares dos prophetas. As *Odes* são irreprehensivelmente grandes da belleza eterna, do primor immutavel da arte, e intitulam-se: *Sobre a existencia de Deus — Sobre a virtude da religião christã — Sobre a necessidade da revelação.*

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga (1767—1812). Tambem frequentador de Coimbra, o mulato Manuel Ignacio regressando ao Brazil viu-se injustamente implicado na conjuração mineira, mas ao cabo de nove interrogatorios, nos quaes se evidenciou a sua innocencia, foi salvo por Antonio Diniz, apesar das satyras do poeta brazileiro contra os arcades de Lisboa. Deixou entre outras obras a *Glaura*, que é uma collecção de lyricas á maneira da Marilia de Dirceu.

POETAS DRAMATICOS

168. Ao lado de *Corrêa Garção* e *Reis Quita* figuram os seguintes:

Antonio José da Silva (1705 — 1739). Nasceu no Rio de Janeiro e veiu para o reino em tenra edade com a sua familia. A mãe vinha responder por judaizante, e o pae, João Mendes da Silva, estabeleceu-se como advogado em Lisboa. Quando Antonio José frequentava direito canonico em Coimbra, foi accusado á Inquisição e preso por judeu, mas sahindo absolvido poude concluir a formatura e voltar a Lisboa onde seguiu a profissão do pae. Simultaneamente dedicou-se aos trabalhos dramaticos e n'esse ramo litterario chegou a gosar da maxima celebridade. As suas comedias representadas no theatro do Bairro Alto e Mouraria eram conhecidas pelo nome popular de *Operas do judeu*, por serem intermeiadas de musica. As canções e motetos conhecidos do publico eram apropositadamente aproveitados nas farças em prosa e verso de Antonio José. O genero prestava-se á galhofa e á satyra, e o talento picaresco do hebreu converso

achava-se ali á vontade, fazendo explosir gargalhadas á custa de certas individualidades poderosas e das instituições. Foi isto que o perdeu, porque tornando a ser preso expirou n'um auto de fé a 19 de outubro de 1739. *O Amphitrião*, a *Vida de Esopo*, o *Labyrintho de Creta*, as *Guerras do alecrim e mangerona*, os *Encantos de Medêa* são penetrantes satyras a factos e personagens do tempo e abonam o espirito faceto e zombeteiro do famoso comico precocemente arrebatado ás ovações da plebe.

Manuel de Figueiredo de Lisboa (1725—1801), o Lycidas Cynthio da Arcadia. Foi official maior da secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra em cujo cargo se aposentou, e á custa de pacientissimo trabalho para vencer as reluctancias de um mediocre talento, conseguiu reunir abundantissimos materiaes, que são, no conceito de Garrett, *mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico. Algumas d'essas peças com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo, em estylo mais animado, fariam excellentes comedias.* Figueiredo teve a nobre pretensão de querer desterrar do theatro as imitações francezas e hespanholas, mas infelizmente o seu talento não conseguiu impôr-se á corrente. Além da sua tragedia *Ignez de Castro*, que está bem urdida, merecem citação como quadros de costumes as comedias:—*Apologia das damas*, o *Fatuosinho*, o *Acredor* e a *Escola da Mocidade*. As obras de Figueiredo, que são numerosas, foram impressas por seu irmão Francisco Coelho em 1820.

Nicolau Luiz não é um litterato, é o creador da farça de cordel. Em contacto permanente com actores e coisas de theatro, na sua qualidade de ensaiador do theatro do Bairro Alto, Nicolau Luiz accommoda á scena portugueza tudo quanto póde forragear no theatro francez, hespanhol e italiano; traduz, imita, refunde, altera, corta e reproduz quantas comedias estrangeiras suppõe que possam ser applaudidas no thea-

tro portuguez. Compoz uma *Ignez de Castro* que se tornou popularissima e arranjou centenas de comedias, das quaes se perderam bastantes. É Nicolau Luiz o poeta comico de maior fecundidade que se conhece no ultimo seculo.

A baixa comedia que elle tanto elevou, foi tambem sufficientemente explorada por Antonio Xavier Ferreira de Azevedo (1784—1814), auctor da farça o *Manuel Mendes* — por José Caetano de Figueiredo, o galhofeiro auctor da *Brites papagaia* — por Manuel Rodrigues da Maia, auctor dos engraçados entremezes *Gallego lorpa* e *Dr. Sovina*,— pelo Ricardo Jorge Fortuna e outros.

Ao mesmo tempo Manuel Caetano Pimenta, reagindo contra a escola franceza, faz representar as suas tragedias historicas *D Sebastião em Africa* e *D. José I;* Antonio Xavier faz da comedia uma satyra pessoal no *O mau amigo*, imita Kotsebue na *Sensibilidade no crime* e compõe as duas oratorias de Santo Antonio e S. Hermenegildo ; Joaquim José Sabino faz uma *Castro ;* Fernando José de Queiroz abalança-se ao drama de paixões violentas no *Annel de ferro*, e já durante as guerras civis de 28 Antonio Ricardo é applaudido na comedia *D. José II visitando os carceres da Allemanha*, e Luiz José Boyardo é festejado no theatro da Rua dos Condes pelo seu drama *O marquez de Pombal ou o terremoto de 1755.*

Eloquencia

169. A oratoria sagrada, que era a unica especie de eloquencia admissivel n'este periodo formalista, não foi honrada por nenhum competidor de Vieira, nem offerece caracteristicos differentes da predica dos seiscentistas : a mesma tumidez rhetorica e as mesmas allusões a factos politicos. Citam-se, porém, com elogio, além de *José Agostinho de Macedo*, os seguintes prégadores :

Raphael Bluteau de Londres (1638 — 1734). Chegou a Portugal na edade de trinta annos este clerigo regular theatino commissionado pelo Geral da sua ordem, que o enviava de Roma onde havia recebido o grau de doutor em theologia. A côrte portugueza recebeu-o magnificamente e dispensou-lhe toda a protecção, mas tendo-se involvido nas intrigas palacianas do tempo sahiu do reino para a França, regressando comtudo em 1704. Em breve, porém, se tornou suspeito de partidario da França, e por esse motivo o governo do paiz mandou-o recolher a Alcobaça onde se entregou aos trabalhos litterarios da sua predilecção. D. João V, que por muitos annos foi protector de Bluteau, mandou-lhe estampar as obras e nomeou-o membro da Academia Real de Historia. Bluteau prestou á litteratura portugueza o grande serviço de colligir o primeiro vocabulario da linguagem oral, vasta e informe collecção de termos que foi publicada em 1712 e ao depois reformada por Antonio de Moraes e Silva. A obra intitula-se *Vocabulario portuguez e latino* e foi principiada em 1668, anno em que o theatino chegou a Portugal. Este infatigavel trabalhador recitou e imprimiu grande numero de sermões e discursos academicos, escreveu as *Primicias evangelicas* e durante os 56 annos que viveu em Portugal adquiriu essa popularidade que ainda hoje lhe recorda o nome.

Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão, monge de S. Bento e arcebispo de Evora. Os seus sermões foram muito celebrados, nomeadamente o que recitou em Pombal nas exequias do celebre ministro de D. José.

Fr. Alexandre do Espirito Santo Palhares do concelho de Arcos de Val de Vez (1249 — 1811). Professou na ordem de S. Francisco e tornou-se notavel por suas virtudes e dotes oratorios. Os seus discursos publicados posthumos em dois volumes revelam um orador insinuante e conceituoso que sabia dar á predica uma feição grandiosa, grave e apostolica.

Fr. Patricio da Silva (1756—1850). Procedente de uma familia pobre das proximidades de Leiria, foi mandado pelos frades de S. Agostinho para Coimbra onde se doutorou, sendo eleito bispo de Castello Branco, ao depois arcebispo de Evora e por fim patriarcha de Lisboa; exerceu tambem os cargos de ministro da justiça e de vice-presidente da camara dos pares. As suas pastoraes e orações ainda hoje são apreciadas.

Antonio José da Rocha (1767 — 1831), frade de S. Domingos e lente de theologia na universidade de Coimbra. Correligionario de José Agostinho de Macedo, a sua affeição á politica de D. Miguel denuncia-se n'algumas passagens dos seus sermões, entretanto foi tido geralmente por homem eloquente.

Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, brazileiro (1778 — 1830). Era frade franciscano e prégador da real capella de D. João VI. Os seus melhores discursos são as orações funebres.

Historia

170. Os historiadores d'esta epoca pertencem á Academia Real da historia ou á Academia das sciencias. Dividimol-os, pois, em dois grupos.

ACADEMIA REAL DE HISTORIA

171. Na grande collecção dos documentos e memorias da Academia Real de Historia Portugueza, publicada de 1721 a 1736 pelo secretario Manuel Telles da Silva, marquez de Alegrete, encontram-se trabalhos de *Bluteau* e dos seguintes academicos:

Padre Manuel Caetano de Sousa de Lisboa (1658—1734). Foi este douto varão quem aconselhou a D. João V a fundação da Academia e n'ella mais se distinguiu por sua auctoridade e serviços. Foi clerigo regular da ordem de S. Caetano e por tres vezes eleito

prelado da congregação, cargo que preferia modestamente aos benesses e honras inherentes á mitra do Funchal que rejeitou.

Sebastião da Rocha Pita natural da Bahia (1660—1738). Em estylo inflado e turgido de epithetos escreveu este academico um livro curioso de apontamentos que vale por ser a primeira historia geral do Brazil, a *Historia da America portugueza* desde o anno de 1500 até ao de 1724.

Francisco Leitão Ferreira (1667 — 1735), um dos poetas da Phenix, o antiquario que escreveu as *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra* desde 1288 até 1537 (1729). É escriptor consciencioso e de boa critica.

José Soares da Silva de Lisboa (1672 — 1739), auctor das *Memorias para a historia de Portugal que comprehendem o governo d'el-rei D. João I*, do anno de 1383 até ao anno de 1433. O estylo empolado e improprio da gravidade historica prejudica-lhe o merecimento da narração.

D. Antonio Caetano de Sousa de Lisboa (1674 — 1759). Clerigo regular theatino (de S. Caetano), este academico é um dos mais laboriosos trabalhadores da Academia da historia. Deu um 4.º tomo ao *Agiologio lusitano* de Jorge Cardoso, escreveu algumas memorias ácerca das dioceses ultramarinas e compoz a circumstanciada obra *Historia genealogica da casa real portugueza* desde a sua origem até ao presente, com as familias illustres que procederam dos reis e dos serenissimos duques de Bragança (12 tomos); — as *Provas* da mesma historia tiradas dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da serenissima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros e outros particulares d'estes reinos (6 tomos), e o *Indice geral* em 1 tomo dedicado a D. João V.

Diogo Barbosa Machado de Lisboa (1682—1772), antigo abbade de S. Adrião de Sever (bispado do Porto). Recommenda-o á veneração o vasto repositorio de

noticias, de nomes e datas intitulado *Bibliotheca lusitana*, historica, critica e chronologica. Muitos dos factos colligidos por Barbosa foram aproveitados e outros rectificados por Innocencio da Silva no *Diccionario bibliographico*. Barbosa não foi um critico, mas nem por isso deixa de ser notavel o seu paciente trabalho de colleccionador na *Bibliotheca* e nas *Memorias para a historia de Portugal* que comprehendem o reinado d'el-rei D. Sebastião.

Seguiram-lhe o exemplo os irmãos — *Ignacio Barbosa*, auctor dos *Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania* (1745) e *D. José Barbosa Machado*, frade theatino, chronista da casa de Bragança, prégador insigne e organisador mediocre do *Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das rainhas de Portugal e seus filhos* (1727).

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

172. Pertencem á Academia Real das Sciencias de Lisboa os seguintes historiadores, ao mesmo tempo philologos e humanistas:

Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas (1744—1814), esclarecido arcebispo de Evora, escriptor polygrapho mui versado em linguas orientaes. O prelado eborense auxiliou o marquez de Pombal na reforma dos estudos fazendo parte da junta da providencia litteraria, introduziu na Ordem Terceira a que pertencia profundos melhoramentos nos methodos de ensino, colligiu volumes bibliographicos numerosos e de capital importancia, compoz varias memorias historicas relativas á sua ordem e ao reino e revelou o seu grande saber em historia ecclesiastica nos dois livros — *Os cuidados litterarios do prelado de Beja* e o compendio — *Memorias historicas do ministerio do pulpito*. Como prelado prestou relevantes serviços ao seu rebanho por occasião da entrada dos francezes em Evora commandados por Loison.

Antonio Ribeiro dos Santos de Massarellos (1745—1818). Este polygrapho, um dos mais doutos do seu tempo, doutor pela universidade de Coimbra, desembargador da Casa da supplicação e bibliothecario mór, escreveu nas Memorias da Academia curiosos estudos ácerca da litteratura sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da monarchia até aos fins do seculo XV, e duas memorias sobre a origem da typographia portugueza no seculo XV. Deixou muitos trabalhos de subido valor.

Antonio Caetano do Amaral de Lisboa (1747—1819). Tendo-se formado em canones, foi despachado conego de Evora e chegou a ser inquisidor mór da Inquisição de Lisboa. Apaixonado pelos trabalhos historicos, relatou a vida do veneravel arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão, e compoz a obra excellente — *Memorias sobre a fórma do governo e costumes dos povos que habitaram o terreno lusitano desde os primeiros tempos conhecidos até o estabelecimento da monarchia portugueza, e o que respeita á historia da legislação e costumes de Portugal*, obra que serviu de guia ao trabalho de Coelho da Rocha sobre o governo e legislação do reino.

João Pedro Ribeiro do Porto (1759—1839), doutor em canones e fundador da sciencia diplomatica em Portugal. Elle com Santa Rosa de Viterbo e Joaquim José Ferreira Gordo percorreram o paiz vasculhando os cartorios dos conventos e cabidos em busca de materiaes para a historia do reino. D'estas diligencias sahiram eruditas memorias que foram publicadas pela Academia e as *Dissertações chronologicas sobre a historia de Portugal* dadas a lume por João Pedro Ribeiro em 1810. No conceito do sr. C. Castello Branco, este erudito academico é o mestre da critica e o destrinçador que joeirou á luz da mais severa exegese os elementos apocryphos da historia, cortando radicalmente por crendices e abusões de chronistas monasticos e historiographos civis.

D. Francisco Alexandre Lobo bispo de Vizeu (1763 — 1844). Nasceu em Beja, professou na ordem de S. Bento de Aviz, foi lente de theologia na universidade de Coimbra e nas turbações politicas de 1828 a 1834 seguiu o partido de D. Miguel, sendo um dos seus ministros e conselheiros mais chegados. O bispo Lobo é o mais discreto e classico prosador dos principios d'este seculo: as suas biographias de Camões, de Vieira e de Fr. Luiz de Sousa tem critica, erudição e imparcialidade. As suas obras foram publicadas a expensas do seminario de Vizeu, e n'ellas vem comprehendida a memoria historica da campanha de 1810 e o resumo da historia do A. Testamento, ainda hoje texto de lições na universidade e n'alguns seminarios.

Fr. Francisco de S. Luiz ou *cardeal Saraiva* (1766 — 1845). Francisco Justiniano Saraiva nasceu em Ponte de Lima, professou na ordem de S. Bento em Tibães, doutorou-se em theologia em 1791, ensinou philosophia no collegio das artes de Coimbra, foi membro da Junta provisoria do Porto em 1820, bispo de Coimbra e reformador reitor, deputado, par do reino, ministro e cardeal patriarcha de Lisboa. São numerosas as suas obras historicas ácerca dos descobrimentos dos portuguezes, ácerca da antiga Lusitania e da lingua dos seus habitadores. Em philologia adoptou e defendeu a opinião de que o portuguez é um dialecto celta.

Fr. Fortunato de S. Boaventura, arcebispo de Evora (1778 — 1844). Defensor acerrimo da politica miguelista, este investigador conspurca a sua penna redigindo jornaes facciosos e intolerantes como os de José Agostinho, mas logo que se desvia da politica, a critica historica surge n'elle desanuviada, e a investigação indefessa a que se dedicou pacientemente resgata as faltas do pamphletario. São muito apreciadas as suas memorias sobre litteratura grega e hebraica e a *Collecção de ineditos portuguezes do seculo XIV e XV publicada em 1829.*

Manuel Antonio Coelho da Rocha (1803 — 1850). Este insigne professor da faculdade de direito da universidade de Coimbra, aproveitando-se dos trabalhos historicos de Antonio Caetano do Amaral e dos estudos diplomaticos e juridicos de outro academico egualmente insigne, José Anastacio de Figueiredo Ribeiro (1766 — 1805), compoz o erudito e copioso trabalho que se intitula — *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal*, para servir de introducção ao estudo do direito patrio, e *Instituições de direito civil portuguez* para uso dos seus discipulos. As obras de Coelho da Rocha, de Caetano do Amaral, de Santa Rosa de Viterbo, de José Anastacio, de João Pedro Ribeiro e de D. Antonio Caetano de Sousa, forneceram abundantes materiaes ao sr. Alexandre Herculano para a organisação dos quatro volumes (150 annos) da sua *Historia de Portugal*.

Novellistica

173. Como um fructo pecco da educação conventual, mas já caracterisada por tendencias praticas, a novella bucolica do seculo XVII transforma-se agora em romance de moralidade e conselho. Tal é o *Feliz independente do mundo e da fortuna* pelo congregado Theodoro d'Almeida, um dos fundadores da Academia real das sciencias. O romance foi traduzido em hespanhol e em francez e teve extraordinaria voga entre nós, como se prova pelas muitas edições que d'elle fizeram os editores, sendo a 1.ª em 1779 em 3 volumes. O *Feliz independente* filia-se na corrente litteraria que produziu a *Historia do predestinado* pelo padre Alexandre de Gusmão e outras moralidades que pintam a lucta entre a virtude e o vicio, terminando pela victoria d'aquella sobre este.

Nota. Antes do padre Theodoro escreveram no mesmo seculo os seguintes romancistas :

Fr. Lucas de Santa Catharina, que em 1704 publicou duas

novellas pastoraes com o titulo de *Serão politico, abuso emendado.*

D. Thereza Margarida da Silva e Horta, que em 1750 deu a lume as *Aventuras de Diofanes imitando o sapientissimo Fenelon na sua viagem de Telemaco.*

Ao mesmo tempo a curiosidade popular sacia-se relendo os contos antigos que os arranjadores publicam em folhas volantes e que entram em Portugal por via de Hespanha. Formam essas narrativas, que são a ultima degeneração de uma elaboração cyclica hoje sem interesse, a parte mais importante da litteratura de cordel ou *pliego suelto.* Taes são o *Roberto do Diabo,* traducção de uma folha hespanhola do seculo XVI, a *Formosa Magalona* do mesmo seculo e procedencia, o *Carlos Magno,* ultima forma popular das antigas gestas francezas, as *Sete partidas de D. Pedro* e outras narrativas de egual jaez com as quaes as classes baixas da sociedade portugueza ainda hoje se recreiam.

Philosophia

174. A philosophia de Aristoteles, que teve por baluarte o collegio conimbricense e cujos campeões foram os jesuitas, principia a ruir n'este seculo e recebe o golpe de misericordia com a extincção da Companhia de Jesus. As novas idéas, principalmente as sensualistas, invadem as escolas do reino, a lingua portugueza é preferida á latina para as exposições philosophicas, e a escolastica defendida ainda vigorosamente por Gregorio Barreto no principio do seculo, já não póde resistir no final d'elle ás vigorosas investidas da philosophia experimental de João de Castro, Verney, Soares Barbosa, Theodoro d'Almeida e Silvestre Pinheiro Ferreira. Essa grandiosa lucta entre o passado e o futuro da sciencia portugueza, da qual sahiu a victoria da philosophia moderna e o desbarato de uma tradição que encheu toda a edade media e exercitou os mais claros espiritos portuguezes, é o facto scientifico de maior alcance que presenceou o seculo passado.

N'essa renhida lucta empenharam-se os seguintes philosophos:

Padre Antonio Barreto de Castanhede, fallecido no

collegio de Evora em 1727. Fez um resumo das doutrinas de Pedro da Fonseca e dos outros commentadores aristotelicos de Coimbra com o nome de *Nova logica*. Esta obra é conhecida pelo titulo de Logica Barreta e serviu por muitos annos de texto nas escolas. Barreto póde dizer-se que foi o ultimo representante da escolastica portugueza.

Manuel d'Azevedo Fortes de Lisboa (1660 — 1748). Escreveu em portuguez a sua *Logica racional geometrica e analytica* para combater a velha philosophia das escolas, mas não chegou a decidir-se nem por Aristoteles nem por Platão. E' ecletico.

Jacob de Castro Sarmento, medico pela universidade de Coimbra (1717) e mestre em artes pela de Evora, traduziu as obras de Bacon, cujas ideas defende.

Padre Ignacio Monteiro de Lamas (Vizeu), professo na Companhia em 1739. Escreveu a obra *Philosophia livre ou ecletica* e n'ella se mostra conhecedor dos philosophos modernos, cujas opiniões abraça.

João de Castro, que pertenceu á congregação do Oratorio desde 1724 e n'ella professou a philosophia sendo reputado como o primeiro representante entre nós da philosophia moderna. Este sapientissimo congregado escreveu a obra *Philosophia aristotelica restituta e illustrada* com o fim que declara: «Portanto julguei que tinha de me empenhar em adornar a antiga philosophia de Aristoteles com novos raciocinios e experiencias.» Apreciando este escriptor escreve o auctor da Historia da philosophia em Portugal: «João de Castro deu um grande passo para se admittir nas nossas escolas a Philosophia moderna. Diminuiu, tirou mesmo o prestigio á Philosophia subtil e esteril das escolas, reconhecendo a necessidade da sua reforma e abrindo o caminho para novos commettimentos. Foi o primeiro escriptor que publicamente ensinou entre nós por um systema que não era o das nossas escolas e o consagrado pelos jesuitas.»

Luiz Antonio Verney de Lisboa (1713 — 1792). Foi graduado em theologia e mestre em artes pela universidade de Evora, doutorado em theologia e direito civil pela universidade de Roma, arcediago da Sé eborense, socio da Academia real das sciencias e da Academia romana. Sahiu do reino para a Italia em 1736 e ahi permaneceu até á morte, servindo por algum tempo o cargo de secretario da legação portugueza junto da curia de Roma. Escreveu muitas obras philosophicas, todas em latim, sendo considerado n'este particular como fervoroso propagandista da philosophia moderna, e escreveu em portuguez o *Verdadeiro methodo de estudar* para ser util á republica e á egreja proporcionado ao estylo e necessidades de Portugal. Esta obra que foi impressa em Valença (1746) sob o pseudonimo de R. P. Barbadinho, deu motivo a ruidosa discussão sustentada com ruim exito pelos sectarios dos methodos jesuiticos e lançou as bases da reforma do ensino das sciencias e humanidades, que principiou nas instrucções regias de 1759 e foi concluida na legislação posterior do marquez de Pombal. Escriptor audaciosamente revolucionario e erudito, Verney é reputado por Fr. Fortunato de S. Boaventura como o maior sabio portuguez no seculo XVIII.

Theodoro d'Almeida de Lisboa (1722 — 1804), foi o mais insigne discipulo do congregado João de Castro. Tendo vivido em França desde 1768 até 1778, onde ensinou particularmente physica e mathematica, primeiro em Bayona e depois em Aueb, e repatriando depois da queda do marquez de Pombal, Theodoro d'Almeida teve ensejo de aprofundar as questões philosophicas que agitavam a Europa, e tendo-se prevenido contra o sensualismo tentou libertar-se de systemas e dar á sciencia uma direcção de independencia, tornando-a pratica e accessivel. N'este intuito escreveu numerosissimas obras: cartas espirituaes, praticas, sermões, o romance o *Feliz independente do mundo e da Fortuna*, etc. Mas a obra que lhe grangeou o

nome de philosopho notavel é a *Recreação philosophica*, ou dialogo sobre philosophia natural para instrucção de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas (obra em 10 tomos que sahiram á luz publica desde 1751 até 1799).

Antonio Soares Barbosa de Ancião (1734 — 1801). Escreveu duas obras philosophicas — *Discurso sobre o bom e verdadeiro gosto da Philosophia* e o *Tratado elementar de Philosophia moral*. Philosopho moderno e como tal conhecedor da evolução por que estava passando a sciencia, collocou-se abertamente na vanguarda dos innovadores e na segunda das duas obras que escreveu sobrelevou a todos os que antes d'elle trataram a materia.

Silvestre Pinheiro Ferreira de Lisboa (1769—1846), professor da cadeira de philosophia racional e moral em Coimbra. Teve de sahir do reino para evitar a perseguição de inimigos e viajou por Inglaterra, França e Allemanha até que voltando ao paiz e involvendo-se na politica chegou a ser ministro de D. João VI depois de 1821, sendo por varias vezes eleito deputado ás côrtes. Compoz varias obras philosophicas que lhe deram nome, mas onde mais sobresae é nos seus profundos trabalhos de direito publico e direito das gentes. E' principalmente como publicista que Silvestre Pinheiro occupa logar eminente entre os escriptores do seu tempo.

Philologia

175. O grande numero de trabalhos philologicos publicados entre nós e o facto de se ordenar officialmente em 1770 que os alumnos fossem instruidos durante seis mezes nos principios da lingua portugueza pela grammatica de Lobato, demonstram o vivo interesse que despertára o estudo da lingua materna. Para a reformar se crearam academias e se propozeram alvitres. A propria Academia real das sciencias

sentiu essa necessidade encarregando alguns dos seus membros da organisação de um diccionario portuguez. Da Academia real de historia sahira annos antes o vocabulario de Bluteau.

Mas como se esperava tudo da protecção real e se imaginava que a lingua podia ser reformada pela auctoridade dos eruditos, porque não se sabia que a linguagem é um phenomeno espontaneo e inconsciente que só obedece ás leis da evolução, a reforma não se fez porque não podia fazer-se e a philologia limitou a sua acção a bem pouco: a colligir vocabulos e phrases, a determinar a categoria e o valor dos classicos e a exalçar emfathicamente os predicados da lingua, como tinham já feito os humanistas do seculo anterior.

Comtudo são credores de estima os escriptores que desprovidos da moderna orientação linguistica então desconhecida, reuniram opulentos materiaes para o estudo do idioma portuguez e fizeram o inventario da nossa riqueza dialectal. Taes são, alem de Bluteau:

Antonio de Mello da Fonseca (pseudonimo de José de Macedo) que publicou em Amsterdam em 1710 o seu *Antidoto da lingua portugueza* no qual insinua a D. João V a reforma official da lingua. José de Macedo propõe desinencias para a formação da voz passiva dos verbos portuguezes, e quer que as fórmas em *ão*, como *escravidão* e *solidão*, terminem á maneira latina em *ude*, devendo dizer-se *escravitude* e *solitude*.

Manuel José de Paiva usando do pseudonimo de Silvestre Silverio da Silveira e Silva publicou em 1759 a obra intitulada *Enfermidades da lingua e arte em que ensina a emudecer para a melhorar*. N'este livro que é repartido em capitulos ou visitas, e segundo a opinião de um critico nosso é uma grammatica moralisada porque não passa de uma allegoria moral sobre elementos philologicos, vem um catalogo alphabetico das palavras de giria usadas no seculo XVIII.

Francisco José Freire, o Candido Lusitano (1719 — 1773), é um dos oratorianos que proclamam a revolta contra os methodos jesuiticos. São numerosos os seus versos latinos e portuguezes; traduziu muitas tragedias antigas e poesias dos gregos e dos romanos, e foi elle o primeiro que escreveu em portuguez uma *Arte poetica* (1748). Trabalhou muito pelo aperfeiçoamento da lingua e n'esse proposito compoz as *Reflexões sobre a lingua portugueza* publicadas em 2.ª edição no anno de 1863 pela Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis. N'esta edição encontra-se o catalogo de todas as obras impressas e ineditas d'este philologo que discretêa sobre a auctoridade dos classicos e divaga sobre archaismos e neologismos.

Antonio José dos Reis Lobato, é auctor de uma *Arte da grammatica da lingua portugueza* (1770) que por muitos annos serviu de texto nas escolas. O livro de Lobato é uma repetição das doutrinas grammaticaes seguidas até então.

E. R. J. L. E. L. são as iniciaes do auctor dos *Adagios, Proverbios, Rifões e Anexins da lingua portugueza*, tirados dos melhores auctores nacionaes e recopilados por ordem alphabetica (1780). E' uma collecção curiosa que denuncia paciente trabalho de investigação.

Antonio Pereira de Figueiredo (1725 — 1797), foi o primeiro latinista do seu tempo, auctor da *Tentativa theologica* e traductor insigne da *Vulgata*. Nas suas obras sobre grammatica e rhetorica, influenciadas pelo Verdadeiro methodo de estudar, estão numerosos protestos contra os methodos usados nos collegios jesuiticos e fecundos mananciaes para o estudo racional da lingua portugueza. Pereira de Figueiredo é o auctor do *Novo methodo da lingua latina e portugueza* que substituiu a grammatica do padre Manuel Alvares.

Pertencem ao mesmo auctor as seguintes publicações philologicas: *Espirito da lingua portugueza ex-*

trahido das Decadas do insigne escriptor João de Barros e a Dissertação academica escripta e recitada no anno de 1781 para demonstrar que João de Barros é o auctor em que mais reluz a eloquencia da lingua portugueza. N'esse intuito analysa philologicamente a linguagem do grande historiador quinhentista, citando exemplos de palavras proprias, da felicidade e belleza das metaphoras.

Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744 — 1822). É d'este incansavel investigador de antiguidades o *Elucidario* das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram (1798 — 1799).

Francisco Dias Gomes (1745 — 1795), é tido pelo melhor critico do seculo findo. A sua principal obra é a *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões* (segundo o espirito do sabio programma da Academia real das sciencias publicado a 17 de janeiro de 1790). Esta memoria foi coroada pela Academia em maio de 1792.

Antonio das Neves Pereira escreveu o *Ensaio sobre a philologia portugueza por meio do exame e comparação da locução e estylo dos nossos mais insignes poetas que floresceram no seculo XVI.* Esta memoria foi premiada pela Academia das sciencias em 12 de maio de 1792. E' do mesmo auctor o *Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores dos seculos XV e XVI, e deixaram esquecer os que depois se seguiram até ao presente.*

Jeronymo Soares Barbosa. E' dos estudos philologicos do seculo passado e da influencia da philosophia de Condillac que sae a *Grammatica philosophica* de Soares Barbosa, ainda hoje seguida em muitas das escolas portuguezas.

Academia real das sciencias de Lisboa. O primeiro e unico volume do *Diccionario da lingua Portugueza*

organisado por iniciativa da Academia sahiu em 1782. Comprehende apenas a letra A e deve-se ao professor de rhetorica em Lisboa, Pedro José da Fonseca, eleito director d'este trabalho a 28 de junho de 1780, o qual agregou a si os academicos Agostinho José da Costa de Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge. Todos tres se inutilisaram n'este arduo trabalho.

SEXTO PERIODO

ESCOLA ROMANTICA

(SECULO XIX)

Caracter do periodo romantico

176. O predominio da litteratura greco-latina iniciado nos fins do seculo XV e definitivamente estabelecido no seculo immediato pela auctoridade dos quinhentistas, substituiu em Portugal, como em Hespanha, na Allemanha e na Inglaterra, as tradições locaes, os metros e as fórmas litterarias, pelas crenças mythologicas, formulas antigas e metros italianos, radicando nos costumes esse esteril e extemporaneo paganismo que enche o largo periodo que decorre de Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Camões até Castilho, Garrett e Herculano.

Mas a absurda adaptação do ideal polytheista á sociedade catholica portugueza, a intolerancia dos indices expurgatorios que anularam a liberdade de pensamento pela prohibição dos livros, a suppressão da liberdade politica pela centralisação cesarista, a estreiteza dos methodos jesuiticos que esgotavam as faculdades intellectuaes no exercicio de subtilezas escolasticas e polemicas estereis, a imitação servil de modelos estrangeiros antepondo-se á nossa iniciativa e ás nossas tradições — se por um lado foram as principaes causas do nosso atrazo intellectual desde a epoca da

Renascença até ao segundo quarto do seculo actual em que apparece o romantismo, por outro lado reagiram sobre a consciencia publica levando-a a acceitar o protesto das novas ideas contra as antigas.

A adopção da nova escola coincide, pois, com o estabelecimento do governo representativo, porque a aspiração da liberdade foi predicado commum á politica e ás letras. E não admira este phenomeno; a revolução franceza tinha preparado em toda a Europa o caminho das ideas liberaes, e a litteratura apoderando-se d'ellas entrava na corrente geral da civilisação reagindo contra o auctoritarismo classico, que era uma tyrannia tão funesta como o absolutismo cesareo.

Satellite da França desde o seculo XVII, não é de estranhar que Portugal acceitasse sem repugnancia, de envolta com os principios da liberdade politica, as noções da emancipação litteraria n'um seculo de renovação social, se notarmos que o melhor do theatro francez estava traduzido em linguagem portugueza, que as obras philosophicas dos encyclopedistas eram avidamente procuradas pelos nossos escriptores, que a lingua franceza invadia a pureza do nosso idioma, e que tempos antes do estabelecimento do regimen liberal os nossos poetas, como Filinto Elysio, Herculano e Garrett, imitavam e traduziam Chateaubriand, Lamartine e o allemão Schiller.

Entretanto a implantação definitiva da escola romantica em Portugal deve-se aos esforços de Garrett, Herculano e Castilho, tres poetas liberaes que metteram hombros á restauração da arte pelo elemento da tradição nacional.

O primeiro restabelece o theatro portuguez fundado por Gil Vicente e imprime á poesia lyrica o cunho da graça espontanea e da originalidade; o segundo lança os fundamentos da historia, transplanta o romance historico e cultiva na sua mocidade a poesia subjectiva e patriotica, dando á lingua um tom severo e lapidar; o terceiro versa todos os generos lyricos

com rara habilidade metrica e linguistica, consagra fervoroso culto á fórma e traduz livremente em paraphrases encantadoras grande numero de obras primas estrangeiras.

Cada um por differente modo concorreu para a fixação da nova escola que teve por apostolos: Goethe e Schiller no Allemanha; Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo na França; Byron, Thomaz Moore e Walter Scott na Inglaterra; Martinez de la Rosa, Espronceda, o duque de Rivas e Quintana em Hespanha; Hugo Foscolo, Silvio Pelico e Manzoni na Italia.

Estes escriptores, que são os mais graduados representantes da evolução romantica, combatem pelos fóros da liberdade da arte contra os artificios convencionaes dos classicos, pela verdade do sentimento humano contra a natureza artificial creada pelos rhetoricos greco-latinos, e pela preponderancia das tradições da edade media sobre as tradições e crenças antigas, que eram nos dominios da arte o apanagio de uma civilisação já finda e de um ideal decrepito.

É porisso que a evolução se operou nas fórmas e nas ideas, nos processos e nos assumptos, e surgiu como um protesto violento e demolidor. Um escriptor romantico expõe do seguinte modo as feições da nova escola: reação espiritualista e christã contra a philosophia materialista do seculo passado, as tradições nacionaes e a historia da edade media consideradas como fonte de inspiração e de poesia, de preferencia á historia antiga, insurreição contra o dogmatismo da litteratura classica, alliança da liberdade com a crença religiosa.

Não obstante, a escola romantica que conta na phalange dos seus adeptos as mais gloriosas celebridades do seculo presente, que realisou na arte um progresso notavel e tentou matar a litteratura convencional, cahiu em grandes defeitos: — exagerou as paixões humanas, corrompeu os costumes pelo sentimentalismo, deliciou-se na descripção de scenas excepcionaes e in-

verosimeis, e fugindo da natureza e das fontes naturaes da inspiração descahiu no convencionalismo, que era o defeito capital da escola classica decadente.

D'aqui proveio a necessidade de um correctivo que amputando as exagerações romanticas chamasse a attenção dos artistas para o exame do mundo real, physico e psychologico. Esta nova evolução artistica denomina-se *realismo* e propõe-se restaurar a arte, não pelo elemento tradicional como o romantismo, mas pela analyse dos phenomenos sociaes, pela indagação das causas e dos effeitos, pela melhor comprehensão da vida, pelo estudo dos temperamentos, do meio social, da educação, das leis biologicas e sociologicas.

Tal é a ultima tendencia que na litteratura portugueza apparece como um protesto contra o romantismo.

Synchronismo

177. Dois effeitos, como dissemos, produziu o romantismo: acabou com o predominio das poeticas de Aristoteles, Horacio e Boileau, libertando o pensamento artistico das peas convencionaes da fórma antiga, e dando de mão aos assumptos mythologicos approximou a poesia das suas origens populares, mostrando d'este modo que a invasão classica de tres seculos não fôra capaz de obliterar a solidariedade que prende a civilisação moderna ao berço onde nasceu. Estes resultados que primeiramente appareceram na Allemanha, encontram-se em todos os povos europeus, influenciados pelo movimento de renovação iniciado n'além Rheno.

Nota. — Prospecto geral do movimento romantico europeu.

ALLEMANHA

Quando a litteratura allemã — observa Cantu — se associou á luta nacional contra o estrangeiro, não encontrando nada

nos tempos modernos para despertar o enthusiasmo, recorreu á edade media. Effectivamente, foi em presença do perigo que a Allemanha reconheceu a sua vitalidade tradicional, assim como foram os trabalhos da critica, da philologia e da historia que patentearam ás artes da palavra o veio fecundo das riquezas poeticas que andavam na tradição. A sciencia e a arte dão-se os mãos nos fins do seculo passado e principios do actual para levarem a cabo a obra da ressurreição intellectual da Allemanha.

Foi d'essa vasta elaboração scientifica sobre os materiaes antigos que sahiram os poetas transrhenanos do romantismo, á frente dos quaes estão Goethe, Schiller e Tieck.

Goethe de Francfort (1749—1835), escriptor de extraordinario talento e profundo senso artistico percebeu que a poesia é alguma cousa mais que a versificação. Guiado por este criterio escreveu o romance sentimental *Werther*, que deu origem ao genero francez da novella *larmoyante*, algumas balladas, poesias ligeiras e tragedias, e finalmente o *Fausto* que é a sua maior gloria. Este drama é uma concepção allegorica, como os antigos mysterios, fundada na crença medieval do poder diabolico em virtude do qual Mephistofeles dá ao dr. Fausto a troco da alma a sciencia, a juventude e o amor.

Schiller de Morbach (1759—1805), amigo de Goethe, é o fundador do theatro allemão moderno. As melhores composições d'este poeta e sabio professor de historia em Iena, são as tragedias historicas *Os salteadores*, *D. Carlos* e sobre todas o *Guilherme Tell*.

Luiz Tieck de Berlim (1773—1853), auctor de grande numero de novellas, poesias, dramas é um dos mais auctorisados chefes do romantismo allemão. Entre as suas novellas tem para nós importancia local a que se intitula *Morte de um poeta*, cujo heroe é Camões.

Seguem a escola fundada por estes tres chefes os seguintes lyricos :

Hoffmann de Fallersleban collecionador da poesia popular allemã, o poeta das classes humildes, dos soldados e aldeões, cujos interesses lhe inspiraram os volumes de versos que publicou desde 1826 a 1851.

Arnd (1769—1869), conhecido pelos seus *Cantos de guerra*.

Uhland (1787—1862), auctor dos *Antigos cantos populares no alto e baixo allemão* (1844—1845) é notavel por suas balladas e romances patrioticos.

Barão de Zedlitz (1789—1869), o poeta popular da *Revista nocturna* e dos cantos guerreiros.

Frederico Ruckert (1789—1866), colleccionador de cantos persas, indios e arabes, que publicou em 1822 sob o titulo de *Rosas orientaes*, é tambem conhecido pelos seus sonetos patrioticos intitulados *Sonetos couraçados*.

Henri Heine (1799—1856), o glorioso chefe da escola humoristica allemã, auctor do *Livro dos cantares* e do *Intermezo*.

INGLATERRA

O romantismo inglez está representado superiormente na individualidade poetica de Byron e nos romances historicos de Walter-Scott, comtudo outros nomes gloriosos representam papel importante n'este movimento, taes são Thomaz Moore e Tennyson na poesia, Bulwer, Thackeray e Dickens no romance, e Macaulay e Carlyle na historia.

Thomaz Moore (1779—1852), auctor das *Melodias irlandezas* (collecção de canções) e do romance *Lalla-Roockh*, é poeta notavel pela inspiração e delicadeza dos seus cantos.

Lord Byron (1788—1824), o mais assombroso e indisciplinado poeta que produziu a patria de Shakespeare. Da critica desfavoravel que fizeram ao seu primeiro livro de versos vingou-se cruelmente na satyra aos criticos escossezes, levando adiante de si grandes e pequenos idolos consagrados e calcando aos pés o convencionalismo litterario do seu tempo. As viagens que fez aos paizes meridionaes até ir morrer na Grecia combatendo pela liberdade d'aquelle paiz, as aventuras da sua vida romanesca, o seu caracter altivo e rebelde inspiraram esses poemas ardentes — o *D. João*, o *Child Harold*, *Parisina* e *Maseppa*, que separam a sua obra de tudo quanto na Inglaterra se escrevera antes d'elle.

Henrique Longfellow de Portland (1807—1882), escreveu na lingua ingleza as suas obras e realisou na America do norte a revolução romantica produzida pelos bardos inglezes na Inglaterra. Fez algumas viagens na Europa, percorrendo a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Italia e a Hespanha. Para comprehender as poesias do provençal Jasmim esteve na Provença, e demorou-se algum tempo em Hespanha onde emprehendeu a traducção das *Coplas de Jorge Manrique*, que publicou precedendo-as de um esboço da poesia hespanhola (1833). Este poeta merece a nossa estima porque á semilhança do seu compatriota Tiknor divulgou nos Estados Unidos as riquezas intellectuaes da Peninsula. As suas melhores obras são — *Vozes da noite* (collecção de lyricas), o poema *Evangelina* e o *Hiawatha* em versos dos antigos menestreis anglo-saxonios.

Tennyson (1809—1892), é conhecido pelos seus poemas descriptivos e especialmente pelas suas elegias que intitulou *In memoriam*. Era o poeta laureado da côrte ingleza.

A novella historica foi creada por :

Walter Scott de Edimburgo (1771—1832), auctor do *Ivanhoé* e de muitos romances baseados nas tradições escossezas. Foi

este romancista o modelo seguido por A. Herculano nos seus ensaios de romance historico.

Romancistas de costumes antigos e contemporaneos :

Bulwer Litton (1805—1872), auctor do *Rienzi* e dos *Ultimos dias de Pompêa.*

Thacheray de Calcuttá (1811—1863), o fino moralista que escreveu o romance *Feira das vaidades.*

Charles Dickens (1812—1870), o paisagista delicado e commovente cujo espirito se comprazia em scenas vulgares da actualidade ; foi este o modelo do romancista portuguez Gomes Coelho.

Introduziram a philosophia da historia na Inglaterra :

Thomaz Carlyle (1795—1881), auctor de uma *Historia da revolução franceza.*

Macaulay (1800—1853), auctor da *Historia da Inglaterra desde a subida ao throno de Jacques II.* Alexandre Herculano seguiu na composição da historia de Portugal os processos d'este escriptor.

FRANÇA

O espirito critico do seculo de Voltaire é que aplanou em França o caminho para o romantismo depois da revolução de 1789. O romantismo francez reveste n'alguns escriptores o caracter religioso como em Chateaubriand e Lamartine, n'outros a feição liberal como em André Chenier e Casimire Delavigne, e n'outros ora o cunho popular como em Beranger, ora a tendencia humanitaria como em Victor Hugo.

São geralmente reconhecidos como chefes do romantismo :

André Chenier (1762—1794), auctor das celebres satyras politicas os *Jambos*, cujas idéas lhe prepararam a ruina e a morte.

Madame Stael (1766—1817), que no seu livro sobre a Allemanha deu a conhecer á França o movimento da litteratura d'alem Rheno, e pelas suas criticas e romances fixou as novas formulas da arte.

Chateaubriand (1768—1848), que fundiu os principios liberaes com o christianismo nos seus romances *René*, *Atala*, *Natchez*, *Martyres* (traduzidos por Filinto) e especialmente no *Genio do Christianismo* (traduzido em portuguez por Castilho e depois por Camillo Castello Branco).

Beranger (1780—1857), o lyrico francez que melhor comprehendeu e imitou as canções populares.

Lamartine (1790—1869), poeta sentimental, romancista, notavel orador parlamentar e auctor da *Historia dos Girondinos.*

Delavigne (1793—1843), dramaturgo e poeta patriotico.

Alfredo de Vigny (1799—1863), o lyrico *dos Poemas antigos e modernos*, auctor do bello drama *Chaterton.*

Victor Hugo (1802—1885), que no prologo do drama *Cromwel* estabeleceu as doutrinas do novo ideal que exemplificou depois nos dramas *Hernani*, *Le Roi s'amuse*, *Lucrecia Borgia*, *Ruy Blas*, etc., nos romances *Notre Dome de Paris*, *Os miseraveis*, *Os homens do mar*, *O homem que ri* e *O noventa e tres*, e nas collecções poeticas *Vozes interiores*, *Folhas do outomno*, *Contemplações*, *Orientaes* e *Lenda dos seculos*. Victor Hugo é o mais notavel poeta ds seculo XIX. A sua influencia litteraria estendeu-se a todos os paizes cultos.

Alexandre Dumas pae (1803 - 1870), o romancista dos *Tres mosqueteiros*, do *Visconde de Bragellone* e do *Conde de Monte Christo*.

Eugenio Sue (1804—1859), o auctor do *Judeu errante*, dos *Mysterios do povo* e de tantos outros romances de enredo.

Ao lado d'estes iniciam a escola realista *Balzac* (1799—1850) e *Flaubert* seguido de perto por Zola, Cherbuliez, Droz, Daudet, Catulle Mendés, Richepin e outros.

Primam na oratoria : o parlamentar *Benjamin Constant* (1767—1830), o advogado *Berryer* (1790—1868), o academico *Villemain* (1790—1867), o prégador *Lacordaire* (1802—1861) e o tribuno *Leon Gambeta* (1832—1883).

Florescem na historia *Guizot* (1787—1874), *Thierry* (1788—1856), *Michelet* (1798—1874) *Thiers* (1797—1877).

Ernesto Renan da Bretanha (1823—1892), o grande critico e historiador das *origens do Christianismo*.

Sobresaem na philosophia *Collard* (1763—1845), *Lamennais* (1782—1854) *Victor Cousin* (1792—1867), *Augusto Comte* (1795—1857) e o grande philologo *Littré*.

ITALIA

Depois de *Vicente Monti*, que no seculo passado exerceu a suprema auctoridade no Parnaso italiano e por ventura foi o ultimo da serie dos poetas classicos de Italia, o romantismo personifica-se em Ugo Foscolo, Alexandre Manzoni, Silvio Pellico e Giacomo Leopardi, contemporaneos dos historiadores *Botta* (1766—1837) *Cesare Balbo* (1789—1853), *Cesare Cantu* (1807— ...), e dos philosophos *Rosmini* (1797—1855) e *Gioberti* (1801—1852).

Ugo Foscolo (1776—1827), poeta, dramaturgo e romancista, auctor do celebre poema *Canto dos tumulos* (1808) e do romance o *Proscripto*, é notavel pela melancholia da sua musa.

Manzoni de Milão (1784—1873), notavel pelos *Hymnos sagrados* que publicou em 1810, pelas tragedias que escreveu com o intento de sobrepujar Foscolo e Pellico, das quaes a mais célebre é o *Conde de Carmagnola* (1820), é mais conhecido

ainda pelo romance historico *Os noivos* (I promissi sposi) que publicou em 1827.

Silvio Pelico (1789—1854), discipulo de Alfieri, é conhecido pela narrativa *Le mie prigione* na qual expõe o que soffreu nos carceres de Veneza e de Austria por causa de crimes politicos que lhe attribuiram.

Leopardi (1798—1837), auctor de notabilissimas canções moraes e elegiacas.

HESPANHA

A reacção contra o auctoritarismo da escola franceza suscitada e sustentada por Garcia de la Huerta, Alberto Lista, Jovellanos e Ramon de la Cruz produziu os seus naturaes effeitos approximando a poesia das origens tradicionaes e interessando-a no movimento revolucionario. Traduzem esta phase os seguintes poetas :

D. Manuel José Quintana, (1772—1857), auctor de vehementes odes patrioticas.

D. João Nicasio Gallego (1777—1853), cujas lyricas se recommendam pela elevação e naturalidade dos pensamentos.

D. Francisco Martinez de la Rosa (1789—1862), auctor de muitas poesias lyricas e do drama patriotico *Viuva de Padilha.*

Duque de Rivas (1791—1865), insigne poeta e romancista.

D. Antonio Gil y Zarate (1793—1861), fecundissimo dramaturgo

D. Manuel Breton de los Herreros (1800—1873), dramaturgo muito considerado.

D. Marianno José de Larra (1809 — 1837), critico, poeta, dramaturgo e novellista, prematuramente arrebatado pelo suicidio ás glorias do seu formoso talento critico.

D. José d'Espronceda (1810—1842), discipulo de Byron e auctor dos extraordinarios poemas *Diablo Mundo* e o *Estudante de Salamanca.*

D. Antonio Garcia Gutierres (1812—1884), o inspirado poeta do celebre drama o *Trovador.*

Hartzembusch, critico, dramaturgo, auctor do drama *Os amantes de Teruel.*

São d'este tempo os dois historiadores *Conde de Tereno* (1786—1843) e *D. José Amador de los Rios* (1818—1878), auctor da *Historia critica da litteratura hespanhola*, e o philosopho *Balmes* (1810—1848).

Poesia

178. *João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett*, agraciado com o titulo de visconde por decreto de 25 de junho de 1851, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1799 e falleceu em Lisboa com 55 annos a 10 de dezembro de 1854.

Seu tio, o bispo D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, educou-o nas lettras classicas, chamando-lhe desde logo a attenção para as bellezas da antiguidade e estimulando-lhe a curiosidade e o gosto pela interpretação dos exemplares gregos e latinos. D'esta primeira educação se resentiu durante toda a sua vida litteraria o correcto e delicado poeta, a quem eram por egual familiares tanto os modernos como os antigos escriptores.

Aos quinze annos matriculou-se na universidade de Coimbra e ahi se formou em direito, revelando durante a formatura essas qualidades poeticas que devidamente norteadas lhe conferiram mais tarde a supremacia de chefe de escola.

São d'esta epoca muitos dos versos que publicou em 1829 em Londres sob o titulo de *Lyrica de João Minimo* (poesias da sua primeira edade até 1826), o *Retrato de Venus* (poema narrativo em verso solto rescendendo á antiguidade classica, composto desde 1815 a 1816, mas só impresso em 1821) e as tragedias ao gosto italiano e francez, como se usava na Arcadia, *Xerxes*, *Lucrecia*, *Catão* e *Merope*, sendo estas ultimas representadas por estudantes e aproveitadas pelo auctor, pois que a tragedia *Catão* foi pela primeira vez publicada em Lisboa em 1822 e reimpressa em Londres em 1830, a *Merope* sahiu com o drama *Um auto de Gil Vicente* no anno de 1841. Pertencem egualmente aos tempos de Coimbra os *Versos ao corpo academico* (1821) que são a primeira poesia publicada por Garrett e foram insertos

na *Collecção das poesias recitadas na sala dos actos grandes da Universidade*, etc.

Tendo adherido enthusiasticamente á revolução de 1820 e mostrando-se em seus escriptos e actos sincero apostolo da liberdade nascente, foi-lhe facil alcançar em Lisboa em 1822 o logar de official de secretaria do reino e chefe da secção de instrucção publica; mas após a queda da primeira constituição, Garrett viu-se obrigado a emigrar para Londres com outros liberaes em junho de 1823, e de Londres para Paris na primavera de 1824.

Carecido de meios de fortuna poude encontrar collocação na casa Laffite do Havre e ahi, longe da patria e ao desamparo, sonhando com a liberdade que entrevia e com o levantamento do nivel intellectual do seu paiz, e movido pelo que presenceára na Inglaterra e via na França e nos livros que procediam da Allemanha, compoz, segundo os modernos ideaes que de toda a parte o estavam enamorando e prendendo pela novidade, a deliciosa e tocante elegia o *Camões*, que é uma evocação saudosa da quadra manuelina, e a novella poetica a *D. Branca*, que é um protesto contra a velha mythologia pagã. *O Camões* sahiu a lume em Paris em 1825 e a *D. Branca* ahi sahiu tambem no anno seguinte (1826). A tragedia o *Infante santo*, escripta durante a primeira emigração, e o poema *Magriço*, escripto em Londres, bem como um *Tratado de educação* são obras que se perderam por esses tempos. Ainda na emigração escreveu Garrett o *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza* para servir de introducção ao *Parnaso lusitano*, publicado em Paris em 1826. Este trabalho foi organisado com materiaes fornecidos pela *Historia da litteratura portugueza* de Bouterwerk (1804), pela de Sismondi (1819) e pelo *Resumé de l'histoire litteraire du Portugal* (1825) de Ferdinand Denis.

Voltando ao reino em 1826, e convencido pelo que observou na Inglatarra e França de que as origens

nacionaes das litteraturas são manancial opulento de riqueza poetica, e de que os povos que as perdem acabam por perder tambem a noção da sua independencia e a originalidade da sua raça, Almeida Garrett determinou desde logo fazer o inventario d'esses obliterados elementos que só poderia encontrar nas infimas camadas. Foi assim que principiou a recolher da tradição oral os antigos romances nacionaes que publicou em 1851 com o nome de *Romanceiro portuguez*. Os romances colligidos por Garrett são apenas trinta e dois, e esses poucos estão adulterados, pois que o collector os retocou e compoz, dando-lhes fórma culta para que tivessem melhor acceitação. Foi d'este trabalho que sahiu o romance poetico a *Adosinda*, que o auctor publicou em Londres em 1828 e que sahiu com o Bernal francez e outros romances em 1842.

Conjunctamente com estes trabalhos de caracter poetico Garrett dedicava-se tambem ás lides jornalisticas tratando assumptos politicos no *Portuguez* de 1826 a 1827 e no *Chronista* de 1827.

Entretanto chegava o anno de 1828 e Garrett retomava o caminho do exilio, seguindo na emigração a sorte dos liberaes, cujas ideas eram incompativeis com a politica implantada no reino pelo governo de D. Miguel. Depois de longos trabalhos entrou com D. Pedro IV na cidade do Porto, e no cerco prestou bons serviços á liberdade e mereceu a confiança do imperador, que o encarregou de organisar a secretaria do reino e de acompanhar Palmella e Mousinho da Silveira a Londres em missão politica. Durante o cerco escreveu o romance historico o *Arco de Sant'-Anna* com o intuito de pôr em evidencia a lucta entre as classes servas e poder senhorial, allusão á lucta que se travava entre a liberdade e o despotismo. Este romance, porém, só foi publicado em 1845.

De volta ao paiz em 1834 os seus serviços e lealdade foram tidos na devida conta pelo imperador que

o encarregou de negocios em Bruxellas e lhé deu as credenciaes de ministro residente na Belgica. Dois annos depois foi nomeado juiz superior do commercio e eleito deputado ás côrtes constituintes, e em 1838 deram-lhe a commissão de chronista mór do reino. No mesmo anno de 1836 em portaria de 28 de setembro foi encarregado de propôr um plano para a fundação e organisação do theatro portuguez, sendo nomeado a 2 de novembro d'esse anno inspector geral dos theatros.

E' d'esta epoca que datam os seus mais fecundos trabalhos moraes e materiaes para o desenvolvimento da arte dramatica em Portugal. São obra de Garrett o Conservatorio dramatico, os premios aos melhores dramas offerecidos á scena portugueza, o theatro normal de D. Maria II e a propaganda em favor da revivencia da arte nacional. Ao passo que interessava a sociedade portugueza n'esta cruzada civilisadora, compunha tambem para os palcos por elle fundados as peças que deviam ser representadas, dando exemplo d'essa alta comprehensão artistica e moderna que constitue o mais brilhante florão da sua corôa de poeta.

Pondo de parte os moldes francezes e italianos, pelos quaes em verdes annos pautára o *Catão* e o *Merope*, compoz em 1838 o drama nacional *Um auto de Gil Vicente*, cuja apresentação em scena produziu o mesmo effeito que o *Hernani* em França, o *D. Alvaro* do duque de Rivas em Hespanha e o *Ludovico Sforza* de Nicolini em Italia. Este formoso drama, que recorda as primeiras e mais puras glorias do theatro portuguez fundado por Gil Vicente na mais venturosa das epocas da historia portugueza, foi o primeiro protesto romantico levantado em theatros portuguezes contra a velha escola classica. Publicou-se com a *Merope* em 1841. Em seguida compoz Garrett o drama patriotico *Filippa de Vilhena* (1840), que logo foi representado com o maximo applauso, e mais

tarde em 1846 foi publicado em volume com as duas comedias o *Tio Simplicio* e *Falar verdade a mentir*. No anno seguinte (1841) compoz e fez representar o outro drama historico extrahido da chronica do condestavel, o *Alfageme de Santarem*, que foi publicado em 1842. A seguir vem finalmente o *Fr. Luiz de Sousa*, que põe a cupula ao gigantesco edificio do theatro fundado por Garrett. Antes de ser publicado em 1844 foi representado este drama em Lisboa sendo desde logo recebido como a obra prima de seu auctor. Effectivamente nada ahi falta, nem a naturalidade das situações e dialogos, nem o estudo da epoca e das paixões, nem o segredo artistico dos effeitos scenicos.

Mas entre tantos trabalhos para a implantação do theatro nacional e as lides politicas em que se envolvera o futuro ministro dos negocios estrangeiros, cujos discursos na camara dos deputados eram ouvidos com geral admiração, nomeadamente o que é conhecido pelo nome de oração do Porto Pyreu, não deixava Garrett de lidar n'outras obras com que ia educando os moços do seu tempo, taes são os artigos da critica do *Jornal do Conservatorio* e d'outros, as *Flores sem fructo* versos antigos e retocados depois para serem dados á imprensa (1845), a deliciosa narrativa *Viagens na minha terra* (1846), e finalmente a melhor collecção das suas poesias, aquella que mais nitidamente demonstra que o genio de Garrett se embebera na verdade da poesia popular, as *Folhas cahidas* publicadas em 1853, dois annos depois do *Romanceiro* e cinco annos depois da publicação da comedia *A sobrinha do Marquez*. Após as *Folhas cahidas*, nas quaes o seu auctor se elevou á maior altura lyrica, Garrett expirou em Lisboa. Era o primeiro visconde do seu nome, par do reino e ministro de estado honorario.

A critica dos trabalhos de Garrett está feita, bem como estão colligidos todos os materiaes da sua curiosa e eloquente biographia. O seu nome é respeita-

do como o de um chefe que não deixou discipulos capazes de comprehenderem as lições do mestre. Na poesia lyrica, na eloquencia parlamentar e na arte dramatica, um dos primeiros logares, se não o primeiro, é d'elle. Como introductor da escola romantica, o seu talento de reformador é indisputavel; ninguem como elle comprehendeu o valor do elemento tradicional e mais apropositadamente o aproveitou em obras d'arte. O seu *Romanceiro*, apezar de incompleto, diminuto e imperfeito, tem o valor de uma iniciativa fecunda; as *Folhas cahidas* traduzem nas passagens mais eloquentes e mais sinceras a linguagem ingenua e sentida das camadas populares, e todo o seu theatro é uma evocação da antiga alma portugueza desconhecida pelos eruditos desde Gil Vicente.

A primeira emigração transformou completamente o caracter artistico do grande poeta do *Camões* e *D. Branca*. Até então a sua poesia é compassada pelo andamento arcadico; o proprio poeta chegou a denominar-se pelo appellido pastoril de Jonio Duriense; mas depois da emigração, quando já tinha recebido a acção das novas ideas, excitado, como confessa, pelo que via e lia na Inglaterra e na Allemanha, o seu talento apparece transformado e o poeta liberal, assim restituido á verdade da arte, chega pela comprehensão da esthetica do seu tempo a produzir lyricas tão perfeitas como as de Camões e dramas tão completos como os de Schiller.

Tal é o valor da obra monumental d'este Robisson do romantismo, que encontrando tudo por fazer ao termo de tres seculos de esterilidade, tudo emprehendeu e tudo levou a cabo, trilhando caminhos não explorados e servindo-se de materiaes que por suas proprias mãos teve de procurar, reunir e desbastar.

Antonio Feliciano de Castilho (1.º visconde de Castilho) nasceu em Lisboa a 26 de janeiro de 1800 e falleceu na mesma cidade em 1875. Privou-o da vista

uma doença que em verdes annos o accommettera, e esta circumstancia bastante concorreu para que fossem admiradas as suas descripções da natureza e bastante apreciada a sua erudição, que só podia adquirir de outiva á custa de feliz memoria. A Castilho escreve o sr. Latino Coelho — mostra-lhe a natureza as suas côres, os seus matizes, as harmonias da sua luz, deixa-lhe ver o verde esmaltado dos seus arvoredos e das suas campinas, o azul diaphano das suas aguas remontadas, o verde escuro do Oceano, o ceruleo dos ares do estio, a côr plumbea de um ceu brumoso, e depois cerrando-lhe de improviso e para sempre o panorama, dá-lhe com a vocação o pincel e diz-lhe: — «Retrata-me, se pódes. Dá-me nos teus versos as minhas paisagens mais ridentes e variadas. Dá-me o lourejar das espigas, as tintas suavissimas da aurora, as côres saudosas do crepusculo, os reflexos melancholicos da lua e inunda em torrentes de luz o phantasioso desenho dos teus poemas.» Pediu a natureza o impossivel quasi; Castilho, porém, acceitou o repto e sahiu laureado com a victoria. Irrefragavel demonstração de que o universo inteiro existe retratado em miniatura n'um perfeito entendimento.

Cego como era, acompanhou seus irmãos a Coimbra e ahi chegou a concluir formatura em Canones, revelando ao mesmo tempo felizes disposições para a poesia.

Predominava então em Coimbra o gosto da Arcadia, e foi n'esta escola, em contacto permanente com poetas de casa e de fóra, que se formou e desenvolveu a educação litteraria de Castilho. A tendencia palaciana do elogio official e o sentimentalismo bucolico, tão convencional e tão exagerado, são as duas qualidades que mais avultam nos primeiros trabalhos do poeta academico, a saber:

Epicedio na sentida morte da augustissima senhora D. Maria I (poemeto allegorico — 1816).

A' faustissima exaltação de S. Magestade o sr. D. João VI (poema laudatorio em 3 cantos — 1818).

Tejo (elogio dramatico allegorico composto para solemnisar os annos do sr. D. Pedro d'Alcantara— 1818.)

A mesma tendencia laudatoria se encontra na *Epistola* a D. Miguel inserta mais tarde nas *Escavações poeticas*, no *Tributo portuguez á memoria do Libertador* (1836), nas *Epistolas* á imperatriz do Brazil pedindo e agradecendo, e no *Epicedio* composto por occasião da morte de D. Pedro V.

Mas os trabalhos poeticos de Castilho que mais claramente denunciam a sua paixão pelo bucolismo syracusano, intensa e intempestivamente explorado pelos arcades, são os seguintes:

Cartas de Echo e Narciso (collecção de epistolas amorosas em verso solto impregnadas de mythologia pagã, das quaes sahiu a primeira parte em 1821 e foi reimpressa com a segunda e outras poesias em 1825).

Primavera (collecção de poemetos lyrico-descriptivos publicada em 1822).

Amor e melancholia ou a novissima Heloiza (collecção de poesias sentimentaes publicada em 1828).

Castilho, apezar de ser poeta liberal como Garrett e Herculano, não soffreu como estes as inclemencias do exilio; não se educou portanto na escola da adversidade politica, nem recebeu directamente no estrangeiro o influxo das novas ideas poeticas. A revolução de 1820 não o commoveu, e a guerra civil de 1828 a 1834 nem lhe interrompeu a tranquilidade domestica, nem lhe alterou a feição litteraria. Comtudo a partir de 1836 Antonio Feliciano lança-se abertamente no turbilhão do romantismo. N'este anno publicou:

Os ciumes do bardo (poemeto ultra-romantico em verso solto).

Noite do castello (poesia melodramatica).

Em seguida compoz e publicou as duas collecções:

Escavações poeticas (conjuncto de poesias ligeiras e pessoaes — 1844).

Outomno (collecção de lyricas de varia especie — 1863).

Ao mesmo tempo dedicava-se ao estudo da historia compondo em prosa os *Quadros historicos* que publicou em 1839, traduzia algumas obras primas das litteraturas estrangeiras, pensava na educação popular e escrevia artigos de critica nas revistas litterarias ou prefaciava antigas obras portuguezas que se conservavam manuscriptas e por seu conselho se imprimiam.

Portanto, a individualidade litteraria de Antonio Feliciano tem de ser apreciada sob o multiplo aspecto de poeta lyrico, de traductor, de humanista e de mestre da linguagem portugueza.

Como poeta lyrico Antonio Feliciano dá ás suas poesias a feição puramente arcadica até 1836 e francamente romantica desde essa epoca. Socio da Academia romana, onde teve o nome pastoril de Memnide Eginense, Castilho embora o colloquem a par de Garrett e de Herculano, é certo que nunca teve a graça espontanea e popular do primeiro nem a austeridade solemne do segundo. As suas composições metricas, magistralmente correctas, primam especialmente pelo esmero da phraseologia technica e pela compostura mechanica da estrophe. Em vão procuraremos em Castilho o dizer facil e descuidado de Garrett, a expressão natural e sentida das trovas populares, nem os impetos do genio irrequieto e revolucionario de Byron e Espronceda. É um parnasiano sem as pretensões de apostolo. Cercado de attenções e respeitos como os antigos poetas cezareos, o visconde de Castilho era nos ultimos tempos, depois da morte de Garrett, o centro de uma numerosa pleiade de vates

que n'elle procuravam o conselho e o louvor; mas esta veneração abalou-se bastante quando alguns poetas novos se revoltaram em Coimbra contra a theocracia litteraria do venerando pontifice, ahi por 1865.

Como traductor Antonio Feliciano de Castilho prestou serviços incontestaveis ás lettras do seu paiz vertendo em bellas paraphrases para linguagem emulada de Fr. Luiz de Sousa, as mais afamadas obras estrangeiras. Cedo principiou n'essa faina, como pode verificar-se pela data das edições.

Em 1820 traduziu a *Carta de Heloiza a Abeillard* de Mr. Mercier.

Em 1836 traduziu as *Palavras de um crente* obra de Lamennais.

Em 1841 principiou a publicar a traducção das *Metamorphoses* de Ovidio.

Em 1849 publicou o *Camões*, estudo historico-poetico livremente fundado sobre um drama francez dos srs. Victor Perrot e Armand du Mesnil.

Em 1854 traduziu o *Genio do Christianismo* de Chateaubriand.

Em 1858 começou a traducção dos *Amores* de Ovidio, concluida em 1867.

Em 1862 publicou a traducção dos *Fastos* de Ovidio com annotações de 106 escriptores portuguezes.

Traduziu mais:

A arte de amar de Ovidio;

As georgicas de Virgilio;

A lyrica de Anachreonte;

Algumas comedias de Molière *(O medico á força, As sabichonas, O tartufo, O avarento);*

O Fausto de Goethe;

O poema de Shakespeare *Sonho de uma noite de S. João;*

O *D. Quixote* de Cervantes, obra que não chegou a concluir.

Castilho dedicou-se tambem á reforma dos methodos de ensino usados nas escolas primarias do reino, desenvolvendo por todo o paiz activa propaganda em favor do seu systema de leitura repentina, que expoz e defendeu nos jornaes, em livros e em conferencias. Em recompensa d'este serviço o governo creou expressamente para elle o cargo de Commissario geral de instrucção primaria pelo methodo portuguez.

As doutrinas que apostolava encontram-se no compendio *Noções rudimentares para uso das escolas* (1849) e no livro intitulado *Leitura repentina* que em 1853 appareceu em 3.ª edição com o titulo *Methodo portuguez Castilho para o ensino do ler e escrever*, obra recommendada tanto ao uso das escolas como ao das familias.

O novo methodo, como era natural, teve impugnadores e então Castilho, cujo talento satyrico é geralmente conhecido, deitava a correr mundo esses monumentaes pamphletos, que são ricos mananciaes de linguagem plebêa e de calão escurril e recordam as diatribes de José Agostinho de Macedo, taes são:

Ou eu ou elles (1849);

Tosquia de um camello, carta a todos os mestres das aldêas e das cidades (1853);

Ajuste de contas com os adversarios do methodo portuguez (1854).

Pertencem á mesma epoca em que o espirito de Castilho andava seriamente empenhado nos melhoramentos da instrucção publica, os livros seguintes:

Felicidade pela agricultura, publicado no Funchal em 1849;

Tratado de metrificação portugueza (1851), obra que já conta muitas edições;

Mnemonica para aprender muito em pouco tempo (1851);

Estreias poetico musicaes para o anno de 1853 (1852).

Mestre como era na arte da palavra escripta e verdadeiramente apaixonado pelos exemplares classicos que sempre fizeram o enlevo do seu espirito, o principal titulo de gloria do visconde de Castilho reside na comprehensão artistica da fórma, como dissemos. Ninguem como elle soube o segredo de limar e arredondar o periodo, de combinar as palavras em ordem a produzirem o rythmo sonoro e gracioso, de communicar ao dizer um sabor ao mesmo tempo antigo e moderno, e á linguagem a flexura e a harmonia que são particularidades dos mestres.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo (1810 — 1877). Na sua autobiographia escreve este notavel historiador : «Nasceu em Lisboa a 28 de março de 1810, filho de Theodoro Candido de Araujo, recebedor da Junta dos juros (actual Junta de credito publico). Estudou as humanidades nas aulas dos congregados de S. Filippe Nery com destino para a Universidade. Não seguiu esse destino por ter seu pae cegado em 1827 e sido aposentado, faltando-lhe por isso os recursos para a continuação dos estudos superiores. Implicado n'uma tentativa de revolta em 1831, emigrou para Inglaterra d'onde passou á França. D'ahi embarcou para a Ilha Terceira d'onde veio ao Porto em 1832 na expedição de D. Pedro. Fez a campanha até quasi ao fim da guerra civil, posto que nomeado em 1833 para segundo bibliothecario da Bibliotheca do Porto, logar que occupou até setembro de 1836 em que pediu a sua demissão na conjunctura da revolução d'esse anno. Publicou então em dois folhetos *A voz da propheta* — os seus primeiros escriptos depois de tres ou quatro artigos no *Repositario litterario* do Porto. Em 1839 foi nomeado espontaneamente por el-rei D. Fernando seu bibliothecario e encarregado da administração das duas biblio-

thecas reaes, da Ajuda e das Necessidades. Eleito deputado pelo Porto em 1840 pertencia á opposição cartista, e retirou-se da camara no anno seguinte para seguir exclusivamente a vida litteraria. Eleito socio da Academia em 1846 despediu-se d'ella por desgostos, tendo tornado a entrar por nova eleição depois da reforma da mesma Academia em 1852. Tinha sido eleito socio da Academia de Turim em 1850 e da Academia de historia de Madrid em 1841. Não tem titulo honorifico, condecoração ou distincção alguma e espera em Deus que nunca as terá.»

Morreu no dia 13 de setembro de 1877 na sua quinta de Valle de Lobos (Santarem) aonde dez annos antes se refugiára para se dedicar especialmente aos lavores da agricultura, sua predilecção antiga. Castilho nas *Escavações poeticas* tinha denunciado esta tendencia de Herculano quando o descreveu em edade inferior a dezoito annos lendo á noite a alguns amigos a sua traducção do *Phantasma* de Schiller e entretido de dia a cavar e a jardinar.

Como escriptor Alexandre Herculano é poeta, romancista, historiador, polemista e politico.

A collecção dos suas poesias reimpressas em 1860 comprehende composições anteriores ao periodo da emigração (agosto de 1831 a 8 de julho de 1832), taes são os dois poemas religiosos *Arrabida* e *Semana Santa*, que fazem parte da *Harpa do crente* (collecção impressa em 1838 e reimpressa em 1850 com outras producções sob o titulo de *Poesias*), e composições de elaboração posterior, taes são: o *Soldado* e a *Victoria e Piedade*, poesias que traduzem o duplo caracter do poeta liberal e religioso que a exemplo de Chauteaubriand e Lamartine cantou a tradição catholica e a crença democratica, a fé antiga e o progresso moderno.

Apezar de menos espontaneo que o visconde de Almeida Garrett e menos harmonioso que o visconde de Castilho, poetas já conhecidos e celebrados em

1834 quando os versos de Herculano começavam a impressionar o publico, é certo que Herculano sobreleva áquelles na profundeza dos conceitos e no estylo esculptural, as duas notas salientes d'essas grandiosas estrophes que traduzem o amor patrio e a liberdade, a crença no futuro da sua terra e a historia intima e subjectiva da sua mocidade ardente e apaixonada. A historia do exilio, do regresso á patria, dos combates e dos sentimentos que as situações d'esses dramas tecidos de miseria e de heroicidade despertam na alma do poeta juvenil e impressionavel, as amarguras do desterro — diz o sr. A. de Serpa no livro *A. Herculano e o seu tempo* — as saudades do torrão natal, o odio á tyrannia, a crença em Deus e na liberdade, são a fonte perenne da sua inspiração. Poesia rude, singela, profunda, mas poesia verdadeira.

Herculano é o fundador do romance historico em Portugal. Esta especie de novella apparece no periodo romantico por toda a parte como fórma litteraria destinada a cooperar na restauração das tradições medievaes. O passado é um fecundo manancial que a arte moderna explora insaciavel. Walter Scott resuscita as antigas lendas da Escossia, o poeta lombardo Manzoni escreve o admiravel *I promissi sposi*, Victor Hugo na França, Schiller, Lessing e os Grimms na Allemanha dirigem as suas attenções para a historia do passado. Foi este exemplo dos estrangeiros e a sua precoce affeição pelos estudos historicos que levaram Herculano a cultivar o genero. O *Panorama*, jornal modelado pelo periodico inglez *Penny Magazing*, publicou desde 1837 até 1843 os primeiros romances historicos de Herculano, varias criticas e outros estudos litterarios do mesmo auctor. Aquelle jornal, que é uma vasta collecção de noticias historicas, foi precedido pelo *Repositorio litterario* do Porto (1834) e pelo *Jornal da sociedade dos amigos das letras* (1836).

Os romances de Herculano são:

Monasticon em 3 volumes, comprehendendo o *Eurico o presbytero*, romance relativo á invasão arabe publicado em 1844, e o *Monge de Cister* publicado em 1848, referente á epoca de D. João I.

Lendas e narrativas, collecção de romances inspirados em factos historicos e crenças poeticas da antiguidade portugueza. Algumas peças d'esta collecção foram publicadas primitivamente no *Panorama*, taes são: *Arrhas por fôro de Hespanha*, que retratam a epoca de D. Fernando, e a *Abobada* que expõe factos do tempo de D. João I.

O Bobo, romance historico relativo ao governo de D. Thereza publicado primeiramente no *Panorama* e depois da morte do auctor em volume separado.

Nos romances historicos de Herculano os personagens tem a grandeza epica dos heroes, a sociedade em que se agitam é rigorosamente estudada, o enredo é bem urdido, o estylo sempre levantado e solemne, e se a imaginação por vezes desfallece, essa falta é resgatada pelo estudo perfeito da epoca e pela intenção moral da narrativa.

A parte mais importante do trabalho de Herculano é a historia propriamente dita. Os documentos existiam dispersos e esquecidos nos archivos, ninguem tinha tirado d'elles a feição moral das epocas findas e muito menos o fio conductor que ligasse o presente ás origens da nação. Descobrir e relacionar os monumentos historicos do reino nos tempos da sua formação, tal é o valor dos serviços de Herculano no campo da investigação historica. Tomando para modelos Nieburh que desvendou as origens da historia romana, Thierry que applicou o methodo scientifico ao estudo da historia de França, Macaulay e o americano Prescott, que são exemplares de imparcialidade, Herculano revolveu os archivos, decifrou os codices antigos, estudou a legislação, os usos, os costumes e a vida civil da edade media para comprehender as

origens da nação, e assim conseguiu escrever a parte mais difficil, por ser a mais obscura da historia portugueza, nos 4 volumes da *Historia de Portugal* que publicou de 1846 a 1853 e alcança até ao reinado de D. Affonso III. No anno seguinte começou a publicar a *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, justo desforço que tomou dos ultramontanos que o accusaram de ter supprimido o milagre de Ourique e outras fabulas introduzidas pela ignorancia e pela superstição na historia portugueza, colligindo por esses tempos valiosos subsidios para a grande collecção *Portugaliae monumenta historica*, da qual foi encarregado pela Academia real das sciencias.

Alem d'estes trabalhos cita-se como documento de alta comprehensão historica a memoria intitulada — *Do estado das classes servas na Peninsula desde o VIII ao XII seculo*. Esta memoria com a biographia de Mousinho da Silveira e outras obras, egualmente importantes, encontra-se na collecção dos *Opusculos* de A. Herculano.

A independencia do caracter de Herculano, revelado na vida publica e particular, grangeou-lhe formidaveis inimigos, mormente no campo reaccionario. Para os confundir teve por vezes de brandir o latego de Juvenal, recorrendo ás violencias de estylo. Dão testemunho d'essas interessantes polemicas os pamphletos: *Eu e o clero*, — *Solemnia verba* — *Reacção ultramontana em Portugal ou a concordata de 21 de fevereiro de 1857*.

Estes folhetos não são modelos de urbanidade, mas são interessantes pela riqueza de noções historicas, pela convicção que os inspira e pela flexibilidade que Herculano imprimiu á lingua, obrigando-a a traduzir a vehemencia das grandes indignações e do desforço pessoal. Mas n'estas pugnas com os inimigos da liberdade Herculano nunca deixa de render o mais fervoroso culto ao Christianismo e á egreja. Como Cha-

teaubriand, esforça-se por congraçar o espirito da egreja com o do seculo, a fé com a razão, chegando a combater energicamente a incredulidade do seu tempo e a esterilidade do protestantismo no romance que faz parte das Lendas e Narrativas, o *Parocho d'aldeia*.

Como politico apenas conheceu a escola liberal. Emigrado em 1831 — 1832 veio desembarcar com o exercito de D. Pedro no Mindelo, fez o cerco do Porto merecendo galardão pelos serviços que prestou á liberdade pelejando por ella com denodo, e porque era sinceramente cartista perdeu o logar que tinha em 1836, preferindo a pobreza á transigencia ou á apostasia das ideas que inspiraram a Voz do propheta e a biographia de Mousinho, que publicou em 1856.

Eleito deputado em 1840 fez parte da camara popular com Garrett, José Estevam, Rodrigo da Fonseca, Vicente Ferrer, Seabra e Oliveira Marreca, votou a lei da suspensão de garantias e pronunciou um breve discurso sobre a lei da imprensa propondo a ampla liberdade de escrever. Mas no anno seguinte abandonou o parlamento para fugir, como confessa, ao que chamava charco da politica.

O lyrismo actual

179. Depois de Garrett o lyrismo portuguez toma feições differentes. Umas vezes tenta resuscitar a antiga melopeia dos cantos populares, como se vê no cancioneiro de João de Lemos e nos romances de Pizarro; outras vezes é plangente e melancholico como se observa em Soares de Passos e nos poetas do *Trovador* de Coimbra; outras é patriotico e emphatico como se vê em muitas composições de Mendes Leal e finalmente assume um caracter de actualidade e de interesse geral nos formosos quadros de

Guilherme de Azevedo, de Guilherme Braga, de Gonçalves Crespo, e de Anthero de Quental.

As differentes feições da poesia portugueza depois de Garrett revelam-se nas producções de seguintes poetas.

Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento de Bobeda ao pé de Bragança (1807 — 1870). Compoz um *Romanceiro* pretendendo imitar a fórma popular dos antigos romances de creação anonyma e cantou na velha toada os heroes da historia portugueza.

João de Lemos de Peso da Regua (1819 — 1889). Formado em direito, ardente defensor das idéas legitimistas, João de Lemos fundou com Xavier Cordeiro a revista litteraria o *Trovador* quando estudantes, publicou em 3 volumes a collecção das suas poesias com o titulo de *Cancioneiro* e depois o volume das *Canções da tarde*. Foi um poeta muito apreciado pelo tom popular dos seus cantos, d'entre os quaes sobresae a poesia *Lua de Londres;* é um prosador que manejava a lingua com elegancia e correcção.

Faustino Xavier de Novaes do Porto (1820—1869). Este poeta é conhecido pelo chiste das suas poesias ao gosto de Tolentino, pela critica dos ridiculos contemporaneos e pela promptidão bocagiana no glozar. Falleceu pobre no Brazil para onde tinha emigrado em procura de fortuna.

José da Silva Mendes Leal de Lisboa (1820—1886). Collaborou com Garrett na restauração do theatro nacional, cultivou com exito a poesia lyrica, o romance historico, a critica e o jornalismo politico, e pelos esforços do seu talento chegou aos logares de maior representação no seu paiz. Foi deputado em varias legislaturas e ministro portuguez em Paris, bibliothecario mór da Bibliotheca publica de Lisboa, socio da Academia real das sciencias, conselheiro de estado e par do reino. As suas obras dramaticas e lyricas fo-

ram muito apreciadas, e depois de Garrett, Herculano e Castilho, foi elle o escriptor que mais concorreu para a propagação do romantismo em Portugal. O drama *Os dois renegados* e as poesias patrioticas *O pavilhão negro* e *Napoleão no Krenlin* são provas do alto engenho de Mendes Leal. Os seus discursos academicos e politicos são dignos de leitura pela correcção e elegancia, e por esse atticismo e sabor antigo que tanto realça e encanta na sua prosa.

Antonio Augusto Soares de Passos do Porto (1826—1860). Foi um dos poetas romanticos mais populares do seu tempo. As suas lyricas excellentemente metrificadas e vagamente impregnadas do mais puro subjectivismo e da mais profunda melancholia, como o *Noivado do sepulchro*, ainda hoje se cantam e recitam como a expressão mais perfeita do sentimentalismo romantico. A ode a *Camões*, o *Firmamento*, o *Adeus*, os *Ultimos momentos de Affonso de Albuquerque* e quasi todas as composições que formam o volume das *Poesias* de Soares de Passos, revelam um lyrico de superior merecimento.

Guilherme Avelino de Azevedo Chaves de Santarem (1840 — 1882). É o auctor da collecção de poesias modernas — *Alma nova*, e na critica um miniaturista de primeira ordem. Escreveu nas principaes revistas litterarias do seu tempo, e quando falleceu em Paris era correspondente d'aquella cidade para a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro.

Guilherme Braga do Porto (1845—1874). É outro poeta da geração moderna, e marca a passagem da poesia sentimentalista para a moderna phase da litteratura social, aproveitando o estro poetico, profundamente democratico, em beneficio dos principios da escola liberal mais avançada. As suas melhores poesias são protestos de liberalismo e de crença democratica. O poemeto *O bispo*, a collecção de lyricas *Heras e violetas* e o *Mal da Delphina* (parodia de um

poema conhecido) são as suas principaes obras metricas.

Antonio Candido Gonçalves Crespo, portuguez nascido no Brazil (1846 — 1883). E' um paciente cultor da fórma e um dos mais felizes poetas da nova geração. As duas obras — *Miniaturas* e *Nocturnos*, são duas collecções de pequenos quadros descriptivos e ligeiramente ironicos como os de Henri Heine. Delicado e minucioso na pintura dos pequenos esboços, Gonçalves Crespo, bacharel em direito, deputado em duas legislaturas e redactor do Diario da camara dos pares do reino, foi primoroso no genero que preferiu.

Anthero de Quental da ilha de S. Miguel (1842 — 1891). Espirito solidamente instruido, caracter melancholico fortalecido pelos estudos philosophicos, este poeta occupa um logar á parte pelo naturalismo e profundeza das suas concepções. As *Primaveras romanticas* da sua mocidade academica e as *Odes modernas* (collecção de poesias philosophicas), e por fim os *Sonetos* de uma correcção admiravel levantam-no á primeira plana na galeria dos pensadores do seu tempo. Fechou com o suicidio o cyclo de amarguras da sua existencia attribulada.

Eloquencia

ORADORES SAGRADOS

180. Nenhum caracteristico importante separa os sermões do periodo romantico, das orações prégadas desde Vieira até José Agostinho de Macedo, a não ser a feição moderna da linguagem e em certos discursos a alliança dos principios politicos do moderno direito publico com as doutrinas seculares da Egreja.

D'entre os muitos prégadores que illustram o pul-

pito portuguez desde 1834, cita-se com louvor o nome de *Francisco Raphael da Silveira Malhão* de Obidos (1794 — 1860), sacerdote virtuoso e tolerante que embora filiado no partido de D. Miguel nem por isso fez alarde como outros, das suas ideas politicas na cadeira da verdade. Admirador e sequaz de Lacordaire, o beneficiado Malhão foi prégador de palavra magestosa, correcta e casta, dotes que tornam muito apreciados os seus discursos (hoje quasi todos publicados) e nomeadamente o que pronunciou em S. Vicente de Fora nas exequias do conde de Barbacena a 25 de agosto de 1854.

Malhão foi contemporaneo do celebre orador brazileiro *Fr. Francisco de Mont'Alverne* (1774 — 1858) cujos meritos oratorios foram exaltados pelo visconde de Castilho na encomiastica e larga biographia que d'elle escreveu.

ORADORES PARLAMENTARES

A eloquencia da tribuna, apezar de não ser genero novo em Portugal pois que desde os principios do seculo XII existiram côrtes em Portugal e portanto discussão de negocios politicos, comtudo apenas adquira fóros de genero artistico depois do estabelecimento entre nós do regimen francamente representativo em 1821. Os patriotas que levaram a cabo a revolução liberal do Porto em 1820, são tambem os iniciadores da eloquencia parlamentar, pois que os principaes fautores d'esse movimento apparecem no congresso de 1821, pondo a sua palavra como tinham posto a sua vida ao serviço da causa publica e das liberdades populares, realisando á custa de mil contrariedades e perigos a profunda reforma que separou o moderno direito publico do antigo cesarismo monarchico.

Pertencem a este periodo inicial os seguintes oradores:

Manuel Fernandes Thomaz da Figueira (1771 — 1822), desembargador da Relação do Porto, o patriarcha do movimento que rebentou a 24 de agosto de 1220. O Conde de Pecchio affirma nas suas *Cartas historicas e politicas sobre Portugal* que a eloquencia de Fernandes Thomaz retumbava no parlamento como um trovão e que as suas vozes concisas e nervosas traduziam ideas claras.

Manuel Borges Carneiro de Rezende (1774—1833), desembargador da Relação do Porto e depois da casa da Supplicação, fallecido no carcere de S. Julião da Barra aonde fôra arrastado pelo despotismo do governo de D. Miguel. Segundo a opinião do Conde de Pecchio, Borges Carneiro era demorado na expressão mas vigoroso e irresistivel nos conceitos.

Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato de Lisboa (1777 — 1838), vice-presidente da Academia real das sciencias de Lisboa e ministro em 1836. Escreveu a conhecida memoria sobre o theatro portuguez e outra ácerca da Arcadia de Lisboa.

Agostinho José Freire de Evora (1780 — 1836), ardente defensor dos principios liberaes. E' bastante notavel o discurso que pronunciou no dia 15 de fevereiro de 1821, defendendo a liberdade de imprensa.

Mas as côrtes constituintes de 1821 á mingua de antagonismo politico apenas produzem discursos academicos; a luta, a paixão, a commoção oratoria só apparecem em 1834 provocadas pelo conflicto e divisão dos partidos. N'esta epoca — escreve o sr. Latino Coelho — chegou a eloquencia ao florente periodo, sobe em espontaneidade e vehemencia em 1836 durante as turbações civis da revolução de setembro promovidas pela abolição da Carta, e eleva-se á sua maior altura desde 1840 até ás lutas da espada e da palavra trazidas pelo governo da Carta restaurada em 1842. Em 1851 a tribuna ainda faz vibrar a voz dos antigos pa-

ladinos, mas a excitação do parlamento já não corresponde á temperatura da opinião. Os oradores descahem e esfriam. A oração de José Estevam na questão Charles et Georges é a derradeira scentelha de um grande incendio que vae apagar-se. Desde então a eloquencia cede o logar aos discursadores; o egoismo e as ambições pessoaes, com raras excepções, tomam o passo ás questões vitaes da liberdade e do interesse publico.

Alem de *Garrett* e *Mendes Leal*, honraram a eloquencia parlamentar depois de 1834 os seguintes oradores:

Rodrigo da Fonseca Magalhães de Condeixa (1789—1858). Politico de rara perspicacia e de larga experiencia dos homens e coisas do seu tempo tomou parte na defeza do paiz contra a invasão franceza como soldado do batalhão academico, andou homisiado no Brazil por suspeito de partidario de Gomes Freire e acompanhou de perto os successos da Iliada liberal. Rodrigo da Fonseca sobresahiu no parlamento portuguez pela astucia com que sabia illudir as difficuldades e aparar os botes do inimigo, sahindo quasi sempre pela porta falsa do sophisma e do imprevisto. Chegou a ser ministro algumas vezes e alcançou a auctoridade de chefe de partido.

Joaquim Antonio de Magalhães de Lamego (1790—1848), antigo ministro portuguez na côrte do Rio de Janeiro, doutor em direito pela universidade de Coimbra e argumentador astuto. E' citado com applauso o discurso que pronunciou em 1840 em favor da democratica instituição do jury.

Manuel da Silva Passos de S. Martinho de Guifões no concelho de Bouças (1801—1862), era um simples advogado em 1828 quando pela solidariedade das ideas liberaes se vê obrigado a emigrar; mas em 1834 a fama dos seus talentos é reconhecida na camara popular, pois que o futuro dictador se apresen-

ta acaudilhando a parte mais avançada do partido liberal e pronuncia uma serie de discursos que o collocam na plana dos primeiros oradores do parlamento. Estes discursos e os que pronunciou depois são a traducção fiel dos mais puros sentimentos democraticos do dictador de 1836 que reformou o ensino, restaurou os principios fundamentaes da constituição de 22 e imprimiu nas instituições nascentes o cunho da aspiração popular.

José Estevam Coelho de Magalhães de Aveiro (1809 —1863),o mais glorioso representante da oratoria parlamentar portugueza. Filho do medico Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, depois de ter estudado preparatorios na sua terra natal frequentava o curso de direito que iniciára em Coimbra em 1825, quando a perseguição politica, fundada nas conhecidas ideas liberas de José Estevam, o compelliu na edade de dezanove annos a emigrar com outros companheiros de infortunio para a Galliza onde embarcou no Ferrol para Inglaterra, sahindo, pouco depois, d'aquelle paiz para a Ilha Terceira onde estava o nucleo do partido liberal. Veio ao Mindello com Herculano e Garrett, fez o cêrco do Porto servindo na arma de artilheria e praticou taes prodigios de valor, principalmente na defeza da Serra do Pilar, que foi condecorado com a Torre e Espada. Finda a campanha e sendo já primeiro tenente, foi matricular-se na Universidade no 3.º anno juridico, vindo a concluir formatura em 1837. N'este mesmo anno foi eleito deputado ás côrtes e pronunciou o seu primeiro discurso parlamentar a 5 de abril d'esse anno. D'aqui em diante a sua vida parlamentar é uma serie de triumphos. Em 1840 conquistou em concurso publico a cadeira de Economia politica da Escola Polytechnica, e fundou com Mendes Leite a *Revolução de Setembro* que depois Antonio Rodrigues Sampaio redigiu com superior talento jornalistico. E' d'este anno de 1840 o memoravel discurso do Porto Pyreu na discussão em

que tomou parte Almeida Garrett. D'aqui em diante José Estevam, collocando-se sempre ao lado das pretensões populares, tomou parte na serie de revoltas que só terminou em 1851. Na camara não teve a liberdade mais ardente e apaixonado defensor; na questão das Irmãs da Caridade desligou-se da parcialidade que as defendia, e no conflicto com a França proferiu a notavel oração Charles et Georges, que é um modelo de doutrina patriotica e de inspiração tribunicia (1857).

Quer nos campos da batalha com a espada na mão, quer na imprensa e nas assembléas do povo com a penna e a palavra, José Estevam é a figura mais gloriosa d'essa geração quasi extincta de bravos que radicaram nos costumes o horror á tyrannia. Imaginação ardente, promptidão em crear e reproduzir, elegancia no dizer, verbosidade facil, arrojo nas imagens, impeto irresistivel e esmagador nas apostrophes, largueza no gesto e no periodo, voz doce, elastica e volumosa, que ora gemia ora troava, busto esculptural e figura que dominava pela nobre altivez do porte, taes são os dotes moraes e physicos que ergueram José Estevam á ultima cumiada da gloria e o impuzeram á veneração publica.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello de Lisboa (1819 — 1887). Antigo ministro regenerador de 1851 foi chefe de partido desde a morte de Joaquim Antonio de Aguiar. A sua palavra era facil e prompta, e o prestigio do seu talento e da sua voz geralmente reconhecido. Nos registos parlamentares deixou provas incontestaveis da sua eloquencia e da viveza do seu engenho politico.

Luiz Augusto Rebello da Silva de Lisboa (1821—1872). Este distincto professor de Historia no curso superior de letras foi eleito deputado ás côrtes em 1848 e depois em varias legislaturas, chegando por seus talentos a ser ministro e par do reino. Rebello

da Silva é conjunctamente jornalista, critico, romancista, historiador e orador parlamentar. Collaborou em muitas revistas litterarias e n'alguns jornaes politicos distinguindo-se sempre pela correcção, atticismo e colorido da prosa vernacula e numerosa. A biographia e juizo critico de Bocage (nas obras do poeta publicadas em 1853) e a Memoria ácerca de Martinez de la Rosa são documentos do seu muito saber e imparcial juizo.

No genero novellistico são muito notaveis os seus romances — *A mocidade de D. João V*, a *Casa dos phantasmas*, *Odio velho não cança* e a deliciosa narrativa *A ultima corrida de touros em Salvaterra*.

Como historiador, escreveu varias memorias estatisticas sobre a população e agricultura do reino, os *Fastos da Egreja* e a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, que é o seu melhor trabalho.

Como orador parlamentar, são muito celebrados os seus ultimos discursos na camara dos pares e aquelle que pronunciou em 1857 na questão de Charles et Georges.

João Antonio dos Santos Silva da Villa da Moita (1824 — 1874), continuador das glorias da tribuna portugueza, assemelha-se a José Estevam no arrojo das ideas, no imprevisto das apostrophes, na vehemencia dos transportes e finalmente no largo folego tribunicio, magestoso e triumphante, de que só podem dispor os oradores que possuem a forte convicção da liberdade e o poder de levantar o sentimento publico, apaixonando as multidões.

Historia

181. A paixão romantica pela antiguidade medieval despertou o gosto pelas investigações historicas referentes á nacionalidade portugueza, tendencia

que vinha do seculo anterior. Desenvolve-se o romance historico, fundam-se revistas de critica historica, organisam-se diccionarios, reunem-se materiaes dispersos e d'esta vasta elaboração não tardará muito que surja a historia philosophica da lingua, da litteratura e da vida moral da nação, estudo a que a geração nova se vae dedicando com bastante proveito.

Preparam o advento d'esta evolução, além de *Herculano e Rebello da Silva*, os seguintes escriptores ainda não mencionados:

Francisco Freire de Carvalho das proximidades de Coimbra (1779 — 1854), reitor do lyceu nacional de Lisboa e conego da Sé da mesma cidade, varão erudito que escreveu além de outras obras o *Primeiro ensaio sobre a historia litteraria em Portugal* (1845).

Visconde de Santarem (1791 — 1856), que escreveu em fraucez e em portuguez muitas obras historicas, e entre ellas as *Memorias sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa da Africa occidental*; — o *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde os principios da monarchia portugueza até nossos dias*, obra continuada por Luiz Augusto Rebello da Silva; — *Noticia dos manuscriptos pertencentes ao direito publico externo diplomatico de Portugal* (1827); — e o *Ensaio sobre a historia da cosmographia e cartologia* (memoria escripta em francez e publicada em 1849).

Innocencio Francisco da Silva de Lisboa (1810 — 1876), auctor de grande numero de memorias criticas publicadas em volume e outras em jornaes. A sua obra principal é o *Diccionario bibliographico portuguez e brazileiro*, rica e instructiva collecção de notas bibliographicas e biographicas por ordem alphabetica. Este diccionario é o complemento e a refundição da Bibliotheca Lusitana de Diogo Barbosa,

agora continuada, depois da morte de Innocencio, pelo sr. Brito Aranha.

Antonio Pedro Lopes de Mendonça de Lisboa (1826 —1865), escriptor elegante que introduziu em Portugal a fórma ligeira e amena do folhetim e se dedicou especialmente á critica litteraria.

As suas obras principaes são: a que se inscreve *Damião de Goes e a Inquisição*, estudo conscienciozo da vida e do processo do grande historiador quinhentista, e as *Memorias da litteratura contemporanea*, extensa apreciação das obras de Bocage, Filinto, Garrett, Herculano, Rebello da Silva, etc.

Visconde de Jorumenha de Lisboa, fallecido em 1887. Este escriptor é notavel pelas fastidiosas investigações a que dedicou longos annos da vida em procura de materiaes para a reconstrucção da biographia de Camões. Os estudos que fez da vida e obras do grande epico dão-lhe direito á consideração da critica.

José Maria Latino Coelho de Lisboa (1825 —1891). Escriptor democrata, secretario perpetuo da Academia real das ciencias, professor da Escola Polytechnica, conselheiro de estado, Latino Coelho foi o ultimo glorioso representante da geração a que pertenceram Garrett, Castilho, Herculano, Mendes Leal, Rebello da Silva, João de Lemos, Lopes de Mendonça, Silva Tullio e D. Antonio da Costa. Grande mestre da lingua foi um escriptor polygrapho de grande erudição e um orador elegante e correcto. Os seus discursos academicos e os seus trabalhos historicos, mormente os volumes da guerra peninsular, primam pela vastidão erudita e pela variedade, elegancia e correcção da phrase.

Novellistica

182. Raro é o escriptor portuguez da escola moderna que não tenha cultivado a novella. Dos mortos, citaremos além de *Garrett*, *Herculano*, *Rebello da Silva* e *Mendes Leal*, os seguintes:

José Joaquim Rodrigues de Bastos de Vallongo (1777 — 1862), desembargador do Paço, intendente geral da policia em 1827, foi deputado ás côrtes de 1821 e n'outras legislaturas, e escreveu bastantes obras de moral, taes como —*Meditações e discursos religiosos*, *a Collecção de pensamentos*, *maximas e proverbios*, e os dois romances allegoricos — *Virgem da Polonia* e *Os dois artistas ou Albano e Virginia*.

Arnaldo de Sousa Dantas da Gama (1828 — 1869), paciente iavestigador das peripecias historicas que podessem ser aproveitadas para a narrativa novellesca não urdiu os seus romances com naturalidade, nem primou pela novidade da dicção, mas possuia a arte de preparar o contraste e estudava as epocas escrupulosamente. São d'elle os romances historicos — *O sargento mór de Villar*, *Um motim ha cem annos*, e o *Bailio de Leça*.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho do Porto (1839 — 1871), que escrevia sob o pseudonymo de Julio Diniz, foi lente da Escola medico-cirurgica do Porto, poeta lyrico e romancista de costumes. N'este genero elevou-se a grande altura, porque deu á novella uma direcção moderna e humana, descrevendo com fidelidade e naturalidade as scenas da vida real, tomando por guia as obras de Charles Dickens. A' parte o estylo, no mais se approxima da moderna escola realista.

Escreveu : — *Ás pupillas do sr. reitor*, os *Fidalgos da casa mourisca* e *Uma familia ingleza*.

Camillo Castello Branco (visconde de Corrêa Botelho) de Lisboa (1826 – 1890) o mais fecundo e festejado romancista d'esta epoca. São numerosissimas as suas novellas e excellente a sua dicção. E' poeta, critico, historiador e dramaturgo. Mas os seus romances são as suas produções mais celebradas.

Philosophia

183. Portugal ainda não tem uma philosophia nacional. As differentes seitas philosophicas estrangeiras dominam as escolas portuguezas, desde o positivismo de Comte até á mais cerrada metaphysica allemã. Os raros trabalhos originaes que tem apparecido nos ultimos tempos estão longe de constituir um corpo de doutrina organico e fecundo como foi a philosophia do Collegio Conimbricense. Derruimos essa unidade scientifica e tradicional, mas não tratámos de á substituir por outra.

Philologia

184. O conhecimento dos processos linguisticos descobertos na Allemanha e desenvolvidos em França chegou muito tarde a Portugal. E' recente a creação no Curso superior de lettras da cadeira de Glottologia, e só em 1880 se introduziu no programma das aulas secundarias o ensino da philologia. A filiação, a comparação e a historia das linguas, as leis da evolução linguistica e outros problemas hoje estudados, são

materias desconhecidas dos nossos philologos do seculo passado porque ignoravam os novos methodos cuja descoberta é uma das mais puras glorias da sciencia moderna. Mas alguns trabalhos sobre linguistica recentemente publicados entre nós attestam que esta ordem de estudos vae despertando a attenção das escolas.

Jornalismo

185. Desde o seculo XVII existe imprensa periodica em Portugal, mas só no seculo presente o jornalismo é uma instituição social e um orgão directo da opinião publica.

Quasi todos os escriptores d'este seculo teem cultivado o jornalismo, mas incluimos n'esta secção sómente aquelles qne mais sobresahiram n'este ramo litterario, taes são:

Leonel Tavares Cabral de Coimbra (1790—1853), antigo deputado ás côrtes e redactor do periodico politico, o *Patríota*.

José de Souza Bandeíra, espirito caustico e humoristico, muito celebrado no seu tempo. Tendo por algum tempo assignado os seus artigos na imprensa com o pseudonymo de *Braz Tizana*, deu ao depois este nome ao jornal que redigiu no Porto.

Antonio Rodrigues Sampaio de S. Bartholomeu do mar, arcebispado bracarense (1806—1882), deputado em varias legislaturas, par do reino, membro do Tribunal de contas, conselheiro d'estado, e o mais correcto e energico dos jornalistas do seu tempo. Os seus artigos politicos nos dois periodicos que redigiu — o *Espectro* e a *Revolução de Setembro*, são modelos do genero.

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos do Porto (1816-1878), deputado em varias legislaturas, director da secretaria da camara dos deputados, critico, polemista e auctor de algumas novellas, entre as quaes se nota o romance intitulado *Um prato de arroz doce*. Fundou varios jornaes e manejava a lingua com elegancia e destreza.

FIM

INDICE DAS MATERIAS

Prefacio da setima edição..... 5 a 6

PRELIMINARES

A litteratura portugueza : definição da litteratura ; historia da litteratura ; subsidios litterarios ..... 7 a 11
A lingua portugueza : algumas noções de glottologia ; grammatica comparada ; mesologia glottica ; classificação das linguas ; filiação do portuguez ; leis da formação do portuguez ; elementos que influiram no portuguez ; historia da lingua..... 12 a 50

PRIMEIRA PARTE

Introducção á litteratura portugueza

Litteratura oriental : o oriente ; indos ; assyrios ; egypcios ; chinezes ; persas ; judeus..... 51 a 60
Litteratura grega : caracter ; periodos da litteratura grega..... 61 a 84
Litteratura latina : caracter ; periodos da litteratura latina..... 84 a 101
Litteratura medieval : caracter da edade media ; invasão dos barbaros ; influencia do christianismo ; Carlos Magno ; o feudalismo e as cruzadas ; poesia epica, lyrica e dramatica ; tradição latina , renascença..... 101 a 117
Litteraturas modernas..... 117 a 118

SEGUNDA PARTE

Historia da litteratura portugueza

Periodos da litteratura portugueza :
1.º — Escola provençal, seculo XII a XIV..... 121 a 144
2.º — Escola hispano-provençal, seculo XV..... 145 a 160
3.º — Escola classico-italiana, seculo XVI..... 161 a 204
4.º — Escola classico-hespanhola, seculo XVII. 205 a 246
5.º — Escola classico-franceza, seculo XVIII... 247 a 290
6.º — Escola romantica, seculo XIX..... 291 a 331


cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12

